

100 MILYARDO DE LITROS
1 - L. DA TRINDADE - 13
TELEF. 369951
LISBOA

RB185,992



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton

CARLOS REDUZIDO.

INGLATERRA ILLUSTRADA.

POEMA HEROICO

OFFERECIDO

A^a SOBERANA Magestade DELREY N. S.^a

D. JOAÕ V.

Por mão do Desembargador

BERTHOLAMEU DE SOUSA MEXIA,

Do seu Conselho, & seu Secretario das Merces, & Expediente, &c.

E ESCRITO

POR PEDRO DE AZEVEDO TOJAL,

Formado na faculdade dos Sagrados Canones.



Manoel de *dos Pereiras*



LISBOA,
Na Officina de ANTONIO PEDROZO GALRAM,

Com todas as licenças necessarias. Anno de 1716.

CARLOS
MADRILEÑO

FORMA HEROICA
MADRID

DO V

REPUBLICA DE LOS ESTADOS UNIDOS MEXICANOS
SECRETARÍA DE HACIENDA

ESTADO DE LOS PAGOS



Manila *de Manila*

ESTADO DE LOS PAGOS



A ELREYN SENHOR ANTILOQUIO.

S E N H O R.



ESTE Poema, que ha doze annos anda continuamente na laboriosa officina do Parnaso, deve o impulso ao Catholico zelo, & fervoroso espirito, com que a Serenissima Rainha da Gram-Bretanha, sempre suspirada Infante de Portugal, Tia de V. Magestade, promoveo à Fé Romana a seu por todos os titulos felicissimo Esposo Carlos Segundo de Inglaterra. Relevante, & inacessivel acção ao mais remontado voo ainda da mais elevada penna! quanto mais ao da minha, que só tem de Heroica os magnanimos espiritos, de que se animou, tanto para idear a gloriosa Empreza, que decanta; como para buscar o soberano patrocínio, que implora.

V. Magestade, porèm, aceyte a offerta, que lhe consagra a minha Musa, porquênão he menos deco-

roso nas mãos dos Monarchas soarem as Citharas, do
que resplandecerem os cetros: ao menos porque fique
na aceytação da humidade da minha victima real-
çada abenevolencia de V. Magestade, a cuja Real Pes-
soa dilate Deos a vida pelos annos, que este Poema me-
rece eternizar-se tanto pela soborana Heroína, que
decanta; como pelo augusto Mecenas, que invoca.

Beija os Reaes pés de V. Magestade seu tão hu-
milde, como fidelissimo Vassallo.

Pedro de Azevedo Tojal.

* * * * *

A D D I T A M E N T O A O A N T I L O Q U I O

Na circumstancia de ser offerecido este Poema ainda manuscrito o anno passado no dia do Nascimento de S.
João Bautista.

S E N H O R.



AM cuydado, he sim providencia expedirse da minha mão este Poema a tempo, que chega à de V. Magestade em hũ dia tres vezes grande; hũa pela cõmemoraçãõ do sacrosanto Planeta, que o illumina; outra pela quasi mayor circunferencia do Sol, que o dilata; & a terceira pela occurrencia do soberano nome de V. Magestade, que o illustra. Neste, pois, tão festivo dia costumou sempre a vulgar, & a politica Urbanidade dispender floridas, & frondosas capellas, por ser o dia todo triunfos, & imaginarem-se nelle triunfantes todos. Isto supposto, a quem com mais razão se deve hoje tributar a capella, do que a V. Magestade? Não temos que apontar os fundamentos, mais que pormos os olhos na estado dos Estados, que de tão grande confusão se vem hoje na mayor serenidade com tão gran-

Inter natos mulierum non sur-rexit maior Joanne Baptista.

de credito do poder de V. Magestade, decoro da sua Monarchia, & veneração das suas armas; porém toda a duvida agora consiste na qualidade da Capella, que dignamente se deua enlaçar com a augusta Coroa a cingir a soberana fronte de V. Magestade; os louros do Pindo, as heras, & os myrtos do Parnaso acho que são muy vulgares penachos a taõ altos motivos. Hoje, pois, a minha Musa por laurear a mayor cabeça lhe tece a melhor laureola das mesmas folhas deste Poema, que como são colhidas da augusta rama de taõ illustre Heroína, estarã a nascer no preclaro consanguineo tronco da Real Pessoa de V. Magestade.

Esta he a Capella, que compoz o meu desvelo, & hoje colloca na Real cabeça de V. Magestade a minha Musa; V. Magestade se digne do obsequio, que lhe consagra a minha veneraçam; & perdoe a temeridade, em que delinque o meu affecto, attendendo que o relevante da materia patrocina toda a indignidade do Artifice.

Pedro de Azevedo Tojal.



C A R T A.

Senhor Bertholameu de Sousa Mexia.

A Onde, senão nas mãos de V. Senhoria podia eu buscar mais seguro o fundamento a este edificio Poetico, que formando a sua machina da acção mais heroica de hũa Rainha a mais preclara, na offerta dirige a sua elevação à esfera mais superior do Monarcha mais poderoso? Aonde senão nas mãos de V. Senhoria, em que o peso dos requerimentos dos vassallos, & o dos continuos despachos de hum Rey a estes tão atento se sustenta com tanta igualdade, que nem fica ingrata a Côroa na remuneração dos serviços, nem quey-xosos os merecimentos na omissão dos premios? Entre estes, pois, tão gloriosos papeis, que da mão de V. Senhoria passa á de S. Magestade, em que todos os dias pelas façanhas dos seus vassallos está vendo a altura da sua grandeza, seja V. Senhoria servido de lhe apresentar este, que não he de menor apreço pela soberania da materia; para que reconheça S. Magestade que somos tão fervorosos em o servirmos, que aquelles, que não podem com a espada dilatarlhe o Imperio pelo impedimento das suas occupações, lho desejaõ eternizar com a penna pelo impulso dos seus affectos. A Pessoa de V. Senhoria guarde Deos muytos annos. Casa 20. de Junho de 1715.

Menor Criado de V. Senhoria

Pedro de Azevedo Tojal.

PRO-

PROTESTAÇÃO DO AUTHOR.

Proteſto que os ſonhos, & viſões celeftes, de que uſo neste Poema, não ſão mais que hũa licenciſas ficções, de cujas ideas ſe coſtuma entretecer a engenhoſa contextura da laborioſa fabrica de hũ Poema Heroico. E em quanto a epictetos encarecidos de Divindades, praticas amoroſas, & actõs amatorios, de que n'algũs lugares trato, não ſão a fim de offender a pureza dos bons coſtumes; mas ſomente por dar alma na propriedade das vozes á pintura poetica, viveza aos affectos, & valentia ás expreſſões d'arte, imitadora da natureza; que de outra forte ficaria froxa, & inveriſimel a representação das payxoões naturaes; o que não obſtante; tudo o que neste Poema ſe achar contra os bõs coſtumes, ou contra a Doutrina de noſſa fanta Fé, reſalvo na correccão dos Religioſos, & vigilantes Miniſtros da Sãta Madre Igreja, a quem como Mãy venero, & como filho voto todos os meus actos, affectos, & obediencias, &c.

Satisfação.

Terſeja por novidade pelo dezuſo o extracto deſtes Indices neste Poema, quando o rigor d'algũs Criticos modernos a Poemas Heroicos nem ainda permittem Prologos, Proemios, ou outro qualquer preludio avulſo do corpo do Poema; opiniaõ, & não preceito, ſeguida de poucos; exceptuando a Dedicatoria, que eſta, como hũa das quatro partes principaes do Poema Heroico, dentro nelle ſe deve incluir: cauſa porque neste dey o titulo de Antiloquio ao que facilmente poderia parecer ſegunda Dedicatoria; porẽm tanto as cotas das margẽs, como a individuação dos Indices não ſão por aclarar a noticia, ou lição aos Profellores da arte, que como peritos a não ignoraõ, mas ſim ſomente para mais facil intelligencia dos Curioſos.

CAN-



CARLOS REDUZIDO, INGLATERRA ILLUSTRADA.

CANTO I.

ARGUMENTO.



OM puro zelo de amoroso fogo
 Ursula pede ao Padre omnipotente
 Que, pois tanto com elle pode o rogo,
 A luz da Fé reduza a Ingleza gente:
 Manda Deos a Miguel que bayxe logo
 A Portugal, & inspire ao Rey potente
 Da filha o Hymineo, Carlos com Ella
 Sonhando, o sonho ao charo Irmaõ revella.

I.



Enã doce manhã da tenra idade
 Adulando as verduras dos meus annos
 Dey amorosos cultos à vaidade,
 Erros seguindo, idolatrando enganos;
 Meú plectro consagrando à eternidade,
 Aquelles templos, que erigi profanos,
 Agora postrarei, cantando agora
 Aquella, que foy de Anglia illustre Aurora.

A

Aquella

2 CARLOS REDUZIDO,

2.

Aquella sem igual Heroína Augusta,
Que inflammada de hum zelo peregrino
Com soberano ardor, com fé robusta,
O Esposo ao culto reduzio Divino:
Aquella emfim, de quem Plutaõ se affusta,
Cujo exemplo o Emispherio diamantino
De Astros encheo, que tanto se illustraram
Que de Anglicos a Angelicos passaram.

3.

Celeste Musa, aquelle ardor sagrado,
Que diviniza a humana natureza,
Me inspiray, porque em rithmo levantado
Esta cante, que he mais que humana empreza;
Dando-me tal furor, taõ dilatado
Som, que ao mundo girando a redondeza,
Admire Apollo a voz cà do Occidente
Soar pelos confins lá deffe Oriente.

4.

Vòs, que à culpa geral nunca fogeita
Por dom da graça fostes preservada,
Antes da natureza sendo eleyta
Por Mãy de Deos, dos Ceos Rainha amada;
Esta empreza amparay, que he bem que aceita
Vos seja, (desta acção como Advogada)
Fazendo ser no templo da memoria
Clarim meu canto de taõ alta historia.

Vòs

5.

Vòs, que ao Dragaõ, que o mundo contamina,
 Duro jugo fazeis da tenra planta,
 A que o Monstro feroz postrado inclina
 O crespo collo, a tumida garganta:
 Onde erigida a Fabrica Divina,
 Em tanto horror se admira gloria tanta!
 Vendo-se (elle opprimido, & Vòs triumphante)
 Vòs Ceo fermoso, & elle horrendo Athlante.

6.

Vòs, que izenta das sombras do peccado
 Bella Aurora nascestes luminosa,
 Para feres do Sol mais sublimado
 Pura Mãe, doce Filha, amada Esposa;
 Favoravel ao rogo, attenta ao brado,
 Benigna ouvi, patrocina y piedosa
 Estas vozes, que agora em metro grave
 Alterna do meu plectro a humilde clave.

7.

Vòs, que da Graça fois a cristallina
 Fonte, manancial de pura neve,
 Defatay a Castaliã peregrina
 No longo mar, que cifro em concha breve:
 Pois fois brilhante Estrella matutina,
 A quem o Nauta errante o porto deve,
 Sede a meu giro norte, que navego
 Por taõ extenso mar, taõ alto pégo.

E vòs, excelso Rey, que o soberano
 Severamente unindo ao veo glorioso,
 Entre o ar de Divino, & o ser de humano,
 Qual sejais não distingo, duvidoso;
 Pois nesse attento olhar altivo, & urbano
 De tal respeito ornais o magestoso,
 Que só de ponderar-vos no conceito
 Turbado o coração pulsa no peito.

Vòs, que do mundo sois mayor Luzeyro,
 Fazey que affombros dous nos veja o mundo,
 Vòs sendo nas proezas sem primeyro,
 Eu sendo em decantallas sem segundo;
 Vòs os assumptos dando-me guerreyro,
 Eu os Annaes compondo-vos facundo,
 Ambos fazendo digressões estranhas,
 Eu nos rasgos, senhor, Vòs nas façanhas.

Vòs fulminando a vencedora espada,
 Eu a lyra tocando sonoroza,
 Na vossa dextra aquella venerada,
 Esta na minha mão por Vòs famosa;
 Huma temida, a outra respeitada,
 Da voz mordaz, da gente bellicosa,
 Meu plectro, & vosso nome sem segundo
 soarão pelos ambitos do mundo.

11.

Suspendey por hum pouço a vigilancia,
 Dando attençaõ à voz, que a historia ordena,
 E vereis onde chega a consonancia,
 Da tuba, que já foy silvestre avena;
 Porque ouvireis em metrica elegancia,
 Alta empreza cantar minha Camena,
 Que por melhor Mecenas vos invoca,
 Pois da acçaõ tanto o jubilo vos toca.

12.

E posto que empunheis o sceptro augusto,
 Venerado terror deste Emisferio,
 Opprimindo do Atlante o povo adusto,
 Sendo às barbaras Luas vituperio;
 A todo o gentilismo dando susto,
 Que a Lusbel cultos vota em outro Imperio,
 Manchando com o sangue do Otomano,
 As cristalinas aguas do Oceano.

13.

Pois quanto admiro, quanto reconheço
 No poder, que ostentais taõ sublimado,
 Cede à presente acçaõ por não ter preço;
 Digna de eterno annal, mais digno brado:
 Inclina y a alta fronte, que começo
 A rara historia em metro levantado;
 E lá tempo virá, que aurea Camena,
 Por vós afine a lyra, apare a penna.

14.

Ouvi da heroica Musa Lusitana
 A doce voz, a metrica harmonia;
 E vede se esta, que facundias mana,
 Da Latina hoje excede a melodia:
 A alta cythara cesse Mantuana,
 Que já a Lusa por vós tem mais valia;
 Pois quem a vosso nome auxilio pede,
 Só por vós invocar a tudo excede.

15.

Do quarto globo o excelso Rayo ardente,
 Que por contrarios tropicos caminha,
 Navegando baixel resplandecente
 A frigida regiaõ, torrida linha,
 Já lustros trinta & dous a refulgente
 Machina de zafir girado tinha,
 Que Anglia dava com barbaros insultos
 Escandalos a Deos, a Lusbel cultos.

16.

Anglia, que entregue a hum louco barbarismo,
 Profanando os altissimos decoros,
 Professora de heretico aforismo
 A's Tiaras negava os sacros foros:
 Onde holocaustos dando ao negro abismo,
 Roubava os fumos aos celestes coros,
 Sem vencerem do auxilio as luzes claras
 Os absurdos ao fito, o vicio às aras.

Antes

17.

Antes de Pedro aos summos Successores,
 Cada vez mais rebelde o povo insano
 Vivia desprezando os resplendores,
 Que lhe inspiravaõ luz no cego engano;
 De outro rito sacrilegos cultores
 Já todos sendo emfim, culto profano
 Contra o santo Pastor forão seguindo,
 Ao soberano jugo resistindo.

18.

Chamares-te, ò Inglez, não te acredita
 Senhor da Hierosolyma Cidade;
 Que se a domina o barbaro Ismaelita,
 Sem imperio que importa a dignidade?
 A santa Ley na erronea feita escrita!
 Com dõgmas viciando a Christandade!
 Sem te lembrar aquella fé primeira,
 Ah cego engano! ah misera cegueira!

19.

Affim Anglia submersa em torpes vicios,
 Sacrilegos altares levantava,
 Roubando a chama aos puros sacrificios
 Nas aras, que a Lusbel multiplicava:
 Onde violando os altos exercicios
 Com falso rito o sacro profanava,
 Transferindo a execrando, & cego insulto
 O verdadeyro altar, o santo culto.

20.

Mas Ursula, que encheo com zelo ardente
 De Estrellas Virginaes o ethereo muro,
 Vendo a sua Nação que ampla corrente
 D'almas por feudo dava ao Reyno escuro;
 Desenvolvendo o espirito eloquente,
 Aguia do resplendor do Sol mais puro,
 Solto em fragrancias o sonoro alento,
 Da pia vos desfata o doce accento.

21.

Deidade immensa, diz, Tu, que governas
 Esta, que illustras, fabrica Divina,
 De quem tremem as horridas cavernas,
 De quem pende esta esfera diamantina;
 Tu, que este globo moves, Tu, que alternas
 As causas, que teu sceptro predomina,
 Pois dellas es Motor, solta a luz pura,
 Que de Anglia rompa os vèos da nevoa escura.

22.

Naõ te obriguem, suprema Intelligencia,
 De teu culto os obsequios decorosos,
 Que, a seres adorado com decencia,
 Os teus rayos te bastaõ luminosos;
 Mas commova-te ver que a resistencia,
 Que os Meus aos ritos mostraõ religiosos,
 Os faz ser nas regiens do eterno luto
 Em negras aras victimas de Plúto.

Lem-

23.

Lembrate em fim daquelles singulares
 Alumnos de meu Reyno esclarecido,
 Cujas Imagens tem no mundo altares,
 De cujos Soes te ves aqui assistido;
 Das Virgens te recorda , que a milhares
 No dia eternamente engrandecido
 Por este Reyno entraram luminoso,
 Qual pelo mar o rio caudaloso.

24.

Se este povo , que he meu , na sua infancia
 Foy à Igreja esplendor , exemplo ao mundo,
 que desgraça mayor , que mayor ancia,
 Que hoje vello engolfar no pégo immundo?
 Desvanecelhe a barbara ignorancia,
 Dalhe luz do mysterio mais profundo.
 Já aqui pellos dous Ceos das faces bellas
 As lagrimas corriaõ como estrellas.

25.

Qual a Rosa , tropheo da madrugada,
 Delicia da manhã , mimo da aurora,
 Que em matutinas lagrimas banhada
 Por faces de carmim perolas chora:
 Tal a piedosa Santa , que inflamada
 Fazia emulação à mesma Flora,
 Ostentava no bello rosto ardente
 Surcos de aljofar por coral vivente.

Aelo-

26.

A' eloquencia outra vez o fiando,
 Quiz trazer varios casos à memoria;
 Mas com o choro a voz embarçando,
 No pranto submergia a sacra historia:
 (No pranto compassivo, terno, & brando,
 Pois não ha pena aonde tudo he gloria)
 E suffocada a voz, que na ancia esconde,
 Deos com benigno affecto lhe responde.

27.

Amada Filha, bem que o vosso povo,
 Por quem de amor soltais reliquias puras,
 Obstinado professe hum rito novo,
 De Summano observando as Leys prejuradas;
 Por taõ suave pranto eu lhe removo
 De meu alto decreto as penas duras,
 Que afinadas lhe estaõ no eterno exilio,
 Se á luz se commover de hum novo auxilio.

28.

Disse; & manda a Miguel, seu Nuncio amado,
 Que da regiaõ serena à terra deça,
 E em conversão do povo rebelado
 Ao Rey Joaõ em sonhos appareça;
 Que na mente lhe feja revela do
 Que Catherina de Anglia alta cabeça
 Se ha de ver, onde (assumpto a eterna historia)
 Serà da Igr eja luz, de Lycia gloria.

Que

29.

Que o meyo de se obrar taõ alto intento
 Della ha de ser o thalamo glorioso,
 Com Carlos celebrando o Sacramento,
 Que as almas liga em vinculo amoroso.
 Miguel cruzando os pelagos do vento,
 Voa à terra do Olimpo luminoso,
 De luzes matizando a esfera pura,
 Qual astro, que illumina a treva escura.

30.

Em apparencia humana revestido
 Visivel forma ostenta o Genio alado,
 Soltando ao vento hum manto entretecido
 De esplendor, & de neve fabricado;
 D'alvas plumas o elmo guarnecido,
 De solido metal o peito armado,
 Rayos vibrava à vista, qual diamante,
 Que ao Sol desfata alento scintillante.

31.

As azas bate pelo campo etherio,
 Cortando o ar com brando movimento,
 As azas, que illustrando esse Emisferio,
 Mostraõ serem dous Soes no luzimento:
 O cabelo innundando o claro Imperio,
 Dava rayos ao Sol, ondas ao vento,
 E o rosto cheyo de esplendor divino
 Alento respirava peregrino.

Pelo

32.

Pelo sereno golfo da aura estiva
 As refulgentes azas estendendo,
 A treva penetrava successiva,
 Com sonoro rumor o ar rompendo:
 Bem como quando voa a Aguia altiva,
 Que hum suave murmureo vay fazendo;
 Tal o sagrado voo parecia
 No som, com que as esferas suspendia.

33.

Vence a summa distancia ao mesmo instante,
 O Rey acha no sono sepultado,
 Poem-se o divino Embayxador diante
 Nas azas esteliferas librado:
 Em quanto na potencia vacillante
 Lhe forma o sonho o Espirito abrazado,
 Dando ao silencio voz, alma ao conceito,
 Estas razoens produz do sabio peito;

34.

Lusitano Monarcha, o Ceo te ordena
 Por conversão do Rey, que Anglia domina,
 (Fim, a que deço da região serena)
 Que lhe dês por esposa a Catherina:
 Que magnanima acção nesta terrena
 Esfera Lusitana o Ceo destina!
 Catherina ha de ser por alto imperio
 Gloria deste Orbe, Sol d'outro Emisferio.

35.

Disse; & agitando as plumas fugitivas,
 Os ares rompe o Paranimpho armado;
 Já cortando as esferas successivas,
 Já penetrando o globo sossegado:
 Puro o vestigio nas regioens altivas
 Deyxou o Ceo de luzes matizado,
 Qual fulgor, que desfata a esfera pura,
 Que de aureas linhas raya a noyte escura.

36.

Quando o Rey no letargo adormecido
 suspenso admira a Luz, o Objecto attende,
 Que impresso nos fantasmas do sentido,
 Se he sonho, ou se he visã mal comprehendê:
 O leyto deyxá, & o corpo suspendido,
 Os braços à Visã celeste estende,
 E tres vezes, que chega à Luz sagrada,
 Tres vezes se resolve a forma em nada.

37.

Do insolito esplendor maravillhado
 Os doces laços rompe do sossego,
 E o coração no peyto fatigado
 Com vista incerta busca o estranho Emprego:
 Qual vago caminhante, que affombrado
 Do subito fulgor, que o deyxá cego,
 Sente no tremolar dós resplendôres
 Sem luz a vista, o peyto com temores.

Onde

38.

Onde ferida a escura sombra admira
 Da Luz, que lhe mostrara o pensamento,
 Mil vezes vigilante os olhos gira
 Por hũa, & outra parte do aposento:
 Não vendo a Imagem, que radiante vira,
 Os passos da Vilaõ discorre attento,
 Tè que em varias ideas influido
 Nas Imagens se eleva do sentido.

39.

Qual em giro veloz, em voo errante,
 O convexo cristal, se ao Sol se applica,
 A toda a parte o tremulo inconstante
 Reflexo, que desfata, communica;
 Onde sem sossegar no mesmo instante
 Por varias estações se multiplica,
 Fazendo por vastissimos espasos
 Diversas digressões, incertos passos.

40.

Tal nos dilvelos d'alma imaginados
 Vacilla em fugitivas apparencias
 O Rey, que fluctuando em mil cuydados
 Já cede do discurso às diligencias:
 Crè que segredos são não penetrados,
 Assenta serem altas influencias,
 E obedecendo a Deos, dar determina
 A Carlos por Esposa a Catherina.

Quan-

41.

Quando apenas a aurora a luz mostrando,
 Logo o Monarcha busca a Eſpoſa bella,
 A quem o eſtranho ſonho relatando,
 O opinado conceyto lhe revella:
 Ella em tanto na mente consultando
 Ser do Ceo Providencia, o effeyto anhella,
 E porque mais ao Rey à empreza mova,
 O deſignio lhe aplaude, a acção lhe approva.

42.

Porèm a Sacra Effencia ſoberana
 Para ella a execução do que intentava,
 Rompendo ao Rey os nòs da ligã humana,
 Por occulto myſterio relervava:
 Luiza à Monarchia Luſitana
 Tomando o leme em quanto lhe tocava,
 Do Eſpoſo conſervando o pensamento,
 Trata de pòr por obra o digno intento.

43.

Logo a Conſelho os ſeus Miniſtros chama,
 Onde eloquente em ſolito conclave
 Do ſabio peyto a inſigne voz derrama,
 Propondo o caſo em methodo ſuave:
 Alguns, a quem da Fé o zelo inflama,
 Se oppoem nos votos com diſcurſo grave,
 Tè que em hum parecer por varios modos
 Concluem finalmente unidos todos.

44.

Ao grande Mello elege author da empresa,
 Aquelle Conde, em quem resplendecia
 D'arte o primor, os dōs da natureza,
 Que Embaxador em Londres residia;
 Aquelle excelso Herōe, cuja nobreza
 Co esplendor das estrellas competia,
 Onde o braço do fangue esclarecido
 Aos timbres de Minerva andava unido.

45.

Elle a Carlos propoem o caso, & em quanto
 Do thalamo as razões lhe proferia,
 Carlos no que anhelava em mudo encanto
 Benevolo o escutava, attento o ouvia:
 A' luz d'aurora o Ceo não cōra tanto,
 Nem tão purpureo ao Sol se ostenta o dia,
 Como o Rey fez da grã, que esmalta o rosto,
 Indices d'alma, rubricas do gosto.

46.

Depois de ter o Rey ouvido attento
 A proposta do Herōe esclarecido,
 Busca no mais recondito aposento
 Soffego ao Bem, que leva no sentido:
 Onde entregando o vago pensamento
 Ao prazer, que tem n'alma reprimido,
 Aos descuydos de hum sono brando, & leve,
 Lhe fez Morfeo à vida hum furto breve.

Quan-

47.

Quando na doce gloria, em que imagina,
 Em mentida vizaõ, fórma apparente,
 Hum sonho lhe apresenta a Catherina,
 Mais do que o mesmo Sol resplandecente;
 Que, elevada na esfera cristallina,
 Em acção se ostentava reverente,
 Levando as mãos, & os olhos lagrimosos
 Para os celestes vultos luminosos.

48.

Os olhos; que as esferas serenando,
 Moviaõ na ternura os astros pios,
 Dous thesouros de perolas soltando,
 Desatando de lagrimas dous rios:
 As lagrimas nas faces scintillando,
 Como cristaes ao Sol, em terços fios,
 Brilhavaõ, qual nos tenros esplendores
 Luftra o pranto da aurora sobre as flores.

49.

Entre as sentidas queyxas, que formava,
 Entre o liquido aljofar, que vertia,
 As palavras com perolas ornava,
 Com suspiros as vozes confundia:
 Na dor, com que as estrellas lastimava,
 No pranto, com que a terra humedecia,
 Invocando o Motor da Empyrea Corte,
 A pia voz soltava desta sorte;

B

Inefa-

50.

Ineffavel Senhor, Ser infinito,
 Que por climas asperrimos guiaſtes
 O povo de Israel ao fim preſcrito
 Pelo mar Eritreo, que lhe apartaſtes;
 Porque outra vez ſe lea o caſo eſcrito,
 (Se he que a tão alta acção me deſtinaſtes)
 Fazey que outro Moysés em mim ſe veja,
 Guiando o povo Inglez à voſſa Igreja.

51.

Fazey, Senhor, que a fim tão providente
 Sò ſe conſiga a acção, que tanto imploro,
 Allumiando de Anglia a cega gente
 Com os influxos deſſe ethereo Coro:
 Fazey que meu fervor, meu zelo ardente
 Conſiga a voſſo culto amplo decoro,
 Por mim tornando o Inglez ao rito ſanto,
 Que ſó tanto fará quem póde tanto.

52.

E contra os ſeus eſcandalos piedoſo
 Reprimi o furor, a mão ſoſtende,
 Que a piedade he brazaõ do generoſo,
 E a vingança dezar de quem a emprende:
 Não procedais com braço rigoroſo
 Contra quem voſſo culto ignora, & offende,
 Não caſtigueis os erros da impericia,
 Sò ſeja a pena uſura da malicia.

Affim

53.

Affim orando; o Rey vê bayxar logo
 Huma Luz, penetrando a etherea via,
 A qual com linguas tremulas de fogo
 Toucandoa de esplendores lhe dizia;
 Defcança, Catherina, que o teu rogo
 Rompendo o alcaçar, donde nasce o dia,
 Tem alcançado já no Emypreo templo
 Seres de Lycia glória, de Anglia exemplo.

54.

Ella em quanto attendia à voz, que adora,
 Das perolas serena o bello encanto,
 E ouvindo a concessão de quanto implora,
 Lhe reverbera o gosto d'entre o pranto:
 Nunca por entre as lagrimas da Aurora
 Os fulgores do Sol luziraõ tanto,
 Como por entre os liquidos candores
 Brilharão da alegria os resplendores.

55.

Ao jubilo das vozes eloquentes
 Novo ardor pareceo se lhe acendia
 Nos olhos, que attrahiaõ por clementes
 O Ceo, que namorallos parecia:
 Aonde em dous effeytos differentes
 Hum Ethna, & hum diluvio confundia,
 Exhalando naquella anciosa fragua
 Fogo do coração, dos olhos agua.

B 2

Qual

56.

Qual verde tronco, que na ardente pyra
 Sendo alimento ao fogo, que o devora,
 Quando por hum extremo incendios gyra,
 Lagrimas mil a mil por outro chora:
 Ou qual urna, que fervida respira,
 O fogo entranha, & inunda o licor fóra;
 Assim Ella produz na intensa calma
 Agua dos olhos, tendo o fogo n'alma.

57.

O Amante Rey, que estava sepultado
 Nos tumulos do doce esquecimento,
 Aos vinculos do sono tendo atado
 Das naturaes acções o movimento,
 Adorando no altar do seu cuydado
 A Imagem, que lhe finge 'o pensamento,
 Busca a Visão, que a vista lhe recrea,
 Ignorando ser fabula da idea.

58.

Abrindo as mãos, os braços dilatando,
 Abraçar o incorporeo Vulto emprende,
 Nos quaes em vaõ o Idolo apertando,
 Presume que nas mãos a Sombra prende:
 Aos sobressaltos d'ancia despertando,
 Vê que da vista o Emprego se lhe estende,
 E achando ser enganõ a Luz, que admira,
 Inda ver o mentido Objecto aspira.

Sem

59.

Sem ceffar com os olhos a buscava,
 E no ardente desejo, que mentia,
 Aqui em qualquer sombra a imaginava,
 Alli em qualquer vulto a descobria:
 Em fim na confusão, com que luctava,
 Credulo a duvidava, incerto a cria,
 Reproduzindo-a Amor com fé prevista
 Presente ao coração, ausente à vista.

60.

Qual em sonora queyxa o passarinho,
 Que afflicto corre a muda soledade,
 Lamentando roubado o charo ninho
 Dos emblemas gentis da tenra idade;
 De hum raminho inquirindo outro raminho,
 Pasma na dor, desfmaya na saudade,
 E depois que a roubada planta gira,
 Os olhos fecha ao Sol, geme, & suspira!

61.

Tal o Rey parecia, quando ausente
 Sentio aquelle bem, que a fantasia
 Lhe apresentara à vista taõ patente
 Como o Esplendor, que aos olhos mostra o dia.
 Ah como em sombra esquivava se desmente
 O fantastico ser de huma alegria!
 Pois ainda a mayor, como sonhada,
 He na apparencia luz, na effencia nada,

62.

Suspensô se levanta o Rey da cama,
 Na apprehensão da Imagem transitoria,
 Que o coração lhe accende, abraza, & in flama
 Na vacillante fragoa da memoria:
 E como só do Amor a intensa chama
 Era o proprio crissol de tanta gloria,
 Busca por mitigar tão vivo fogo.
 Na attenção de Jacob seu desafogo.

63.

Sabe, diz, charo Irmaõ, como na idea
 Vi entre sonhos o mayor Portento,
 Que ostenta em maravilhas Amálthea,
 Que em prodigios estampa o Firmamento:
 Estranha luz, que os astros senhorea,
 Não nos eleva tanto o pensamento,
 Quando, rompendo os vèos da noyte fria,
 Já mais visto fulgor à terra envia.

64.

Nem taõ bella se vê na madrugada
 A' luz do Sol a candida bonina
 Das perolas da aurora matizada,
 Com que a belleza faz mais peregrina:
 Como a, que vi, Donzella, que elevada
 Na refulgente esfera cristallina
 Em reverente acção, acto devoto,
 Do pranto lhe fazia ardente voto.

Nesta

65.

Nesta tão grata ao Ceo acção piedosa
 Os astros attrahindo ao Firmamento,
 A esfera assemelhava luminosa,
 Lagrimas derramando cento a cento:
 Quando hũa Estrella em tudo portentosa
 Hũa aurea linha despregando ao vento,
 Para Ella dirigindo os seus fulgores,
 De Sol a veste, a adorna de esplendores.

66.

Menos là quando o Sol na tarde inclina
 Pallido sobre o mar a face pura,
 Aos reflexos da campã cristallina
 Restaura a pompa, dobra a fermosura;
 Do que o sacro Planeta a Luz divina,
 Sobre o mar produzido da ternura
 O fulgor duplicando, na corrente
 Tinha melhor Zenith, mais claro Oriente.

67.

A Imagem, que os sentidos me atrahia,
 O Sol digo, que a vista me cegava,
 De tãla em brancas roupas se envolvia,
 Aurea nuvem, que a luz mais lhe afinava:
 Onde candores esprayando o dia,
 Tal luzimento o Sol communicava,
 Que se não distinguia em seus enfayos:
 Se os rayos eraõ Soes, se os fios rayos.

Agora corre tu pelos sentidos,
 Confundindo os eclipses, & os fulgores,
 Onde os nublados eraõ taõ luzidos,
 Como seriaõ, como, os resplendores?
 Mas passando do fausto dos vestidos
 A graos mais altos, dõs mais superiores,
 Quve que a empreza subo mais sublime,
 E seja desta vez lisonja o crime.

E Tu perdoa, ò Catherina, em quanto
 O meu, mas reverente, atrevimento
 Sacrilego retrata esplendor tanto
 Com o tosco pincel do pensamento:
 Que bem sey que inda o extasi do espanto
 He curta esfera a tanto luzimento,
 E que a pintura chega em seus primores
 Dar fórma ao Sol, não luz aos resplandores.

Em tormentas de Ofir, diluvios de ouro,
 Crespo mar o cabelo se ostentava,
 O qual deslustre ao Sol, inveja ao Douro
 Pelas costas em ondas se esprayava:
 Defatado esplendor, incendio louro,
 Que em golfos de cristal lhe illuminava
 O semblante gentil, ondê se alcança
 Marê de rofas, de Jasmíns bonança.

71.

A fronte, que candores reverbera,
 Mar leyte se ostentava peregrino;
 A fronte; que era d'alva branca esfera,
 Sendo a dous Soes Oriente cristalino:
 Aos quaes florida sempre a Primavera
 Ao doce influxo de hum olhar benigno,
 Se vè não serem sempre os resplendores
 Verdugos dos Abris, rayos das flores.

72.

Dous Iris neste mar de neve pura
 Por triunfantes arcos à Beldade
 Lhe poz nas sobrançelhas a ventura,
 Arcos de Amor, docéis da Magestade:
 Mas por bello senão da fermosura,
 Hum defeyto lhe argue a ociosidade
 E he que não tendo par por singulares,
 Deyxaõ de unicas ser por serem pares.

73.

Os olhos, que em tal Ceo duas estrellas
 Eraõ mais que dous Soes no luzimento,
 Por se ostentarem no esplendor mais bellas
 Buscàraõ de seu rosto o firmamento:
 Porèm taes Soes, estrellas taes que dellas
 Recebe o mesmo Sol mais claro alento,
 Sendo a todos emfim com evidencia
 Nos rayos Soes, estrellas na influencia,

Era

74.

Era o nariz do Amor brinco animado,
 Que em relevo futil, baliza breve,
 De flores dividia hum bello prado,
 Em que mixto se unia fogo, & neve:
 As faces, digo, aonde equivocado
 De Janeyro, & de Abril o imperio esteve,
 Pois nellas se alternava duvidosa
 A purpura, o jasmim, a neve, & a rosa.

75.

De Thetis producção, parto de Flora,
 Era a boca gentil, pois parecia
 Tenra flor, em que o Ceo aljofar chora,
 Breve concha, em que o mar perolas cria:
 Ruby partido em dous, aonde a Aurora
 O seu melhor thesouro produzia,
 As quaes por diligencia da ventura
 Se achàraõ neste mar da fermosura.

76.

O bello collo, que a atenções provoca,
 Oh que altivo, & soberbo se ostentava,
 Vendose Atlante de cristal de roca
 A taõ fermoso Ceo, qual sustentava!
 Columna, que do Amor o templo toca,
 Non plus ultra melhor se acreditava,
 Mongibello gentil, que entre candores
 Esconde brazas, dissimula ardores.

77.

As mãos, que sendo em doce sacrificio
 A victimas de Amor aras de prata,
 As almas abrazando por officio,
 São da mais pura neve injuria grata:
 A breve base em fim deste edificio,
 A que o cothurno em ambares recata,
 Não pòde copiar-se, que he loucura
 Buscar pè no alto mar da fermosura.

78.

Vendo assim taõ patente a Prenda bella,
 Em duvidas vagando a fantasia,
 Alli mil vezes desmentia aquella
 Gloria dos olhos, que presente via:
 A vista duvidava o bem, que anhella,
 No objecto a idea crè, que lhe mentia,
 E confuso entre affombros o sentido,
 Incerto a creyo, & credulo a duvidô.

79.

Qual errante Pastor, que por fortuna
 Em toscas grutas hum thesouro vira,
 Que do que toca ao credito repugna,
 Dubio desmente o mesmo bem, que admira;
 Nestas contradicções, que absorto impugna,
 Os olhos pelo estranho objecto gira,
 Onde em dubia atenzão, em mudo emprego,
 O admira immovel, o contempla cego.

Tal

80.

Tal fiquei, vendo o Bem, que à vista tinha,
 Entre pasmos neutral na minha gloria,
 Que emfim a conheci por gloria minha,
 Por ser ao mesmo passo transitoria:
 A' Visão, que estranhezas taes continha,
 Querendolhe fazer a fé notoria,
 Nos affaltos, & affectos, que padeço,
 Fallo sem voz, rhetorico emmudeço.

81.

Elevado naquelle doce engano,
 Desta alma sendo Iman seu gesto lindo,
 Para Ella fuy correndo cego, & insano,
 Os braços estendendo, as mãos abrindo:
 E cuydando tocar hum corpo humano,
 De improviso acordey, nada sentindo,
 Porque extincto o vapor, que a idea envolve,
 Alli em si mesmo a Fôrma se resolve.

82.

Menos turbada vio Apollo a chama,
 Quando nas mãos a esquiva Daphne prende;
 Pois cuydando nos braços ter quem ama,
 A vê nõ ar que em ramos se lhe estende:
 Abraçado no tronco olhando a rama,
 Pára, emmudece, pasma, & se suspende,
 Ficando em muda acção, em susto bronco,
 Hum tronco vinculado noutro tronco.

Assim

83.

Affim fiquey, não vendo o Objecto lindo,
 E vendo extincto em fabula o letargo,
 Onde feliz estava possuindo,
 O curto bem de meu martyrio largo:
 Agora a breve ponto resumindo
 O fim perpetuo de hum sentido amargo,
 Sinto nesta da vida estreyta idade
 O que não cabe em huma eternidade.

84.

Duas vezes eterno a ser começa
 Este, em que vivo, amor, pois na tardança
 Porque outra vez eterno ser mereça,
 Eternidades conta na esperança.
 Oh de amor providencia, porque creça
 Teu culto ao summo grao com segurança,
 Te fazes com affavel tyrannia
 Eterno na esperança de hum só dia.

85.

Mas ay, que vay passando a vida em quanto
 Espero pela gloria appetecida;
 Ay, que ser vejo neste doce encanto
 Para tão largo amor tão curta a vida:
 Mas como o meu affecto crece a tanto,
 Que por immenso já não tem medida,
 Peno, por igualar o Amor a idade,
 Mais que hũa em cada instante eternidade.

Ah

Ah fementido Amor, ah Deos tyranno,
 Que as almas condenando a dura pena,
 As a brazas naquelle fogo infano,
 Que por alivio a tua ley lhe ordena:
 Mas deffa doce frexa o golpe ufano,
 Que importa, a não haver hũa serena
 Vista? porque nos peytos recordadas
 Inda as Troyas fumeguem abrazadas.

Que es Amor, senão d'alma hum rayo ardente?
 Hum engano, a que adora o pensamento?
 Hum alivio, que em pranto se desfente?
 Huma gloria fundada em hum tormento?
 Hum incendio sem ser, que a alma consente?
 E da payxaõ hum proprio vencimento?
 Colhe, pois, teus tropheos, ò Deos Cupido,
 Que he vencedor o mesmo, que he vencido.

Mas que peyto haverá, que te resista?
 se atè penhas render teu sceptro emprende,
 Hjs ^{er} olhar doce, & brando expondo à vista,
 Que em chamás vivas o desejo acende:
 Se arde o peyxe nas aguas, & se alista
 Nos teus pendoens o Deos, que tudo rende,
 Que mais, ò fero Amor, que mais procuro?
 Ninguem de teu contagio está seguro.

89.

Esta he a Imagem, pois, que sinto impressa,
 Desde a hora em que a vi, no pensamento,
 Que qual relogio nem hum ponto cessa,
 Vacillando em continuo movimento
 Tanto na idea viva, & à vista expressa,
 Com aquelle mesmo traje, & lustimento:
 A tenho, com que a vi, que me parece
 Que aonde os olhos volto me apparece.

90.

Esta a Luz, este o Sol, porque ando cego,
 E taõ cego que eu mesmo a mim me ignoro,
 Pois fugindo de mim, a mim me nego,
 Por dar-me todo ao Resplendor, que adoro:
 Agora julga Tu se he alto emprego
 A gloria, que desejo, o bem, que imploro.
 Disse; & no amante ardor, que lhe encarece,
 Melhor lhe explica o mais quando emmudece.

91.

Respondelhe o Irmão, Tão alto intento
 Faz virtuosa ser em ti a vangloria;
 Pois mostras a altivez do pensamento
 Na excellencia, a que aspiras taõ notoria:
 Estas, & outras razoens ouvindo attento,
 Reveste o coração de nova gloria,
 Tè que em fim Hum do Outro despedido,
 Cada qual leva a historia no sentido.

Naõ

Naõ tanto duas Citharas acordes,
Imitando hũa de outra a melodia,
Em justos pontos, numeros concordes,
Alternas se equivocã na harmonia:
Como os Irmãos em nada disconcordes
Com gloria igual, reciproca alegria,
Nas razoens, que eloquente hum expressava,
Conforme o outro a ellas se ajustava.





CANTO II.

ARGUMENTO.

F Azem Concilio os Numes do Profundo
 Sobre o fausto Hymineo de Catherina,
 Onde o Monarca atroz do Reyno immundo
 Teme do Imperio seu toda a ruina:
 Hum delles, que no peyto furibundo
 Industrias contra os Ceos em vaõ machina,
 Em bruta forma a hum Mago se apresenta,
 Que ao Rey Hispano afea o que Anglia intenta.

E M quanto ao santo vinculo applicados
 Os dous Reynos andavaõ; bravo aodano
 O Rey feroz dos Còros rebelados,
 Inimigo cruel do ser humano;
 Os labios morde, os olhos vibra irados,
 Rangendo os dentes com furor infano,
 A tè que exasperado à dor vehemente
 Blasfemo brama, raiva de impaciente.

2.

No conceyto revolve as sublimadas
 Ditas do Homem ; que lhe occupa o assento,
 Ve-se no horror das inferas moradas,
 Discorre de Hum , & de Outro o nacimiento;
 Furias do peyto arroja fabricadas
 Na officina infernal do seu tormento,
 E aqui soltando hum frémto profundo,
 A firme base fez tremer do mundo.

3.

Nunca nuvem rasgada o fogo occulto
 Com bramido abortou taõ estupendo,
 Quando o terreo vapor , já rayo adulto,
 Com duro estrondo os orbes vem rompendo:
 Nem tanto sacodido treme o vulto
 Da Machina terrestre ao jacto horrendo
 Do opprimido vapor, que o centro exhala,
 Que ao vasto globo o grave pezo abala.

4.

Como sahindo envolto em fogo ardente
 Da immunda boca o brado furibundo,
 Ao retumbante estrondo , & impulso ingente,
 Estremeceo a fabrica do Mundo:
 Irado á dor , á colera impaciente
 Convoca os Moradores do Profundo,
 Depois de impresso ter no pensamento
 Da vingança cruel o fim violento.

O bravo

5.

O bravo alento ao rouco bronze aplica,
 O som discorre o globo sempiterno,
 Onde em eccos o horror se multiplica
 Pelos profundos concavos do Averno;
 O clamor, que penhascos damnifica,
 Largas bocas abriu no muro eterno;
 Fauces crueis por onde o escuro Abismo
 Vomita em fogo o negro Barbarismo.

6.

Largaõ estranha Turba os elementos,
 Onofcelios a terra ao ar derrama,
 Sangos a agua produz, Genios os ventos,
 Abrazados Estenopos a chama:
 Disformes Feras, Monstros truculentos,
 De cerdosa cerviz, de bruta escama,
 Se vem por toda a parte em vultos brancos
 Os montes abortar, parir os troncos.

7.

O Hemispherio vagando tenebroso
 De estranhos Monstros multidaõ ligeira,
 Congresso se ajuntou taõ numerozo,
 Quaes atomos ao Sol na luz primeyra:
 Chega o negro Concurso pavoroso
 A' distancia do Averno derradeyra,
 Onde de Pluto o paço horrendo, & escuro
 Occupava as regioens de bronze duro.

Atroaõ os estrepitos violentos
 Os Cercos funeraes do eterno pranto,
 Tormentos dando ao Reyno dos tormentos,
 Pondo o Lago do espanto em novo espanto;
 Nunca os nocturnos sibilantes ventos
 A opaca brenha encherãõ de horror tanto,
 Como o bravo clamor, rouco alarido,
 No tenebroso Reyno foy ouvido.

O rebelde Motor do infernal culto,
 Nas salas o ruido percebendo,
 Manda entrar o fantastico Tumulto,
 Abrem-se as portas com rumor tremendo;
 Menos no escuro valle, ou monte inculto,
 se ouve estalar o Ceo ao golpe horrendo
 Da fulminada nuvem, que sombria
 Denso globo de pedra á terra envia.

Varias Formas, Aspectos diferentes,
 Estranha confusaõ, horrivel bando,
 Sombras medonhas, Vultos apparentes
 Pelas soberbas portas vem entrando;
 Pelas portas Lethaes, onde assistentes
 Sempre bramindo estaõ, sempre silvando
 Negros Dragõens, serpentes horrorosas,
 Monstros terriveis, Feras espantosas.

11.

Da grande sala o vasto pavimento
 De Cadeyras de fogo se adornava,
 Onde a Turba occupava o proprio assento,
 Conforme a precedencia lhe tocava:
 Que enorme confusão, que ajuntamento,
 Que theatro cruel, que Curia brava,
 Que conselho feroz, que aula tyrana,
 Se armava contra a fraca estirpe humana!

12.

Scyllas alli se vem, Furiás, & Harpyás,
 Centauros, Hydras, Gorgones, Chymeras,
 Briareos, Geryoens, Syrtes impias,
 Esfinges, Polifemos, varias Feras,
 Ephialtes, Pytoens, negras Espias,
 Argos, Protheos, Dragoens, Dites, Megeras,
 Que em discorde armonia de impacientes
 Hum mixto formaõ de eccos diferentes.

13.

Huns nas fronte's serpentés retorcendo
 Mortes estaõ dos olhos fulminando,
 Outros immensas caudas estendendo
 Varios no mesmo ser se estaõ mostrando:
 Illusoens em fim todos parecendo
 Horrivel variedade estaõ formando;
 Monstros diversos, & entre si contrarios,
 De estranhas formas, & de aspectos varios.

14.

Alarido infernal, clamor violento
 Em confusão medonha se alternava,
 De huyvos, & silvos, que ergue o irado alento,
 Se enhia o ar, o centro retumbava:
 Huns latem, rugem Outros, como ao vento
 Costuma sibilar a selva brava;
 Outros bramindo em lugubres cavernas
 As grutas enchem de ancias sempiternas.

15.

Confusa inimizade de Elementos
 Unidos em contraria repugnancia
 Erige ao Rey dos asperos tormentos
 Sulphureo trono em horrida distancia:
 Dandolhe a terra, a agua, o fogo, os ventos
 Soberbo culto à tumida arrogancia,
 O fogo, a agua, a terra, o ar nacidos
 Dos narizes, dos olhos, boca, & ouvidos.

16.

No docel, em que alli se entronizava,
 Blasfemando em palavras insolentes
 Barbaramente os Ceos ameaçava,
 Cevando a furia no estridor dos dentès:
 Descinge a larga toga, que adornava
 De immundos animaes, brutas serpentes,
 Que girandolhe o collo denegrido,
 Grilhaõ lhe formaõ de Aspides tecido.

Húas

17.

Húas , quaes vides no alamo robusto,
 se lhe enrolcaõ no corpo em laço estreyto,
 Outras mordemlhe a lingua , donde o adusto
 Sangue em ondas lhe banha o largo peyto:
 A braveza , que dava aos outros fusto,
 Lhe faz mais horrído o feróz respeyto,
 Exaltando a tremenda Magestade
 No terror, na soberba, na crueldade.

18.

A Diadema , que cinge a fronte horrenda,
 (Plumbea muralha , torre inexpugnavel)
 A cabeça lhe occupa taõ tremenda
 Que era da vista affombro formidavel;
 Por desmedida a boca era estupenda,
 A dextra por disforme abominavel,
 Esta hum ferreo Dragaõ por Cetro move,
 Rayo tyranno em maõ de horrendo Jove.

19.

Da crespa fronte ás pontas retorcidas
 Rompiaõ as esferas , se as alçava,
 Onde pellas regioens introduzidas,
 Cadaqual lá no Tauro se ostentava:
 Em quanto as queyxas teve reprimidas
 Do peyto a furia em serpes vomitava,
 Promettendo nos olhos , que fulmina,
 Ao ser humano a ultima ruina.

C 4

Qual

Qual à dextra se poem, qual à sinistra
 Do Principe cruel, que entre a Cohorte
 Fero preside, barbaro ministra
 O conselho, que ordena, duro, & forte:
 A tudo attento o povo seu registra
 (Lynce Infernal) co a vista, aonde a Morte
 Suas armas forjando por officio
 Rayos fulmina de immortal supplicio.

Affim conforme o grao, & a dignidade
 Cadaqual occupando o proprio assento,
 Se hia seguindo a horrenda Potestade
 Do reyno atroz do misero lamento:
 Do mais Povo a confusa variedade
 Inundava da sala o pavimento,
 Erguendo tal rumor, tal vozeria,
 Que novamente o Inferno confundia.

No meyo o fero Pluto se ostentava,
 De membros desiguaes Penhasco informe;
 A barba espeffa, & negra lhe obumbrava,
 Qual tenebrosa noyte, o peito enorme:
 Envolto em chamas todo fulminava
 Da rubicunda vista ardor disforme,
 Qual estrella autumnal, que alta ruina
 A's Cidades, & Imperios vaticina.

23:

Menos o Bruto , a quem a natureza
 Do nativo furor o peyto inunda,
 Estimulado de feroz braveza
 Se prepara à contenda furibunda;
 Vendo o Emulo armado à dura empreza,
 Os olhos vibra , lambe a boca immunda,
 E quanto mais a colera reprime,
 Mais fortalece o coração sublime.

24.

O braço adusto em nervos enléado,
 Meyo nu com feroz terror sustenta
 O Cetro asperrimo , o bastaõ pezado,
 Que à maõ robusta igual fereza ostenta;
 Já com elle ferindo o solio , irado,
 Os pòlos quebra , as feras afugenta,
 Perde o esplendor o Luminar segundo,
 Pàra o Sol , treme o mar ; aballa o mundo.

25.

Ao fero golpe o irado movimento
 Do barbaro Tumulto se aplacava,
 Qual ao trovaõ , que rompe os Ceos violento,
 Pasma o mundo suspenso à furia brava:
 Depois de hum pouco estar cuidando attento
 No que o vago conceito lhe dictava,
 Medindo o consistorio , assim derrama
 A vòz , que envolve em fumo , alterna em chama.

Dos

26.

Dos abismos Tartareos Moradores,
 Espiritos supremos, que do Averno
 Nestes nossos Estados superiores
 Lograis o mando; tendes o governo;
 Sabei que por nos dar perdas mayores
 Esse, que he Uno, Trino; Immenso, Eterno,
 A' profunda Região do Infernal luto
 Nos quer tirar o solito tributo.

27.

Esse, que conheceis; que não me he dado
 Nomeallo (ay de mim, como a lembrança,
 Me não consome o alento, em que abrazado
 Vivo sem redempção, nem esperança!)
 Mas se he verdugo d'alma o bem passado,
 Que faço, ou que discorro em tal mudança,
 Que esses Ceos, que abomino, não estrago?
 Ou que eu mesmo a mim proprio me não trago?

28.

Recorday quanto mal, quantas injurias
 Nos tem feyto lá desse ethereo Muro,
 O lançarnos do Ceo em mil decurias
 Neste, que nos encerra, Abismo escuro:
 E por mais incitar as nossas furias
 (Oh quanto recordallo, oh quanto he duro!)
 Formou o Homem, cujos Descendentes
 Nossas cadeyras lograõ refulgentes.

Se

29.

Se bem que desta acção tão temerarios
 Se ouveram na vingança os brios vossos
 Que os fizestes á morte tributarios,
 E com jugo perpetuo escravos nossos:
 Mas que importa nos fossem feudatarios?
 Se os remio seu Autor dos Lethaes fossos,
 Dandoſle á morte, & vindo em nossos danos
 Romper o Averno, & porlhe pès humanos.

30.

Como sofreis que em noſſo vituperio,
 A ultrajarnos ſe atreva a gente humana;
 Pois admittida ao gremio do alto Imperio,
 Do noſſo culto ás victimas profana?
 Que fazeis, porque todo eſſe Hemispherio
 Ao Chaos não reduzis com furia infana?
 Porque vos não vingais nas Luzes bellas,
 Arrancando dos orbés as eſtrellas?

31.

Nós, que lá neſſa machina divina
 Aſſentos occupámos refulgentes,
 Formados de materia diamantina,
 Eſmaltados de Eſpiritos luzentes;
 Nós, que aſſistindo em roda peregrina
 Ao ſacro ſolio em Atomos ardentes,
 Como he poſſivel, como, em tanta injuria
 Não rendermos o Ceo á noſſa furia?

Em

Em vez de nos banharmos nos Sagrados
 Fulgores, que respira o Firmamento,
 De habitarmos nos Orbes estrellados,
 No escuro Abismo estamos do tormento:
 Mais que da redempção desesperados
 Nos deve ter (que duro sofrimento!)
 Vermos aos graos celestes admittido
 O Homem vil da terra produzido.

Mas para que renovó a dor, que urgente
 Funda em nossa ruina a sua gloria;
 Pois recordado o bem no mal presente,
 Se faz mais viva a magoa na memoria?
 Assim está deyxando dor vehemente,
 Vamos agora á Empreza mais notoria,
 Em que intenta o Fiel por derradeyro
 Reduzir a seu Culto o mundo inteyro.

Vede, pois, quanto mal se nos prepara
 Nesse Hymineo, que trata o Lusitano;
 Ah como vendo estou seu culto, & ara,
 As nossas ultrajar nas do Anglicano!
 Os altares cahirem da preclara
 Base, que lhe erigio o nosso engano!
 Os nossos holocaustos apagados!
 Do Reyno Averno os porticos fechados!

35

Vede que o Lusitano declarado
 Do nosso nome foy sempre inimigo,
 Vede quantos trofeos nos tem roubado,
 Sendo o triunfo seu, nosso o perigo:
 Vede quantas Meschitas derribado
 A nosso Imperio tem, mas o que digo?
 Vede-o por todo o mundo dilatando
 A sua ley, & a nossa aniquilando.

36.

De Africa combatendo os fortes muros,
 Lá conserva maritimos Lugares,
 De Asia desterra os Idolos mais puros,
 Na Europa Templos funda, erige Altares:
 Agora de Anglia preverter seguros
 Intentaõ nossos ritos singulares,
 Tanto, que sua Fé, Ley, Culto, & Ara,
 Se novo mundo ouvera, lá chegàra.

37.

Ah não pareça em nós que já apagados
 Saõ aquelles impulsos generosos,
 Quando de fogo, de ira, & de odio armados
 Os muros combatemos luminosos:
 Que inda que entaõ ficamos despenhados,
 Ganhamos o brazaõ de valerosos;
 Pois do valor se exalta a fortaleza
 Menos pelo trofeo que pela empreza.

Mas

38.

Mas porque vos detenho, Estigio Fogo,
 Bases, em que o poder Tartareo fundo,
 Apostay ligeirézas, ide logo
 A dar remedio a mal taõ sem segundo;
 Correy, & seja estimulo o meu rogo,
 Ea leaes Ministros do Profundo,
 Correy a reparar o feudo antigo,
 Que usurparnos intenta este Inimigo.

39.

Qual buscando as Efimeras fragrantés
 Denso globo de Espiritos voadores,
 Pela muda floresta ao vento errantes
 Ligeyrôs vaõ libar o succo ás flores:
 Que hum rouco som em vozes susurrantes,
 Ensurdecendo os ares inferiores,
 Levantaõ d'entre si, sendo o zonido,
 Mais que harmonia, confusaõ do ouvido.

40.

Tal hum vago rumor se levantava
 Da Turba, que em confusa vozeria
 O silencio da sala perturbava,
 Da sala, que Ermo d'antes parecia:
 Hum no conceito attonito pezava
 O grosso feudo, que o seu Rey perdia,
 Outros com normas vans, razoens oppostas,
 Altercavaõ questoens, davaõ respostas.

Unem-se

41.

Unem-se os votos todos approvando
 O que irado Plutaõ propoſto havia,
 Como o ferido touro, que rayvando,
 Mugindo explica a dor da lança impia:
 Quando o tremendo Cetro levantando,
 Qual trovaõ, eſtas vozes proferia:
 Que eſperais, acodi ſem mais tardança,
 Correy, que a vòs compete eſta vingança.

42.

Da voz, & do baſtaõ o tom violento
 Altera o mar, os Orbes enfurece,
 E o diſſuſo clamor rompendo o vento,
 Geme no ar, nos Orizontes crece:
 Qual da atra nuvem o ſulfureo alento
 Atroa a terra, os pòlos enfurdece,
 Deyxando a ſeu eſtrepito, & bramido,
 Confuſo o Ceo, o Mundo eſtremecido.

43.

Apenas os Eſpiritos danados
 Perceberam os ultimos accentsos,
 Voàram, dando á eſfera horrendos brados,
 Tornando em novo Caos os elementos:
 Qual de occultas cavernas deſatados
 Vem de improvifo os ſibilantes ventos,
 Que revolvendo a areia ao mar profundo,
 O golfo alteraõ, fazem guerra ao mundo.

A

A sala , que em tres naves dividida
 Em seis ferreas columnas se estribava,
 A caducos estragos reduzida,
 Entre pallida; & negra se ostentava:
 Qual do nocturno incendio acometida
 A casa , que no sono repousava,
 Mostra , manchada de horridos prodigios,
 Da extincta chama os pallidos vestigios.

D'entre as ruinas a funesta sala
 Pelos destriçtos do silencio eterno
 Manes ao ar em atomos exhala,
 De Espiritos enchendo o Reyno Averno:
 A negra Multidaõ , que em foma iguala
 As areas do mar , cobria o Inferno;
 Como do Austro ao furioso alento
 Terreas reliquias vagão pelo vento.

Menos no Inverno exercito volante,
 Aos ares dando as azas cortadoras,
 Outro clima buscando em giro errante,
 Cobrem o mar de plumas voadoras:
 Nem tanto de Eulo à furia devorante
 Combatidas as plantas vividoras,
 Na bruma estação em curso vago
 As folhas voão com diffuso estrago.

47.

Como Huns rompem da terra o feyo escuro,
 Outros q' coraçãõ da ardente chama,
 Outros da agua Lethal o centro impuro,
 Outros as regioens do ar, que brama:
 Os Mais nos bõjos de hum madeiro duro,
 Quaes soaõ as abelhas entre a rama,
 Suspiraõ queyxas lamentando injurias;
 Megera brama, em fim mordem-se as Furias

48.

Porèm os que as esfèras fatigavaõ,
 Enchendo q' ar de estrondo pavoroso,
 A conseguir a empresa caminhavaõ,
 Com bravo impulso, & impeto furioso:
 Quando Aquelle, a que os mais se fugeytavaõ,
 General do tropel tumultuoso
 Pàra, dizendo (a insignia aqui levanta)
 Suspendey meus Soldados furia tanta.

49.

Suspendey os impulsos do alto alento,
 Que eu basto para darvos a victoria,
 Vosso ha de ser, naõ meu, o vencimento,
 Minha ha de ser a açcaõ, mas vossa a gloria:
 Eu irey só, de mim fiay o intento,
 Se he que tendes ainda na memoria
 Aquella, com que á morte, astuta traça,
 O Homem fugeitey, perdendo a graça.

D

Ao

50.

Ao feroz General obedecendo,
 Suspenso não dá mais hum passo avante,
 Antes o voo atroz retrocedendo,
 Rompem o ar com furia devorante:
 Qual o Noto furioso, que rompendo
 Do espesso bosque as ramas sibilante,
 O campo atropellando, erguendo a ferra,
 Eclipse o Sol com atomos da terra.

51.

Fica o Ministro só, que fraudulento
 Do fim protervo os meyo machinava,
 E depois de ter já no pensamento
 Revolvido o que a mente lhe dictava;
 Bruta forma tomando em hum momento,
 Em mentida apparencia se ostentava;
 Negras azas estende, o peyto libra,
 Dous Cometas produz, tres linguas vibra.

52.

Da agreste coma a rispida grinalda
 Em serperes no collo se lhe enlea,
 A cauda em giros tres lhe mede a espalda,
 Como açoute que estende, & que rodea:
 Cor verdinegra de horrida esmeralda
 Mancha a pelle de escamas brutas chea,
 E por mais afear a forma tosca,
 A espalda ençrespa, & a cerviz enroscada.

53

E quando o mundo já se rebuçava
 Nos tenebrosos veos da noute fria,
 E o cahir das estrellas convidava
 A sono os olhos na estação sombria;
 Por medonha ribeyra, que ignorava
 De pès humanos estampada via,
 O Monstro pelo horror da treva escura
 Aplicava a hum deserto a planta dura.

54.

A hum valle chega inculto, & solitario;
 De esteril espeffura, & de escabroso
 Sitio às humanas vidas aduersario,
 Inda ao trato das feras rigoroso:
 Alli de agrestes aves clamor vario
 Se percebia em eccos pavoroso,
 Alli de estranhas feras o bramido
 Era d'alma terror, fusto do ouvido.

55.

Alli se via hum funebre edificio,
 Aonde subterraneo hum apozento
 Mostrava do Thesálico exercicio
 Cractéres mil no escuro pavimento:
 Nelle a Pluto execrando sacrificio
 Ardia em negro altar sanguinolento,
 Que escondido no vão da terra fria,
 Nunca illustrado foy da luz do dia.

Alli com fero horror se ouvem tronçados,
 Tragicos quebros, lugubres gemidos,
 Vem-se pelas paredes pendurados
 Defuntos Reos, Cadaveres despídos,
 Funestos membros, ossos descarnados,
 Mirrados corpos, vultos denegridos,
 Cortadas mãos, cabeças sanguinosas,
 Hirtos cabellos, ervas venenosas.

Aqui habitava hum Velho, cujo aspeyto
 Mil visagens fazia a hum mesmo instante,
 Ostentando no horrifico respeyto
 A vista turva, pallido o semblante:
 O qual na adolescencia não perfeyto,
 Era já d'arte Magica observante,
 De encantos professor, terror do Fado,
 Da Nigromancia author, Lusbaõ chamado.

Lusbaõ, a cuja voz o Sol, & o dia,
 Eclipsa aluz, os rayos escurece;
 Lusbaõ, que lá da sepultura fria
 Os corpos ergue, os mares enfurece;
 Lusbaõ, a quem de Pluta a monarchia;
 E o curso das estrellas obedece;
 Alterando o voluvel movimento
 Dos eixos, em que gira o Firmamento.

59.

A vara , com que os ventos açoutava,
 Dava ao Cadaver voz , ao Vivo espanto,
 Ferindo a terrá as Almas revocava
 Do eſcuro Reyno do confuſo pranto:
 Se hum giro , ou ſuſurrante voz formava,
 (Nem Medea, nem Cyrce obràram tanto)
 Os homens transformando com deſtreza,
 Os convertia em bruta natureza.

60.

Do ſono ao doce vinculo enlaçava
 O Mago a vigilancia dos ſentidos,
 Aonde aos penſamentos tregoaſ dava
 Nos braços de Morpheo adormecidos:
 Quando em fera viſão ſe lhe oſtentava
 O Monſtro, que de horror lhe enche os ouvidos,
 Intimandolhe a falſa fantesia
 Ser ſonho o Vulto, & a voz , que olhava , & ouvia.

61.

Qual em vapor envolta a humana Mente,
 Com Imagens de horror talvez ſonhando,
 Dá credito á Viſão , que falſamente
 A' viſta ſe lhe eſtá representando:
 Tal (ao contrario) o Velho vendo o ardente
 Simulacro , que em voz lhe eſtá fallando,
 De tal forte o que admira deſconhece,
 Que ſonho , & não verdade, lhe parece.

D 3

O Dragaõ Infernal em fumo envolto,
 Em quanto arranca a voz do peyto occulto,
 Ostentava no incendio em Ethnas solto
 Os olhos Phlégras dous , hum Casio o vulto:
 Em chamas funeraes todo revolto,
 De vozes solta horrifono tumulto,
 Desenvolvendo assim com tom violento
 Trovoens da voz , relampagos do alento.

O' Tu Legislador do Reyno Averno,
 Que obedientes tens ao teu conjuro
 Por teu summo poder , teu dom superno,
 Os Numes immortaes do Centro escuro:
 Tu , que fazes tremer do mesmo Inferno
 Somente com a voz o ferreo muro,
 Legislador , que Pluto reconhece,
 Pois ás leys , que promulgas , obedece.

Tu dormindo, eu velando, ah que bem dormes!
 Desperta, escuta, os olhos abre, atende,
 Não com o sono tanto te conformes,
 Desperta, acode ao mal, que a todos pende:
 Olha que o Rey dos Incolas informes
 Vencer por tua industria hum risco emprende,
 Deyxa o repouso, acode ao nosso estrago,
 Que do dano o temor sempre he presago.

65.

Não tanto o Enfermo, que em funesto culto
 Vota a Mórpheo o usado sacrificio,
 Que fingindolhe o sonho estranho Vulto,
 Ou pender de eminente precipicio,
 Fatigado desperta, vendo esculpto
 Na fantástica idea o falso indicio;
 Onde no susto da illusão, que admira,
 O mesmo alento bebe, que respira.

66.

Como o Velho acordando perturbado
 Da Imagem, que lhe estampa a viva idea,
 Lhe palpita no peyto fatigado
 O coração, que teme a Visão fea:
 Cuyda que he sonho, & torna sossegado
 A entregar-se ao letargo, aonde enlea
 Outra vez as potencias, & os sentidos:
 E a voz torna a baterlhe nos ouvidos.

67.

Dizendo, Alerta, alerta, ò Mago, alerta,
 (Aqui retumba a voz trovaõ violento)
 Quando ao clamor atonito desperta,
 Salta da cama, admira o Vulto atento:
 Vé que não sonha, & que a Visão he certa,
 Nella immovel imprime o pensamento,
 E pasmado no Objecto pavoroso,
 De o ver turbado està, mas não medroso.

D 4

Ante

Ante elle posto de constancia armado,
 O silencio rompeo assim dizendo,
 Quem estu, que me tem maravilhado
 Esse, que vendo estou, corpo estupendo?
 Se es Dragaõ, que no Estigio te has criado,
 Quantos Monstros produz o Inferno horrendo,
 (Deyxo os que Lybia cria em duro trato)
 só com palavras amedronto, & os ato.

Por taõ notorio ser, taõ manifesto,
 O poder (lhe tornou) do teu conjuro,
 Na apparencia, que admiras, deste gesto,
 Pedir te venho o auxilio, que procuro:
 Quem es tu, diz Lusbaõ, que esse funesto
 Fantasma, quem serà naõ conjecturo?
 Ou quem te manda a este occulto abrigo?
 Entrando nelle sem temer perigo.

Responde-lhe o Dragaõ: Eu sou do Averno
 Aquelle, a quem lá chamaõ Rhadamanto,
 Ministro principal, cujo governo
 De Pluto he ley, de seu imperio espanto:
 E por temer hum dano sempiterno,
 De lá venho a pedirte auxilio tanto,
 Para que logo dès a mal tam fero
 O remedio, que em ti fomento espero.

71.

Sabe que o Inglez unido ao Lusitano,
 Firmando estreytos pactos de amizade,
 Do alto Hyminéo ao laço soberano
 Vincula a Ingleza, & Lusa Magestade:
 Ah se isto se consegue, o Luso ufano
 Triunfará de nós em todá a idade,
 Nossos antigos templos destruindo,
 Dos Seus a porta a todo o Mundo abrindo.

72.

Olha que o Portuguez como inimigo
 Do nosso nome, & culto prehemimente,
 Nos intenta usurpar o feudo antigo
 Que á nossa ara tributa a Ingleza gente:
 Ah não haja descuydo, que o perigo,
 Que te proponho, he certo, & está pendente,
 Acode, pois, & com veloz presteza
 Repara o dano, sendo Author da empreza.

73.

Com sommissão profunda se lhe inclina
 O Velho, que ás palavras prompto atende,
 Na reverencia demonstrando indina
 Que os affectos mais intimos lhe rende:
 Qual rayo, o Monstro o vento entaõ fulmina;
 Taõ rapido que mal se comprehende,
 Ficando resolyida em hum momento
 A forma em fumo, a vã materia em vento.

Qual

74.

Qual rompe o ar com impeto impelida
 A imperceptivel frecha, que em plumada,
 Sendo no curso exhalação mentida,
 Dirige o golpe à meta assinalada:
 Tal a serpente em furias convertida,
 Vencendo a esfera, aonde o vento brada,
 No arrebatado voo, que despenha,
 Penetra a gruta de hũa bronca penha.

75.

Já de aureos carmezins toucada a Aurora
 Os Ceos de ouro purpureo revestia,
 Em quanto Infante o Sol, que os ares cora,
 Nos roxos braços da manhã nascia:
 Fragancias dava ao Ceo a bella Flora,
 Rayos prestava ao prado o claro Dia,
 Vendo-se entre matizes, & esplendores,
 As luzes florecer, brilhar as flores.

76.

Quando Lusbaõ a Hespanha encaminhava
 Por solitaria via o passo errante,
 Taõ solitaria, & inculta que ignorava
 Pés de Pastor, sinaes de caminhante:
 Onde chegando, ao Rey se apresentava,
 Dando hum baculo á dextra tremolante,
 Ante o qual vacillando o vaõ conceyto,
 Assim soltou a voz do falso peyto.

77.

Augusto, & sabio Rey, cuja excellencia
 Nos annaes da memoria a Fama escreve,
 Hum Soldado, que desde a adolescencia
 Nas armas te servio como se deve,
 Por temer de hum perigo a contingencia,
 Lhe fáz com que não sofra, nem releve
 Que teu supremo cetro soberano
 Sugeyto viva ao mal, incauto ao dano.

78.

E posto que do tempo o curso lento
 Hoje me tenha já na frouxa idade,
 Esfriandome aquelle altivo alento,
 Que Marte me influio na mocidade;
 Nem por isso, Senhor, me deyxas isento
 Dos annos a senil debilidade
 De te servir, que experimentado, & velho,
 Como tal venho a darte o meu conselho.

79.

Jà saberàs que o Inglez, & o Lusitano
 Ligar os dous Imperios determina
 Por meyo do Conforcio soberano,
 Com Carlos vinculando a Catherina:
 Ah chara patria minha! ah Reyno Hispano!
 E tres vezes aqui o rostro inclina,
 Ficando em dubio affombro, absorto estudo,
 Atado nas acçoens, nas vozes mudo.

Depois

Depois de estar hum pouco consultando
 Em acto pensativo a vaga idea,
 Atremula cabeça levantando,
 Assim a voz do assombro defenlea:
 Que fazes, pois, Senhor, para onde, ou quando
 Guardas o teu valor, que o mundo enfrea?
 Ah como temo, se isto se confegue,
 A' ruina mayor teu Reyno entregue.

Olha que contra o Luso sempre o Ibero
 Armado de valor, & de arrogancia,
 Lhe achou o forte braço, o peyto fero,
 No esforço hum muro, hum monte na constancia;
 Olha agora: porém mostrar não quero
 Que o estímulo da dor passa a ignorancia;
 Posto que, excelso Rey, a hum peyto forte
 Não he dezar o que he rigor da sorte.

Atento estava o Rey ao que dizia
 O fraudulento Velho, o Mago impio,
 E vendo que o respeyto o suspendia,
 Da eloquencia seguir lhe manda o fio:
 O Mago que samente pretendia
 Acender-lhe em furor o peyto frio,
 Vendo o a seu designio absorto, & entregue,
 Pegando no discurso assim profegue.

83.

Posto que, excelso Rey, acção he indigna,
 Não fazer o valor do mal vangloria,
 Pois desmentindo os golpes da ruina,
 Deve a lingua affectar dos danos gloria;
 Os castigos, porèm, que o Ceo destina,
 Sempre alcançaram dos Mortaes victoria;
 Mas se he que inda à censura me fugeyto,
 Rimo a dezar, seguindo o teu preceyto.

84.

Olha agora, tornou, quam destemido
 Orfaõ de Rey o Império Lusitano,
 Por feminil espirito regido,
 A espada contra nós fulmina ufano:
 Collige o que seria se a Anglia unido
 Vier contra o teu cetro soberano,
 Ah Reyno prazera Deos que em teu destosso
 Não sejas tronõ seu, sepulcro nossal.

85.

Affim, neste receyo a aconselharte
 Te venho como experto, & como amigo;
 Já que não posso ás armas ajudarte
 Por fraco, inerte, enfermo, cego, & antigo:
 Usa, excelente Rey, de força, ou d'arte,
 Conforme for a urgencia do perigo;
 E de pressa, Senhor, não te dilates,
 Depressa, porque o laço lhe desates.

De-

Depressã acode, pois se não seremos
 (Se he que peyto presago nunca mente)
 Entre infaustos, & miserõs extremos
 Despojo atroz da Lusitana gente:
 Acode, que este dano, que tememos,
 Della ha de ser se andares diligente;
 Acode, que das clausulas de hũa hora
 Pende de hum Reyno o dano, ou a melhora.

Depois de ter o Rey ouvido atento
 Apratica do Velho fementido,
 O despede, entregando ao pensamento
 As razõens, que lhe havia percebido:
 Trata de divertir do Inglez o intento,
 De varias fantesias persuadido,
 E a commissaõ do caso logo envia
 Ao Ministro, que em Londres residia,

Mas oh cega illusãõ da mente humana,
 Como os juizos teus sãõ mentirosos!
 Pois contra a Sacra força soberana
 Não valem mãõs, nem cetros poderosos:
 Que a Cauza prima, donde tudo mana,
 Seus influxos produz taõ vigorosos,
 Que a derogar lhe as leys não he bastante
 Estrella fixa, nem Planeta errante,



CANTO III.

ARGUMENTO.

O Ppoem-se ao Hymineo o Nuncio Hispano;
 Mas Carlos na constancia persistente
 Firma o tratado ao Thoro soberano;
 Que obsequiosa applaude a Lusa gente:
 A armada chega ao Reyno Lusitano,
 Ao General recebe o Rey potente:
 E já partindo a singular Rainha,
 Ao Templo da Metropoli caminha.

I.

JA' soltava os penachos cortadores
 Essa, que em vozes mil com linguas cento
 Pela gente vagando em vãos rumores,
 Caminha mais veloz que o mesmo vento:
 Já dando á tuba acentos superiores,
 Pelo mundo alternava o aureo alento,
 Fazendo a todas as Naçoens notoria
 Dos Reynos dous a conseguida gloria.

Em

Em tanto o Butavilla,^{2.} Nuncio Hispano,
 Que na Anglicana Corte residia,
 Por cõmissão do Rey, que teme o dano,
 Se oppóz ao intento, mas com vã porfia;
 Que de Carlos o peyto soberano
 Seguindo a Luz, que n'alma lhe assistia,
 Se armava a todo o rogo, a toda a instancia,
 Muro em firmeza; & penha na constancia.

^{3.}
 Não tanto o freyxo antigo às mãos do Inverno,
 Em seus robustos membros presumido,
 Com vigoroso assalto, choque alterno
 Se vê do Austro, & Boreas combatido;
 Onde sem humilhar o esforço interno,
 Não só se oppoem ao sopro enfurecido,
 Mas resistindo ao rapido combate,
 Lhe quebra a força, a furia lhe rebate.

4.

Nem tão constante ao mar tempestuoso
 Se ostenta o duro escolho levantado,
 Quando a onda com impeto furioso
 Lhe assalta o cume nunca contrastado;
 Pois quanto mais lhe fere o cavernoso
 Peyto a continuos golpes costumado,
 A penha; que abalar-se não costuma,
 Mais lhe desfáz o impulso em froxa escuma.

Como

3.

Como com resistencia esclarecida
 De Carlos a magnanima constancia
 Se vio continuamente combatida
 A' bataria de hũa, & de outra instancia:
 Alto primor da palma, que opprimida
 Triunfando da contraria repugnancia,
 Quanto mais o robusto peso opprime,
 Mais lhe refiste com vigor sublime.

6.

A' muda voz em fim do auxilio atento
 Do thoro o Augusto Rey firma o tratado;
 Volta com elle o Mello ao Lycio assento,
 Chega da Patria ao porto desejado:
 A Fama dando á tuba novo alento,
 Ao povo publicava alvoroçado
 A conclusãõ feliz, que o Luso altivo
 Solemnisa com jubilo excessivo.

7.

Quando em nocturnas tochas scintilava
 O celeste Theatro luminoso
 Vago tumulto as ruas inundava,
 O Conforcio acclamando venturoso:
 A voz nos sacros bronzes se alternaava,
 Vivas soava o monte cavernoso,
 E pelas bocas do metal vehemente
 Dava a Hyminéo Vulcano culto ardente.

E

A

8.

A bomba os horizontes enfurdece;
 Cometas vibra o ignifero montante,
 A roda ardente em giros se enfurece,
 O pò sulphureo estala fulminante,
 O ar se acende; a noyte resplandece,
 O penhasco retumba mais distante,
 Da cayxa o duro estrondo occupa o vento,
 Da tuba fere o Ceo o forte alento.

9.

Com o Ceo a Cidade em competencia,
 Em rayos cintilando se ostentava
 Promontorio de estrellas na apparencia,
 Firmamento de Soes no que brilhava:
 Onde com grata, & lucida evidencia
 Na luminosa pompa, que formava,
 Parecia entre tremulos fulgores,
 Penha de luzes, selva de esplendores.

10.

Neste, pois, tão feliz contentamento
 As lentas fombas, as nocturnas horas,
 Com carreya veloz, com passo lento,
 Foraõ de tanto gosto adadoras:
 Tè que do novo Sol no infante alento
 A'quella, que era enveja das Auroras,
 A nobreza, que o thalamo festeja,
 Dando-lhe o parabem a mão lhe beija.

II.

Praça real em tanto se aprestava,
 Onde em pomposa machina arrogante
 Fervendo a gente, o Cerco se ostentava
 Aos favos das abelhas semelhante:
 Com o som das trombetas se alternava
 Do tumulto o murmureo dissonante,
 Cujos rumor discorde na harmonia
 Os eccos gratamente confundia.

12.

Nesta taõ a prazivel dissonancia
 A cordes confusoens bebe o sentido,
 Sendo o vario rumor com elegancia
 Da vista agrado, suspensã do ouvido:
 Mas com mais agradavel consonancia
 O resplendor dos Reys esclarecido
 Nos coraçoes formando outra harmonia,
 Dava prazer às almas, gloria ao dia.

13.

Quando soando varios instrumentos,
 Quaes se costumaõ ver no Pindo as Deas,
 Em leves giros destros movimentos
 Na Praça vagaõ placidas Choreas:
 Aquarios cairos, Vultos corpulentos
 De Deoses vãos, fantasticas Ideas,
 Rodando, daõ com engenhosa traça
 Cristaes ao vento, perolas à praça.

14.

Formada em duas alas arrogantes
 A Real Guarda já no circó entrava,
 Onde altivo entre as archas rutilantes
 O Illustre capitão se sublimava:
 Aos preceytos das rémoras brilhantes
 O soberbo Animal, que ouro tascava,
 Com vistoso furor, com brio ardente,
 Prompto obedece, pisa reverente.

15.

Grave encurvando os pés, dobrando os braços,
 A terra fere, as cilhas bate altivo,
 Té que chegando junto aos Regios Paços
 Se suspende cortez, se encolhe esquivo:
 Onde em regressos tres cedendo os passos,
 Tres vezes pisa o espaço successivo,
 Ostentando-se em curvo movimento
 Quadrupede Bayxel, que furca o vento.

16.

Com garbo igual, ayrosa bizzarria,
 Feroz bruto o Tenente governando,
 A mesma ceremonia feyto havia
 A's almas gosto, aos olhos gloria dando:
 Já Cadaqual retrocedendo a via,
 Vaõ o festivo cerco rodeando,
 Desempedindo a Praça populosa
 Da turba, que a embarça fervorosa.

Quan-

17.

Quando com alta pompa refulgente,
 Qual o Joven, que rege o igneo carro,
 De Sarzedas o Conde preeminente
 Entrou no Campo com valor bizarro:
 Dominando o furor de hum Bruto ardente,
 Com modo ayroso, com gentil desgarro,
 Se ostenta nos aflombros, que reparte,
 Galhardo Adonis com acçoens de Marte.

18.

Pedestre multidaõ, turba vistosa,
 De vario traje, & varia cor vestida,
 Com pompa illustre, gala aparatosa,
 Lhe acompanha a Pessoa esclarecida:
 Naõ tanto ao prado na estaçaõ frondosa
 De Abril orna a republica florida,
 Como o Fausto, de varia cor trajado,
 Da praça adorno foy, da gente agrado.

19.

O soberbo Ginete, que aprazivel
 Na arrogante fereza se ostentava,
 Com vistoso furor, belleza horrivel,
 Tascando escumas, fogo respirava:
 Onde em quebrados passos taõ plausivel
 Batia os pès, & tanto as mãos dobrava
 Que do ferreo metal da planta dura
 Fazia espelho á propria fermosura.

E 3

O

20.

O Conde , que em sumiſſo acatamento
 Por tres vezes os paſſos retrocede,
 Depois que em ſucceſſivo movimento
 Outras tantas altivo o campo mede;
 Traçando a capa , plúmas dando ao vento,
 Busca o fero animal , que hum monte excede,
 O qual nelle empregando a viſta turva,
 A terra eſcarva , & a cerviz encurva.

21.

Circundando o Ginete o Bruto armado,
 Quando em cúrſo veloz o campo gira,
 Nas cilhas bate as mãos taõ levantado
 Que co a terra , que apanha, ao vento atira:
 O Touro com impulſo arrebatado,
 Abrazado em furor , ardendo em ira,
 Vendo o Câmpiaõ , que o giro lhe repete,
 Feroz encara , rapido arremete.

22.

Nunca o rayo da nuvem deſpedido
 Com tam bravo furor enveſte a ferra,
 Nem treme tanto o centro ſacudido
 Dos vapores , que em ſi grávido encerra;
 Como no ardente impulſo enfurecido
 O Touro , estremecer fazendo a terra,
 Rayo ſe vio ſahir com furia tanta
 D'entre a nuvem de pó, que ao ar levanta.

O

23.

O Conde entaõ com ardimento altivo
 O rojaõ apertando fulminante,
 Das injurias de Europa vingativo,
 Postra por terra o fero Bruto amantes
 Da gente rompe o ar clamor festivo,
 Vivas retumba o pòlo mais distante,
 Vendo-se a hum tempo com pasmoso abismo
 Aceno, impulso, encontro, & paroxismo.

24.

Vivas causando ao ar, trofeos ao vento,
 Affim o grande Heroé com brio ardente
 Roubando a Amor a gala, a Marte o alento,
 Era aos brutos feroz, vistoso á gente:
 Acabado o festim sanguinolento,
 Inunda a praça a multidaõ contente,
 Sendo na luta atroz, no jogo vago
 O perigo prazer, a festa estrago.

25.

Na contenda seguinte o Campo espera
 O Conde, que da Torre se apelida,
 Cuja animada Torre a praça impera,
 Onde a Fama consegue merecida:
 Sahe á terceyra luta Aquelle, que era
 Dos nobres Castros rama esclarecida,
 Merecedor de estatuas de alabastro,
 Digo o famoso D. Joam de Castro.

E 4

Com

26.

Com successo feliz , applauso ingente,
 Geral louvor , empenho primoroso
 Deu fim ao acto quando o Astro ardente
 Negava ao dia o resplendor fermoso:
 Sahio da praça recontando a gente
 A acção , que mais notou no Marte ayroso,
 Tendo entre vivas mil , festivo alarde,
 O dia fim , plausivel termo a tarde.

27.

Nestas , & noutras festas , que alegravaõ,
 Era hum dia esperança de outro dia:
 Pois quando apenas hũas se acabavaõ,
 A's outras subseqüentes se atendia;
 As horas naõ corriaõ , mas voavaõ
 Nas fugitivas azas da alegria,
 Que alternada dos tempos a carreyra
 Gira tarda no mal , no bem ligeyra.

28.

Lycia aplaudindo o Talamo glorioso;
 As velas solta ao vento a Armada Ingleza,
 Dividindo os Cristaes do Imperio ondofo,
 Buscando a alegre barra Portugueza:
 Já pelo Tejo entrando caudaloso,
 Quando em vago tumulto a gente aceza
 Pelas prayas fervendo, em altos vivas
 Enchia o ar de clausulas festivas.

De

29.

De Monte-Gui Duarte, Conde illustre
 De Sanduhic, era o inclyto Legado;
 Cuja Armada ás Náos Gregas foy deslustre,
 E a quantas d'antes vira o mar salgado:
 A qual pompa do ar, das ondas lustre,
 Dividindo os Cristaes do golfo inchado
 Pela corrente entrou do Tejo ameno
 Com vento favoravel, mar sereno.

30.

Era o tempo, em que Flora renovava
 Seus Imperios de plumas olorosas,
 E verde o Campo os olhos alegrava,
 Vestindo ás plantas tunicas frondosas:
 No Roubador de Europa quasi entrava
 O Deos, que gira as Zonas luminosas,
 Quando rompendo o mar, chegava ufana
 A Armada Ingleza á praya Lusitana.

31.

De Vulcano os terriveis instrumentos,
 De Mavorte os horrifonos clamores,
 Dos montes abalandõ os fundamentos
 Os orbes atroavaõ superiores:
 Soaõ pelas regioens dos vagos ventos
 Os eccos dos clarins, & dos tambõres,
 Sendo o rumor, que se ouve em toda a parte,
 De Vulcano prazer, gloria de Marte.

Daõ

32.

Daõ fundo as Naos, do Sol passando as horas
 Com festivos obsequios militares,
 Tè que as sombras do sono adúladoras
 Deraõ vida aos celestes Luminares:
 Em tanto seis alli contando auroras,
 Prevenindo os aprestos singulares,
 O illustre General, Legado egregio,
 Se prepara á funcção com fausto regio.

33.

Quando trazendo o Sol o sexto dia,
 D'almas cuberta a lamina salgada,
 A gente em varios lenhos concorria
 Para onde estava surta a Ingleza Armada:
 Nos convezes a Turba se movia,
 Assim como na rustica morada
 Se ve feryer nas fabricas fragrantas
 O tumulto das aves susurrantes.

34.

Festeja ao Luso a nautica Cohorte,
 Mostraõ todos geral contentamento,
 Ricas sedas se vem de toda a forte,
 Onde o ouro realça, lustra o argento;
 Brilha a tèle imitando a etherea Corte,
 A Joya excede o Sol no luzimento,
 Recrea a vista a purpura abrazada,
 Revolve o vento a pluma levantada.

Mas



35.

Mas já quando o Planeta luminoso
 Elevava ao zenith o carro ardente,
 De luzes quasi enchendo o valle umbroso,
 De rayos revestindo o monte ingente;
 O Tejo navegando caudaloso,
 Entre luzida multidão de gente
 Em dourado Delfim, Garça de remos,
 Busca Duarte os humidos extremos.

36.

Bayxando pelo rio acompanhado
 De varios bargantins, fausto luzido,
 Chega ao Templo á memoria consagrado
 Da Patria, aonde foy Jesus nascido:
 Ao som de acordes tubas alternado
 Parou o Embaxador esclarecido
 No famoso Jardim, com que Amalthea
 De S. Lourenço aos Condes lifongea.

37.

D'alli já quando o Sol partindo o dia,
 Para os braços de Thetis declinava,
 O Conde de Redondo o conduzia
 Para a Corte Real, que o Tejo lava:
 Onde entre o fausto, que passar se via,
 O rumor mais sonoro se alternava,
 Sendo os clarins, & os coches repetidos,
 Pasmos da vista, encanto dos ouvidos.

Hof-

CARLOS REDUZIDO,

38.

Hospedado allí foy com excellente
Fauſto o Varaõ de tal grandeza dino,
Em quanto giros quatro o Rayo ardente
Deu pelo vaſto campo diamantino:
Donde com regia pompa preeminente,
Eſtranho eſtado , obſequio peregrino,
Do Marquez de Gouvea acompanhado
Dos Reys o Paço busca ſublimado.

39.

A nobre pompa, o fauſto grandioſo
Chegando aonde à etherea immenſidade
Se elevava o Palacio ſumptuoſo,
Templo ao reſpeyto, culto á Mageſtade;
Entra o Varaõ no alcaçar mageſtoſo,
Emulo ao tempo , aſſombro á eternidade,
Que era na forma, que a Corintho deve,
A tanto reſplendor eſfera breve.

40.

O Rey , que urbano , & altivo ſe oſtentava
Em regia ſala , em trono ſublimado,
O Heróe recebe, que ſe apresentava
Ante Elle em reverencias inclinado:
O qual vendo que já ſe ſoſsegava
O rumor entre a Turba levantado,
Aſſim formando o alento reſpirante,
Soltou a voz em methodo elegante.

Am.

41.

Augusto Rey , a quem na Lusa esfera
 Por linguas do immortal pregaõ da Fama
 Europa em cultos tímida venera,
 O Mundo em pasmos reverente acclama:
 A quem ver Rey do orbe a Patria espera,
 A quem a enveja tece eterna rama,
 Templos dando-te a Fama , o Tempo altares,
 Padroens o Mundo , laminas os Mares.

42.

Ati , que com imperio preeminente
 Occupas este solio esclarecido,
 Regendo o leal povo obediente
 Não menos d'elle amado que temido:
 A quem fenaõ ati , que es de tal gente
 Senhor , por quem es mais engrandecido,
 Buscar deve o meu Rey , cuja grandeza
 Nos creditos se exalta desta empreza.

43.

Por feu Embayxador ati me envia,
 Ati , que es Sol do Occaso derradeyro;
 Para que Precursor da luz do dia
 Conduza a Anglia o mais gentil Luzeyro:
 Por quem espera a Ingleza Monarchia
 Dominar em seu nome o mundo inteyro,
 Que junta a teu Imperio sem segundó,
 Lhe ferá breve esfera , o mar , & o mundo.

Disse

44.

Disse , & com breve estylo, & grave affecto,
 Affonso lhe responde agradecido,
 Mostrando-lhe na lamina do aspecto
 O que no Coração tinha esculpido:
 Com summissão cortez , primor discreto,
 Duarte do Monarcha despedido,
 Caminha lá para onde tinha o Estado,
 De luzido concurso acompanhado.

45.

Mas quando o alegre mes, author das flores,
 Declinando hia já da meya idade,
 Vinte , & tres vezes vendo os resplendores
 Do Deos , que a mais esquivã amou Beldade;
 E Aurora em rosiclères , & candores,
 Confundja a primeyra claridade,
 Matizando purpurea , & luminosa,
 A serena manhã de neve , & rosa.

46.

A multidaõ da gente alvoroçada
 Em popular corrente se envolvia
 A ver de Lycia a Flôr mais sublimada,
 Que do Paço a embarcar-se já partia:
 Nunca se vio tão bella á madrugada,
 Tão claro o Sol , nem tão fermoso o dia,
 Como a assistir entã á Regia Flora:
 Sahio daquelle dia o Sol , & Aurora.

Visto-

47.

Vistosos apparatus diferentes,
 Das janellas adorno, ao ar pendiaõ,
 Onde de Tyro as cores preeminentes
 Em tecidos incêndios de ouro ardiaõ:
 Ricos panos, matizes excelentes,
 Co a luz da Aurora em rayos competiaõ;
 Pois no lavor, que orientes reverbera,
 Mostravaõ ser do Sol mais clara esfera.

48.

Com Real pompa, igual magnificencia,
 Ao Ceo soberbos arcos se elevavaõ,
 Nos quaes em successiva descendencia
 Em vulto os Lusos Reys se retratavaõ:
 Os Lusos Reys, que ainda na apparencia
 Da gente os coraçoes intimidavaõ,
 Cujas acçoens, façanhas belicofas,
 Mostra a tinta excedendo as fabulosas.

49.

No primeyro o subtil pincel retrata
 A raiz generosa, donde mana
 Por troncos d'ouro, laminas de prata
 Toda a Real Estirpe Lusitana:
 O grande Henrique, digo, que dilata
 Sobre os astros a prole soberana,
 O qual se via alli bravo Pompeyo,
 Ao duro Mouro pondo duro freyo.

No

50.

No segundo vibrando a espada invicta
 Com vista ardente, aspecto furibundo,
 Destroe dos de Agar copia infinita
 Affonso, Rey primeyro sem segundo:
 E formando do barbaro Ismaelita
 De fangue hum lago fervido, & profundo,
 Tinha, em honra das Quinas sublimadas,
 Coroas cinco aos Regios pès postradas!

51.

Na machina terceyra se divisa
 Sancho, inundando em purpura vivente
 Os destriçtos; que o Bethis fertilisa,
 Tornada roxa a candida corrente!
 Sancho, que as Luas Mahometanas pisa,
 Afugentando a bellica torrente
 Do Agareno cruel, que desbarata,
 Que opprime; que destroe, fere, & mata.

52.

Na quarta alçando a espada ameaçadora
 Brilha o segundo Affonso, & Rey terceyro,
 Sojugando co a dextra vencedora
 O Povo adusto, o Barbaro guerreyro:
 A espada, que por fina, & cortadora,
 Foy estranho terror do mundo inteyro,
 Sendo por alto dom, valor sublime,
 Rayo, que estraga, se trovaõ, que opprime.

Na

53.

Na quinta se mostrava retratado
 Sancho segundo, ao qual estava junto
 O Rey, terçeyro Affonso sublimado,
 De Alexandres, & Cesares transfunto:
 Affonso seu Irmão, por quem privado
 Sancho se vio do Reyno, que conjunto
 Por seu delcuydo estava ao precipicio,
 Que a Roma resultou do mesmo vicio.

54.

No alto, & sexto Babel Diniz se ostenta,
 De quem só de lhe ouvir o nome augusto,
 Em Castella Fernáudo se affugenta,
 E em Africa esmorece o povo adusto:
 O qual à vista alli se representa
 Guerreyro, armado, férvido, & robusto;
 Fundando sobre marmores seguros
 Villas, Torres, Castelllos, & altos muros.

55.

Lá no setimo a Effigie sublimada
 Do bravo Affonso quarto resplendece,
 Em cujo aspecto a vista apacentada,
 Só de vello pintado se estremece:
 Inclinando a cerviz á invicta espada,
 Alli rendida Espanha lhe obedece;
 E de Granada o Rey dentro em seu muro
 Se não dava inda delle por seguro.

F

No

56.

No outavo a scientifica pintura
 Com estudo subtil, pincel subido
 Mostra do amante Pedro a alta figura,
 Alvo das duras frechas de Cupido;
 Digo d'aquella infauſta Fermoſura,
 Por quem ſufpira Amor inda ſentido,
 D'aquella linda Ignes, em cuja ſorte
 Formou duro anagrama o Amor, & A morte.

57.

Em o nono ſe via o Rey Fernando
 A amores, & a delicias vans entregué,
 Que por dar ao deleyte o peyto brando
 O occio vil, & o froxo vicio ſegue:
 Mas com tudo altos muros levantando
 Se eterniſa na fama, que confegue,
 Pondo magnifico a mural coroa
 A Santarem, a Evora, a Lisboa.

58.

Com viſta eſtá no decimo iracunda,
 (Em hũa maõ o Cetro, em outra a eſpada)
 O primeyro Joaõ, que invicto inunda
 De Hiſpano fangue a terra conquistada:
 Por cuja eſtranhã dextra furibunda
 Se via a Luſa patria reſtaurada,
 Triunfante ſuſtentandolhe a bandeira
 O bravo D. Nuno Alveres Pereyra.

59.

No undecimo Duarte se ostentava
 Aos cristallinos Ceos alevantando
 Os olhos, com que os astros calculava,
 Os segredos dos orbes penetrando:
 D'alli tè aonde o mar se prolongava,
 As solitarias ondas povoando
 Se viaõ pelo tumido caminho
 Aves de lenho abrir azas de linho.

60.

No duodecimo o grande Affonso quinto,
 Cuja fronte immortal cingia o louro,
 Tinha na dextra o alfangẽ em fangue tinto,
 Fulminante terror do adusto Mouro:
 Jaspes de Paro, bronzes de Corinto,
 Por eternos padroens, estatuas de ouro,
 Lhe erige a Fama em culto soberano,
 Que inda venera, & teme o Reyno Hispano.

61.

No decimo terceyro apparecia
 O segundo Joãõ, Rey sem segundo,
 Levando o sacro escudo aonde o dia
 He mais ardente, & o Sol menos fecundo:
 Lá chegando do Nilo á enchente fria,
 Epassando onde o golfo rubicundo
 Envolve as roxas ondas Erythreas,
 Vê do Tigres, & Euphrates as areas.

F 2

Lá

Lá no decimo quaſto o preeminente
 Unico Manoel ſe vé, que atento
 Os mares vay bulcando lá do Oriente,
 Contrastando o furor do falſo argento:
 A cujo invicto Cetro reverente
 Se fogeſta do Turco o bravo alento,
 E pede leys o barbaro Ifmaelita,
 Que adonde nace o Sol diſperſo habita.

Em o decimo quinto eſta o terceyro
 Joã, invicto Rey, Sol ſublimado,
 Terceyro ſem ſegundo, & ſem primeyro
 Aquem até obedece o meſmo Fado:
 A Eſte, que deu fuſto ao mundo inteyro,
 Deſde hum a outro polo reſpeytado,
 Raro Exemplar, vivente Maravilha,
 O negro collo a gente aduſta humilha.

Em o decimo ſexto ſe ergue o Vulto
 Do bravo Sebaſtiaõ grave, & arrogante,
 Rodeado de bellico tumulto
 Da plebe vil, que habita o monte Atlante:
 Intentando arrazar, (myſterio occulto)
 De Marrocos o muro, & o de Trudante,
 Cuja taõ temeraria valentia
 Inda de a recordar o Mouro enfia.

65.

Lá na ultima fabrica apparece
 Sustentando a Coroa o Santo Henrique,
 Cujos hombros a purpura guarnece,
 Porque nelles melhor se qualifique:
 O escudo, que na mão lhe resplendece,
 He esse, que no Campo lá de Ourique
 Vencendo cinco Reys, ás armas dinas
 Formou das cinco Chagas cinco Quinas.

66.

Affim os Regios Arcos as memorias
 Recordavaõ dos Cetros soberanos,
 De Portugal as inclytas victorias,
 As famosas acçoens dos Lusitanos:
 A cuja vista as belicas historias
 Dos Perlas, Godos, Gregos, & Romanos,
 E todas, as que a Musa antiga acclamã,
 Mudas ficaram nos annaes da Fama.

67.

Quando já na estação da meya idade
 A manhã mais brilhante florescia,
 E o Sol de luminosa claridade
 Banhava o monte, o valle quasi enchia,
 De Catherina a augusta Magestade,
 Esplendor dando ao Sol, & lustre ao dia,
 Pelo Paço sahia acompanhada
 Da Mãy, & Irmãos com pompa sublimada.

68.

Sahia pelas salas magestosas,
 Onde os panos, & as télas lisongeyras.
 Em cores ostentavaõ primorosas
 Dos Deoses vãos as fabulas guerreyras:
 Alli se via ás nuvens luminosas
 Atreverem-se mãos aventureyras,
 Que do tear subtil o sabio estudo
 Parece faz mover no pano mudo.

69.

Alli os Filhos barbaros da terra
 Se viaõ contra Jove soberano
 Em tremendo combate, em dura guerra
 Fulminados dos rayos de Vulcano:
 Huns amontoaõ serra sobre serra
 Com nescio impulso, com intento insano;
 Outros ouzaõ com furia irrevente
 Os muros demolir do Olympo ardente.

70.

Do Oriente a subtil tapeçaria
 Fingia Auroras, Mayos debuxava,
 Onde o Sol com Abril se confundia,
 Onde com Týro Ophir se equivocava:
 O ouro com a luz se entrêtecia,
 Com Amalthea Aragnes se enlaçava,
 Dando o lavor em circulos distintos
 Pasmos à idea, aos olhos Labyrintos.

Os

71.

Os fumos excedendo de Cynara,
 As gomas de Hybla, as lagrimas de Hymeto,
 Em halitos futis, fragrancia rara,
 O balfamo respira mais seletto:
 Cujo vapor subindo à esfera clara
 Em negros globos de oloroso objeto,
 Tributava às Imagens radiantes
 De massas mil espiritos fragrantes.

72.

Alli se via em fim quanto o Sol gera,
 Quanto produz em lagrimas a Aurora,
 Quanto em ambar cultiva a Primavera,
 Quanto Pancaya exhala, Arabia chora:
 Por esta, pois, de Ophir tão rica esfera
 A Amalthea melhor, & a melhor Flora
 Vinhaõ, atè que (ah duro sentimento!)
 Foy a uniaõ final do apartamento.

73.

Mas ambas na altivez taõ affectadas
 Que da violenta dor, que a voz lhe oprime,
 Tendo as ancias no peyto reprezadas,
 Mostraõ izento o coração sublime:
 Mas ay que chamas saõ reconcentradas
 As lagrimas, que n'alma Amor reprime;
 Pois por damno mayor sem desafogõ
 O Ethna ostenta a neve, & occulta o fogo.

74.

Oh razão sem razão de hum peyto altivo,
 Da natureza escandalo agravante,
 Que antes queres negarte ao sensitivo,
 Que abater os respeytos ao semblante:
 Mas esse, que teizenta, affecto esquivo
 Te reconcentra a dor mais penetrante,
 Por te não permittir em tanto imperio
 Alivio á pena, à magoa refrigerio.

75.

Nesta doce prizaõ dos tenros braços
 A delicia em rigor o effeyto muda,
 Que onde Amor tece os ultimos abraços
 Desembainha a dor a espada aguda:
 Porém nestes da ausencia estreytos laços
 Já não podendo absterse a ancia muda,
 A Cadaqual Amor mostrar lhe ordena
 Despojos da altivez, tropheos da pena

76.

Neste assalto gentil do sentimento
 As lagrimas subtis correndo a pares
 Nublâram dos dous Soes o luzimento
 Nuvens de pranto, de tristeza mares:
 Nunca em nocturno eclipse o Firmamento
 Taõ mortos vio os claros Luminares,
 Como se viraõ eclipsar aquellas
 Do Ceo do Amor taõ nitidas estrellas.

Fican.

77.

Ficando em fim vencida a Magestade,
 Desvanecida fica a Natureza,
 Vendo cahir em bella tempestade
 Prendas do Amor, reliquias da beleza:
 Mas se Amor, que a ternuras persuade,
 Ablanda atè das penhas a dureza,
 Qual o effeyto será de hum brando peyto,
 Que por humano tem de cera o effeyto?

78.

Jà a Soberba quadrupede tirava
 Pela carroça, que nõ vento arfando,
 Bayxel, que furca os ares, se ostentava,
 Luzes cingindo, rayos scintillando:
 Tal que no resplendor, que desatava,
 Em diluvios de Ophir reverberando,
 Alumeava os ares taõ radiante
 Qual se fora de solido diamante.

79.

Os vidros, & paineis, de què cingida
 Fazia emulaçoens ao Astro louro,
 Tremolavaõ com pompa esclarecida
 Auroras de cristal, Orientes de ouro:
 Por ella outo Frizoens em forma unida,
 Que à Quadriga do Sol foraõ desdouro,
 Com belleza feroz vinhão tirando,
 As ruas opprimindo, o ar pizando.

Soberbos com o pezo magestoso
 Os pés batiaõ taõ delvanecidós
 Que mostravaõ no espirito vaidoso
 Serem dos mesmos ares concebidos:
 Mas taõ promptos ao freyo rigoroso,
 Que acesa a vista, atentos os ouvidos,
 Observavaõ com fervida fadiga
 As arbitrias leys do destro Auriga.

Ferindo a terra, os marmores rasgando
 Dos duros pés Vesuvios fusilavaõ,
 E dos olhos faiscas scintilando
 Em fogo o ar, que bebem, respiravaõ:
 Pelas abertas ventas exhalando
 O bravo alento escumas mastigavaõ,
 E em vaga ostentaçaõ das sedas finas
 As caudas daõ á terra, ao vento as crinas.

Nobreza juvenil, florida idade
 O Crisol ladeava de esplendores,
 Onde a Guarda, defenfa á Magestade,
 D'archas a mura, a cerca de fulgores:
 Cujos Bastoens, Emblemas da vaidade,
 Opprimem tres Pyroens, que em seus furores
 Fazendo dos adornos desperdicio,
 Lhes servia a desordem de artificio.

83.

Femineos Soes em tronos diferentes,
 Esmeros mais gentis da natureza,
 Seis carroças occupaõ preeminentes,
 Timbres do fausto, empenhos da grandezas,
 Em cujas aureas roupas refulgentes
 D'agulha se admirava a subtileza,
 Onde as pedras, & Joyas, que cegavaõ,
 Astros fingiaõ, Soes affemelhavaõ.

84.

Hia adiante a via franqueando
 De Ministros tropel tumultuoso,
 Logo de coches multidaõ rodando
 Concurso se estendia aparatoso:
 Os quaes illustre Sequito occupando
 Triunfo parecia magestoso;
 Qual fazer costumava em acto ufaõ
 Aos seus Heróes o inclyto Romano.

85.

Por alas de ordenada Infantaria,
 Que do Paço á Matriz se prolongava,
 Lá para onde a Metropoli se via
 A grandiosa Pompa caminhava:
 Por toda a parte em vozes de alegria,
 Soava o pifaro, o tambor soava,
 E os finos atroando os orbes onze
 Davaõ da ferrea lingua a voz de bronze;

Quan-

Quando do Sol a chama luminosa
 Se avizinhava ao grao de seus ardores,
 Chegava ao Templo a Aurora Magestosa,
 Vestindo Soes, toucando resplendores:
 Alvorçase a turba populosa
 Clarins se tocaõ, ferem-se tambores,
 Ouvem-se cantos, vaga a melodia
 Soa o rumor, confunde-se a harmonia.

Ao grato som dos alternados Córos
 O popular murmureo se soffega,
 E ás doces vozes dos Orpheos canoros
 Sulpenso cadaqual o ouvido entrega:
 Onde a harmonia em numeros sonoros
 Com tanta suavidade à alma chega
 Que era cada cadencia, ou sostenido
 Prizaõ à idea, remora ao sentido.

Turbando os ares com fragrancias raras
 Sobem de incenso nuvens olorosas,
 Que fragrantas lisonjas sendo ás aras,
 Eclipse ás linguas eraõ luminosas:
 Onde excedendo o pranto de Cynaras,
 De Hybla imitando as lagrimas cheyrosas,
 Exhalava a casoula respirante
 Suave alento, espirito fragrante.

89.

Em matizes de Tyro, em faixas de ouro,
 As columnas do Templo se envolviaõ,
 As quaes sendo de Ophir gentil de d'ouro,
 Do Ceo as aureas Zonas excediaõ:
 Quantos metaes no Atlantico thesouro
 Pulem dextros buris, alli pendiaõ,
 Em cujo primoroso beneficio
 Superava à materia o arteficio.

90.

Alli se via em fim quanto Ophir gera,
 E quanto o Pothosy nas veas cria,
 Quanto Amalthea anima, Flora impera,
 Quanto o Guzano tece, Aragnes fia,
 Quanto Arabia produz, ostenta a esfera,
 Doura o Sol, banha a aurora, alenta o dia;
 Sendo o Templo na pompa soberana
 Celeste gloria exposta á vista humana.

91.

Em quanto o sacrificio celebravaõ
 Os Ministros do Templo superiores,
 Da claustra em ver os panos se occupavaõ
 Co a gente Ingleza os dous Embayxadores:
 Huns, & outros a vista apacentavaõ
 No elegante matiz das varias cores,
 Onde absortos na historica apparencia
 Lhe não sabiaõ dar intelligencia.

Quan-

Quando depois de hum pouco estar notando
Duarte o que ideava a varia tinta,
Pergunta ao Mello (o dedo levantando)

*D. Francisco de
Mel. Con-
de da Pon-
te, depois
Marquez
de Sande
Embaixador a
Inglaterra
Comis-
sario do
ajuste do
casamen-
to, & Con-
ductor
desta Se-
phora.*

Quem he aquelle Rey, que alli se pinta?

O Mello vendo o Vulto venerando

Lhe responde aqui tens em cor distinta

Da acclamação mais rara a rarahistoria,

De Espanha injuria, deste Imperio gloria.

O Ramo, que na dextra (profegua)

Lhe ves por palma ; mas O' Musa ousada,

Suspende por hum pouco a melodia,

Que a lyra pulsa já defafinada:

Descança não profigas rouca, & fria,

Tão grande empresa, acção tão sublimada,

Em quanto a Phebo novo rithmo imploro

Em tom mais alto, accento mais sonoro.

Tu, pois, hum sacro influxo, hum doce alento,
N'alma, que se me inflamma, Apóllo, inspira,
Se he que cabe no metrico instrumento
A acção, que decantar meu peyto aspira:
Dame aquella cadencia, aquelle accento,
Que á Latina já déste, & á Grega lyra;
Para que dé meu plectro ao mundo espanto
No assumpto digno do mais grave canto.

95.

Do louro , com que o Pindo enrama a espalda,
Do fresco myrto , que o Parnaso gera,
Naõ pertendo tecer verde grinalda,
Nem a palma empunhar , nem cingir hera:
A fronte adorne Homero da esmeralda.
Da esquiva Planta , a que inda o Sol venera,
Que eu para mais subir só quero a gloria
De cantar tal acção , taõ alta historia.





CANTO IV.

ARGUMENTO.

D *A acclamação se conta a rara historia,
Embarca-se a Rainha, & Pluto atento,
Naõ lhe passando a empreza da memoria,
Convoca os Seus a novo ajuntamento;
Onde intentando contra as Naos victoria,
Cadaqual se desfata em rijo vento,
Ursula a Deos auxilio deprecando,
Se converte a tormenta em tempo brando.*

I.

O Ramo, que na dextra (prosegua)
Lhe ves por palma, o Tronco he soberano
Donde mana a Real Genealogia
Dos altos Reys do Imperio Lusitano:
Ve como á sombra deste a Monarchia
Se acolhe alegre do rigor tirano,
Em que, perdendo o resplendor primeyro,
Chorou por lustros doze o cativeyro.

Este

2.

Este Alcazar, que ves acometido
 De luzido tumulto numeroso,
 Dos Luzos Reys he o Paço esclarecido,
 Repara como o investe o vulgo irroso:
 Aquelle, que entre a turba está metido,
 Em quem o illustre iguala ao valeroso,
 Por D. Miguel de Almeyda se apelida,
 Columna da Nação, da patria vida.

3.

Os tres, que a Guarda affaltaõ furibundos,
 De varia multidãõ acompanhados,
 Saõ Mello, Castro, & Cunha, que em facundos
 Metros seraõ no mundo celebrados:
 Dos Dous, que ves, quaes Tigres iracundos,
 Entrarem pelas archas dos Soldados,
 Hum he Luis de Mello, outro he Saldanha,
 Aos quaes reserva o tempo historia estranha.

4.

Destes, que as archas pondo vaõ por terra,
 He Meneses, he Brito, he Azevedo,
 Herões, em cujas mãos Marte se encerra,
 De cujos braços tem a morte medo:
 O Par sem par, que com a Guarda cerra,
 A' porta cadaqual firme rochedo,
 Hum Mendouça, Outro Souza se apelida,
 Ambos Varoens de fama esclarecida,

D. João de
 Almeyda
 D. João de
 Mello
 Antonio
 de Mello
 de Castro
 Estevão
 da Cu
 nha
 Luis de
 Mello
 porreyro
 mór, João
 de Saldan
 nha de
 Souza
 D. Affon
 so de Me
 nezes,
 Gaspar
 de Brito
 Freyre,
 Marco
 Antonio
 de Aze
 vedo,
 Pedro de
 Mendou
 ça, Thomé
 de Souza.

G

Effou-

5.

Essoutro, que lá ves altivo, & ousado
 Naquelle corredor, qual Rayo ardente,
 He Dom Antonio Tello, cujo brado
 Será no mundo ouvido eternamente:
 Ve como tenta o Forte acompanhado
 De espessa multidaõ de varia gente,
 Olha como as espadas fulminantes
 Formaõ brenha de rayos scintillantes.

*D. João
 de Sá de
 Menezes
 Camarci-
 ro mór*

*del-Rey,
 Ayres de
 Saldanha,
 Sancho*

*Diaõ de
 Saldanha,
 João de*

*Saldanha
 da Gama,
 Antonio,*

*& Berio-
 lameu de
 Salda-
 nha.*

*D. Anto-
 nio Alve-
 res da
 Cunha,*

*Tristão
 da Cunha
 de Atai-
 de, &*

*seus filhos
 Luis, &
 Nuno da
 Cunha, &*

*seu genro
 D. Ma-
 noel Cbil-
 de Rolim.*

6.

Do concurso, que o segue, hum he Menezes,
 Os cinco, que se lhe unem, saõ Saldanhas,
 Os quaes com gloria igual por tantas vezes
 Foraõ do mundo assombro nas façanhas:
 Aquelles quatro em tudo Portuguezes,
 De quem a Fama admira acçoens estranhas,
 Cunhas saõ, hum he pay, & os Dous ao lado
 Saõ filhos, & este o Genro he sublimado.

7.

O que num braço entre elles ves ferido,
 Antonio Telles he, que em furia ardendo
 Vay pela Guarda ousado, & destemido
 Huns derribando, & outros combatendo:
 Repara como o vulgo enfurecido,
 Vay as salas do Forte discorrendo,
 Na vingança colerico, & impaciente,
 Por faciar do odio a sede ardente.

A

. 118.

Aquelle, que ves virse despenhando,
 O Vasconcellos he, que aos Insolentes
 Na morte mais cruel exemplos dando,
 Serve ao mundo de horror, de affombro ás gentes:
 Olha como na terra ó vão pizando,
 Atende como os animos contentes
 Estaõ de o verem nesta adversidade,
 Nelles faltando a natural piedade.

. 9.

Ve como miseravelmente horrivel,
 O vaõ á terra dar por pasto indino,
 Naquelle esquife pobre, & desprezivel,
 Sem honra funeral, sufragio dino:
 Olha como o plebeo quanto he possivel
 Até negar lhe quer lugar divino,
 Que ao menos por Christaõ se lhe devia,
 Castigo igual á sua tirania.

. 10.

Este, que pela turba populosa
 Abrindo á tumba vay largo caminho,
 De Catholico usando acção piedosa,
 Por nome D. Gastaõ se diz Coutinho:
 Vé como aberta á espada luminosa
 Com valerosa acção bizarro alinho,
 Como no ar com ella em giro breve
 Scintillante esplendor de fogo escreve.

G 2

A

Miguel
 de Vasco-
 cellos Se-
 cretario
 do estado.

II.

Aquella, que á janella está clamando

Ao povo, que se altera, he a Duqueza

De Mantua, que em voz alta está gritando

Que he da fidelidade Portugueza?

Olha como de cá lhe está bradando

Enfurecido o vulgo, a gente aceza,

Liberdade acclamando em voz sublime,

Viva el-Rey D. Joaõ, Pay, que nos rime.

*D. Joaõ,
& D. An-
tonio da
Costa,*

Martim

Affonso

de Mello,

Manoel

de Mello

filho de D.

Luis de

Mello que

foy por-

teyrol mór

de el Rey.

Fernão

Telles de

Menezes.

D. Luis

de Alma-

da filho

de D. An-

taõ de

Almada,

Tristaõ,

& Luis

de Men-

doga. D.

Ibomã,

& D.

Francisco

de Noro-

nha, D.

Fernando

Telles de

Faro.

12.

Aquelle, que cortez lhe inclina o peyto,

E sumisso os impulsos lhe refrea,

A cujo braço o mundo he campo estreyto,

D. Carlos de Noronha se nomea:

Mas repara que já contra o respeyto

Parece que lhe falla; pois lhe arquea

Severo as sobranceiras, donde tira

Dos dous arcos, que encurva, frexas de ira.

13.

Da gente, que alli ves na quella escada,

Dous Costas, Mellos dous, & hum Menezes,

O outro D. Luis se diz de Almada,

No valor, & lealdade Portuguezes:

Mendoças saõ os Dous, que a sublimada

Estirpe acreditaraõ tantas vezes,

Estes Noronhas saõ, estoutro he Faro,

Ruina do Espanhol, da patria amparo.

Dos

14.

Dos Dous, que influem respeitoso medo,
 He Alcaçova Aquelle, este he Sampayo,
 Aquelle Freyre, estoutro Figueiredo,
 E effoutro he feu Irmaõ, vivente Rayo:
 Aquelle, cujo peyto he qual rochedo,
 Do Universo terror, do Sol desmayo,
 He Gil Vaz Lobo, o outro he Mascarenhas,
 Que excede na constancia as mesmas penhas.

*D. Antonio de Alcaçova,
 Francisco de Sampayo, &
 seu filho Gomes
 Freyre de Andrada;
 Rodrigo de Figueiredo, &
 seu Irmaõ
 Luis Gomes.*

15.

O Edificio, que ves acometido
 Lá junto áquelle Templo levantado,
 Onde concorre o povo embravecido,
 He de Lisboa o inclyto Senado:
 Olha de quantas Almas vem seguido
 D. Alvaro de Abranches, que inflamado
 De zelo, & amor da Patria, a que atendendo,
 Vem co a bandeyra as ruas discorrendo.

D. Antonio Mascarenhas.

16.

Aquelle, que o honorifico roxete
 Reveste, sendo assumpto ao tempo eterno,
 D. Rodrigo he da Cunha, a quem commete,
 Em quanto chega o Rey, Lycia o governo:
 Olha o vario plebeo, que se fomete
 A' Cruz Arcebispal, Onde o superno
 Rey aos olhos mortaes de toda a gente
 Della desprega a dextra omnipotente.

*D. Rodrigo da Cunha
 Arcebispo
 de Lisboa.*

17.

O que hum montante joga, & vem seguido
 Dos quatro Filhos, que lhe ves ao lado,
 Proprio no nome, improprio no apelido,
 Por Miguel se nomea Maldonado:

D. Antonio Luis de Menezes, & D. Rodrigo de Menezes filhos de D. Pedro de Menezes Conde de Cantanhede Presidete da Camara.

Aquelle, que lá vês d'armas cingido,
 E effoutro, de quem vem acompanhado,
 Filhos do Conde são de Cantanhede,
 Em fim Menezes, Dom, que a tudo excêde.

18.

Esse, que ves com animo fogoso
 Pelos ares vibrando a fina espada,
 Seguido de tumulto populoso,
 Por nome D. Antão se diz de Almada:

D. Antão de Almada Pay de D. Luis de Almada.

Vê como vem com peyto generoso
 A plebe conduzindo levantada,
 Da lealdade, & valor sendo modello,
 Francisco, & seu irmão Jorge de Mello,

19.

O que o braço levanta destemido
 Vivas clamando, o lenço dando ao vento,
 D. Francisco he de Souza, que impellido
 Do patrio amor, vem dando ao povo alento:
 Esse he, que lá de tantos vem seguido,
 Dividindo o vulgar ajuntamento,
 João Rodrigues de Sá, que em zelo ardendo
 Pela turba, qual Tigre, vay rompendo.

Da-

20.

Daquelles , que ves vir correndo as ruas,
 He Telles hum , o Outro he Figueyredo,
 Que as espadas ao ar girando nuas,
 Na furia vem metendo à morte medo:
 Dos Dous , que seguem as pisadas suas
 Acclamando o seu Rey com vulto ledo,
 O que o prefere he Cunha , effoutro he Souza,
 A quem tirar a enveja os dons não oufa.

*Fernando
 Telles Ir-
 mão de
 Antonio
 Telles da
 Silva.
 Henri-
 que de
 Figueyre-
 do.*

*Simaõ da
 Cunha,
 Diogo de
 Souza.*

21.

O que adiante vés com modo irado,
 Cuja espada fusila chama estranha,
 De immensa multidão acompanhado
 O Capitão Antonio he de Saldanha:
 Olha como com brio sublimado
 Em honroso suor o rosto banha
 D. Hieronymo , Conde de Atouguia,
 Marte , que a Marte , & a Morte defafia.

*D. Hiero-
 nymo
 de Atai-
 de.*

22.

O que lhe segue o impulso valeroso,
 E de brilhantes ferros se rodea,
 He seu Irmaõ , & Irmaõ no timbre honroso,
 D. Francisco Coutinho se nomea:
 Nota como com peyto generoso
 D'armas a illustre Mãy os veste , & enlea;
 Oh Vilhena immortal , de immortal gloria
 Mais que nenhũa he digna a tua historia.

23.

Duarte lhe pergunta quem he Este?
 (Depois de largo tempo o estar notando)
 Que de laminas finas se reveste
 No bruto, que parece estar saltando;
 O qual por toda a parte o Paço investe,
 Quasi empenho mayor na acção mostrando;
 Em quem hum pouco o Mello estando atento,
 Assim da voz soltou o grave alento.

24.

Este que aqui se ostenta derradeyro,
 E o ves reproduzido em toda a parte,
 Correndo mais que o Zephiro ligeyro,
 He porque tem na empresa a mayor parte:
 Nota como discorre aventureyro,
 D'alma exhalando espiritos de Marte,
 O qual por voz da Fama esclarecida
 João Pinto Ribeyro se apelida.

25.

Este foy fidelissimo Criado
 Da sempre augusta Casa de Bragança,
 Por isso nesta acção taõ empenhado
 Aqui, & alli correndo naõ descança:
 Nota agora, alto Heroê, pelo pintado
 Qual seria do vivo a semelhança?
 Qual seria o rumor? quaes as festivas
 Vulgares vozes? quaes os altos vivas?

Bem

26.

Bem que o tear taõ propria a historia esmalta,
 Que dos olhos passando ao dubio ouvido,
 Parece da facção, que aqui se exalta,
 Se percebe o tropel, se ouve o ruido:
 Olha a Huns a cavallo, que em voz alta,
 Outros a pé, que em bellico alarido
 Parece vaõ gritando alerta, alerta,
 Viva o Restaurador, que nos liberta.

27.

Affim o Mello a historia mais gloriosa
 Ao General Britannico explicava;
 Quando da alegre turba populosa
 O festivo rumor se levantava:
 Grato o clarim, a tuba sonora
 Os animos a jubilo incitava,
 Duarte, & o Mello corre, & as mais Pessoas
 A acompanhar as inclytas Coroas.

28.

As sacras ceremonias acabadas,
 As carroças rodavaõ luminosas
 Para onde as crespas ondas prateadas
 Lavaõ do Tejo as prayas arenosas:
 O refulgente Pheniz já as douradas
 Azas baxando ás aguas caudalosas,
 Pendente declinava sobre a tarde
 A' pyra de zafir, que em cristaes arde.

Na

29.

Na carroça, que excede o refulgente
 Coche do Sol, que a esfera roda, & trilha,
 Se recolhe a Rainha preeminente,
 Que mais que o mesmo Sol realça, & brilha:
 O Tejo mais que nunca transparente
 Cuberto entã se vio de maravilha,
 Onde rica hũa ponte, que admirava,
 Passar a nado o pelago intentava.

30.

Nella mostrava a celebre Pintura
 Os Deoses vãos; as barbaras Deidades,
 Que a cega idolatria, a seyta escura
 Seguio por verdadeyras Divindades:
 Alli erige a magnifica Esculptura
 Effigies de mentidas Potestades,
 Cadaqual as insignias empunhando
 Conforme seu officio, imperio, & mando.

31.

Alli Jove fulmina o Rayo ardente,
 O verde Thyrsõ Baccho alli sustenta,
 Neptuno empunha o humido Tridente,
 O leve Caduceo Mercurio ostenta:
 Pallas o escudo abraça refulgente,
 Mavorte vibra a espada truculenta,
 Diana o matador venablo esgrime,
 E a clava Alcides, com que a Hydra opprime.

Alli

32.

Alli com pompa estava prevenido
 Hum Bargantim, que ao Vellocino de ouro
 No adorno, que ostentava esclarecido,
 Podera ser esplendido desdouro:
 Onde apeado o Sequito luzido,
 E já occupando o ondivago thesouro,
 Aos altos Reys dá salva a artelharia,
 Brama o Castello, atroa a Infantaria.

33.

Desamarra o Bayxel soberbo arfando
 No golfo cristalino, que o retrata
 Refulgente Pavaõ, que vay cortando
 Com peyto de ouro laminas de prata:
 De escuma a proa a Thetis adornando,
 Com grilhoens de cristal a Doris ata,
 E os remos, que o mar ferem vagarosos,
 Relampagos fusilaõ luminosos.

34.

O dourado Delfim desvanecido,
 As aguas dividindo com desprezo,
 Nas ondas se engolfava presumido
 De levar taõ gentil, taõ rico peso:
 D'almas cercado, de bateis seguido,
 O sentido levava a todos preso,
 Dando na pompa, com que adorna os mares,
 Resplandores ao Sol, plumas aos ares.

35.

Varrendo vay as aguas o estandarte,
 O toldo brilha, o galhardete voa,
 E a musica observando os pontos d'arte,
 Em doces rithmos pelos ares soa:
 Canta a trombeta de hũa, & d'outra parte,
 Segunda vez o bronze o mundo atroa,
 Ve-se do Tejo o pelago salgado
 D'almas cuberto, de bateis murado.

36.

Chegaõ á Nao, que o Regio fausto encerra,
 Onde os supremos Reys se despediraõ,
 Quando apartados, em festiva guerra
 Longe os metais terceyra vez se ouviraõ:
 Os Remadores vem vogando a terra
 Com Pedro, & Affonso, a quem os mais seguiraõ,
 Buscando a alegre praya, aonde a gente
 Formava junto ao mar hum mar vivente.

37.

Do Deos Nocturno a Esposa tenebrosa
 O manto ja nos ares estendia,
 E a noyte com o dia duvidosa
 As primeyras reliquias confandia:
 Quando com pompa excelsa, & luminosa,
 Brilhava o Tejo, o mar resplandecia,
 Vendõ-se dos metaes às vivas fraguas
 As ondas fusilar, arder as aguas.

Pe-

38.

Pelo sereno ar da sombra escura
 Vagaõ cruzando os humidos extremos
 Varios bateis, que abrindo aprata pura,
 O Rio ferem com paufados remos:
 Onde a harmonia, & metrica doçura,
 De instrumentos, & canticos supremos,
 Era em doces, & acordes sustenidos,
 Prisaõ ás ondas, Remora aos sentidos.

39.

A tristeza dá noute desmentida
 Nestas, & noutras festas deleytofas,
 Da matutina Luz a nova vida
 Já a pagava as estrellas luminosas:
 A Aurora de ouro, & purpura cingida
 Revestindo jasmins, toucando rosas,
 Entre lagrimas, rizos, & esplendores,
 De perolas cobria as tenras flores.

40.

Quando Huns as graves ancoras levavaõ,
 Soltando as redeas aos nadantes pinhos,
 Outros na gavea aos ventos despregavaõ
 As brancas azas dos volantes linhos:
 Já dos mastros as velas se afastavaõ,
 Já a proa abria os tumidos caminhos,
 E branda a viraçaõ, galeino o vento,
 Já sahiaõ com manso movimento.

Quan-

41.

Quando o fero Plutaõ no mesmo instante
 Convoca os negros Numes do Profundo,
 Ao metal applicando retumbante
 Da denigrada boca o alento immundo:
 Tremeo o Abismo ao brado penetrante,
 Revolveo-se ao clamor o Mar profundo,
 Ao terremoto o Averno abortou logo
 A bruta multidaõ envolta em fogo.

42.

Rayo não rompe o ar tão estrondoso,
 Trovaõ não mais atroa os Ceos primeyros,
 Hum fulminando o centro cavernoso,
 Outro abalando os orbes derradeyros;
 Como o final da tuba temeroso
 Erguendo valles, derribando outeyros,
 No duro som, no estrepito iracundo,
 Fez confundir a machina do Mundo.

43.

Nos altos orbes o clamor gemendo,
 Retumba pelas inferas moradas,
 Como soar costuma o mar batendo
 Nas maritimas rochas levantadas:
 Quando da trompa irada ao som tremendo
 Logo se vem as Infernaes estradas
 Cheas de estranhas Sombras, que as cavernas
 Do escuro centro habitaõ sempiternas.

De

44.

De Espiritos crueis o ar coberto,
 (Tenebrosas Legioens d'Auras viventes,)
 De Cocyto furcava o rumo incerto
 A multidaõ das Sombras apparentes:
 Onde o Cerbero as fauces tendo aberto,
 Delles bebia as funebres correntes,
 Cujo tropel rompendo a nevoa fria
 Vaga regioens, que nunca illustra o dia.

45.

No centro da infernal concavidade,
 Rompendo o coração da terra occulto,
 Se ajuntou logo a horrenda Potestade
 Em densa turba, em férvido tumulto:
 O Rey feroz despreza a Magestade,
 Só da vingança trata cego, & estulto,
 Fulminando com rabida aspereza
 Dos turvos olhos Rayos de fereza.

46.

Alli bramando em horridos fremidos
 Do coração cruel a furia exprime,
 Como o Libreo, que em huyvos, & latidos,
 Explica a sede atroz, que o fere, & opprime;
 Ou qual Leaõ, que em asperos rugidos
 Lamenta prezo o coração sublime;
 Ou qual ferido Touro, que escumando
 Vay o ar a mugidos atroando,

De

47.

De escuro affombro o Vulto dilatado
 Occupa ós ares, qual immensa roca,
 Mongibello ostentando-se animado
 Nos fumos, que exhalava a negra boca:
 De turva chama, ou de atra luz croado
 Com a fronte a regiaõ suprema toca,
 Intentando abraçar por desafogo
 Effes celestes circulos de fogo.

48.

Naõ pende o Calpe de eminencia tanta,
 Nem penha mostra o mar de tanta altura,
 Nem tanto o monte Atlante se agiganta,
 Como occupava o ar delle a estatura:
 Qual terrestre vapor, que ao Ceo levanta
 De vulto denso excelsa architectura,
 Tal o Monstro, que o ar escurecia,
 Na machina disforme parecia.

49.

Depois de hum breve espaço estar suspenso,
 Revolvendo na mente a acçaõ, que admira,
 Da vista scintilando fogo intenso,
 Pelo vasto tumulto os olhos gira:
 Em tanto hum rouco som, susurro extenso,
 Que formava da Turba a cruel ira
 Vagava pela sala tenebrosa
 Em barbaro clamor, furia espantosa.

50.

A horrenda voz apenas arrancando,
 Mal a primeyra fillaba organiza,
 Quando o Infernal bolicio foy cessando
 Ao formidavel tom, que atemoriza:
 Qual trovão, quando as nuvens vem rasgando,
 Que a soberba dos montes tyraniza;
 Assim da voz o asperrimo rebate
 Do Averno as penhas de feu cume abate.

51.

Altos Alentos, diz, que do profundo
 Deste horror, que habitais, sois Potestades:
 Columnas, onde o Reyno Averno fundo
 Contra o poder das mesmas Divindades:
 Porém que digo? nada sois, que o mundo
 Já não respeyta as vossas dignidades,
 Que em fim he tal a vossa negligencia,
 Que deyxais ultrajar tanta excellencia.

52.

Como daquelle altivo pensamento,
 Que vos deu vossa origem, já esquecidos
 Soportais que vos tenha o humano Alento
 Oppressos, ultrajados, & abatidos:
 Eya pois, & de oprobrio taõ violento
 A vingança tomay enfurecidos,
 Oh mais não possa, não, que o Sobérano,
 A qualidade vil do lodo humano.

H

Jã

53.

Jà vos representey o dano activo,
 Que em comum prejuizo a nós se segue
 Do presente Hyminéo, que tão festivo
 Hoje com Portugal Anglia profegue:
 Que atenção, que respeyto, ou que motivo
 Há, que em tal caso as iras vos socegue?
 Pois ás vastas regioens do eterno Luto
 Deyxais perder o solito tributo.

54.

Lembrame que Hum de vòs soberbo, & ufano,
 Tres vezes com altivo pensamento
 Ao mesmo Deos o laço armou do engano,
 Por conseguir o fim de occulto intento:
 E posto fosse duro o desengano
 De se não alcançar o vencimento,
 Tão grande foy de cometello a gloria
 Que a acção ficou eterna na memória.

55.

Se, pois, já contra os Ceos tão destemidos
 Vos armastes, tentando o Omnipotente,
 Como agora sofreis ficar vencidos?
 E de quem? que labeo! da humana gente!
 Ah como vos contemplo já esquecidos
 Daquelle heroico brio, impulso ardente;
 Com que bravos, intrepidos, & duros,
 Lá combatestes os celestes Muros.

Que

56.

Que causa, pois; que estímulo mais justo
 Pòde haver, que á vingança vos exhorte,
 Que ver ao Homem com valor robusto
 Hoje triunfar de nòs de toda a sorte?
 Naõ será assim, por este cetro Augusto
 Que ha de ver como vibro o braço forte,
 E aqui batendo o cetro, furibundo,
 De estrondo encheo os ambitos do mundo.

57.

Ao terrível clamor cheyo de espanto,
 Dobrado no penhasco cavernoso,
 Estremeceo a baze do Erymanto,
 Mil feras abortando de medroso:
 Ouvio-o o Nilo, o Gange, o Tygre, o Xanto,
 E o curso suspenderaõ caudaloso,
 E os Dragomens, que no Estigio se alvergavaõ,
 Mais pelas grutas dentro se entranhayaõ.

58.

Qual do cavo metal, que resolvendo
 O pó sulphureo em atomos ligeyros,
 O horrifono clamor vay discorrendo
 Pelos cercos do mundo derradeyros:
 A mais remota gruta o estrondo enchendo,
 Aballa torres, muros, Ceos, & outeyros,
 E o monte, a que atroou o horrendo brado,
 Retumba em quanto passa o eco irado.

59.

Assim o trono do bastão ferido,
 O estrepito vagou por todo o Inferno,
 Os muros lhe abre o asperrimo bramido,
 Retumbando no vacuo mais interno;
 Gemendo nas cavernas o zonido,
 A' furia estremeceo o firme Averno.
 Note-se agora neste estranho ensayo,
 Se fáz isto o trovaõ, que fica ao Rayo?

60.

Taõ medonho ficou, taõ estupendo,
 Que o coração feroz ardendo em ira,
 Dous Infernos nos olhos acendendo,
 Como Cometas dous, os volve, & gira:
 Os dentes cruza, & o collo retorcendo,
 Contagios da truncada voz respira,
 E a boca immunda, que blasfemias falla,
 Hum Mongibello em cada alento exhala.

61.

Naõ tanto o Ethna em feryidos rumores
 Do coração respira o igneo alento,
 Inundando de fétidos vapores
 As ethereas regioens, que occupa o vento;
 Que em negros fumos, pallidos ardores,
 (Lutos do Ceo, horror do Firmamento)
 Eclipsando os celestes Luminares,
 Perturba os Orizontes, cega os ares.

Nem

62.

Nem tanto os meteoros fuzilantes
 Por bocas de confusos Horizontes,
 Acendendo as esferas obumbrantes,
 Fragoas vomitação, que fomenta Brontes;
 Como Plutão das fauces palpitantes
 Lançava o fumo em veos, o incendio em montes,
 Por cujo estranho horror se estava vendo
 As entranhas cruéis do Monstro horrendo.

63.

Entre o fardido humor, que vomitava,
 Do peyto irado serpes abortando,
 Em rouca voz blasfemias susurrava,
 Fel revolvendo, escumas mastigando:
 Da barba, que em torrentes lhe inundava
 O peyto horridamente venerando,
 Enche a nervosa dextra, & ardendo em furia
 Assim blasfemo rayva em tanta injuria.

64.

Que sofra eu tal, & ás mãos não tome o paro
 Alcaçar, donde mana o luzimento,
 Quebrando desse luminoso muro
 Os eyxos, em que gira o Firmamento!
 Como a meu odio o mundo está seguro,
 Que o não trague o seu proprio fundamento
 Ou que ás mãos cheyas por mortal desmayo
 Lhe não fulmine em cada estrella hum Rayo.

H 3

Que

65.

Que a tal infâmia chegue a natureza
 Mais pura, & superior que o Ceo gerado
 Tem do mundo na larga redondeza!
 Ou nesse orbe de estrellas matizado!
 Que se atreva a nos pôr em tal bayxeza
 Hum limo vil, hum lodo desprezado!
 E que Espiritos taes por nossos danos
 Hajaõ de ser celestes sendo humanos!

66.

Naõ será assim, que se desconto admite
 Tão grave dor, (repete o horrendo Pluto)
 Eu farey com que lá se precipite
 Toda a Armada no centro nunca enxuto:
 Que inda que a tanto mal taõ sem limite
 O castigo mayor he diminuto,
 Por vingança do nosso dano eterno
 Hoje se ha de acclamar triunfante o Inferno.

67.

Dayme, pois, atençaõ, meus Companheyros,
 E atentos consultay o que resolvo,
 Votando, como expertos Conselheyros,
 Na empreza, que na mente agora envolvo:
 Como astutos, sutis, sabios, guerreiros,
 Obray o mal, que nesta acção dissolvo:
 Aqui da voz pendendo o Ajuntamento,
 Nelle embebido estava prompto, & atento.

68.

Suspenso por hum pouco a fronte inclina,
 (Ao pavimento escuro a vista entregue)
 E como quem consulta o que imagina,
 O collo levantando assim profegue;
 A fer agora Authores da ruina
 Já mais vista nenhum de vòs se negue,
 Soltayvos por vingar tantas injurias
 Em fortes ventos, em bramantes furias.

69.

Naõ tanto o fogo, a agua, a terra, o vento,
 Bravos mover se vejaõ guerra ao mundo,
 Quanto solto em tormentas vossò alento
 Soverta logo as Naos no mar profundo:
 Seja taõ fero o impulso, taõ violento,
 Que revelando o nunca visto fundo,
 Ao furor do combate embravecido
 Hoje o mar com o Ceo se veja unido.

70.

Affim propoz; & d'entre o vaõ Tumulto
 A's esferas levando a excelsa fronte
 Hum se foy levantando horrendo Vulto,
 Representando de soberba hum monte:
 Arranca em grosso tom do peyto occulto
 A voz, que fez tremer todo o Orizonte,
 A vista funeral, o aspecto escuro,
 Estupendo de mãos, de membros duro.

71.

Dizendo, ò Tu Monarcha, se do Averno
 Com mando superior tens a regencia,
 Deste Imperio occupando o grao superno,
 Sendo entre nós suprema Inteligencia;
 Se em ti librado está todo o governo,
 Que mais reposta esperas que a obediencia?
 E assim no que nos mandas consentimos,
 E o teu preceyto a executar partimos.

72.

Disse; & qual vago fumo, que do ardente
 Exercito nos ares se condensa,
 Que faz que a luz salitreia escassamente
 Se divise entre os veos da nuvem densa;
 Tal rebentando a Turba de repente,
 Envolta em negro fumo a sala immensa,
 Por entre o pò sulphureo, que obumbrava,
 A luz dos que estouravaõ fuzilava.

73.

Entre fumos, incendios, & clamores,
 Se arrebara o Tumulto sempiterno,
 Ao Chaos de horror multiplicando horrores,
 Em novo Inferno pondo o mesmo Inferno:
 Em negro pez, em fetidos vapores,
 Fumegando fervia o Lago Averno,
 Cuja nevoa cobrindo os montes broncos
 Matava as aves, & secava os troncos.

Em

74.

Em roucos ecos, fervido betume,
 Se altera o Lethes, brama o Phlegethonte,
 E o vapor mais voraz que o mesmo lume
 Corrompe o ar, de horror cobre o Horizonte:
 O de Memphite ferve atro cardume,
 Vem-se os negros sepulcros de Acheronte,
 Inundante o Cocyto alaga o Averno,
 Soverte-se em si mesmo o mesmo Inferno.

75.

Denegridas áreas revolvendo
 O Estygio, das fataes concavidades
 Em sulphureos relampagos fervendo
 Exhala ao ar ardentes tempestades:
 Onde chamas, & ondas envolvendo
 Repugnavaõ contrarias qualidades;
 Qual o incendio, que em ondas inimigas
 Se ouve estridar por aridas espigas.

76.

Com impulso feroz, violencia fera,
 Rayos de ira dos olhos fulminava
 Entre as crueis Irmãas a atroz Megera,
 Bramando cadaqual com furia brava:
 O fero Rhadamantho, a quem venera
 O Reyno de Plutaõ, que o Averno lava,
 Em bramidos soltava o irado alento,
 Incitado da dor de seu tormento.

77.

O robusto Charon, que inda excedia
 Na disforme estatura a Polyphemo,
 Charon, que do Cocyto o vao feria
 A duros golpes do pezado remo;
 Opposto ao Ceo os Deoses desafia
 Com ignorante furia, nescio extremo,
 Ficando nesta raiva taõ medonho,
 Como horrenda visãõ de hum triste sonho.

78.

Com danado clamor por derradeyro
 O Cerbero sentindo injurias tantas,
 Com fome dos Mortaes, cruel Rafeyro,
 Juntos dava huyvos tres por tres gargantas:
 Qual o faminto Lobo carniceyro
 A' roda do redil movendo as plantas,
 Ao rebanho, a que mura a rede avara,
 Huyvando a bruta sede lhe declara.

79.

Neste tempo ja hia alegre a Armada
 Cortando altiva, ufana dividindo
 Do ameno Tejo a lamina salgada,
 Rompendo escumas, & cristaes partindo:
 A sopros do Favonio a vela inchada
 De arminho os grossos troncos revestindo
 Cobria de trofeos o falso argento,
 Dando doces ao mar, pendoens ao vento.

O Mel-

80.

O Mestre vendo os ventos , que assoprando
 Cadavez mais nas arvores gemiaõ,
 E que as aguas , que vinhaõ já engrossando,
 Turvadas pouco a pouco a cor perdiaõ,
 Lá para a barra os olhos dilatando,
 Nota hũas nevoas , que do mar se erguiaõ,
 Os claros Orizontes escondendo,
 Nublando o Ceo , o ar escurecendo.

81.

Das gayeras colher manda o largo pano,
 E amaynar juntamente agrande vela,
 Dizendo , alerta , que se não me engano,
 Sobre nõs vem horrifona procela:
 Haja , pois , prevençaõ antes que o dano
 Nos assalte antepondo-se á cautella,
 Não se despreze o risco , que he grande erro,
 Demos fundo outra vez , deytemos ferro.

82.

Correm logo os robustos Marinheyros,
 E constringidos do temor presago,
 Huns mais que os mesmos Aquilos ligeyros
 Colhem as azas ao madeyro vago:
 Outros movendo rigidos madeyros,
 Ferem com graves ancoras o Lago,
 Cadavez mais os ventos assoprando,
 Vem pouco a pouco os mares levantando.

Quan-

83.

Quando ao dubio candor, de que costuma
 Armar a Aurora os thalamos do Oriente,
 Cahindo os ventos vem com força summa
 Sobre o mar, que se altera em continente:
 O mar bramando verte negra escuma,
 As ondas se escurecem de repente,
 Os orbes sentem subita mudança,
 Os ventos mostraõ contra o mar vingança.

84.

Mostrou o Sol tres vezes o semblante,
 E tres a noyte o Vulto tenebroso,
 Em quanto de Eulo o impulso devorante
 Aos mares deu combate proceloso:
 O vento não cessava hum breve instante,
 Mas cada vez crescendo mais furiozo
 Intentava com impeto iracundo
 Soverter toda a machina do mundo

85.

Mas Ursula, que o bem da Ingleza gente
 Sollicita, & zelosa pertendia,
 Benevola atendendo ao risco urgente,
 Em que a Augusta Rainha entaõ se via;
 A voz soltando ao Padre omnipotente,
 A voz; que já elevada a fantasia
 Por conceytos da mente no alto Objecto
 suspenza estava em seu profundo affecto.

86.

O' sacro Sol, lhe diz, mais que o Sol puro,
 Da terra, mar, & Ceo Senhor superno,
 Gloria ineffavel do celeste Muro,
 Increado, Infinito, Immenso, Eterno;
 De cujo braço treme o Reyno escuro,
 Acujos pés se poltra todo o Inferno,
 Olha que a teu poder, & a meu desejo
 De furia armado todo o Inferno vejo.

87.

Tu, pois, alto Esplendor do Empyreo assento.
 Que nas ideas de ti mesmo escrito
 Dos Astros vés o incluso movimento
 Dentro em seu mesmo circulo prescrito:
 Tu, que penetras só co pensamento
 Quanto comprehende este Ambito infinito,
 A teu supremo Culto atende, & acode,
 A quem sem teu auxilio nada pôde.

88.

Affim orava; quando o immenso Objeto
 Soltando o alento lhe responde ao rogo;
 O alento, que produz do proprio affeto,
 Do affecto, que arde no seu mesmo fogo:
 Amada Filha minha, Eu vos prometo,
 Pois tanto me obrigais, que vejais logo,
 Tanto que o Ceo mostrar o Rayo ardente,
 Ir as ondas surcando a vossa gente.

E Aquele

89.

E Aquella, que inflammada d'alto intento,
 Tem ás ondas entregue a vida amada,
 Onde a conduz seu digno pensamento,
 Vos prometto que seja em paz chegada:
 E entronizada lá no Regio affento
 Com virtude a vereis taõ sublimada
 Que a seu exemplo, & instancia soberana,
 Carlos a Fé protestará Romana.

90.

A Fé Romana crendo, & publicando,
 Seguirá de meu Rito o claro norte,
 Quando da vida ás clausulas chegando
 Lhe for vida immortal a mesma morte:
 Donde, qual Aguia ao Sol, aos Ceos voando
 Aqui entrará por esta Empyrea Corte
 Fermofo, puro, candido, & luzido,
 Coroado de esplendor, de luz cingido.

91.

A' vista deste exemplo reduzindo
 Se irá parte da Gente Protestante,
 Pelas sacras bandeyras ir seguindo
 Da Catholica Igreja Militante:
 Esta ao mais alto numero subindo.
 Sendo das minhas leys sempre observante,
 Virá com mais fervor, com fé mais rara
 Toda Anglia á santa obedecer Tiara.

Assim

92.

Affim, Filha, se de onze mil Estrellas
 Esta Corte esmaltastes cristalina,
 Se vòs onze me destes mil Donzellas,
 Hum Reyno me ha de dar só Catherina;
 Porèm isto será depois que aquellas
 Prisoens humanas d'alma peregrina
 Ella tiver quebrado, & dissolvido,
 Pagando á morte o transito devido.

93.

Em tanto da Anglicana Monarchia
 Com governo exemplar serà regente,
 Em quanto o polo adusto, & a zona fria
 Cinco lustros girar o Rayo ardente;
 Tè que ás precisas leys da Parca impia
 Se voltará Viuva ao patrio oriente,
 Buscando aonde teve o nascimento,
 Qual Sol; que acaba o giro, o monumento.

94.

Estas razoens formando; eis quando logo
 Com a suave voz; que tudõ cria,
 Convoca cinco Espiritos de fogo,
 Aquem Miguel no posto preferia:
 Por dar satisfação da Santa ao rogo
 Solta avoz, que em aromas se envolvia,
 A voz, com que dos Ceos o giro ordena,
 Os ares purifica, o mar serena.

95.

O' Vos, que sem materia procreados
 Sois do amoroso alento, que respiro,
 Que tronos fabricando-me abrazados,
 Me rodeais em luminoso giro;
 Baixay á terra, & os Vultos rebelados
 Ao seu afugentay negro retiro;
 Porque de tanto horror limpos os ares,
 Navegue a Armada Ingleza logo os mares.

96.

Diffe; & logo os Espiritos ardentes
 Pelos golfos diafanos bayxavaõ,
 No ar batendo as azas refulgentes,
 Que astros vertiaõ, Soes reverberavaõ:
 Quando as salas do Ceõ se vem patentes,
 De luzes as esferas se inundavaõ,
 As nuvens se ostentavaõ Firmamentos,
 Brilhavaõ com mais lustre os Elementos.

97.

Os mantos pelos ares desatados
 Em nuvens se estendiaõ tremolantes,
 Os mantos; que mostravaõ ser banhados
 No fulgor das Imagens scintilantes:
 No vento os cinco Espiritos alados
 Cinco Orientes formavaõ rutilantes,
 Pelas esferas vendo-se sombrias
 Voar Ceos, correr Soes, & cahir Dias.

198.

Miguel, que do candor do Firmamento
 Azas forma, que esmalta de esplendores,
 Humana forma de humido Elemento;
 A' vista ostenta armado de fulgores;
 Do semblante exhalava hum luzimento,
 Que á vista tira a luz; ao Sol dá ardores,
 Qual pulido cristal; se á luz se chega,
 Que os sentidos perturba; a vista cega.

199.

Quando o celeste Nuncio, que retrata
 No rosto juvenil verdor sublime;
 Em dobrados grilhoens a Lusbel ata,
 Com que a soberba vaã lhe doma, & opprime:
 Vendo que aos Ceos blasfemo defacata,
 No horrendo collo o sacro pé lhe imprime,
 E tendo-o á tenra planta alli fugeyto,
 Co a lança lhe atravessa o irado peyto.

100.

Em tanto andavaõ co tropel danado
 Os outros Paranympfos contendendo,
 Quando Lusbel do golpe exasperado
 Hum bramido soltou profundo, & horrendo:
 Parou a negra Turba ouvindo o brado,
 E por hum pouco a furia suspendendo,
 Erguendo ferras, montes derribando,
 Huns com Outros se vaõ atropellando.

101.

Menos clamor se ouvio nos Orizontes,
 Quando ás mãos de sacrilegos desmayos
 Se vio subir ao Ceo a terra em montes,
 O Ceo se vio cahir na terra em rayos:
 Onde em combate atroz de altivas fronteſ,
 De outro Chaos o Univerſo tendo enſayos,
 Montes ao Ceo vibrava Centimano.
 Contra os rayos de Jove ſoberano.

102.

Nem tanto quando Hypotedes com dura
 Força derriba a cavernoſa ſerra,
 Que rebentando da prizaõ eſcura
 Os ventos, vem movendo ao mundo guerra;
 Como dos Vultos vãos a aura impura
 Em furias ſolta foy varrendo a terra
 Com tal furor, que em terremoto horrendo
 Montes, & mares foraõ revolvendo.

103.

Ficaram mudos os nocturnos ares,
 No ſeu ſilencio a noyte adormecida,
 Scintillantes os puros Luminares,
 Sereno o Ceo, a terra emmudecida:
 Clara Lucina, armonicos os mares,
 Toda a mais natureza ſuspendida,
 Só Alcione ſe ouvia em queyxa varia
 Na muda praya, area ſolitaria.

CAN.



CANTO V.

ARGUMENTO.

A S velas solta a Armada alegre aos ares,
 E insistindo Plutaõ no antigo intento
 Falla a Protheo, & Este ao Rey dos mares,
 Para que altere o liquido Elemento:
 Neptuno de Protheo vendo os pezares,
 Dar ás Naos determina fim violento,
 A's quaes marinho hum Monstro lhe apparece,
 Que as ondas turva, os ares escurece.

J à do Sol a celeste Mensageyra
 Aos porticos di urnos conduzia
 O purpureo candor, a luz primeyra,
 Que illumina a manhã, illustra o dia:
 Risonho o Ceo, a Aurora lisongeyra,
 Dourava o campo, as folhas revolvia,
 Corria o mar com manso movimento,
 Soava o o Tejo, & murmurava o vento.

2.

Quando o Piloto os duros Marinheyros
 Co apito, que retine, despertando,
 Manda levar aos concavos madeyros
 O ferro, & as velas dar ao vento brando:
 Eis huns çarpando as ancoras ligeyros,
 Outros promptos as velas desfutando,
 Já nas agoas se via, & nas estrellas,
 Nadarem lenhos, & voarem vellás,

3.

Das Torres, Fortes, Naos a artelharia
 Com festivo clamor os orbes fende,
 Da terra lhe responde a Infantaria,
 Como que em Marcio jogo se contêde:
 Quando o salitreo fumo encobre o dia,
 Tanto em sulphureos Soes o mar se acende,
 Que os duros bronzes, que Ethnas exhalavaõ,
 Formavaõ Dias, Soes multiplicavaõ.

4.

Já pelo Rio as nauticãs Galeras
 Dando ao vento vistosos galhardetes
 Das nuvens eraõ vagas primaveraes,
 Das ondas fugitivos ramalhêtes:
 De Juno pelas fluidas esferas,
 De Thetis pelos humidos tapetes,
 Pareciaõ (voando as Naos ligeyras)
 Nuvens as velas, Luas as bandeyras.

Do

5.

Do Tejo o grosso fluxo abrindo altivas
 Já das amenas prayas se affastavaõ;
 O vento, ao parecer, lhe dava vivas
 Nos sopros, que nos troncos respiravaõ:
 As trombetas em clausulas festivas
 Solfas de bronze aos ares defatavaõ,
 Dando em quebros sutis do doce alento
 Consonancias ao mar, tonos ao vento.

6.

Em quanto o Rio foraõ navegando,
 Na cava gruta de hum penhasco bruto,
 Onde sombrio o Tejo murmurando
 Ao mar levava o liquido tributo;
 A bella Lycia viraõ, que chorando
 Imitava o penhasco nunca enxuto,
 Que tão faudofo, & triste se mostrava
 Que a magoas, & a ternuras dividava.

7.

Em muda suspenção na margem fria
 Lycia, (na mão a face, & os olhos n'agoa)
 Com lagrimas o Tejo enriquecia,
 Adornava com perolas a magoa:
 Tè que soltando a voz, assim rompia
 Do emmudecido peyto a ardente fragoa:
 Fermofo Tejo, o teu cristal suspende,
 Hum pouco para, à voz mais triste atende.

Como te vejo a ti, tu a mim contente
 Me viste já logrando hũa alta gloria;
 Mas oh que vejo em termo diferente
 Presente a tua, a minha transitoria:
 Tu possues alegre o bem presente,
 Eu de hum logrado bem tenho a memoria,
 De hum já logrado bem, mas já perdido;
 Gosto passado, dano possuido.

Mas se risonho agora a pompa ostentas
 Por decreto feliz do brando Estio,
 Lá verás as bonanças em tormentas
 A's rigorosas leys do Inverno frio;
 Pois do caduce Outono ás mãos violentas
 Em turvo mar se torna o claro rio,
 Que o tempo, quando o seu furor fulmina,
 Faz na pompa mayor, mayor ruina.

Se em ti na minha dor fora possível
 A minha alma informar, Penhasco duro,
 Verias, tendo affectos de sensível,
 Qual era aos golpes mais constante muro:
 Mas o cristal, que manas aprazível,
 Ah como ser parece pranto puro,
 Semelhante exemplar da minha pena,
 Que ás lagrimas, que vertes, te condena!

11.

Oh não te fies nessa clara fonte,
 Nem nos doces cristaes , que te recreaõ,
 Nem nas plantas , doces da tua fronte,
 Nem nos favonios , que te lifongeaõ,
 Ou nessas aves, musicas do monte,
 Ou nessas flores , que te galanteaõ,
 Porque cedo verás trocada em magoa
 A flor , a ave , a planta , o vento , a agoa.

12.

Que estes , que manas , liquidos candores
 Logrando de seu fausto a idade breve,
 Lá de Janeyro aos asperos rigores
 Se tornarãõ cadaveres de neve:
 Pois quando o tempo armado de furores
 De Flora ás jurdiçoens voraz se atreve,
 Das suas pompas alternando as horas
 Troca em luto os arminhos das Auroras

13.

Essas plantas , que à tua Magestade
 Tecem doces , em que o teu bem se alista,
 Emprezas haõ de ser da tempestade,
 Funestos espectaculos da vista:
 Se as ves plumas de Abril , pompas da idade,
 Lá feraõ quando o Inverno lhe resista,
 Despojandolhe o vento os broncos membros,
 Lamentaveis ludibrios dos Dezebros.

14.

Essas Aves , que em clausulas sonoras
 São armonicas linguas das florestas,
 Se hoje clarins se ostentaõ das Auroras,
 Surdinas a manhaã seraõ funestas;
 Pois durandolhe o gosto breves horas,
 Seraõ pranto as cançoens , & luto as festas,
 Sendo o canto , que foy do bosque agrado,
 Do Caminhante agouro , horror do prado.

15.

Esse Favonio , se em cortez porfia
 Com brandos tactos , osculos lascivos
 Te liba namorado a face fria,
 Seus sopros te haõ de vir a ser nocivos:
 Pois quanto Abril te exalta neste dia,
 Os Notos lá no Inverno successivos
 Seraõ com fero horror , com giro vago
 Da tua ostentaçaõ furioso estrago.

16.

Essas tenrás Ephimeras , que a Aurora
 De transparentes pérolas matifa,
 São mortalthas de grãa , sobre as quaes chora
 O Ceo , que breve a duraçaõ lhe avisa:
 Nota a Rosa , tropheo da bella Flora,
 Que hum livro de escarmentos se divisa,
 Mostrando hum epitafio em cada folha,
 Onde a vaidade defenganos colha.

17.

Se hoje este Rio cristalino estrado
 Te faz de seus diaphanos liquoeres,
 Amanhãa em si mesmo amortalhado
 Urna infausta será dos seus candores:
 Se hoje espelho se ve do alegre prado,
 Das feras suspenção, vida das flores,
 Será, quando inundar suas esferas,
 Das boninas naufragio, horror das feras.

18.

Se haõ de ser prantos, pois, desta agoa os risos,
 Se as plantas te haõ de ser horror constante,
 Se as aves nas cançoens te daõ avisos,
 Se te adula traidor hum vento amante,
 Se das flores os golpes ves precisos,
 Se turvo has de ver d'agoa o fluxo errante,
 Sirva à tua vaidade de escarmento
 A flor, a ave, o rio, a planta, & o vento.

19.

Eu já alegre vivi, já andey contente,
 Mas chorando hoje magoas, & faudades,
 Quanto de ti me vejo differente!
 Pois tu bonanças tens, eu tempestades:
 Tu logras o teu bem, que tens presente,
 Eu lamento do meu as solédades,
 Tu só boninas ves, eu vejo abrolhos,
 Pois nem a Luz já vejo dos meus olhos.

Com

20.

Com tudo parecidos nesta magoa
 A ambos nos faz ador, feroso Tejo,
 Tu nessa tua enchente, eu nesta fragoa,
 Tu no que abundas, eu no que sobejo:
 Tu te estás vendo em mim em hum mar d'agoa
 Eu em dous rios de agoa em ti me vejo,
 Ambos nos retratamos mutuamente,
 Tu nos meus olhos, eu na tua enchente.

21.

Mas ay, que quando essa agoa me retrata
 Nos espelhos gentis da prata viva,
 Ao verme no cristal da viva prata,
 Nella diviso ador mais excessiva:
 Pois vendo que igualmente se desfata
 Em pranto a minha sombra insensitiva,
 Sensível vejo a faz teu claro argento,
 Sò por me duplicar o sentimento.

22.

Aqui chorando sobre o meu retrato
 Sempre estarey atè que tomes brio
 Que engrossando-te o pranto, que desfato,
 Passes a mar, & deyxes de ser rio:
 Recebe os dous, que em mares dous dilato,
 Oceano será teu senhorio,
 E com elles regando os frescos lirios,
 Nessas margens verás nascer martirios.

23.

Ah como o cristal puro deffas lagoas
 Se me transforma em lamina serena,
 Onde parece grava as minhas magoas
 O tirano buril da minha pena;
 Pois em ti deste peyto vendo as fragoas,
 A que a ley da faudade me condena,
 Nesses espelhos de teus vidros gratos
 Tantos como ondas vejo á dor retratos.

24.

Affim pondero em ti hum claro indicio
 De nos unir em tudo a Sorte esquiva,
 Que o teu bem do teu mal he certo auspicio
 De te ser a Fortuna fagitiva:
 Mas bem que o Inverno, nunca a ti propicio,
 Da minha dor te faça copia viva,
 Te ha de remir a nova Primavera,
 Sermos em tudo iguaes ay quem me dera!

25.

Ay repetindo, o bello rostro inclina
 Sobre a maõ, alvo Atlante de esplendores,
 Onde do Sol o incendio se arruina,
 Mortas as luzes, pallidas as cores:
 Qual desmayada a candida bonina,
 Que enferma agonizando em seus candores,
 No paroxifmo ostenta da ternura
 Novo melindre, nova fermofura.

Tal

26.

Tal mais gentil em lamina sombria
 A Belleza se vio, quando impiedosa
 Lhe exprayou a afflicção na face fria,
 Ondas de neve por jardins de rosa:
 Cujos candor alento dando ao dia,
 Ao bello rostro deu cor taõ fermosa,
 Que, inda excedendo a mesma natureza,
 Foy o desmayo vida da belleza.

27.

Digaõ o mais os concavos rochedos,
 Que seus ays tantas vezes repetiram,
 Cujos ecos nos asperos penedos
 As mais doces ternuras exprimiram:
 Se as folhas linguas saõ dos arvoredos,
 Contem as ternas magoas, que lhe ouviram,
 Mas eu dissera o mais, se he que podera
 Peyto de pedernal ter voz de cera.

28.

Voz, ò fontes, & rios desatados,
 Na tersa ostentação dessas correntes,
 A's magoas, que lhe ouvistès, taõ callados,
 Só para as murmurar taõ eloquentes;
 Se effes pedaços de Cristal quebrados
 Saõ dessas agoas linguas transparentes,
 As lagrimas dizey, que lhe bebestes,
 Com que de rios mares vós fizestes.

E vós,

29.

E vòs, incultas serras solitarias,
 Se ao clamor dos seus ays enternecidos
 Fostes as mais fieis depositarias,
 Por lhos tornaes logo repetidos;
 Dizey as, que lhe ouvistes, queyxas varias,
 Contay os, que voando ao Ceo, gemidos,
 Fizeram soar queyxas no Orizante,
 Alma dando ao penhasco, voz ao monte.

30.

Os troncos, que abrandou com rogos puros,
 O mar, que suspendeo com vaõs clamores,
 Os, que com ays ferio, penhascos duros,
 As, que regou com pranto, tenras flores;
 Os, que a vozes moveo, montes seguros,
 Os ventos, que attrahio murmuradores,
 Digaõ tudo, publiquem pena tanta
 O vento, o monte, a flor, a penha, & a planta.

31.

Em tanto os curvos Lenhos impelidos,
 Do favoravel mar, dobrando vento,
 Se engolfavaõ nos gelos derretidos,
 Rompendo globos de ceruleo argento:
 Os toldos pelos ares estendidos,
 Vagas as caudas pelo Firmamento,
 Despregavaõ gentis, soltavaõ bellas,
 Nuyens aos ares, vendas ás estrellas.

Em

32.

Em furcos dezanove a illustre Armada
 Affim os hombros de Neptuno abrindo
 Fazia pelas ondas branca estrada,
 De espumosos grilhoens o mar cobrindo:
 Qual Cidade de pinho fabricada
 Em vagas torres se hia dividindo,
 Dando nas velas, que soltava aos ares,
 Doceis ás ondas, & pendoens aos máres!

33.

Já lá apenas as Naos appareciaõ
 Huns vestigios sutis representando,
 Que escassamente os olhos distinguiaõ,
 Quasi a vapor terrestre affemelhando:
 Quando os nocturnos veos já se estendiaõ,
 Retrato á confusaõ do peyto brando
 De Lycia, que em penosa soledade
 Mada estava nos Ermos da saudade.

34.

Em quanto a Monarchia scintillante
 Ao mundo se ostentou radiante, & aceza,
 Eclipsava de Lycia o peyto amante
 Nuvens de pranto, sombras de tristeza:
 Muda a ave no ninho, a Lua errante,
 Convidava a silencio a natureza,
 Dormia o mar, & repousava o vento,
 Só della em ays se ouvia o sentimento.

Com

35.

Com as puras Estrellas luminosas,
 Que com mudos reflexos lhe assistiaõ,
 Defafogava as ancias amorosas,
 Que osilencio da noyte interrompiaõ:
 Onde ás vozes das queyxas lastimosas,
 Que os penhascos em ecos repetiaõ,
 Fielmente lhe foraõ secretarios
 Na escura noyte os campos solitarios.

36.

Em quanto Soes alguns foy navegando
 Alegre a Armada o campo transparente;
 Prothéo os summos Fados consultando,
 Varias cousas revolve n'alta mente:
 Alli fataes segredos penetrando,
 Incitado de Pluto, em continente
 Quiz o golfo alterar, aonde a Armada
 Ficasse eternamente sepultada.

37.

Junto do mar á fúrias sempiternas
 Hum robusto penhasco exposto estava,
 Que aberto todo em lugubres cavernas,
 Atosca architectura ao Ceo levava:
 Lá nas concavidades mais internas
 O medonho Profeta se alvergava,
 Pacendo pelas tumidas areas
 Orcas, Delfins, Trizoens, Phocas, Baleas,

Entre

38.

Entre a copiã de brutos, que apacenta;
 Enchendo a cava gruta tenebrosa
 Carregado de cans Prothéo se ostenta
 Com semblante feroz, vista espantosa:
 Tal que no fero horror, com que apresenta
 Avaria forma aos olhos portentosa,
 Era por bronco, enorme, torpe, & feyo,
 De si mesmo pavor, dos mais receyo.

39.

Dalli sahio Prothéo, & ardendo em ira
 Se entranha pelo mais interno fundo,
 Donde o mar nasce, & aonde se retira,
 Mais que Scilla, & Carybdes furibundo:
 Chegando ao grande Reyno de Zafira,
 Que lá no centro existe mais profundo,
 Na melhor entra das azuis Cidadés,
 Que habitão as maritimas Deidades.

40.

Entra por hum Palacio cristalino,
 Onde em aureo docel, em régia sala,
 Se entronizava todo peregrino
 O Deos, a quem Nenhum no golfo iguala:
 Rendendolhe Prothéo obsequio dino,
 Qual violento trovaõ medonho exala
 Assim a horrenda voz do duro peyto,
 A cujo estrôndo o mar foy campo estreito.

41.

O Tu dos mares Rey, que o mar governas
 Por alto dom com mando omnipotente;
 Tu, que a bonança, & a tempestade alternas
 Com o aceno menor desse Tridente:
 Tu, que inundando as lobregas cavernas,
 Alteras este globo transparente,
 A cujos pés se postra, & te obedece
 Quanto o mar salga, & tumido humedece.

42.

Tu, que penetras com saber divino
 Os segredos, que occulta este emispherio,
 Regendo por decreto do destino
 Igual com Jove o dividido Imperio:
 Tu, que neste Universo cristalino
 Tens sobre todos nós o magisterio,
 Sendo em fim destes orbes de diamante
 Supremo Numen, Jove vigilante.

43.

Olha como com louco, & ousado extremo
 Cada vez mais soberbo o Ser humano,
 Dando as velas ao vento, á agoa o remo,
 Surca as tumidas ondas do Oceano:
 Ah que a sua ousadia he tal que temo
 (Como me dicta influxo soberano)
 Que inda por sua gloria, & nossa injuria
 Delles venha a ter medo a ondosa furia.

K

Se

44.

Se ves que o teu dominio desprezando,
 Sem temer o furor deste alto Imperio,
 Andar por todo o clima navegando,
 Vendo os ambitos de hum, d'outro Emispherio,
 Como deste Orbe tendo o cetro, & mando,
 Sofres, Senhor, que em nosso vituperio
 Padeça teu altivo pensamento
 Injurias taes de tão humildé alento?

45.

Sey eu que quando os Minyas atrevidos
 Profanaram teus lugubres altares,
 Aos furores dos Deoses offendidos
 Se viram nadar mares sobre mares:
 Tanto que de seus ambitos sahidos,
 Cobrindo os campos, transcendendo os ares,
 No concavo os meteram das estrellas,
 Envolvendo-se as nuvens com as velas.

46.

Pois se rasgaste entã do golfo as veas
 Por vingar taõ infanos desvarios,
 Enchendo as nuvens d'agoa, os Ceos de areas,
 Soltando mares, desatando rios,
 Como hoje o impulso a teu furor refreas,
 Que não metás no Ceo os mares frios?
 Como agora pacifico permites
 Que o mar caiba em seus humidos limites?

Naõ

47.

Não cuides, não, Senhor, que aqui te venho
 Buscar só pelo mal, que te redundá;
 Mas pelo dano igual, que também tenho
 Na perda, que a maior excede, & abunda:
 Pois perturbado o mar com tanto lenho,
 Inda cá nesta esfera mais profunda,
 Em que do mar se esconde este alto pego,
 O meu gado não pôde achar foffego.

48.

Se isto te não incita a impulso irado,
 Atende a teu respeyto soberano;
 Pois he contra as razoes do Regio Estado
 Que as tuas aras pize o povo humano:
 Mas porque nos segredos do alto Fado,
 Reservados ao tempo em nosso dano,
 Dês credito a mais altas ousadias,
 Te auspicarey profundas profecias:

49.

Nascer verás da origem desta Armada,
 Que taõ soberba vay o golfo abrindo,
 Esta região de velas povoada
 A's leys de teu Imperio resistindo:
 Aqual por seus commercios frequentada
 Ao Ganges será affombro, enveja ao Indo:
 Sendo jugos fataes deste Oceano
 As Naos do Portuguez, & as do Anglicano.

50.

Entre o guerreiro Inglez, & o Gallo áltivo,
 Taes guerras haverão neste emispherio
 Que, em sangue tinto o golfo succéssivo,
 Se verá roxo o cristalino Imperio:
 Onde em bravos trovoens de fogo activo
 (Dos rayos de Tonante vituperio)
 Verás, (acceso o mar em turvas fragoas)
 Abrazarem-se as Naos, arder as agoas.

51.

Disto a causa será ver-se chegado
 O Monarcha Anglicano ao sono eterno,
 Sem lhe ficar do thalamo sagrado
 Filho, que lhe succeda no governo:
 Onde entrando Jacob no Regio Estado
 Alucceder o Irmão no grao superno,
 Se affentará no Solio mal seguro
 Por violentar a Fé o povo duro.

52.

Mas no Franco paiz buscando abrigo,
 Protecção achará no Rey potente,
 Deste modo escapando do perigo,
 Que lhe ha de machinar a Ingleza gente:
 Porém dando-lhe França amparo amigo,
 Contra Anglia se armará com zelo ardente,
 Donde se ha de seguir em mar, & em terra,
 Entre as duas Naçoens continua guerra.

Em

93.

Em tanto Carlos, Rey da nova Hespanha,
 Falto de successor deyxando o Estado,
 Alta origem será de historia estranha,
 Que revelalla ainda não me he dado:
 Só te direy que para acção tamanha
 O Reyno Portuguez será buscado
 De Hespanha, Imperio, de Inglaterra, & França,
 Que tanto de seu braço se afiança

54.

E com razão, que o peyto Lusitano,
 A quem o largo mundo he prazo estreyto,
 Este teu vasto Imperio soberano
 Já todo a seu dominio tem fogleyto:
 Onde fazendo hum dano, & outro dano,
 A fim só de ultrajar o teu respeyto,
 Lá conquista com feytos singulares
 De Africa as terras, & do Oriente os mares.

55.

Olha que tão soberbo em fim se'alista
 Que se chama senhor com larga copia
 Do mar, navegação, & da Conquista,
 Arabia, Persia, India, & de Ethiopia:
 E o que de hum polo a outro polo dista
 Olha que elle já tem por terra própria,
 E sofres isto sem que o mar profundo
 Em seu ventre os sepulte furibundo?

K 3

Disse,

56.

Disse, & logo Neptuno ardendo em furia,
 A Eulo por Tritaõ manda recado,
 Que seu amigo o Rey da ondosa Curia
 Determina alterar o mar salgado;
 E por vingar contra ambos certa injuria
 Lhe pede que no mar logo ajudado
 Seja por elle, irando os Elementos,
 Os carceres abrindo aos bravos ventos.

57.

Não bem estas palavras proferidas,
 Pelo profundo mar Tritaõ estende
 O corpo nu, & as carnes denegridas,
 E os braços esgrimindo os mares fende:
 Coas duras mãos, coas unhas retorcidas
 Ferindo as ondãs, nellas fogo acende,
 Por hum cordaõ pendendo n'agoa, errante
 Do immundo collo o buzio retumbante.

58.

Não taõ veloz o rapido Milhano,
 Vago Bayxel não taõ ligeyro ao vento,
 Hum despregando as azas, outro o pano,
 O golfo furcaõ de hum, doutro Elemento:
 Como Tritaõ os orbes do Oceano
 Penetrou mais veloz que o pensamento,
 Té que chegou lá aonde o mar costuma
 Hum penhalco açoutar com negra escuma.

Huma

59.

Huma profunda alli caverna estava
 Taõ medonha, arruinada, horrenda, & escura
 Que tenebrosas noytes boccejava,
 Horror da luz, das sombras sepultura:
 Entrou, & lá chegando á estancia brava
 (Funesto coração da penha dura)
 Os varios ventos vio, & o Rey no meyo,
 Que tendo as redeas lhe apertava o freyo.

60.

Estes dentro na concava caverna
 Como touros indomitos bramiaõ,
 Onde sempre em discordia, & furia alterna,
 Bravos luctavaõ, rabidos gemiaõ:
 Quando Tritaõ A'quelle, que os governa,
 De cujo aspecto, & voz estremeciaõ,
 Os geolhos dobrando o alento exhala,
 E em curva inclinação assim lhe fala.

61.

Temido Eólo, a quem está sogeyto
 O vento, a agoa, o mar, o fogo, & a terra,
 A cujo esforço o mundo he campo estreyto,
 Pois com o alento só lhe fazes guerra:
 Pede-te o Rey do mar, que em bravo effeyto
 Soltes as furias, que esta gruta encerra,
 Sobre a Armada, que surca os mares largos,
 Como o fizeste já contra a Nao d'Argos.

62.

Disse, & severo Eólo a fronte inclina,
 Como o que se lhe pede concedendo.
 E em tanto a Armada a esfera cristalina
 Hia com vento prospero rompendo:
 A noyte já da casa de Lucina
 Bayxava, as negras azas estendendo;
 Eis na hora, em que o ar mais escurece,
 Funesta luz ás Naos longe apparece.

63.

Hora se via, & hora se occultava,
 Com vagaroso curso as Naos buscando,
 Onde se via rouco o mar soava,
 Pouco a pouco o rugido despertando:
 O mar fervia, a agoa se enrolava,
 Vertendo escumas, chamas alternando,
 Onde a gente confusa, abforta, & atenta
 Divisa em breve espaço alta tormenta.

64.

Que era hum Dragaõ já a vista percebia,
 Cuja horrenda cabeça ensangoentada
 Em limos prenhes de agoa se envolvia
 Sobre as tumidas ondas levantada:
 Co a verdinegra cauda o mar varria,
 D'escumas dilatando branca estrada,
 Dos olhos scintillava luz profunda,
 Lambe a vibrante lingoa a boca immunda.

65.

As ondas affoprando chega ao perto,
 E respirando alli funestas chamas,
 Fumos exhala do nariz aberto,
 Rasgando a boca, que circunda em flamas:
 Incha o peyto de conchas mil cuberto,
 Encrespa a espalda de asperas escamas,
 E a testa aberta em buzios, como abrolhos,
 Carregada lhe caê nos fundos olhos.

66.

Lança ás miseras Naos o Monstro impio
 Os olhos, que manchava em fogo, & sangue,
 Rayos vibrando pelo ar sombrio
 Dos dous brazeyros onde a vista languê:
 Por todos discorrendo hum temor frio,
 Quasi lheş deyx a o susto o corpo exangue,
 Vendo que os negros ares se cobriaõ
 Das faiscas, que os olhos produziaõ.

67.

Em trovões desatando o alento immundo,
 Larga o tremendo tom do peyto horrendo,
 Em ecos lhe responde o mar profundo
 A' voz, que foy assim desenvolvendo;
 O' Vòs, que sem teimer o negro fundo
 Deste profundo mar, que ides rompendo,
 Ousados o furcais, correis insanos,
 Tanto a pezar dos Deoses soberanos.

Que

Que loucura mayor, que atrevimento
 se vio no mundo igual, ò gente insana,
 Que fundar a esperança n'agoa, & vento,
 Que a tanto chega a ousada industria humana!
 Mas a illusão do vosso pensamento
 Como mortaes em tudo vos engana,
 Que até motores sois na acção presente
 Do mal, que sentireis perpetuamente.

69.

Mas para que não fique sem castigo
 A offensa das maritimas Deidades,
 Aqui perpetuo vos darey jazigo
 Nestas do mar fataes concavidades:
 A aparelhaivos ao mayor perigo,
 A ventos, a trovoens, & a tempestades.
 Nisto dando hum asperrimo bramido,
 Rompeo o mar com horrído zonido.

70.

Pelas cavernas vans do mar profundas
 Foy penetrando o eco retumbante,
 Cujas areas revolvendo immundas,
 Lançou hum pouco o mar mais adiante:
 Fez transcender as ondas furibundas,
 E tres passos a rocha dar constante,
 Ficando do bramido ao eco extenso
 Ensurdecido o mar, o Ceo suspenso.

71.

As agoas se turvaram de repente,
 Escuros se envolveram logo os ares,
 Em nevoas se abafou o claro ambiente,
 Bramidos deram longe os fundos mares:
 Os geolhos dobrando a Lusa gente,
 As mãos erguia aos puros Luminares,
 E enternecendo o Ceo com fé devota
 Lhe o ffrece altares, victimas lhe vota.

72.

Essa esfera ; paiz dos resplendores,
 Com densas nuvens enlutando os Rayos,
 Nos ares arrastrava negras cores,
 Capuzes dando à luz ; ao Sol desmayos:
 As estrellas causavaõ taes pavores,
 (De funestos cometas tendo ensayos)
 Que enferma cadaqual n'aura ; em que langue,
 Em vez de brotar luz , vertia fangue.

73.

Pallida a Lua horrores espalhava,
 E os candidos cabellos , que algum dia
 Sobre os montes , & valles defatava,
 Em tenebrosos lutos envolvia:
 Em nevoa ao mar o Ceo se despenhava,
 Em vapores ao Ceo o mar fobia,
 Viaõ-se as nuvens lá nos Orizontes
 Er rantes penhas, fugitivos montes:

Bem

74.

Bem como quando os barbaros Gigantes
 Sacrilegos ao Ceo fizeram guerra,
 Que para o assaltarem, de ignorantes
 Foraõ subindo ferra sobre ferra;
 Taes se viaõ as nuvens obumbrantes
 Desmentidas na cor de escura terra,
 Estampando nos campos diamantinos
 Alpes, Atlantes, Caspios, & Apeninos.

75.

As agoureyras, & nocturnas aves
 Na costa brava estavaõ lamentando
 Com funesto clamor auspicios graves,
 Futuro temporal pronosticando:
 Mudos os passarinhos nos suaves
 Ninhos brandos jaziaõ repousando,
 Temeroso habitava o alvergue rudo
 O ferino animal, o peyxe mudo.

76.

Quando o soberbo Hypotades soltava
 Do Hyperbóreo penhasco cavernoso
 Os bravos ventos, que em grilhoens ligava,
 A porta abrindo ao carcere horroroso:
 Já sibilando vem com furia brava,
 Com fero estrondo, impulso procelloso,
 Prostrando montes, arvores partindo,
 Erguendo a terra, o mundo confundindo.

O Nau-

77.

O Nautico Ministro, que sempre anda
 Examinando o ar com vista atenta,
 As nuvens nota de hũa, & d'outra banda,
 Pelos sinaes collige alta tormenta:
 Em continente as gaveas colher manda,
 E o traquete largar; & em tanto isenta
 Hia rompendo a Armada o golfo instavel
 Com mar tranquillo, & vento favoravel.

78.

Quando em suspenſa acção todos eſtando
 Nas palavras do Monſtro diſcorrendo,
 Entaõ para Duarte o Mello olhando,
 O ſilencio rompeo aſſim dizendo;
 Oh Ser da humanidade miſerando,
 Que o mar, & o vento, & até o Inferno horrendo
 Te he contrario, & ſe mais violencia houvera
 Contra tua fraqueza ſe puzera!

79.

Olha como o Demonio vigilante
 Das Almas ſe deſvela na ruina,
 Que inda não ſoſlegando hum breve instante
 Deſatar eſte vinculo machina:
 Mas o Ceo como em fim tão noſſo amante
 Favorece eſte nexo, em que deſtina
 Ao Reyno teu a mais feliz ventura;
 Pois della tanto eſtorvo he conjectura.

Ah

80.

Ah quanto a Plutaão doe, ah quanto o incita
 Ver Portugal com Anglia vinculado!
 Tres vezes seja Aquella, O' Ceos, maldita,
 Que o de Anglia perverteo taõ justo Estado,
 Duarte lhe responde: Naõ milita
 A visãõ com o rito em Anglia usado,
 Que ás vezes taõ estranhos accidentes
 Tem fins, dos que cuydamos, diferentes.

81.

O Mello lhe difere, porque as horas
 Da noyte em prevençoens vamos passando
 Com praticas do sono espartadoras,
 Contame de teu rito a historia; quando
 Duarte lhe responde. O que me imploras
 Te irey sumariamente relatando,
 Naõ pôr meu rito pôr em conferencia,
 Mas por te ser devida a obediencia.

82.

Eis quando hum Religioso, que alli estava,
 Dayme licença, diz, para que diga
 (Com a cabeça venia lhe tomava)
 O caso que o fervor dizer me obriga;
 Que eu vos prometo, (& aqui ao ar levava
 Os olhos) pelo Ceo, que nos abriga,
 Não faltar á pureza da verdade,
 Tãõ prezada da summa Divindade.

83.

Aplicados estando os Circunstantes
Ao que o Varão modesto contaria;
Quando em vozes mais claras que elegantes
Desatando a eloquencia, assim dizia:
Mas pàra, ó Musa, hum pouco, & em dissonantes
Quebros converte a doce melodia,
Que á historia, que lamento, á dor, que canto,
He armonia o mais discorde pranto.





CANTO VI.

ARGUMENTO.

DA perversão do Inglez a historia estranha
 Se refere; & entretanto o vento irado,
 Vindo sobre a maritima campanha,
 Em montanhas levanta o mar salgado:
 As Tagides gentis em dor tamanha
 O Deos buscaõ do mar, que em porto amado
 Depara ás Naos, que leva a salvamento,
 Alegre hospicio, & grato acolhimento.

I.

Começo a renovar, Senhor, a infanda
 Historia, diz, mas quem no sentimento
 Recordando a tragedia miseranda
 Dará a voz, sem que ador-lhe em bargue o alento?
 Ouvindo, pois, a acção mais execranda,
 Illustre General, discorre atento
 Se inda se vio tégora no Universo
 Caso mais torpe, feyto mais perverso!

2.

Já quinze vezes cento o Rayo ardente,
 Dourando de esplendor as Ursas frias,
 Tinha dado no globo refulgente
 Igual distancia ao circulo dos dias:
 Quando por alta ley do Omnipotente
 Senhor do mundo, Author das monarchias,
 Ao Reyno Inglez, que a Arturo lamentava,
 Henrique outavo as redeas tenteava.

3.

Henrique, aquelle sabio, cujo estudo
 Do vaõ Lutero os dogmas refutando,
 Foy columna da Fé, da Igreja escudo,
 Seu culto defendendo, & acreditando:
 Aquelle, que, qual Lince, douto, & agudo
 Os divinos mysterios penetrando,
 O pezo sustentou, mais raro Atlante,
 Da Catholica Igreja militante.

4.

Mas a Este, que ser devia empreza
 De hũa fera voraz, de hum rayo forte,
 O dom, que lhe negou a Natureza,
 Lho veyo a dar injustamente a Sorte:
 Por cuja causa a Monarchia Ingleza
 Seguindo d'outro rito o cego norte,
 He hoje com perversa apostasia
 Centro do vicio, fonte da heresia.

L

Pois

5.

Pois ficando por morte intempestiva
 Do alto Rey seu Irmão, chamado Arturo,
 No governo Real, na fiede altiva,
 Herdeyro entrou, ilhe succedeo de juro:
 Ah morte em tudo injusta, em tudo esquivada!
 Executora atroz do mal futuro!
 Como alternando ays, causando queyexas,
 Troncas o cedro, a inutil cana deyxas?

6.

Poupas os troncos, cortas as boninas,
 Deyxas o espinho, a rosa levas pura,
 E chamaõ-te inda igual no que arruinas,
 Sendo no que devoras taõ perjura!
 Diga-o, pois, Anglia, se de igual te dinas
 No Rey, que lhe levaste, ò Morte dura,
 Origem de seu mal, seu damno infausto,
 Porque hoje observa heretico holocausto.

7.

Arturo falecido, a Espósa bella
 Dos Catholicos Reys augusta Rama
 Por causas, que não sey, ficou Donzella,
 Como murmura vulgarmente a Fama:
 Donde o Inglez receando que Castella
 Lhe perturbasse a paz, que tanto se ama,
 Ao proveyto comum do Reyno atento,
 Entre os Cunhados trata o casamento.

8.

O caso se disputa em conferência,
 Os Sabios se convocão mais peritos,
 Consulta-se a Theologica sciencia,
 Dos Doutores conformão-se os escritos:
 Delles vendo o Pontifice a coherencia,
 Ao rigor os escrupulos restritos,
 E atentas as razoens, que o caso envolve,
 Na dispensa do Thalamo resolve.

9.

Casados, pois; de Henrique, & Catherina
 Unica ao Reyno, & unica em belleza,
 Nasceo Maria, aquella peregrinal
 Prenda do Amor, primor da Natureza:
 Mas como nos abilmos da ruina
 Vem a cahir a pompa da grandesa,
 O caso succedeo da Mãe mesquinha,
 Que de morta tornou a ser Rainha.

10.

A culpa foy de amor, mas tão crecido
 O mal se vio, que nunca incendio estranho
 De hũa leve faisca procedido
 Damno mayor, estrago fez tamanho:
 Se hũa faisca he tal, ô Deos Cupido,
 Tu pois, que todo es fogo, como estranho,
 Que sejas, abrazando os Emispherios,
 Damno dos Reys, ruina dos Imperios?

II.

Tu lá de Troya foste a chama indina,
 Tu lhe deste a beber da morte o trago,
 Hoje tão sepultada na ruina,
 Como eterna na fama pelo estrago:
 Inda o teu cetro coraçõens fulmina?
 Inda o teu fogo o mundo cotre, vago?
 Mas ay que a tua frecha he tão violenta,
 Que a Christandade a sente, Anglia a lamenta!

12.

O Monarcha infeliz do Amor ferido,
 A seu sentido emprego era adorado,
 De hũa Dama a belleza, que rendido
 Lhe havia a seu Imperio o seu cuidado:
 Por quem hum Cardeal, do Rey Valido,
 Conselheyro do Amor, Bolseo chamado,
 No veneno cruel, que o Rey bebia,
 Dandolhe o mel, o mal lhe preve nia.

13.

Qual o menino, que enganar usamos,
 Na febre ardente, ou no mortal letargo,
 Que os extremos do vaso lhe adoçamos
 Por lhe dar a beber o succo amargo;
 Tal Bolseo, & outros Muytos, que admiramos,
 Sonhos do mundo com Imperio largo,
 Na adulaçãõ aos Reys tão agravante,
 Fundaõ a sorte vã; mas passo avante.

14.

Anna Bolêna a Dama se chamava,
 Falsa Esphinge, que armada de ternura
 As almas mais indoceis provôcava
 A's suaves trayçoens da fermosura:
 Tal que do seu Imperio não se achava
 Izento coraçãõ, Alma segura,
 Que inda ao mêsmo desdem sempre absoluto
 Lhe não fosse de amor certo tributo.

15.

Por esta, pois, que em doce tirania
 Era das Almas jugo o mais vehemente,
 Dar à Rainha a morte pertendia
 Do iniquo Cardeal o odio ardente;
 Não sey se a grande altura, em que se via,
 O faria talvez taõ insolente,
 Que entronizado o indigno na grandeza
 Perverte a vida, muda a natureza.

16.

Do odio a causa foy que falecendo
 O Decimo Leaõ, Pastor da Igreja,
 A Rainha a cadeyra pertendendo
 Fáz que nella a hum sobrinho a Curia eleja:
 O Cardeal entãõ frustrada vendo
 A pertençaõ, que confeguir deseja,
 Contra Ella, & contra a patria igual machina
 De huma a morte cruel, d'outra a ruina.

17.

Ao Rey induz com animo obstinado
 A seguir de seu norte a louca empreza,
 Violando as leys do thalamo fagrado,
 Sacramento, que a Igreja tanto preza:
 Por quem o Rey taõ mal aconselhado
 Se deo de todo á perfida Belleza,
 Quebrar o santo vinculo intentando
 Por admittir ao Thore o amor nefando.

18.

Bem conhecia Henrique a falsidade
 Do infame Conselheyrõ fraudulento;
 Mas o cego apêtime da vontade
 Lhe perturbava a luz do entendimento:
 Não ignorava, não, que a Santidade
 De Julio, que assentio no casamento,
 Dispor podia tudo livremente,
 Como supremo vice-Deos da gente.

19.

Sabia como Douto, que a Escriitura,
 Onde a origem das leys se funda, & mana,
 Faltando a successão, que Amor procura,
 Consente nesta liga soberana:
 Que assim podia o Padre com fé pura
 Na Ecclesiastica ley, na ley humana,
 Despensar tudo, que em comum proveyto
 Aprova o escrito, & natural Direyto.

Di-

20.

De saber não deyxava finalmente,
 Inda que foy na Ley antepassada,
 Com quem em grao a este equivalente
 Foy Thamar a segunda vez casada;
 Mas aquelle infernal incendio ardente,
 Lavareda do Amor n'alma ateada,
 De sorte lhe turbava a fantezia
 Que ignorava isto mesmo, que sabia:

21.

Em fim convoca a Corte, & o Parlamento,
 O qual junto em Congresso costumado,
 Assim lhe representa o estranho intento,
 De zelo ornando o animo obstinado;
 Que por ver que era nullo o casamento
 Pelo incesto, que o tinha viciado,
 Delle fazer queria desistencia,
 Por salvar o gravame da consciencia.

22.

Na Proposta o Congresso consentindo,
 A Catherina prende a gente dura,
 Ao rigor de hũa Torre conduzindo
 A virtude, a innocencia, a fermosura:
 Onde da Sorte as sem-razoens sentindo,
 Passava a vida em misera amargura,
 Té que o duro rigor do sentimento
 Lhe deo morte cruel com fim violento:

23.

Em tanto dava a vida ao Thoro infando
 A illicita Conforte, o injusto Esposo,
 Lisonjeando o estado miserando
 Esse incendio do amor libidinoso:
 Eis neste do Hyminéo crime execrando
 O vulgo se inquietou tumultuoso,
 E em bandos se alterou a Monarchia,
 Por ver que assim casado o Rey vivia.

24.

O Rey por aplacar a tempestade
 Do povo, que a reynar irado o impede,
 Largas leys lhe pro mulga à liberdade,
 Ecclesiasticas rendas lhe concede:
 Como a ambição he venda da verdade,
 A' ambição finalmente o zelo cede,
 E cadaqual seguindo nova feita
 A sacrilegos dogmas se foge yta.

25.

Tu só, tu cego Deos, com força dura,
 Tu só, tu louco Amor, com golpe indino,
 Como em ti he só ley o que he loucura,
 Podèras motivar tal desatino!
 Que erro vão, acto crû, violencia impura,
 Não foy teu dom mayor, braço mais dino?
 Mas es menino em fim, bem que es gigante,
 Menino nas acçoens, no esforço Atlante.

Porèm

26.

Porèm não tardou muyto que a vingança
 Não visse o Ceo de tanto vituperio,
 Que ás vezes por castigo da privança
 Sedefordena o Rey, se muda o Imperio:
 E foy que o Cardeal outra esperança
 Vendo frustrada, (tudo em fim misterio)
 Contra Bolena, que lha divertira,
 Larga o freyo à payxaõ, a redea à ira.

27.

Estas defatênçoens como em desprezo
 Do respeyto Real Ella julgando,
 Em chamas de ira o coração aceso,
 Contra Elle em queyxas vay ao Rey clamando:
 O Rey, que a seu Imperio andava prezo,
 Convertendo em furor o peyto brando,
 Na culpa, que a Bolseo severo argue,
 De honras, cargos, fazenda o destitue.

28.

Bolseo nestes dous graos, que a Sorte aduna,
 Quebrando-se lhe os nòs do valimento,
 Cahio do excelso monte da Fortuna
 No valle de seu bayxo nascimento:
 Onde em pobreza vil, fome importuna,
 Passando de hum portento a outro portento,
 Quanto vangloria foy ao soberano,
 Veyo a ser documento ao desengano.

E como

E como premio igual, & igual castigo
 A's humanas acçoens o Empyreo ordena,
 Se vio que o Ceo do Regulo inimigo
 Deu à culpa o suplicio, ao crime a pena;
 Succedendo que em hum incendio antigo,
 Que em cinzas conservava a vã Bolena,
 Ardendo Salamandra, ainda instava
 Seguir a luz, que adultera anhelava.

Não tanto Hyrcana Vibora pisada
 De incautos pés de vago Caminhante,
 Em venenosas iras desatada
 Ador vingar intenta penetrante;
 Como na afronta o Rey vendo ultrajada
 A fé, que conservava o peyto amante,
 Contra a falsa Bolena ardendo em furia
 Vingança sollicita a tanta injuria.

Manda prender o Monstro de vaidade,
 Que á santa Religiaõ fazendo guerra
 Rayo terrivel foy da Christandade,
 Lamentavel ruina de Inglaterra!
 Já preza a Dama, já a mayor Beldade
 No mais pequeno carcere se encerra,
 Aquella, a quem da vista a hum brando effeyto
 Todo o Imperio do Amor lhe vinha estreyto.

32.

E por lhe dar a morte merecida,
 Ante si trazer manda a desgraçada
 Belleza, que foy delle tão querida,
 Aborrecida já, já desprezada:
 Já não soberba, não, mas abatida
 Entre os Ministros yem como culpada,
 Já lhe não aproveyta a fermosura,
 A voz, o pranto, a lastima, a ternura.

33.

Anna, turbada tu, tu temerosa!
 Tu que tudo a teus pés tinhas sogeyto!
 Não tratando do apreço de fermosa!
 Nem d'altivez, do timbre, ou do respeyto!
 Que he do melindre, a graça? aonde a ayrosa
 Gala se esconde? aonde o doce effeyto?
 Com que só com os olhos, que volvias,
 Ao seu influxo as almas atrahias?

34.

Onde a soberba está? onde a grandeza?
 Onde o doce desdem? que em vãos ardores
 Provocava a mais tosca natureza.
 A' luz de teus fermosos resplendores?
 Onde a caricia tens? onde a avareza
 Dos teus olhos gentis? dos teus favores?
 Com que do Amor o Imperio revolvendo,
 O mesmo Amor te estava obedecendo?

Mas

35.

Mas ay quam diferentes os effeytos
 São os que influes já nos peytos duros,
 Que effes, que conquistaſte, brandos peytos
 ſão a teu pranto os mais agreſtes muros!
 Rancor produzes ſó nos que ſogeytos
 Trouxeſte a tuas leys ſempre leguros;
 Pois entrada não tem nos ſeus rigores
 Teus brandos ays, teus miſeros clamores.

36.

Em fim chega ante o Rey, que as ternas vozes
 Duro, mas juſtamente endurecido,
 A's carniceyras mãos de dous Algozes
 Com eſcandalo a entrega aborrecido:
 Elles cevando os animos ferozes,
 Lhe atão as mãos, lhe prendem o veſtido;
 As mãos, que entre as priſoens por cristalinas
 Erão num laço quaes duas boninas.

37.

Nos duros nós a Dama delicada
 A morte já bebendo o golpe eſpera,
 Palida a cor, a viſta perturbada,
 Fez deſmayár o Sol, nublar a eſfera:
 Eis levando hum Algoz da fina eſpada,
 (Ah tragedia cruel, ah forte fera!)
 Poſtra por terra com atroz dureza
 De ſoberba Babeis, Ceos de Belleza.

Nesta

38.

Nesta Tragedia, pois, tão rigorosa,
 Theatro à fanthesia temeraria,
 Representou com lastima horrorosa
 Suas mudanças a Fortuna varia:
 Oh humana illusão, quam fabulosa,
 Quam fementida, vãa, quam adversaria,
 Na aura, a que chamas honra esclarecida,
 Te he a sorte, a ambição, a pompa, & a vida!

39.

Julguem agora os Cetros, & as Tiaras,
 As Purpuras, as Mitras, & as Privanças,
 Se adverso o Fado até se atreve às aras,
 Quem vivirá leguro nas bonanças?
 Mas se as dadivas são da sorte avaras,
 Digaõ de Sylla, & Synico as mudanças,
 Os deleytes da vida, em que viveram,
 E o fim horrendo, que depois tiveram.

40.

Dize-õ Philippe tu, Rey preeminente,
 Tu Cesar, tu Pompeo, tu Polidoro,
 Tu Apio, que infelices de eminente
 Lugar cahistes neste horror, que choro;
 Tu Maximino, que es de humilde oriente,
 Elio, Athalo, Servio, & Metrodoro,
 Dizey quanto vos foy o excelso assento
 Fantastico Babel, Torre de vento.

Quem

41.

Quem, pois, mais q̄ Bolseo, quem mais Privado?
 Quem da varia Fortuna mais Valido?
 Mas quem taõ bem no mais humilde estado
 Cahio mais infeliz? mais abatido!
 Pensamento o não julgue imaginado,
 Nem discurso o exagere encarecido,
 Julgue-o fomite quem na vil pobreza
 Caído excelso Obelisco da grandeza.

42.

Vòs, pois, que nos Palacios sois intrusos,
 Lede este exemplo nesta historia escrito,
 E vereis que os que são nesta aura inclusos
 Costumão acabar neste conflito:
 Vede em fim, se quereis ficar confuzos,
 A Dion, Parmeniaõ, Cleandro, & a Clito!
 Que da Fortuna adversa, & a seus combates
 Nem escapa hum ditoso Policrates.

43.

Ah se estes Camelioens de vento inchados
 A espada virão tremolar pendente,
 Que entre cassoulas, cantos, & guifados,
 Damocles sobre si via eminente;
 Ah como que andariaõ perturbados!
 Vendo o perigo à vista andar patente;
 Pois quem transcende os graos da sua esfera,
 Icaro eleva ao Sol azas de cera.

44.

D'aquelles que direy? que a hipocrefia
 Faz nos conselhos ser seu voto aceyto,
 Crocodillos, de quem o Rey se fia,
 Dirigindo a virtude a seu proveyto:
 Rostros de Esphinge, & animos de Harpia,
 Que com santas razoens, com falso peyto,
 Sem que Fé vos reforme, ou ley vos mude,
 Ronbais o Rey com capa de virtude!

45.

Que direy de huns, que de Palacio aos vicios
 (Momos dos Capitolios) dando abonos,
 Que Hidropicos atraz dos beneficios
 Os Reys enganão, adulando os tronos?
 Senão que em miseraveis precipicios
 Os da morte bebendo eternos sonos,
 Quanto já forão Idolos subidos,
 Vem a ser espectaculos cahidos.

46.

Fortuna, se es hum mar, que mingoa, & crece,
 Onda, que se despenha, & se levanta,
 Astro, que quando luz desaparece,
 Luz, que mal nasce, logo se transplanta;
 Escuma, que se encrespa, & desvanece,
 Sombra, que retrocede, & se adianta,
 Como tua inconstancia não affombra,
 Se es mar, onda, astro, luz, escuma, & sombra?

Se es

47.

Se es mar , a tua enchente he inconstante,
 Se onda , a tua intenção he vingativa,
 Se astro , a tua influencia he varia , & errante,
 Se luz , tua existencia he fugitiva;
 Se escuma , o ser não tens perseverante,
 Se sombra , a tua essencia em tudo he esquiva:
 Mas es em fim a mesma variedade,
 Que ao tempo, em que es bonança, es tempestade.

48.

Quando na historia estando divertidos,
 Movendo montes , ferras levantando,
 Os ventos chegam logo enfurecidos
 Da atra caverna , aonde estão bramando;
 De seus mesmos encontros impelidos,
 Grossos , & antigos troncos vem quebrando,
 E ao mar precipitando altas montanhas,
 Lhe descobrem as humidas entranhas.

49.

Boreas açouta o mar , que irado brama,
 Vertendo pela boca negra escuma,
 O mar immundas coleras derrama
 Nas prayas , onde vomitar costuma:
 Suspira o Aquilon , o Austro clama,
 E com força feroz, braveza fuma;
 O Africo, o Eolo, o Euro, & o Noto,
 Se combatem com duro terremoto.

Eis

50.

Eis desta confusão no estranho enlevo
 Com subito temor os Navegantes
 N'alma bebendo o palido receyo
 Os Ceos ferem com gritos penetrantes:
 O Piloto porèm posto no meyo
 Bràdava em alta vòz, Correy prestantes,
 A' bomba, à bomba que se mete dentro
 Da Nao o mar, fugindo do seu centro.

51.

Logo mais que o temor correm ligeiros,
 E à bomba apenas huns, outros ao leme,
 Cruzaõ pelos altissimos madeyros
 As enxarcias, aonde o vento freme:
 As velas mareando os Marinheyros,
 O lenho voltão, que entre as ondas geme,
 Vendo-se com furiosa atrocidade
 Por fóra, & dentro igual a tempestade.

52.

Não dá tão grande golpe no alto muro
 O Ariete, que vendo-lhe a constancia
 Co a bruta testa vay de metal duro
 Por terra demolindolhe a arrogancia:
 Nem impressão no escolho mais seguro
 O rayo faz com tanta exorbitancia,
 Como as ondas nas Naos, que ao rijo vento
 Eraõ ludibrios de hum, d'outro Elemento.

M

Quan-

53.

Quando hũa nuvem negra, & carregada,
 Que nos ares medonha se estendia,
 Em penhascos errantes desatada
 Com estranho pavor as Naos cobria:
 E quando mais diffusa, & mais cerrada
 O Ceo nublava, o mar escurecia,
 Dando hum fero trovão, se rasgou logo
 Desfeyta em agoa, & despenhada em fogo.

54.

No mar o vago estrepito soando,
 De clamor as regiões se ouviram cheas,
 E lanças de cristal o Ceo vibrando,
 Rebutaram do abismo as fundas veas:
 O mar ao Ceo as ondas levantando,
 As nuvens enche de agoa, os Ceos de areas,
 O Ceo ao mar em circulos derrama
 Frechas de fogo, viboras de chama.

55.

O pallido relampago nos ares
 Tremulo ardia, aceso fufilava,
 E abrindo os Ceos, alumeando os mares,
 De luz os Orizontes inundava:
 Recolhido o esplendor dos Luminares,
 De escuro horror a esfera se trajava,
 Na repugnancia d'agoa, fogo, & ventos,
 Formavão dura guerra os Elementos.

Pelos

56.

Pelos descriptos, onde o vento vaga,
 Cahindo bosques de cristal sombrios,
 Forma o grosso licor, que o mundo alaga,
 Volantes mares, caudalosos rios;
 O diluvio, que a Flora a pompa efraga,
 Occupando de Juno os campos frios,
 Fingia no chuveyro, que defata,
 Turvo esplendor de derretida prata.

57.

Ao fero temporal, que a esfera enluta,
 Aos estranhos trovoens, que vibra a esfera,
 Com tremendo furor, terrivel luta,
 Treme a terra, arde o Ceo, o mar se altera:
 Do seyo mais recondito da gruta
 Vem repetida a tempestade fera,
 Parecendo que ás mãos do irado Eolo
 Se quebra o eyxo de hum, & d'outro polo.

58.

O rio, que furioso ao mar corria,
 Cristalino Dragaõ, azul Serpente,
 Com espumosa bocca o mar mordia,
 Tragando hũa corrente outra corrente:
 A inundaçãõ, que pontes sovertia,
 De sorte defatava a grossa enhente,
 Como arroja no Inverno o Nilo irado
 Horrisono diluvio ao mar salgado.

59.

Vendo-se, pois, confuso, & pervertido
 Tudo quanto ordenou a Natureza,
 A novo chaos o mundo Reduzido,
 Tornada em negro abifino a Redondeza;
 Perde o brio o Piloto destemido,
 Penetra o medo a nautica rudeza,
 E alterados os animos constantes
 Rompem os Ceos com vozes diffonantes.

60.

Os tristes ays, os miseros clamores,
 Que dolorosamente agonizavão,
 Do rouco mar cos lugubres rumores
 Em temerarios ecos se alternavão:
 Quando os mastos feridos dos furores
 Dos ventos, a ignorada luz brotavaõ,
 A qual prodigio sendo à ruda gente,
 Orou Hum desta sorte reverente.

61.

Miraculosa Luz, sagrado Lume,
 Patrono celestial dos Navegantes,
 Benigno accode aos Teus, pois por costume
 Es socorro dos que andão n'agoa errantes:
 E Tu, que o arco desse azul Volume
 Por seguro aos primeyros Naufragantes
 Prometeste, & livraſte da Balea
 A Jonas, pondo-o lá na enxuta area.

Tu,

62.

Tu, que desse Eritreo com alto imperio
 As rubicundas ondas dividiste,
 E por livrar da morte, & vituperio
 Ao teu povo, por ellas passo abriste;
 Tu, que ao teu Pescador deste Emispherio
 A indomavel braveza reprimiste,
 Solta Tritoeus, que desta esfera ondosa
 A furia agora lhe atem procellosa.

63.

Disse; & os Bayxeis das ondas impelidos,
 E dos furiosos ventos contrastados,
 Hora ás altas regioens se vem subidos,
 Hora ao profundo centro despenhados:
 Do mar vendo os segredos escondidos,
 Vendo os orbes do Ceo não penetrados,
 Rompendo nuvens, fulminando mares,
 Eraõ n'agoa Delfins, Garças nos ares.

64.

Porèm a soberana Catherina
 Não temeroso vio seu peyto forte,
 Que esperando o favor da mão divina,
 Tinha constante em Deos o melhor norte:
 Orando estava á esfera cristalina
 Pelo amparo dos Seus, que vendo a morte
 Tão sem forças, valor, alento estavam,
 Que já do salvamento não tratavão

65.

Quando as Nynfas gentis, que o Tejo cria,
 A influxos da Tutela sublimada
 Do berço, onde o mar nasce, & morre o dia,
 Buscaõ de Thetis a real morada:
 Já rompendo do Rio a esfera fria,
 Vencem do mar a lamina salgada,
 Já o fundo lhe descobrem de ouro fino,
 Onde hum Palacio existe cristalino.

66.

Este hum portico ostenta sumptuoso,
 Que em seis columnas de topacio duro
 Firmava hum arco excelso, & luminoso,
 De hum solido metal mais que o Sol puro:
 Por onde entrando, vem hum espaço
 Claustro, que inda ao Cristal fazia escuro,
 Pois na, que scintillava, luz radiante
 Mostrava que era feyto de diamante.

67.

De diferentes conchas se embréxava
 O transparente claustro, aonde a Aurora
 Communicando a luz reverberava,
 As cores imitando á bella Flora:
 Em laminas de Jaspe alli estampava
 Da Natureza a Arte imitadora
 Sabias Ideas, raras esculpturas,
 Historias varias, & gentis Figuras.

Alli

68.

Alli se via a Imagem de Arethusa
 Desfeyta toda em fugitivas agoas,
 A que Alpheo no cristal, que inda o recusa,
 Seguia ardendo em cristalinas fragoas:
 De Adamastor a Nynfa ao Ceo accusa
 Oufadias de amor, sentindo magoas;
 Onde cercada d'agoa, & de amargura,
 Trocava o brando peyto em pedra dura.

69.

Alli Bybli chorando brandamente
 Sahia de hum penhasco errante fonte,
 Donde manando em tremula corrente
 Era tributo ao mar, lastima ao monte:
 Alli junto de hum lago transparente
 Inclinaua Narciso a branca fronte,
 Revendo-se no mar do seu perigo,
 De si fugindo para estar comfigo.

70.

Exposta ao mar, & nua nas areas
 Ligada a hum penhasco se ostentava
 Sendo magoa, & delicia das cadeas
 Andromeda, que as penhas lastimava:
 Destas, & d'outras tragicas ideas
 O cristalino claustro se adornava,
 De que eraõ guardas mil Dragoens marinhos
 De escamas duras, de asperos espinhos.

71.

Hua alli se elevava excellta escada,
 Que entrada abria ás salas transparentes,
 Cujã machina em perolas cravada
 Se esmaltava de pedras differentes:
 As portas de materia illuminada
 Em quicios se moviaõ refulgentes,
 Onde o fino rubi, & a pedra pura,
 Faziaõ primorosa contextura.

72.

Na variedade destas tão divinas
 Coufas, que alli se viaõ claramente,
 Não se detem as Tagides beninas,
 Que a pena, que as conduz, lho não consente:
 Mas discorrendo as salas peregrinas
 Entrão na mais que todas excellente,
 Onde Neptuno estava acompanhado
 Das Deidades, que inclue o mar salgado.

73.

A Nynfa principal, que a mais fermosa
 Era de todas, delle aos pés postrada
 Com enferma ternura, & voz piedosa
 Se ostenta toda em lagrimas banhada:
 Qual se costuma ver a fresca rosa
 No purpureo candor da madrugada,
 Mostrando no matiz da pompa breve
 Por faces de carmim globos de neve.

Modesta.

74.

Modestamente avara os resplendores
 Dos brandos olhos recatava hum tanto,
 Donde vertendo os liquidos candores,
 Qual neve ao Sol, lhe scintillava o pranto;
 O pranto, que materia a vãos ardores
 Foy com força mayor, mais raro encanto;
 Os coraçoes aos rays que fariaõ?
 Quando as almas nas lagrimas ardiaõ.

75.

Com hum candido veo não muyto avaro
 Nega, & dispensa o corpo cristalino,
 Como por nuvem branca, ou fumo raro,
 Esconde, & ostenta o Sol o ardor benino:
 Mas, como o Sol tambem por cristal claro,
 A vista lhe penetra o estorvo fino,
 E mais sutil que a vista o pensamento,
 Qual lince, lhe observava tudo atento.

76.

Lá se introduz nos intimos secretos,
 Onde de amor o fogo mais se atea,
 Lá na vedada parte, onde os objetos
 Mais do que a mesma vista alcança a Idea:
 Assim estes de amor causando affetos
 A bella Nynfa o agrado lifongea
 Do Monarcha do mar, que se vio logo
 Qual Mariposa à luz, qual cera ao fogo.

Falar

77.

Falar quiz; mas na dor, que a contrastava,
 As mal formadas vozes lhe impedia
 O pranto, que no mimo, que mostrava,
 Inda ao mais casto amor tentar podia:
 As lagrimas Neptuno lhe enxugava,
 E beyjando-a na face, que atrahia,
 Os braços lhe lançou enternecido
 Ao bello collo de cristal burnido.

78.

E a feu rostro apertando o rostro amado,
 Com affavel carinho, & rogo amante
 Lhe diz: O' chara Filha, o teu cuydado
 Me communica a dor mais penetrante:
 Dize-o, não chores, não, que ao teu mandado
 Como devo heyde ser sempre observante,
 Que se o muyto, que te amo, reconheces,
 He tudo pouco ao muyto, que mereces.

79.

O choro ferenando a Nynfa em tanto,
 Sem nuvem mostra os rayos de improviso,
 A cujo resplendor luzindo o pranto,
 Se inflamma toda de hum purpureo viso:
 E os olhos com recato erguendo hum tanto,
 Ornando a cara de hum modesto riso,
 Aurea cadea, com que as almas ata,
 Da peregrina boca assim defata.

80.

Pay venerando , a quem por alta sorte
 Foy concedido esse humido Tridente,
 Que , rayo de cristal , teu braço forte,
 Qual o de Jove , empunha omnipotentê;
 Tu , que está de zafir cerulea Corte,
 Cabeça deste Reyno transparente,
 Illustras , reges domas , tu , que alteras
 O furor destas lugubres esferas;

81.

E Tu , preclaro Deos , Padre Oceano,
 Que tens as redeas desta estancia ondosa,
 Que parte com o mar Mediterraneo,
 E do Orbe cerca a machina fermosa;
 E vòs sacro congresso loberano,
 De Nereo descendencia generosa,
 Como alterando o mar com furia irada
 Intentais submergir a Ingleza armada?

82.

Pois vedes que a mais inclyta Princeza
 Leva nella arriscada a melhor vida,
 Suspendey destas ondas abreveza
 Neste vasto Oceano mais temida:
 Se Deoses justos sois por natureza,
 Dayme atenção à supplica devida;
 Pois deve ser Rainha tão prezada
 Soccorrida por nòs , por vòs guardada.

Com

83.

Com brando vento, & prospera bonança,
 Daylhe porto, onde em grato acolhimento
 Se consagram no Templo da esperança
 As velas por tropheos do salvamento:
 Não permitais, oh não, que haja tardança
 No auxilio, que de vòs agora intento,
 Se he que atentos ás lagrimas, que choro,
 Vos moveis ao favor, que tanto imploro.

84.

Affim a compassiva Protectora
 Banhada em puras lagrimas se ostenta
 Ante o Senhor do mar, que se namora
 Da graça, com que a dor lhe representa:
 O qual ternura ouvindo tão sonora,
 Qual fogo, que com agoa mais se augmenta,
 No pranto, que o appetite lhe acendia,
 Por Tantalos de amor em sede ardia.

85.

Atada a voz, o pranto suspendido,
 De quando em quando ainda soluffava,
 Pulsando-lhe no peyto enternecido,
 Os dous globos do Amor, que o choro lava:
 Qual o innocente Infante, que sentido
 Do mimo, que talvez o offende, & agrava,
 Que bem que ceda ao pranto, & já se esqueça
 Da simplez dor, de soluçar não cessa.

Affim

86.

Assim callada a Nynfa , claramente
 Os soluços , que d'alma lhe sahiaõ,
 Lá no mais interior do peyto ardente
 Soar em mudos ecos se lhe ouviaõ:
 Quando aqui levantando docemente
 Os olhos , que as estrellas atrahiaõ,
 Os poem no Deos , qual Flor banhada em pranto,
 Como quem a reposta espera em tanto.

87.

Muyto mais que o que pedes te faria,
 Pois de occuparme a gloria me concedes,
 (Sorrindo-se Neptuno respondia)
 Pesandome do pouco , que me pedes:
 Porèm quanto esta esfera inunda fria
 Pelo esplendor , que deesses Soes despedes,
 Te juro , & pelo mais , que em ti venero,
 De te render ao muyto , que te quero.

88.

Assim verás , O' Filha muyto amada,
 Da tormenta a bonança successora,
 Quando lá no candor da madrugada
 De luz tingir o Ceo a nova Aurora:
 Sitio alegre darey à Ingleza Armada,
 Dos ventos , & dos mares vencedora,
 Onde achará , triunfante do perigo,
 Hospedajem fiel , & portó amigomal.

Assim

89.

Assim, Tagides minhas, voltay logo
 Aos serenos cristaes do vosso Tejo,
 Advertindo que a ley do vosso rogo
 Alifonja ha de ser do meu desejo:
 Ellas as agoas ateando em fogo,
 As ondas cortão com prazer sobejo,
 A cujas carnes, nuvens de açucena,
 O mar se amansa, o vento se serena.

90.

Logo alli conduzir Neptuno manda
 As Filhas de Nereo a errante Armada,
 Que rodeando-a de hũa, & d'outra banda
 A levem para a parte assinalada:
 Ajunta-se a Decuria veneranda,
 E penetrando a lamina salgada,
 Chegaõ lá onde os miseros madeyros
 Nos tranfes se julgavaõ derradeyros.

91.

Cercaõ as Naos as Nynfas, & metendo
 Os hombros de cristal aos negros pinhos,
 Dos montes á Bahia os vaõ regendo
 Contra o furor dos rápidos caminhos:
 Os ventos assoprando, o mar crescendo,
 Emprego fazem nos volantes linhos,
 Até que ouveram vista de hũa Ilha,
 Outava, & sem segunda maravilha.

92.

Já affugentando o horror da noyte escura
 Apontava no Oriente a nova Aurora,
 Conduzindo a manhã serena, & pura
 Aos Imperios, que rege a bella Flora:
 Quando o cristal, que tremulo murmura,
 A Armada dividindo cortadora
 A Bahia avistou, cuja corrente
 Cerca a Ilha, que se ergue alta, & excellente.

93.

O Filho da fermosa Cytherea,
 Que das falsas espumas foy gerado,
 Vendo a Venus melhor, que o mar vadea,
 De Frecheyros conduz tumulto alado:
 De mil Cupidos o bayxel rodea,
 D'outros povoa o ar já sossegado;
 Os quaes cruçando os zefiros, voadores,
 Disparaõ contra a Nao frexas de amores.

94.

Glauco, & Nereo diante o golfo abrindo,
 Açoutão seis Tritoeus, que ayrosamente
 Aljofares das comas sacudindo,
 Por carros tirão de cristal luzente:
 Onde sonoras Cytharas ferindo
 Multidaõ de Sereas, docemente
 A Hyminêo na harmonia, que formavão,
 Altos epithalamios lhe cantavão.

Juno

95.

Juno, Deopea, Doris, & Ericina
 Da esquiva Galatea acompanhadas,
 Por guardas da Beldade peregrina
 Cinco Delfins occupão, sublimadas:
 Assim rompendo a esfera cristalina,
 De longe as Naos dos mares destroçadas,
 Viram da Ilha os cumes relevantes,
 Que Thetis preparava aos Navegantes!

96.

Para ella as Naos as proas inclinaram,
 E entrando pela tumida corrente,
 Colhendo o pano, as ancoras deytaram
 Com nautica celeuma, obsequio ardente:
 A ligeiros Bateis Alguns passaram,
 Nos quaes vogando a terra alegremente,
 Cadaqual dos trabalhos se recrea
 Pela deserta praya, & molle area.





CANTO VII.

ARGUMENTO.

A Ilha se descreve, aonde amparo
 Achar ão dá tormenta os Navegantes,
 A quem às Nynfas daõ hospicio claro
 Em mesas de iguarias abundantes:
 Nas quaes passando o Conclave preclaro
 Alegre o dia em praticas amantes,
 A Nynfa principal, que às Mais precede,
 Das guerras a noticia ao Mello pede.

O Nde dos montes a feliz Bahia
 A maritima costa dilatava,
 Soberba à Ilha as nuvens transcendia;
 Mas grata no prazer, que aos olhos dava,
 Pois nos frondosos mayos, que cingia,
 Nas cristalinas agoas, que pizava,
 Se via em seus cothurnos, & grinaldas,
 Calçar cristaes, vestir-se de esmeraldas.

2.

Lá na parte interior hum rio ameno,
 Que era espelho a tres montes levantados,
 Com rumor se envolvia tão sereno
 Que doce suspensão dava aos cuydados:
 Adornava-se todo o seu terreno
 De claras fontes, rios prateados,
 Canoras aves, olorosas flores,
 Copadas plantas, frutos superiores.

3.

Alli perdido em Labyrinthos de hera
 Se occultava hum penhasco tão sombrio
 Que à sombra dos doceis, que Abril tecera,
 Rebelde se mostrava ás leys do Estio;
 Pois pelos toscos marmores, que impera,
 Perolas destilando fio a fio,
 Avaro á luz do Sol, ao ar de Eolo,
 Negta a Euro, o tributo, o feudo a Apollo.

4.

Os membros desiguaes com arrogancia
 Erguia por padroões dos vencimentos,
 Que armado de soberba, & de constancia,
 Alcançou contra os impetos dos ventos:
 De ser dos montes Rey tendo jaçtancia,
 Immoavel se mostrava aos escarmentos,
 Que os tempos lhe gravavão na vaidade
 De competir co a mesma eternidade.

Deste

5.

Deste penhasco, pois, cuja extructura
 Bem que tosca agradavel se ostentava,
 Hũa fonte serena, clara, & pura
 Com pès de prata a hum bosque caminhava:
 Onde o brando cristal dando á verdura,
 Cores, qual pomba ao Sol, varias mostrava,
 Pois, bem que cristalina se envolvia,
 Da varia cor das flores se tingia.

6.

Tanto que a bocca unida a seus candorès,
 Quando com doces osculos a trata,
 Os olhos bebem nella a graã das flores,
 Emquanto a bocca gosta o humor da prata:
 Na confusão em fim de tantas cores
 Iris errante a fonte se retrata,
 Parecendo no brando movimento
 Liquido Ceo, sonoro Firmamento.

7.

Pois nella transferindo a esfera ardente
 As brilhantes Imagès das estrellas,
 N'agoa ardia a Republica luzente
 Dos Planetas gentis, das luzes bellas:
 Onde com resplendor mais refulgente,
 Estes luzindo, scintillando aquellas,
 Se ostentava a corrente successiva
 Dos puros astros Zona fugitiva.

8.

Tal que nas terças fragoas, que fingia,
 No liquido esplendor, que affemelhava,
 Co as ondas os reflexos confundia,
 Co as luzes os cristaes equivocava:
 Pois envolto ò fulgor, & a copia fria,
 Tanto a vista os objectos duvidava
 Que, alternadas as ondas com as fragoas,
 Via as luzes correr, arder as agoas.

9.

Alli às nuvês a frondosa grenha
 Dando as plantas nas crines dilatadas,
 Pareciaõ, formando espessa brenha,
 Por sobidas ao Ceo, no ar plantadas:
 As quaes plumas formando á bronca penha
 Das ramas ao Favonio desatadas,
 Teciaõ entre si, bem que indistinto,
 Verde Babel, frondoso Labyrinto.

10.

Os cedros com os platanos crescidos,
 Atlantes de esmeralda sendo á esfera,
 Davão tronos gentis, doceis floridos,
 A' bella Flora, á fresca Primavera:
 Onde abraçada em vinculos tecidos
 Frutifera a Parreira, amante a Hera,
 Enredando-se os troncos com as vides,
 Reveftia o facundo Baccho a Alcides.

11.

A pompa eleva essa arvore, que inspira
 Na Ave de Arabia espirito segundo,
 Que nascendo nos tumulos da pyra,
 Aposta durações; emula ao mundo:
 A's Celestes regiões, que Phebo gira,
 Caminha o louro com verdor jucundo,
 As folhas tremolando por victoria.
 Desse Deos, de quem foy esquiva gloria:

12.

Os choupos pelos ares estendidos,
 As olayas aos ventos desatadas,
 Os ulmeyros nos Ceos introduzidos,
 Eraõ da penha plumas levantadas:
 Sendo os freyxos, os alamos crecidos,
 Fayas altivas, palmas elevadas,
 Frescos salgueiros, altos Cyparisos,
 Dodiquido cristal verdes Narcisos.

13.

Taõ doceamente o Zephiro soava
 Preso na rama, que leu curso enfrea,
 Que a sono a natureza convidava,
 Fazendo-a alli de seu cuidado alhea:
 Onde as plantas, que o Zephiro embalava,
 E as flores, que o Favonio lifongea,
 Tremolando em sonoro movimento
 Eraõ berços do ar, lingoas do vento.

14.

Deste de plantas verde Labyrintho
 A fonte, que o seu ser à Aurora deve,
 Discorre o campo de esmeraldas tinto,
 Vibora de cristal, aspid de neve:
 Onde abraçando os Goivos, & o Jacinto
 Com laço cristalino, & tacto leve,
 Se ostenta no rumor da voz sonora
 Clarim da selva, Cythara de Flora.

15.

Nadantes plumas desatando em torno
 O campo esmalta, o prado fertiliza,
 Soltando pelo flórido contorno
 Fugitivos grilhões de prata liza:
 A qual das tenras flores sendo adorno,
 Em quanto a hũas beija, a outras piza,
 Com tal contradição que na espeffura
 As beija ao mesmo passo, em que as murmura.

16.

Passando avante de hũa a outra parte,
 Seu cristalino fluxo communica
 A hum jardim, que em seis quadros se reparte,
 A que prodiga banha a copia rica:
 Aonde a Natureza unida à Arte,
 De obra Dedalia a terra se fabrica,
 Pois no verde labor, que á industria deve,
 Com emblemas de murta se descreve.

Porti-

17.

Portico excelso em bazes sublimadas,
 Cuja escultura excede as de Corinto,
 Entre columnas doze illuminadas
 Abre entrada ao fragrante Labyrinto:
 As quaes em quatro ternos separadas
 Hum arco em si sostem, que em dous distinto
 Causava no primor excelso, & raro,
 Pasmos a Phidias, suspensoes a Paro.

18.

Em quatro vezes tres o claustro abria
 Cingindo em quadro o sitio deleytoso,
 Ternos arcos de ardente pedraria,
 Torcidos com primor maravilhoso:
 Cuja materia alentos dando ao dia,
 Nella se via o Sol mais luminoso,
 Pois ao cristal furtando a qualidade
 Scintillava de luzes variedade.

19.

Tal que a Fabrica em viso transparente
 Rayos vibrando aos astros scintillantes
 Os Planetas gentis da esfera ardente
 Nos arcos doze estampa circumstantes:
 Tres os rayos bebiaõ.là do Oriente,
 Tres do Austro os alentos respirantes,
 Tres olhaõ cá para onde morre o dia,
 Tres recebem do Boreas a aura fria.

20.

No meyo hum tanque jáz , cuja escultura
 Admiraõ os cinzeis mais delicados,
 Que hum lago reprezando d'agoa pura,
 Se fabrica em dez angulos quadrados:
 Este hũa fonte eleva , que murmura
 Por seis bocas, seis Aspides nevados,
 Os quaes mordendo o lago transparente
 Alternaõ seis clarins. continuamente.

21.

O cume orbicular da excelsa fonte
 Vibrando raios de cristal desfeyto,
 Disparava dos ambitos da fronte
 Hum relplandor de aljofar contrafeito:
 Bosques de vidro dando ao Orizante,
 Frechas sutis soltando ao claustro estreito
 Desatava no liquido Elemento
 Ondas ao Jaspe , perolas ao vento.

22.

Da frésca murta a fôrma deleytosa
 Em grato Labyrintho se dispunha,
 A qual crescendo fertil , & viçosa,
 Verde coroa à bella Flora punha:
 O claustro em muda historia fabulosa
 De Deoses. vãos os ambitos compunha,
 Toscas lapas abrindo nas paredes,
 Em que estendia Abril floridas redes.

Nellas

23.

Nellas coas rosas os jasmíns tecidos
 Tanto os frondosos braços confundiaõ
 Que em verdes nõs, em vinculos floridos,
 As plantas distinguir se não podiaõ:
 Tanto que duvidavaõ os sentidos
 Na bella confusaõ, em que se viaõ,
 Qual das vergonteas entre si frondosas,
 Produzia os jasmíns, brotava as rosas.

24.

Melindre da manhã, mimo da Aurora
 Se ostentava o jasmim no alento breve,
 Exhalando ao Planeta, que o devora,
 Por bocca de cristal vida de neve:
 A pura Rosa branca, onde o Ceo chora
 As perolas lutas, que à Aurora deve,
 Ostentando purezas ser blasona
 Copia da casta filha de Latona.

25.

A outra mais gentil, a que circunda
 Veste Real de nacar fabricada,
 Em cada folha, em que arde rubicunda,
 Hũa sangria ostenta congelada:
 A qual ao Sol, que de fragancia inunda,
 As roupas, desatando de encalmada,
 Salamandra se abraza no compendio
 De seu mesmo carmim, seu proprio incendio.

Com

26.

Com olorosa voz Cisne de prata
 A candida cefsemalli se via,
 Dando nas brancas pennas, que desfata,
 Alentos à manhaã, candor ao dia:
 Logo o cravo gentil, que o pè dilata,
 Em que Tyro em carmins resplandecia,
 Blasonando ser Rey das outras flores
 Purpuras veste, traja varias cores.

27.

Alli a flor Cyphifio, em que Narciso
 A memoria conserva, o rosto inclina;
 Vendo a sua versaõ no espelho liso,
 Que a fonte lhe formava cristalina:
 Do tremulo cristal notando o riso
 O filho alli se vê de Mirrha indina,
 Aquelle no mais torpe incesto havido,
 De Paphia taõ prezado, & taõ querido.

28.

Alli subindo ao Ceo entre as mais flores
 Aguia florida Clicie se sublima,
 Bebendo a Phebo os aureos resplendores,
 Com que para o seguir se alenta, & anima:
 Ve-se o Jacinto em ays, & em vãos clamores
 Exprimir de seu nome o brando Enima,
 Estampando nas cifras, que descreve,
 Da sua infausta morte a historia breve.

O cres-

29.

O crespo thymo, a verde mangerona,
 O fragrante alecrim alli crescendo,
 Toldos a Flora, estrados a Pomona,
 Daõ, de verdura o campo guarneçando:
 As mais plantas, que a filha de Latona
 Faz ir na terra os braços estendendo,
 A Hera altiva, & o myrto, que recrea,
 Diademas tece à linda Cytherea.

30.

O Cinnamomo, o aypo, o nardo, o acanto
 Aromas respirando alli florece,
 E das Sabéas arvores o pranto
 Os ares de fragrancias enriquece:
 Em fim quanto produz Arabia, & quanto
 Cultiva o Pindo', a Attica enverdece,
 E quanto Chypre, Hesperia, o Indo alenta
 Cede ás dilicias, que este sitio ostenta.

31.

Logo de plantas hum pomar se estende,
 Que o jardim em circuito cingia,
 Cujo fruto no ar dos ramos pende,
 Do Loto enveja, ultraje da Ambrosia:
 Onde a Pereyra sobre a terra fende
 Formando verde abobada sombria,
 Que nos pomos vencia o aureo fruto,
 Que a Ericina deu Paris por tributo.

A roxa

32.

A roxa ameixa, a ginja rubicunda,
 No sereno cristal se retratavão,
 Onde vistas mais bellas na jucunda
 Cor os olhos a gosto convidavaõ:
 Alli pendendo da arvore fecunda
 Na terra as graves cidras se encostavão,
 Alli imitão na fórma os limões duros
 Da mais casta donzella os peytos puros.

33.

As fermosas laranjas, que vestiaõ
 A cor dos Apollineos resplendores,
 Com vistoso matiz se entretenciaõ
 Hũas em fruytos, & outras inda em flores:
 Alli aos Amadores construhiaõ
 As Amoras o emblema dos amores,
 Alli na agoa os lanigeros marmellos
 Pendem, hũs verdes, outros amarellos.

34.

Ve-se a Pêrfica fruta, que nociva
 He no patrio paiz, no alheyo he pura,
 Pelo Ulmeyro se enlaça a Vide altiva,
 Grossos cachos mostrando entre a verdura:
 Soltando aromas a maçãa laciva,
 Que em premio dada foy á Fermosura,
 Veste ouro, & carmezim com graça tanta
 Que á de Paris excede, & á de Atalanta.

Abre

35.

Abre a Romaã, mostrando as transparentes
 Entranhas, que os rubins injuriavaõ,
 Excedendo os pyropos mais ardentes
 Nos grãos, q̃ em cofres de ouro se enclaustravão;
 Nativos globos de coral pendentes
 As purpureas cereijas se ostentavaõ,
 O figo regoado á planta unido
 Mostra esgarçado o natural vestido.

36.

Das selvas os Espiritos canoros
 Matizando de cores as esferas,
 Sendo Arioës do ar em varios cõros,
 Eraõ do vento vagas primaveras:
 Onde em quebros sutis, cantos sonoros,
 (Do bosque enlejo, suspenção das feras)
 Pareciaõ nos voos, & descantes,
 Emplumados clarins, flores volantes.

37.

Hũs se vem dos raminhos pendurados,
 Outros nos duros troncos suspendidos,
 Hũs são pomos de plumas disfarçados,
 Outros flores de penas construidos:
 Quaes nos doces requebros desvelados,
 Quaes no alinhio do peyto divertidos,
 Qual com grato donayre, ayroso pico,
 No duro tronco aguçã o tenro bico.

Em

38.

Em doces confuloões , accentos graves
 Não se atina entre vozes , & entre cores,
 Se o que exhala fragancias são as aves,
 Que o que alterna os cantos são as flores:
 Que as boninas em canticos suaves,
 E os passaros em cheyros superiores,
 Respiraõ entre aromas , & descantes
 Cheyros canoros, musicas fragrantas.

39.

As feras , que ao venablo de Diana
 Costumaõ ser despojos na espessura,
 Bebendo a limpha, que da penha mana,
 Se viaõ no cristal da prata pura:
 Tornada em bruta fõrma a fõrma humana
 Acteon n'agoa admira a fronte dura,
 Cujó lago navega transparente
 O Cisne, de candor Baixel vivente,

40.

Alli por quatro fauces dividido
 Diffuso hum rio inundações reparte,
 Mostrando no furor do feu ruido
 Que do mundo enfurdece a extrema parte:
 Onde por vago escandalo do ouvido
 Quatripartido o rapido estandarte
 Se ostentava no liquido theatro
 Aquario trastornado em urnas quatro.

Def-

41.

Despenhado Briareo braços estende,
 Sendo então contra a mãy nos que despenha
 Ou furia de zafir, que a terra fende,
 Ou rayo de cristal, que arraza a penha:
 Pois taõ arrebatado o dano emprende,
 Que arando a selva, que trocando a brenha,
 Envolve na torrente em gyro vago
 Madeiros mil por indices do estrago.

42.

Bem como o Nilo, que com boccas sete
 Mordendo o mar, ao mar corre Hydra vaga,
 Engulindo a ciara, que acomete,
 Tragando o campo, que inundante alaga;
 Que hum dano aqui, quando outro alli repete,
 Com que arruina a penha, o monte estraga,
 Dando ao Reyno de Tethis nunca enxuto
 Por feudo assaltos, guerras por tributo.

43.

Affim o valle, & o monte destruindo,
 Contra a pompa de Ceres, que arrebatão,
 Os quatro rios tudo confundindo
 Grosso diluvio em pelagos desatao:
 Porèm hũa planicie descobrindo,
 Nella serenos seus cristaes dilatão,
 Cujo sitio de areas abundante
 Povoava de Nynfas turba errante.

Húas

44.

Hũas na venatoria disciplina
 Fatigando de Tellus as esferas
 Se mostrão, excedendo a Deosa Trina,
 Das Campanhas terror, Parcas das feras:
 Outras postas em roda peregrina
 As frontes cingem de triunfantes heras,
 Outras se ouvem cantar em rithmo brando,
 Lyras ferindo, Citharas pulsando.

45.

Outras armando ao simplez passarinho
 Instrumentos, que urdio a ociosidade,
 As varas lhe franqueaõ de hum raminho
 Por lhe roubar a doce liberdade:
 Outras em redes de delgado linho
 De vinculos lhe armavaõ variedade,
 Onde o laço em trayção não presumida
 Nòs lhe armava futis á incauta vida.

46.

Qual com remos de prata dividia,
 Animado Bayxel, a esfera ondosa,
 Incendios ateando n'agoa fria
 Com o vivo cristal de neve, & rosa:
 Onde implicada a prata, que corria,
 Não distinguia a vista duvidosa
 Se a liquida corrente se gelava,
 Ou se a Nynfa em cristaes se desatava.

Qual

47.

Qual na margem do rio prompta, & attenta
 Pulsando a cana, donde a linha pende,
 Lá do profundo pego ao dia ostenta
 O mudo peyxe, que no anzol se prende:
 Qual a fiska sutil nas mãos sustenta,
 Qual colhe a rede, qual no pego a estende,
 Onde de peyxes multidão fechando
 Presos se viaõ hũs, outros saltando.

48.

Qual nos robustos troncos esculpia
 O nome, que no peito lhe mórava;
 Qual de amor as lembranças divertia
 Com motes, que a saude lhe dictava:
 Qual assentada junto á margem fria
 De Amor o louro incendio penteava;
 Qual a roupa colhia em crespedes molhos
 Lavada em pranto, enxuta á luz dos olhos.

49.

Os Navegantes, que até alli notado
 Os deleytes havião desta Ilha,
 Pola verem tão só sem povoado
 Com razão cada qual se maravilha:
 Quando hum delles dá nisto hũ grande brado,
 Dizendo: Mais estranha maravilha
 He esta; a cuja voz todos volvendo
 As bellas Nynfas virão ir correndo.

O

Dan-

50.

Dando as roupas ao ar, os vèos ao vento,
 D'huma as fraldas cioso o ar levava,
 Onde, qual isca ao fogo, o pensamento
 Na materia, que via, se abrazava:
 De outra o cabello em vago movimento
 Em ondas de ouro hũ mar de Ophir formava,
 Os cabellos, que forão fio a fio
 Redes do Amor, cadeas do alvedrio.

51.

As outras recorrendo a seus vestidos
 Velozmente com elles mal cubertas,
 Os hombros ostentando esclarecidos,
 Fugindo pelas prayas vão desertas:
 A' sede, & à gula dando dos sentidos
 Pastos de amor nas partes descubertas,
 Onde cristaes bebendo a vista presa,
 Hia a vontade n'alva neve acesa.

52.

Perolas dos cabellos destilando
 Sobre as tremulas carnes cristalinas,
 Estrellas pareciaõ, que orvalhando
 Cobrem de fino aljofar as boninas:
 Outras de ouro as madeixas desatando
 Aureos veos daõ às partes peregrinas,
 Vèos, que erão no encobrir tão pouco avaros,
 Que por elles se vem seus cristaes claros.

Qual

53.

Qual ficaria hũa alma conquistada
 De objectos taes? senão qual Mariposa,
 Que da luz, que a provoca, namorada
 Com cego precipício a busca ansiosa:
 Qual ficaria? vendo-se incitada
 De cor tão branca, alvura tão mimosa,
 Que em vario effeyto, em qualidade mista,
 Se ostenta á alma fogo, & neve à vista.

54.

Quando os aventureiros Navegantes
 A peregrina caça divisando,
 Tras della correm pela area errantes
 As soberanas Prezas fatigando:
 Até que aos pès dos fêrvidos Amantes
 Lascivos ays, mimosos gritos dando,
 Se deyxão ir do Amor cahindo às frexas,
 Entre sorrifos affectando queexas.

55.

Qual quadrilha de galgos corredores
 Vago bando de corças descobrindo
 Na solitaria fonte, onde aos calores
 Se abrigavão da fêsta, ao Sol fugindo;
 Que a muda felya enchendo de clamores,
 Ligeiros vão correndo, & vão latindo,
 Tras dellás, que no rastro não deixadas
 Antes do alcance cahem fatigadas.

56.

Assim todas rendidas, só fugia
 Beliza mais ligeira que Atalanta,
 A quem Hum delles dando a voz seguia
 Sem poder alcançar a veloz planta:
 Seguindo-a já cansado, lhe dizia:
 Suspende, ò Nynfa bella, furia tanta,
 Pára a dar refrigerio a tanta calma,
 Oh não fujas de hum corpo, de que és alma.

57.

Mas, pois, ligeira mais que o pensamento
 Foges de hũa alma, que a adorarte anhella,
 Vê que no desprezar do rendimento
 Mostras não ser Deidade, ò Nynfa bella:
 Pára, ò querida Ingrata, a meu lamento,
 Espera a quem por ti mais se desvella,
 Mas como pararás desta alma ao rogo?
 Se a me fugir te incita della o fogo.

58.

Vê que ha de poder mais que o teu desprezo
 Essa carga, que levas diamantina,
 Que has de vir a cansar co grave peso
 Desta alma, que mais pesa por mais fina:
 Pois nella o mayor bem me levas preso,
 Junta com ella a vida leva indina,
 Porte ir com dous trofeos, dobrada palma,
 Levame a vida, & irás com vida, & alma.

59.

Mas ay, tyrano Bem, doce Homicida,
 Ay como o teu rigor aqui se alcança,
 Pois queres por cruel deyxarme a vida
 A fim de sentir mais tua esquivaça:
 Foge esquiva Illusão, Luz fementida,
 Féra sem par, molher sem semelhança,
 Que por mais que nas azas vas do vento
 Sempre te ha de alcançar meu pensamento.

60.

Não dos rogos, do susto conquistada
 A bella Nynfa em languidos ensayos
 Tremula pàra, cae defanimada,
 Dando a belleza á terra, a alma a desmayos:
 Os vivos soes, & a face sublimada,
 Onde activo o esplendor, bellòs os Mayos,
 Brilhar, & florecer d'antes se viraõ,
 De sombras, & candores se cobriraõ.

61.

Mas taõ bella ficou, que inda excedendo
 O eclipse ao resplendor da face pura,
 Gloria ao desmayo a fermosura sendo,
 Foy o desmayo adorno á fermosura:
 Qual cortada bonina, que pendendo
 Da tenra planta sobre a terra dura,
 Envolta no candor, que enferma ostenta,
 Nova belleza no desmayo alenta.

O 3

O triste

62.

O triste Amante em intimos trespassos
 Vendo a Prenda gentil neste accidente,
 Atando as vozes, suspendendo os passos,
 Pasma confuso, pára de repente:
 Quando huns rumores perto ouvindo escaffos
 Do brando murmurar de hũa corrente,
 Aonde a voz foava cristalina
 Corre, & lhe tras nas mãos a medicina:

63.

Em quanto a branca frente lhe orvalhava,
 Tremer a mão sentia frio, & absorto;
 Parecendo na dor, que contrastava,
 Vivo nas ancias, n'apparencia morto:
 Ao cristal, que o melhor cristal banhava,
 Tomando a bella Nynfa algum conforto
 Os olhos quasi abrio, mas anciada
 Logo os fechou, qual luz em veos nublada.

64.

Aos alternos sinaes Elle attendendo,
 Pendente estava sobre a bella frente,
 Na acção contemplativa parecendo
 Qual Narciso suspenso sobre a fonte:
 Onde determinar-se não sabendo,
 Afflicto olhava o Ceo, olhava o monte,
 Olhava o monte, & o Ceo, que pareciaõ
 Lastimarem-se à dor, que em Ambos viaõ.

Quan-

65.

Quando emfim por lhe dar leito mais brando
 Elle a seu peyto a encofta levemente,
 Aonde hum Ceo nos braços sustentando,
 Lhe applica de feus olhos a corrente:
 O coração em lagrimas foltando,
 Lhe enche o roftro de aljofar transparente,
 Que junto ao mais, que o enfermo Ceo vertia,
 Hum thefouro de perolas fazia.

66.

Depois que em muda voz no Objecto mudo
 A vista poz, fazendo o pensamento
 Nas mudanças, que via', incerto estudo,
 Do defmayo obfervando o movimento;
 Com penetrante dor no tranze agudo
 Em vozes defatando o sentimento,
 Ao turvo Sol, que em fombas fe eclipsava,
 Estas sentidas queyxas expreffava.

67.

Eu vivo? inda respiro? & deffa esfera
 O esplendor, que abomino odiosamente,
 Inda em meus triftes olhos reverbera!
 De mim, pois, foge, ó Sol, eternamente:
 Porem fe vivo, deve fer quimera
 O que aqui vendo eftou tão claramente;
 Mas quimera ferà, ou sonho efquivo
 Que eftando eu morto me imagine vivo.

68.)

Mas vivo devo estar, que a desventura
 Me guarda para exemplô de rigores;
 Por isso me não mata a sorte dura
 Por não dar fim a morte a tantas dores:
 Meu erro he bem que pague; assim na escura
 Noute vestindo assombros, & temores,
 Sempre, ò querida Prenda, em sombra fria
 Presente te trarey na fantazia.

69.

A mim me temerey, & a vida odiosa
 Passarey habitando nesta esfera,
 Exposto ao Sol, & à neve rigorosa,
 Pagando de meu crime a pena fera:
 Na ferra vagarey mais escabrosa,
 Sendo ás feras horror, aos homês féra,
 Aqui farey, qual féra, o meu abrigo,
 Só por me parecer que estou contigo.

70.

Chegate a mim; mas ay quam diferente
 A meus olhos objecto es lastimoso,
 O' turvo Sol, a quem irreverente
 O eclipse se atreveo mais tenebroso:
 Falla aqui, dize pois, nesse Occidente
 Ondé se occulta o resplendor fermoso?
 Onde esse Ceo encobre o luzimento?
 Onde a engraçada bocca o doce alento?

71.

Ah bellíssima Presa, ah Prenda amada,
 Onde está deſſa face a louçania?
 Onde o branco jasmim? onde a encarnada
 Roſa, que o roſicler venceo do dia?
 Onde tês deſſes olhos a adorada
 Chama, em cujo eſplendor eu me revia?
 Onde delles ſe eſconde o riſo avaro?
 Onde dá rica teſta o cristal claro?

72.

Mas ay quam bella ainda em taes horrores
 Eſſa de amor me agrada eſfera breve,
 Ay como ſão de mais os reſplendores
 Aonde a nuvem brilha, a ſombra, & a neve:
 Sem duvida que neſſes teus cândores
 Illuminar o Sol ſeus rayos deve;
 Oh diſgraça indiſtincta do felice,
 O eſplendor que fará ſe brilha o eclipse!

73.

Ao pranto, que vertia o Amante afflito,
 Que ſobre a branca face lhe cahira,
 Foy aclarando o tenebroſo eſpírito,
 Qual luz, que por cristal traſpaſſa, & gyra:
 O alento, que atè alli ſentio reſtrito,
 Bem que inda da ancia opreſſa já reſpira,
 Pois em voz debil, quaſi articulava
 Hum ay, que na garganta ſe lhe atava.

Os

74.

Os bellos olhos abré escaffamente,
 Porèm de novo com mortal retiro
 Os tornou a fechar em continente,
 Articulando hum ay, dando hũ suspiro:
 Qual a luz, que agoniza, ou qual o ardente
 Relampago, que voa em vago gyro,
 Este, que pela esfera corre, & passa,
 Aquella, que abre, & fecha a chama escaffa.

75.

Mas já por entre os pallidos candores
 Do Amor purpureava a linda esfera,
 Qual o Sol, que por candidos vapores
 Vertendo a luz em rayos reverbera:
 Já entre hum suor frio as murchas flores
 Nas faces quasi anima a Primavera,
 Já a vida recupera, já respira,
 Já pronuncia a voz, já os olhos gira.

76.

Elle cum vèò lhe enxuga levemente
 As perolas, que o rostro lhe vertia,
 Qual candido jasmim, que à luz nascente
 Se banha todo em lagrimas do dia:
 A's ancias já a Beldade alivio sente,
 Mas tal que de hora em hora inda gemia,
 Que o mal de tanta gloria satisfyto
 Deixar lhe não queria o bello peyto.

Quan-

77.

Quando de todo já recuperada
 Emprega os brandos olhos no Homicida,
 Onde a tantas finezas obrigada
 Se mostrou por Deidade agradecida:
 Doce questão em pratica altercada
 Alli foy logo entre elles discutida,
 Onde em ternuras d'alma Ambos desfeytos
 O amor conferem com futis conceytos.

78.

Dando as mãos com reciproca alegria,
 Fallando em varias cousas caminhavão
 Para onde os mais Varões em companhia
 Das mais Nynfas a Amor servindo estavão:
 Onde o Mello em abobada sombria,
 Que hūs arvoredos contra o Sol formavão,
 Das Nynfas á Princesa prehemimente
 Contava a historia do Hyminéo presente.

79.

Tão densa se enredava a verde grenha
 Das frondiferas plantas intrincadas
 Que sendo altos doceis de hũa alta penha,
 De hũa fonte erão plumas levantadas
 Cujá corrente, vibora da brenha,
 Se occultava entre ramas tão fechadas
 Que apenas era vista a prata fria
 Do resplendor do Sol, da luz do dia.

Era

80.

Em cristalinos Aspides se quebra
 A fonte, que da penha se derrama,
 Dando no humor, que em cytharas requebra,
 Ondas à terra, perolas à rama:
 A qual saudando a Aurora, a quem celebra,
 Vaga terço clarim por entre a grama,
 Dando em continua clausula sonora
 Salvas a Ceres, musicas a Flora.

81.

Os tremulos regatos, que divide
 Pelo destriçto, que os cristaes lhe furta,
 Enroscando-se Viboras na vide,
 São Aspides occultos entre a murta;
 Onde o licor, que armonico reside
 Na larga selva a seu imperio curta,
 Nos listões, que produz de ondosa prata,
 Com ligas de cristal as flores ata.

82.

Aqui hũa mesa de cristal brilhante
 Cuberta de alva blanda se ostentava,
 De exquisitos manjares abundante,
 Expostos no metal, que o Hebro lava:
 Em transparentes vasos de diamante
 O licor rubicundo alli escumava,
 Alli cheyrando o inclito Falerño
 Vence o nectar de Jove sempiterno.

Final.

83.

Finalmente por ordem successiva
 Com grandeza Real alli se ostenta
 Quanto Ceres produz, Baccho cultiva,
 Pomona gera, Pallas apacenta:
 Brincava a mesa multidão lasciva
 Dos astros, que Abril cria, & Mayo alenta;
 Com que Flora toucando a Cytherea
 O prado esmalta, o campo galantea.

84.

Todos alli comendo alegremente,
 Os sentidos lhe estava recreando
 O suave bolicio da corrente,
 Que murmurar se ouvia em rithmo brando:
 Onde as aves cantando docemente,
 Tonos compondo, vozes alternando,
 Ao leve respirar do brando vento
 Desatavão no ar sonoro alento.

85.

Entre a varia das aves harmonia
 Saudava em canções a tarde amena
 O Melro, que as mais aves defafia,
 A quem responde a doce Filomena:
 A qual nas gratas queyxas, que exprimia,
 Fazendo alhea gloria a propria pena,
 Por tal estylo as ancias modulava
 Que chorando parece que cantava.

O

Fazen

Fazendo-lhe o compasso as tenras flores
 Pela solfa do Zephiro saudoso
 Sonora a Totinegra entoar amores
 A' lyra de hum regato armonioso:
 Onde outro arroyo em lugubres rumores
 Cruza o regato, & corre vagaroso
 Torcendo o passo, como que se perde
 Na confusão do labyrintho verde.

Acabado o banquete, inda assentados
 Estando todos ao redor da mesa,
 No excelso Heroe, Author dos seus agrados,
 Das bellas Nynfas a gentil Princeza
 Os olhos empregando sublimados,
 Articulando a voz com altiveza,
 Contame, diz, a guerra, & della a fórma,
 De tudo, illustre Herôe, aqui me enforma.

Relatame as empresas bellicosas,
 Dos teus me conta as inclitas façanhas,
 Que o laço desatárão generosas
 D'ambas as Indias, d'ambas as Hespanhas:
 As acções me refere mais gloriosas,
 Estranho assombro das Nações estranhas,
 Depois concluirás da acção presente
 A que seguias pratica eloquente.

89.

O Mello lhe responde: Alta Rainha,
 A obediencia he tal, que se te deve,
 Que a não ser o que mandas gloria minha,
 Inda a mais grave ley me fora leve:
 Mas se, a dobrarme a gloria se encaminha
 O relatala, attende, & ferey breve,
 Que por muyto que diga, he tal a historia
 Que os limites excede da memoria.

90.

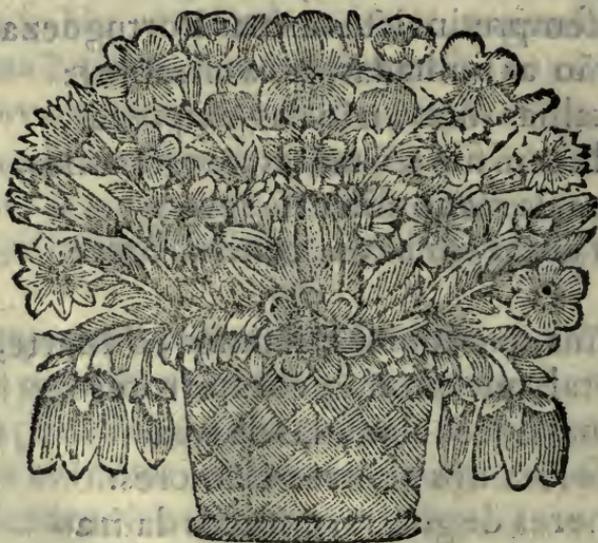
Ouve, que não verás com vãs proezas
 Encarecer fantasticas façanhas,
 Que as sempre invictas armas Portuguezas
 Vencêrão as sonhadas, & as estranhas:
 Das batalhas direy, não das emprezas,
 Que estas em fim são tantas, & tamanhas,
 Que fora da razão discurso leve
 Querer cifrar o mar em concha breve.

91.

N'alma, que aqui se inflamma, ò Marte, inspira
 Influxo tal, que em tragicos horrores
 Forme nas doces clausulas da lyra
 As confusões dos bellicos clamores:
 Em rumores de guerra, em ecos da ira
 Se tornem hoje os metricos furores,
 Porque no rithmo a som mais alto suba
 A humilde Avena que a guerreira tuba.

Calla-

Callavão todos com ouvido attento,
 Delle pendendo prompts, & embebidos,
 A vista immóvel, ficto o pensamento,
 Suspensa a voz; absortos os sentidos:
 Em tanto o excelso Herôe atando o alento,
 Por todos gira os olhos advertidos,
 E votando à Deidade alto respeyto.
 Solta a facunda voz do sabiô peyto.





CANTO VIII.

ARGUMENTO.

R Efere o Mello como a gente Hispana
 Rompeo a guerra contrá a Luza gente,
 Como sabindo a campo altiva, & ufana
 Assaltou de Olivença o muro ingente;
 Como mais do que he dado à força humana
 Rebatida ficou no assalto ardente,
 Como o Albuquerque, General experto,
 Mandou formar os Seus em campo aberto.

A Cclamado João, Monarcha invito,
 Restaurador do Imperio Lusitano;
 Quando Philippe ao bellico conflito
 Guerreyro se prepara, se arma ufano:
 Juntar mandando em numero infinito
 As guerreiras legiões do povo Hispano
 Contra o Reyno dos Ceos favorecido,
 Que tem por dom vencer, não ser vencido.

2.

Palreira em tanto a Dama voadora
 Pelas lingoas dos homẽs divulgava
 A guerra, de que Lycia sabedora
 Para a defenſa as armas preparava:
 Já Previcacia, aquella atroz motora
 De discordias, fizanias semeava;
 Já as portas abre (estremecendo a terra)
 A' bifronte Deidade o Deos da guerra.

3.

A vista Alecto gyra inficionando
 O ar, a terra, a agoa, o fogo, o ambiente,
 Odiõs, iras, venenos derramando
 Pelas entranhas d'hũa, & d'outra gente:
 Onde o rancor antigo renovando
 O loberbo Espanhol na acção presente,
 Em rayvas conspirando mal sofridas
 Mostra a sede, que tem das Luzas vidas.

4.

Em quebros a trombeta Castellhana
 Nos areş duplicando o rouco alento
 A' guerra convocava a turba Hispana,
 Dando fusto ás regiões, terror ao vento:
 Ave não houve, fera, ou gente humana,
 Que não deyxasse o ninho, a gruta, o affento;
 Ouvindo que ao pregaõ da dura guerra
 Gemia o monte, o valle, o Ceo, & a terra.

Come-

5.

Começa-se nas praças defarmadas
 A fabricar redutos, fossos, muros,
 Parapeitos, trincheiras, & estacadas,
 Seguras pontes, baluartes duros;
 Os finos adereços das espadas,
 Que servirão tê alli de adornos puros,
 Sendo do luxo inuteis ornamentos,
 Já são de Marte bravos instrumentos.

6.

Cotas, lorigas, dardos, pistoletes,
 Partazanas, rodellas, & montantes,
 Adargas, couras, peitos, capacetes,
 Finas espadas, lanças penetrantes,
 Alabardas, borqueis, chuças, mosquetes,
 Aureos escudos, elmos rutilantes.
 Se vem por toda a gente, & em toda a parte,
 Por insignias crueis do fero Marte.

7.

Qual exprimenta a coura, o peyto prova,
 Buscando a prevenção, que mais convinha,
 Qual as armas refaz, qual as renova,
 Que a ferrugem da paz gastadas tinha,
 Qual o escudo prepara, a espada innova,
 Qual fortalece o arnez, o elmo alinha,
 Qual reforça o colete, a malha dobra:
 Em todos finalmente ferve a obra.

8.

Roucos tambores, tubas sonoras,
 Em tanto os Marcios ecos dando ao vento,
 Convocação das terras populosas
 A' guerra o Lusitano ajuntamento:
 Já promptas as esquadras bellicosas
 Entre os muros fataes do Lycio assento,
 Para o Tejo passar só lhes faltavão
 Do amado Rey as ordês, que esperavão:

9.

Quando da Fama, que veloz corria,
 O rumor se introduz na Lycia terra,
 Que marchar o inimigo pertendia
 Nomeando os Bastões, que o Campo encerra:
 O numero da gente referia,
 E como quasi toda era apta á guerra,
 Em tudo prompta, em tudo experimentada,
 Ligeira no atirar, destra na espada.

10.

Quando na mesma noute ao som vehemente
 D'altos clarins, horrifonos tambores,
 Manda o Rey que partisse a Luza gente,
 Ao nascer dos primeyros resplendores:
 Nunca ás Adês do mar no Estio ardente
 Forão do Ceo tão gratos os clamores,
 Como foy ao Mavorcio ajuntamento
 Alegre o som do bellico instrumento.

II.

Já dos Pays, & das Mãys, irmãas, & esposas
 Os guerreiros soldados despedidos,
 Entre doces palavras amorosas
 Se ouvião queyxas, prantos, & gemidos:
 A Mãy banhada em lagrimas faudozas,
 Truncando a voz com ays enternecidos,
 Emfim te apartas, diz, ò filho charo,
 Deste pobre capello unico amparo.

12.

Oh não te apartes, não, Prenda querida,
 Doce consolação desta Mãy velha,
 Oh cançada velhice aborrecida
 Que contra ti já a morte se aparelha:
 Que hey de fazer sem ti, luz desta vida?
 Quem contra mim, ò filho, te aconselha?
 Não te vãs, não te apartes destes laços,
 O' suave delicia dos meus braços.

13.

Mas, pois, desta prisaõ tão amorosa
 Desprezas ò suave cativeyro,
 Não queyra o Ceo, que em pena rigorosa
 Te vejas de outros braços prisioneyro:
 Estes que com lisonja tão mimosa
 Forão o berço teu no ser primeyro
 Aceita, ò filho meu, por despedida,
 Pois já te não verey na minha vida.

14.

Chora a donzella, emblema da belleza,
 Ao charo irmão dizendo desta sorte,
 Oh quanto nos unio a natureza,
 E quanto agora nos desfune a sorte:
 Que interesse, que estado, ou que riqueza
 Te leva tão contente á dura morte?
 Querias mayor bem, mais alegria
 Que desta irmã a doce companhia?

15.

Em tanto a Esposa, o gesto demudado,
 Enfermo o alento, a voz desfalecida,
 He possível, exclama, Esposo amado,
 Que te apartes desta alma, de que es vida!
 Quem tal dissera quando no meu lado
 Promessa me fizeste repetida
 De neste, que nos une, Sacramento,
 Ser só por morte o nosso apartamento!

16.

Mas inda mal, que tanto os meus receyos
 Hoje o tal prazo vem, Prenda adorada;
 Pois por nunca já mais cuydados meyos
 A morte te estou vendo anticipada:
 Quem me dera, se quer, nestes enleyos
 Poder tão bem sahir a campo armada,
 Oh quem me dera obrar o que desejo,
 Sem me estorvar o passo a honra, & o pejo.

Oh

17.

Oh levame contigo, Esposo charo,
 Que por te defender a amada vida,
 Forças me dará Amor, a forte amparo,
 Já por amante, ou já por atrevida:
 Verás, se n'arte não, no valor raro
 Do meu sêxo a fraqueza desmentida,
 Porque verás obrar meu debil pulso
 Quanto do Herôe mais forte pòde o impulso.

18.

Oh quam feliz que fora a minha sorte
 Se do teu lado nunca me apartára,
 Que quando te roubasse a dura morte,
 Da minha vida a tua se animára:
 Não fora o mal tão grande, a dor tão forte,
 Se unindo bocca a bocca em ti espirára,
 Se Confortes nos fez o amor na vida,
 Sejamolo na morte apetecida.

19.

Mas que delirios são os que adulando
 Estão a minha dor nestes teus passios?
 A Deos, & já largalo aqui intentando,
 Se liga mais nos ultimos abraços:
 Qual simplez passarinho, que assentando
 Os pès no visco, que lhe urdira os laços,
 Quanto mais bate as azas, mais se enlea,
 Sentindo em cada penna hũa cadea.

20.

Ou qual no monte o misero Cordeyro
 Do rebanho perdido por desgraça,
 Que vendo-se entre sylvas prifioneyro,
 Quanto lhe foge mais, mais se embaraça:
 Tal a Esposa no abraço derradeyro
 Mais querendo apartar-se, mais se enlaça,
 Que sempre o Amor nos ultimos abraços
 Tece mais fortes nòs, mais firmes laços.

21.

Qual por mais obrigar, (o filho ao peyto)
 Movavos, diz, a paternal piedade
 Deste, que foy do Amor querido effeyto,
 Cujavista he estimulo á saudade:
 Porque quereis que fique em prazo estreyto
 Elle orfaõ, eu viuva em tenra idade?
 Que mais gloria quereis, que melhor palma,
 Que este fruto do amor, reliquia d'alma?

22.

Mas o pay, cujo brio não consente
 Ternura no semblante respeytofo,
 Ao charo filho diz severamente,
 Ou vencer, ou morrer vitoriofo:
 Na batalha, no affalto, ou choque ardente
 O teu sangue te lembre generoso,
 Pois te ennobrece teus progenitores,
 Não se infamem por ti teus successores.

Mas

23.

Mas sobre tudo os ares lastimava
 A linda Flebia, aquella, a que a ventura
 Avaramente a dita lhe encurtava
 Pela desgraça só da fermosura:
 Em solitaria noute lamentava
 De seu querido Amante a ausencia dura,
 Com ays interrompendo em vaã porfia
 A muda solidão da noute fria.

24.

Flebia, que nos fantasmas de hum lethargo
 Julgava junto a si seu charo Enfrido;
 Mas despertando, (ah dor, ah trance amargo!)
 De seu lado achou falto o Bem querido:
 Aquelle, que a tal noute em pranto largo
 Se havia de seus olhos despedido,
 Em cujo coração tiverão parte
 Os Imperios do Amor, as leys de Marte.

25.

Aquelle, em cujo peyto competia
 Marte sem tyrania, Amor sem vicio,
 Servindo com ayrosa bizarria
 A Amor por gala, a Marte por officio:
 Tal que elcutando a bellica armonia,
 Que a guerra convocava o povo Lycio,
 De Mavorte impellido ao som guerreiro,
 Deixou do Amor o doce cativeyro.

Qual

Qual o Ginete ás armas costumado,
 Que froxo, vil, lascivo, ocioso, & brando
 Do generoso ardor já não lembrado,
 Entre femineo bando anda pastando;
 Se ouve trombeta, ou cayxa, estimulado,
 Como de ignavo sono despertando,
 Inflammado do bellico instrumento,
 Relincha, corre, & deixa altivo o armento.

Tal Enfrido incitado ao bellicofo
 Som de Marte; fugir a Amor procura,
 Que não lhe sofre o peyto generoso
 Amorosa delicia em guerra dura:
 De Flebia se ausentou, (bem que saudoso)
 De Flebia, que a voz dando á noute escura,
 Com lastimosos ays, flebil gemido
 De ingrato accusa aos Ceos seu doce Enfrido.

Mas quem dirá, ò Flebia, o que sentiste,
 Quando aos assaltos d'ancia despertaste
 D'aquelle leve sono, ou sonho triste,
 E o teu amado Enfrido em vão buscaste?
 As magoas, com que então os Ceos feriste,
 As queyxas, com que as penhas magoaste,
 Os ays, que se imprimirão nas estrellas,
 O mar, em que escondeste outras mais bellas.

29.

Quantas vezes os olhos levantando,
 Dando dous astros mais ao Firmamento,
 A' piedade o estarias provocando,
 Lagrimas derramando cento a cento,
 O Ceo, que ouvio teu choro miserando,
 Diga o que proferio teu frio alento,
 Se he que de tanta dor compadecido
 De tão sentido lhe ficou sentido.

30.

O' noute, dize-o tu, que emmudecida
 Estiveste ao clamor de tanta pena,
 E tu, que absorto, ò vento, á voz sentida
 Pozeste em pasmos a região serena:
 Mas se, ò noute, estás inda suspendida,
 Se a dor, ò vento, a assombros te condena,
 Profere-o Flebia tu, bem que sómente
 Menos explica a dor quem mais a sente.

31.

Era a estação da noute a mais sombria,
 E da estação o quarto o mais profundo,
 Em que todo o Vivente adormecia,
 Pondo á vida hum parenthesis jucundo:
 Tudo hũ medonho assombro suspendia,
 Emmudecia o Ceo, calava o mundo,
 Dormia o mar, & repousava o vento,
 Sò de Flebia velava o pensamento.

Flebia

32.

Flebia, que solitaria, mûda, & absorta
 Fluctuava em cuydados pensativa,
 Implicando-se a hum tempo viva, & morta,
 Morta nos gostos, nas angustias viva:
 Onde naquella dor, que a magoa exorta,
 Hum rico mar de perolas diriva
 Sobre a mão, que era Atlante cristalino
 De dous fermosos Soes, de hũ Ceo divino.

33.

Vacillando em delirios de impaciente
 O leyto deyxá, dando a seus candores
 O recato de hum vèò, que transparente
 Foy nuvem tenue atantos resplandores:
 Chega a hũa janella, onde a corrente
 Do Tejo ouvia em lugubres rumores,
 E vio (ah fera vista!) dar esquivo
 Enfrido à praya as velas fugitivo.

34.

Chamallo quer; porèm a pena dura
 Tanto lhe embarga a voz, a dor lhe augmenta,
 Que o peyto cheyo de ays, & de amargura,
 Sentio naquella dor nova tormenta:
 E vendo que a corrente d'agoa para
 Lhe hia levando o Amante, absorta, & atenta
 Pondo os olhos no mar, nelles a enchente,
 Do enfermo peyto solta a voz doente.

Aonde

35.

Aonde vas, aonde ? ò Bem querido,
 Querido Bem, te chamo ! ah duro ingrato !
 Aonde vas ? ò falso fementido,
 Cruel , fero , incapaz de humano trato :
 De Hyrcana fera debes ser nascido,
 Criado no rigor de agreste mato,
 De bronze debes ter a natureza,
 Pois es mais que penhasco na dureza.

36.

Mas ay, querido Bem, Prenda amorosa,
 Perdoa o desatino ao labio infano,
 Que bem sey que o ser menos venturosa
 Não te faz fer a ti mais deshumano :
 Mas, ò Flebia, estás louca ? inda piedosa
 Intentas desculpar este Tyrano ?
 Louca devo de estar, ah fementido,
 Tu a loucura es do meu sentido.

37.

Tu es o mais cruel, es o mais duro
 Que lagrimas de amor tem desprezado,
 Teu peito he mais que pedra, he mais que muro,
 Aonde nunca entrou doce cuydado :
 A caso aballo em ti meu pranto puro
 Fez ? Não por certo ; & ainda es adorado !
 Ah cego Amor, ah louco pensamento,
 Louco estás, pois adoras teu tormento.

Mas

38.

Mas inda assim em taes penalidades
 Não sey que tem; Enfrido, os teus rigores,
 Que estimo os teus desprezos, & cruéldades,
 Como se forão mimos, & favores:
 Tanto que nessas tuas impiedades
 Por ti me finto mais morrer de amores;
 Porque o extremo me faz, com que te trato,
 Ser mais amante em verte mais ingrato.

39.

A me ver eu de ti correspondida
 Com reciproco amor, com fé constante,
 Correspondencia fora então devida
 Em dependencia igual mostrarme amante:
 Mas porque amante mais que agradecida
 Pareça neste amor sem semelhante,
 Já te não quero, não, correspondente,
 Por mostrar que te adoro independente.

40.

Mas ay que de cruel, & incompetivo
 Te não posso livrar, Enfrido amado,
 Pois de hũa alma te vas ingrato, & esquivo,
 A meterte nas mãos do Ibero irado:
 Passo esta dor, & ainda fallo, & vivo!
 Como já me não mata o meu cuydado?
 Mas ay que he tão cruel a minha pena
 Que à vida, & não à morte me condena.

A vida?

41.

A' vida me condena; porque a forte
 Por não dar fim na morte à dor sentida,
 Me dá a vida por mais tyрана morte,
 Que a tanto mal me fora a morte vida:
 Mas porque nesta dor, que me he tão forte,
 Te deva algum amor, Prenda querida,
 Attende a hũa alma, que hũ favor te pede,
 Tudo nas despedidas se concede.

42.

Detem-te, espera, para, Esquivo amado,
 Mais duro a meu clamor que as penhas duras,
 A meus rógos abrandando o peyto armado,
 Já não digo aos afagos, & ás ternuras:
 Porque destas por minhas já enfadado
 Te irás; porèm se, Enfrido, outras procuras,
 Outras fim acharás mais lisongeiras,
 Mas nunca como as minhas verdadeiras.

43.

Ay rigoroso Enfrido, ay Flebia triste!
 Suspendaõ-te os meus ays; Prenda querida,
 Que se esta alma me levas, que atrahiste,
 Como ficar sem alma pôde a vida?
 Porèm vida sem alma hoje me assiste,
 A fim de mais sentir tua partida,
 Que a dor, que a toda a magõa me condena,
 Me deyx a vida, porque sinto a pena.

44.

Pára , ò Prenda gentil dos brandos ares,
 Pára , ò furto das ondas fugitivo,
 Que se cortando vãs do Tejo os mares,
 Arriba aos dous , que d'alma em vão derivo:
 Deixa os Ceruleos de Neptuno altares,
 E este d'alma navega mar nativo,
 Attende, esquiva Prenda, ao que te imploro,
 Não possa mais hum mar que os dous , que choro.

45.

Mas se esquivo te vãs , & eu despedindo
 Hum mar fico de lagrimas ardentes,
 Por mais que dos meus olhos vãs fugindo,
 Delles te hão de seguir sempre as correntes:
 Os suspiros , que os Ceos estão ferindo,
 Te hão de alcançar correysos diligentes:
 Mas ay que mais então meu dano augmento,
 Mais agoa dando ao mar , mais força ao vento.

46.

Porèm se o proprio alento, que respiro,
 Se as caudalosas lagrimas , que choro,
 Daõ impulso mayor a teu retiro,
 Ar dandote meus ays, ondas meu choro,
 Que atè sou contra mim eu mesmo , infiro;
 Pois na respiração , com que minoro
 Meu dano, minha dor , meu mal conheço,
 Que atè no que alivio mais padeço.

Mas

47.

Mas para que duplico os meus pezares?
 Soltos ao vento, aos mares proferidos,
 Se levão minhas lagrimas os mares,
 Se em fim o vento leva meus gemidos:
 Levem-me as ondas, pois, levem-me os ares,
 Já lastimados, já compadecidos,
 Levem-me aonde là, meu Bem, caminhas,
 Que eu azas formarey das penas minhas.

48.

Mas foge, vaite já, passa esse Tejo,
 Exemplar destas lagrimas, que choro,
 Que em meus suspiros tês ar de sobejo,
 Que largo preamar tês em meu choro:
 Mas para, para ahi, que ir me desejo
 Comtigo, Ingrato Bem, que esquivo adoro,
 Que ao menos como servo na estacada,
 Te levarey o arnez, o escudo, a espada.

49.

Ah se, adorado Enfrido, me levàras
 Comtigo a pelejar com o Inimigo,
 Ah como para mim te acreditàras
 Se me levàras a morrer comtigo!
 Tu dos golpes contrarios te amparàras
 Com este peyto meu, pois no perigo
 Temer não pòde o belico homicida
 Quem se vê dos teus golpes tão ferida.

Q

Temer

50.

Temer não pòde, não, a adversa espada
 Inda no encontro mais enfurecido,
 Hũa alma, que anda às frechas costumada,
 Hum peito, que anda aos golpes tão sofrido:
 Que inda que a mortes mil fora arriscada,
 De toda a sorte fora, ò Bem querido,
 Que não seria muyto em teu soccorro
 Que morresse por ti, pois por ti morro.

51.

Se me levâras, a mayor piedade
 Mostrâras que era a que teu peyto encerra;
 Pois hoje não tivera da faudade
 No campo d'alma tão continua guerra:
 Que fama, que honra, gloria, ou que vaidade
 He a que dos meus olhos te desterra?
 Suspende o passo, pois, doce Inimigo,
 A guerra deyxá, & faze a paz comigo.

52.

Mas vai te já cruel co a paz, que intenta
 Deixarme o teu rigor nesta ancia forte,
 Vay, que là pagarás a dor violenta,
 De que me es causa, a fogo, a ferro, & morte:
 Que na batalha mais sanguinolenta
 De ti me ha de vingar a dura forte,
 A Flebia chamarás continuamente
 Sem te poder valer, ah dor vehemente!

Mas,

53.

Mas, ò prenda infeliz da fermosura,
 Pois hoje em mim te ves tão desprezada,
 Que vale o teu braço? se sem ventura
 Nasceste para ser tão ultrajada?
 Mas se nesta, que finto, affronta dura
 Es a offendida tu, se tu a vingada:
 Mas que delirios são os que profigo?
 Que he isto, ò Ceos, aonde estou, que digo?

54.

Louca ainda presumo, inda levanto
 Babylonias de prendas peregrinas!
 Oh dâ humana vaidade cegò encanto,
 Que inda as vãs-glorias fundas nas ruinas!
 Pois, Fermosura vã, se ves no pranto
 Agonizar as Tróyas! que imaginas?
 Achando nos Imperios o escarmento,
 Como levantas machinas no vento?

55.

Mas que faço em chorar? se na vingança
 Pòde ter desafogo a minha offensa,
 Ao Ceo juro, ò cruel, que sem tardança
 Has de ver desta injuria a recompensa:
 Não terás do meu odio segurança
 Na parte mais occulta, ou mais intensa,
 Nem o Ceo te dará de mim delvijo,
 Que a exemplo teu te hey de imitar no impio.

Q 2

Mas

56.

Mas que digo? estou louca? ah vão conceito!
 Se em ti minha alma tenho, & minha vida,
 Que golpe te darey? que este meu peyto
 Primeyro a dor não sintá da ferida:
 Que bem então houvera em mim perfeyto
 Comtigo estando mal? Prenda querida,
 Por certo que nenhum; & assim contigo
 Conservar quero a paz, charo Inimigo.

57.

Se esta queres trocar por guerra dura,
 Respondeme, adorado Fementido,
 Queres mais que de hũa alma a fé mais pura?
 Desejas mais que hum coração rendido?
 Podias ter a vida mais segura
 Que neste peyto? esfera de Cupido,
 Ou podias achar nos teus trespaços
 Mais suave descanso que em meus braços?

58.

Não por certo; que Amor os convertia
 Para delicia tua em brando leyto,
 Onde o som da minha alma te fazia
 Adormecer aqui sobre o meu peyto:
 Lá da Campanha essa áspera harmonia,
 E o duro estrondo, a que andarás fogeito,
 O mesmo te fará; mas ah que ouvindo
 Estes estrondos, n'alma os vou sentindo.

Parece

59.

Parece que ouço aqui da tuba irada,
 E do rouco tambor o som vehemente,
 Os igneos golpes de hũa, & d'outra espada,
 O zunir pelo ar do chumbo ardente:
 Parece vejo a terra ensangocentada,
 Voar as armas, & cahir a gente,
 Diviso tudo, que o temor presume,
 Toda a guerra nesta alma se resume.

60.

Mas sobre tudo vejo, ah triste Enfrido,
 Ay de mim, que farey em taes rigores?
 Se do que he d'alma susto presumido,
 Forem certos annuncios meus temores:
 Vejo, ay de mim, (& nisto interrompido
 De hum ay o alento) torna, ò meus Amores,
 Vejo, ay de mim, que em palida figura
 Eclipsas desles soes a luz mais pura.

61.

Ay que vejo em teu peyto cristalino
 De rubins larga fonte caudalosa,
 Onde o golpe cruel do meu destino
 Porta te abriu á alma dolorosa:
 Disse; & inclinando o rosto peregrino
 A dor lhe rouba a grã, bem como a rosa,
 Quando encalmada ao Sol, enferma ao dia,
 Murchando a pompa perde a louçania.

Q 3

Frio

Frio suor em perolas vertendo,
 Os olhos fecha em fim; oh quanto avaros
 Então se virão dos seus rayos! sendo
 Os mais brilhantes Soes, os Ceos mais claros:
 Fechaste os olhos, Flebia, & escurecendo
 Ficou o ar, o Sol, & os orbes raros;
 Abre effes Ceos, verás com luz mais pura
 Brilhar o ar, luzir a noute escura.

63.

Em tanto para as rayas concorria
 De hũa, & d'outra Provincia a gente brava,
 Povoando o deserto, que algum dia
 Sò de gado, & pastores se habitava:
 A trombeta, & tambor na gruta fria
 Perturbando o silencio retumbava,
 Fazendo ao valle, ao monte, ao campo, & à ferra
 Repetir arma arma, guerra guerra.

64.

Alli da fria Beira a inculta gente,
 Ao agreste exercicio costumada,
 Marchar se via em belica torrente,
 Qual de gado grosissima manada:
 D'armas vinha formando hum bosque ardente,
 Que bem que nellas pouco doutrinada,
 Tanto ao Marcio primor menos se ajusta,
 Quanto para o trabalho he mais robusta

Viasse

65.

Via-se a fera gente, que habitava
 As montuosas terras abundantes,
 Que fertiliza o Douro, o Minho lava,
 Gente feróz de intrepidos semblantes:
 Esta os aridos campos adornava
 De galas, & penachos tremolantes,
 Tal que nas varias cores, que vestia,
 Errante Primavera parecia.

66.

A gente, que a provincia Transmontana
 Produz à sombra de impinados montes,
 Por escabrosas serras vaga, & mana,
 Occupando distantes orizontes;
 Cujos immenso tropel na marcha ufana
 Secando os rios, esgotando as fontes,
 Hora se ve decendo, hora sobindo,
 Talando valles, montes opprimindo.

67.

Guerreyra multidão de gente adusta,
 Gente, que escura fás o Sol, & o dia,
 Dos Algarves, região, que ao Mouro affusta,
 Em dilatadas hostes se estendia:
 Da Transtagana gente a mais robusta
 Por toda a parte os campos discorria,
 Tendo o ferro, que já servio no arado,
 Nas mãos, que apacentáram rudo gado.

Q 4

Mas

68.

Mas sobre tudo agente mais luzida
 Era a que se conduz da Estremadura,
 Grata no modo, no vestir pulida,
 Gente, que excede a outra na brancura;
 Taõ alinhada, como bem vestida
 Duplicava do campo a fermosura,
 Bem como o verde Abril, que em varias flores
 Esmalta o prado de diversas cores.

69.

O Hispano General, que attento, & expertõ,
 Já fervoroso o exercito advertia,
 Depois de o ver formado em campo aberto,
 Ordenou que marchasse ao novo dia;
 Mal o Sol foy no oriente descuberto,
 Quando vistolamente se estendia
 No largo campo em ordem perfilada
 Debayxo dos pendoens a gente armada.

70.

Pondo ás rayas terror, medo às fronteyras,
 Os passos a Olivença encaminhavão
 Os batalhoens, que em horridas fileyras
 Pizando a terra os montes abalavão:
 No meyo em varias linhas as guerreyras
 Esquadras dos Infantes se amparavão,
 Dilatando por valles, & por montes
 Hum populoso mar de humanas frontes.

Não

71.

Não levanta mais ondas o Oceáno,
Agitadas do vento procelloso,
Quando no Inverno com furor tyrano
Boreas altera o mar tempestuoso;
Como formava o campo Castelhana
De vultos hum diluvio populoso,
Coroando montes, valles occupando,
Campos cobrindo, ferras inudando.

72.

Em tanto o Sol, que 'o voo remontava
Ao crisol de seus rayos refulgentes,
A vista em visos tremulos cegava,
Reverberando nos metaes luzentes;
Pareceo que em faiscas se ateava
O ar, que cheyo de atomos ardentes,
Se ostentava entre lucidos fulgores
Golfo de luzes, bosque de esplendores.

73.

Errante bando os montes discorria
D'algũs Campiões ligeiramente armados,
Que em gyro todo o campo descobria,
Como he uso, explorando os Emboscados;
E para franquear a estreyta via
Pelos agrestes sitios intricados
Diante vão os gastadores duros,
Troncando plantas, arrazando muros.

A ata

74.

A atacar os soccorros contingentes
 Por varias partes vaga Turba experta,
 Afugentando as Guardas, que eminentes
 Obeliscos occupão sempre á lerta:
 Quatrocentos Campiões dos mais valentes
 A fim de nos fazer a marcha incerta
 D'Elvas correndo os campos, & as fronteiras,
 Rebanhão gados, queymão sementeiras.

75.

Affim de Badajòs para Olivença
 Vinha o Inimigo o passo dirigindo
 Por entre a cerração da nuvem densa
 Do pò, que ao ar subia, o Ceo cobrindo:
 Qual o Sol quando em nevoas se condensa,
 Que mal se está seu lustre distinguindo,
 Tal dos finos metaes a chama pura
 Se vè luzir na polvoreda escura.

76.

Não de outra forte lá na altiva esfera
 Entre bôrrascas fuzilar se attende
 A nuvem, que o vapor sulphureo gera,
 E prenhada de fogo a vista offende:
 Que quando tenebrosa reverbera
 No tremulo fulgor, em que se acende,
 Hora aberta entre incendios resplandece,
 Hora fechada em trevas escurece.

Como

77.

Como o lustre das armas scintillava
 Por entre o espeffo pò, que em vagos montes
 O luminoso exercito occultava
 Nublando os mais distantes orizontes:
 Mas vendo-se o fulgor, que tremolava
 Nos metaes, que forjára o duro Brontes,
 Sò se não via a gente, que se encerra
 Na densa nuvem, que produz a terra.

78.

Do excelso cumé do soberbo muro,
 Donde a campanha mais se descortina,
 Attenta Sentinella o campo escuro
 Là abayxo vê, qual horrida neblina:
 Mas vendo scintillar o metal puro,
 E cheya de esplendor toda a campina,
 A cima, acima, ò gente, proclamava,
 Que chega do inimigo a turba brava.

79.

Por outra parte o bellico instrumento
 Eco guerreiro aos ambitos defata,
 A cujq som o marcio ajuntamento
 As portas ferra, as armas arrebatã:
 Com cega confusão, clamor violento
 Cada qual de occupar seu posto trata,
 Já no mais alto do marmorco vulto
 Se via armado o bellico Tumulto.

Cada-

Cadavez mais no pò, que se revolve,
 Scintillava o metal resplandecente,
 Como no Inverno o mar a enchente envolve,
 Que entre turvo se alterna transparente:
 Tè que já perto o veo, que se resolve,
 Os brutos se distinguem d'entre a gente,
 E entre os relinchos dos frizões ferozes
 Se ouve hum mixto rumor de varias vozes.

Já as trombetas nos cantos alternadas
 Com os tambores se ouvem confundidas,
 Já as bandeyras ao vento despregadas
 Voar se vem do Zephiro batidas:
 As hostes já se attendem ordenadas,
 Em diversas falanges divididas,
 Já por entre o rumor das armas soa
 Do ferro a dura voz, que tudo atroa.

Pareceo que atè o Sol , o Ceo , & o dia
 Perdia a luz , os rayos enfiava,
 Que absorto o Guadiana ao som, que ouvia,
 De medroso a corrente atraz voltava:
 Das tubas ao clangor, que o ar rompia,
 Gemia o monte , a gruta retumbava,
 E aos tiros , que soavão n'alta esfera,
 Deyxava a ave o ninho, o alvergue a fera.

83.

Toca a investir a tuba Castelhana
 Com bravo som, estrondo temeroso,
 De horror cobrindo a terra Lusitana,
 De ecos o globo enchendo luminoso:
 Assustou-se a Provincia Transagana,
 Parou hum pouco Tejo caudaloso,
 E as penhas, que ao final estremecerão,
 Guerra guerra, arma arma responderão.

84.

Quando a bater começa o Marcio bando
 Da fortissima Praça o excelso muro,
 Que alternamente os bronzes desparando,
 Nos orbes não cabia o estrondo duro:
 Mas o Castello as ballas aturando,
 Cada vez se ostentava mais seguro,
 Sendo nos golpes, qual marinha roca,
 Quando no Inverno o mar contra ella choca.

85.

Erão os valerosos Defensores,
 Que na Praça assistiaõ sitiada,
 Destros soldados, bravos tiradores,
 Promptissimos na lança, iguaes na espada.
 Entre tres eminencias superiores
 A Praça sobre hum plaino está fundada
 A hum lado montes dous lhe fazem rosto,
 Tendo a ferra chamada Olor no opposto.

A ar-

A artilharia de hũa, & d'outra parte
 Ethnas vibrando, rayos produzindo,
 Feridas mil, & mortes mil reparte,
 Pernas, braços, cabeças dividindo:
 Tè que já cada qual hum novo Marte
 A eminencia dos muros investindo,
 Pondo mantas, escadas arrimando,
 Por ellas vay subindo effeſso bando.

Já por todos os lados se attendia
 Das muralhas Tentando a altura immensa
 A vasta multidão, que parecia
 Bem como de Estorninhos nuvem densa:
 Ou qual tambem na abobada ſombria
 Do fecundo cortiço a copia extensa
 Se vè ferver das aves ſufurrantes,
 Circunvalando os favos abundantes.

Mas promptos ao rebate os Defensores
 Ao volante Tumulto refiſtindo,
 Com pedras, traves, fervidos licores
 Os vão d'alta muralha ſacudindo:
 Da reserva acodindo os Suceſſores,
 Hũs ſe vem deſpenhando, outros ſubindo,
 Quaes com os grãos das aridas eſpigas
 Sobem cahindo as providas formigas.

89.

A gente quasi toda destruida,
 Do dano estimulada o affalto innova,
 Que da ruina a furia renascida
 Lhe dá a novo furor materia nova:
 Os olhos cada qual fechando á vida
 Na affronta, que padece, a morte approva,
 E desprezando toda a segurança,
 Sò trata cegamente da vingança.

90.

Qual Libico animal, que na espeffura
 De lanças, que postrarlhe a furia intenta,
 Quanto mais lhe he contraria a guerra dura,
 Mais no estrago o furor se lhe acrescenta:
 Tal o Hispano a mural subindo altura,
 Tão pouco teme a rapida tormenta,
 Que na mayor ruina, que padece,
 De nova furia o peyto fortalece.

91.

Não lhe vale reparo, escudo, ou arte,
 Que os Defensores ao soccorro attentos
 Os fazem despenhar por toda a parte
 A' violencia de varios instrumentos:
 Qual semivivo, qual já morto parte,
 Buscando das muralhas os cimentos,
 E os que á ruina escapaõ vaõ fugindo,
 A terra d'armas, & borqueis cobrindo.

Sobem

92.º

Sobem terceyra vez, & a nossa gente,
 Com esforço gentil, valor mais alto,
 Os torna a rebater furiosamente,
 Como nos dous primeyros, neste assalto:
 Já cansado o Inimigo à furia ardente,
 Não de valor, porém de forças falto,
 Cedendo ao Luzo braço, que o quebranta,
 Destruído do sitio se levanta.

93.

Este tão vigoroso movimento
 Faussto princípio foy da nossa guerra;
 Por onde com alterno movimento
 Foy assaltada hũa, & outra terra:
 Tè que em Campo-Mayor com alto intento
 Junta a gente, que a mais Provincia encerra,
 Mathias de Albuquerque à acção mais digna
 Sahir com ella a campo determina.

94.

Tendo, pois, as esquadras preparadas
 O grande Herôe, que tudo prevenia,
 Manda aos Cabos que em hostes ordenadas
 Dellas lhe fação mostra ao novo dia:
 Mal se ouvirão d'Aurora as alvoradas,
 Quando formado o Campo se estendia
 Perante o General, que a tudo atento
 Via passar o Marcio ajuntamento.

95.

Já da Cavallaria a turba brava
 Se via vir aos ares levantando,
 Já cada qual dos terços se abalava,
 D'armas brilhante bosque dilatando:
 Quem tão famosa gente governava
 Tambem te irey, ò Nynfa relatando,
 Pola remir do monumento duro
 Do Lethes vil do esquecimento escuro.

96.

General do tropel quadrupedante
 Dando o Monteyro Mòr plumas ao vento,
 Revestido de solido diamante,
 Domava de hum Ethonte o bravo alento:
 A quem D. João da Costa o passo errante
 Suspendendo de hum Bayo o movimento
 Por digno General da artelharia
 Segue, excedendo a Marte em valentia?

97.

Todo o tumulto em ordem preferido
 Logo passando foy d'altos Mavortes,
 Que em nove regimentos dividido,
 Seguião seus Bastões por Marcios Nortes:
 He Ayres de Saldanha esclarecido
 Quem dos primeyros guia os peytos fortes
 Em hum Bruto feroz, que manifesta
 Corpo adusto, alyos pès, sylvada testa.

R

Sobre

98.

Sobre hum cavallo, que em candor vencia
 A branca neve do Apenino ingente,
 D. Nuno Mascarenhas conduzia
 Dos segundos a Turba altivo, & ardente:
 Luis da Sylva Telles se seguia
 Em hum cardão de espirito impaciente,
 Que tascando parece se alimenta
 Da branca escuma, que na bocca ostenta.

99.

João de
 Saldanha
 & Sousa.

João aquelle Herôe, que a Fama estima
 Entre os Saldanhas por fatal guerreyro,
 Dominava hum Melado, que se anima
 D'aura veloz do zefiro ligeyro:
 Já Francisco de Mello, a quem sublima
 Ardor sem par, esforço sem primeyro,
 Num soberbo Murzello se apresenta,
 Cujos intrepido peyto Marte alenta.

100.

Martim Ferreyra em hũ Lazão ardente
 Em ordem successiva os Seus guiava,
 A quem Eustaquio Pique em continente
 Regendo hum Andaluz acompanhava:
 Hum Rodado governa, corpo ingente,
 Que aos ares brancas crines desatava,
 David Celè, que o fausto concluhia,
 Dando plumas ao ar, trofeos ao dia.

Perfi-

101.

Perfilando o quadrupede tumulto
 Gaspar Pinto Pestana, alto guerreiro,
 Picava outro Alazão de estranho vulto,
 No andar ayroso, no correr ligeiro:
 Diogo Gomes desde a Infancia adulto
 No exercicio, & primor de Cavalleiro,
 Meneando o bastão, que altivo empunha,
 A vasta turba dos peões compunha.

*Gaspar
 Pinto Pestana
 Comissario
 Geral.*

*Diogo
 Gomes de
 Figueiredo
 Tenente
 do Mestre
 de Campo
 General.*

102.

Sendo assim as esquadras ordenadas,
 O General, que attento a marcha via,
 Mostrou chea, de as ver tão bem formadas,
 A alma de gloria, o rosto de alegria:
 E sendo perante elle convocadas
 As Insignias naquelle mesmo dia,
 O intento lhes descobre, & que marchasse
 O Campo ao novo Sol, quando aflomasse.

103.

Bayxava a noyte, & a gente, que esperava
 A matutina luz da nova Aurora,
 Na esperança do Sol não soffegava,
 Desejosa de ver tão feliz hora:
 Tudo em mudo silencio repouzava,
 Sò vigilante o Campo o sono ignora,
 De importuna accusando a noyte fria,
 Que eterna a seu desejo parecia.

R 2

CAN.



CANTO IX.

ARGUMENTO.

M Archa a Montijo o Marcio ajuntamento,
 Onde derrota o bravo Castelbano,
 Que, morto o Luzo Rey, tomando alento
 A Olivença, & Mouraõ conquista ufano:
 Restaura-se Mouraõ, & o Luzo attento
 De Saõ Miguel ao Forte, contra o Hispano
 Deu batalha, triunfou; vem o Inimigo
 Sobre Elvas, acodimos-lhe ao perigo.

I Nda de escassa luz vinha tingindo
 A Aurora os pardos veos da noyte escura,
 Quando o tambor os ares confundindo
 A gente convocava á marcha dura:
 Ao guerreyro final logo acodindo,
 Tomar seu posto cada qual procura;
 Já as bandeyras se vião despregadas,
 Formado o Campo, as hostes arvoradas.

2.

O estandarte Real, lisonja ao vento,
 Nos ares tremolando apparecia,
 Mostrando as sacras Quinas, com que alento
 Nos corações de todos influia:
 Com alto, & com profundo acatamento
 Tocallo o Sol, & o vento parecia;
 E que as soberbas plantas, & altos montes
 Reverentes lhe estão dobrando as fronte.

3.

De Pedestres seis mil, & Cavalleyros
 Mil & cento o tumulto se compunha,
 O qual formado de esquadrões guerreiros,
 Em divididos corpos se dispunha:
 Seis peças de Campanha, dous morteyros
 A soberba vanguarda á vista expunha,
 De combater diversos instrumentos,
 Bagagês, munições, & mantimentos.

4.

Governando as esquadrás militantes
 Em hum bruto, que a neve escurecia,
 O General se ostenta entre os Infantes,
 Para Vilar delRey tomando a via:
 Naos Genovezas nunca, ao vento errantes,
 Sulcáraõ com mais garbo a esfera fria,
 Como hia dando o Marcio ajuntamento
 Galhardetes ao ar, plumas ao vento.

5.

O Lugar grande, & rico facilmente
 Entrado foy da turba valerosa,
 Puebla saquea, & entrega ao fogo ardente
 Roca de Mançanete populosa:
 Destruído o paiz, em continente
 Passa a Montijo a gente fervorosa,
 Onde ao primeyro impulso das guerreyras
 Esquadras forão rotas as trincheyras.

6.

Quando hum vago rumor aqui se ouvia,
 Em que o Campo Hespanhol soberbo, & ousado
 Para nos dar batalha se movia
 No mesmo sitio à empresa accommodado:
 Mathias de Albuquerque, que attendia
 Capaz o posto, nelle denodado
 Por dous Soes suspendeo a marcha errante;
 Mas vendo que tardava, passa avante.

7.

Era lá quando em Mayo o Astro ardente
 Já vinte & seis auroras numerava,
 Dia, em que a Igreja em culto reverente
 Do Sacramento o triunfo celebrava:
 Quando a Campo-Mayor levando a frente,
 O Lusitano Exercito marchava
 Pela vasta campanha em gyro incerto
 A buscar o Inimigo em campo aberto.

8.

Errante o Arrayal já no alto dia
 Hia descortinando o campo extenso,
 Quando ao longe hũa nevoa vè sombria,
 Que se elevava ao ar, qual vapor denso:
 Ser a Inimiga gente conhecia,
 Que em vasta multidão, tumulto immenso,
 De pò espessas nuvês levantando,
 Vem campinas, & montes occupando.

9.

Em quanto os dous Exercitos possantes
 Observava hum do outro o movimento,
 O nosso lhe contou seis mil Infantes,
 E Equestres vinte & cinco vezes cento:
 Que dispostos em classes militantes
 Formava todo o Marcio ajuntamento
 Hum meyo gyro, que a atacar batalha
 Em hũa linha só se estende, & espalha.

10.

Posta em dez esquadrões se perfilava
 Dos nossos a soberba Infantaria,
 A' qual pelos dous lados ampárava
 A turba da feroz Cavallaria;
 Que em dous corpos fazendo vista brava,
 Em onze batalhões se repartia,
 Duas linhas entre elles dilatando
 A melhor gente do pedestre bando.

R 4

Junto

II.

Junto a Montijo em fim o Campo armado
 Dos bravos Espanhoes aventureyros
 Occupava o paiz, Lobon chamado,
 Apto sitio aos estrepitos guerreyros:
 Já o memoravel dia era chegado,
 Em que o Ceo quiz mostrar os verdadeyros
 Testemunhos de nunca ser vencido
 O Reyno seu nas armas tão temido.

12.

Vistoso o Campo de hũa, & de outra parte,
 Marchava cada qual a passo lento,
 Dando rayos ao Sol, glorias a Marte,
 A fórma de hum, & d'outro movimento:
 Brilha o metal, tremola o estandarte,
 Retumba a caixa, a tuba alterna o alento,
 E o Sol, que sempre ao alto caminhava,
 No meyo da manhaã já se ostentava.

13.

Alto fazendo a Lusitana gente
 Caras volta ao Contrario, a que attendia,
 E o General em tudo diligente
 De fileira em fileira discorria:
 E mal aos Seus em pratica eloquente
 O ardor inspira, em que seu peyto ardia,
 A nossa artelharia se despara,
 Fazendo nelles mortandade rara.

14.

Ao vago som do estrondo retumbante
 Tremeo hum pouco o Antartico Orizonte,
 Dos hombros sacudio o globo Atlante,
 Atraz voltou o curso Phlegetonte,
 Charonte o remo suspendeo possante,
 Largou Sisypho a pedra do alto monte,
 E là no Ceo Orion à furia irada
 Deyxou cahir da mão a estranha espada.

15.

Porèm composta a Hispana Infantaria,
 De improvifo o Inimigo nos carrega,
 E logo da feròz Cavallaria
 A nossa rota foy com furia cega:
 O Luzo Campo aqui se confundia,
 Qual Bayxel, que contrario mar navega,
 Que a vèla rota, o leme já perdido
 Entre as ondas fluctua submergido.

16.

Ganhada em fim com misera derrota
 A nossa artelharia, & retirada
 A turba equestre, a Infantaria rota,
 Delles era a vitoria apelidada:
 Mas o grande Albuquerque, que isto nota,
 De algũ seguido com violencia irada
 Por toda a parte o campo discorria
 A suspender a gente, que fugia.

Caval-

17.

Cavalleyros juntando só quarenta
 Avança o General a defunida
 Turba, que na campanha se apacenta,
 Nos roubos, & despojos divertida:
 Fere, mata, destroe, prende, affugenta
 A gente à Luza espada já rendida,
 E os bramantes metaes, que recupera,
 Contra ella faz jogar com perda fera.

18.

Desbaratado em fim o Castelhanao,
 O equestre General fomos seguindo,
 Que temendo da morte urgente o dano
 Passou o Guadiana, & os Seus fugindo:
 O Rey dos astros já para o Oceano
 Vinha o brilhante carro conduzindo,
 Seis horas numerando aquelle dia,
 Que o conflicto cruel durado havia.

19.

Mas tu, famoso Costa, Marte invito,
 Raro Portento de inclitas façanhas,
 A quem da Musa a voz, da Fama o grito
 Inda he curto pregão de acções tamanhas!
 Se de robins deixaste o campo escrito,
 E smaltando-o de rúbricas estranhas,
 Elle para cingirte a fronte cria
 A esquiva planta, a que ama o Pay do dia.

E vòs,

*O Barão
 de Molin-
 guen Ge-
 neral da
 Cavalla-
 ria, a que
 o Mar-
 quez de
 Torrecusa
 General
 do exerci-
 to o havia
 encarre-
 gado.*

*D. João
 da Costa
 General
 da arte-
 lharia, se-
 rido na
 cabeça.*

20.

E vòs, Saldanhas tres, que dando as vidas
 Dignas por taes acções de immortal gloria,
 Vivey eternos, vendo-as renascidas
 Nos annaes incorruptos da memoria:
 E vòs outros, que às Mufas mais subidas
 Devereis algum tempo a vossa historia,
 Hoje afeitay da minha o mudo espanto,
 Que a admiração chegar só pode a tanto!

*Ayres de
 Saldanha
 Mestre de
 Campo.
 João de
 Saldanha
 da Gama
 Capitão
 de Caval-
 los.
 Bento
 meu de
 Saldanha
 Capitão
 de Infan-
 taria.*

21.

Depois desta victoria tão famosa,
 E de varios Lugares fometidos,
 Fazendo o Sol na esfera luminosa
 Quatro vezes tres sulcos concluidos;
 Rendeo a vida á Parca rigorosa
 O grande Rey, deyxando entre gemidos
 Orphão do melhor Rey o Luzo Imperio,
 Falto do melhor Sol noſſo emispherio.

22.

Entra a nova em Castella, & fervoroso
 A recebe o Monarcha Castelhana,
 Entendendo no golpe rigoroso
 Recuperar o Reyno Lusitano:
 A cujo effeyto Campo numeroso
 Manda juntar soberbo, altivo, & ufano,
 Entrando em Badajoz a todo o instante
 Varias levas de gente militante.

Já

23.

Já do Marcio equilibrio se elevava
 O claro Author do dia ao ponto ardente;
 Illuminando o campo, que adornava
 O verde Abril de esmalte diferente:
 Abril, que em doze gyros se ostentava
 Nos vigores da idade florecente,
 Com que Flora em promessas de bonanças
 Enche a fertil Pomona de esperanças.

24.

Quando de Badajoz sobre Olivença
 De S. German o Duque conduzindo
 Vinha o vasto tropel da turba immensa,
 Talando valles, montes opprimindo:
 Da escura polvoreda a nuvem densa
 Remontando-se ao ar, ao Ceo subindo,
 Em tenebrosos vèos, em vagos montes,
 Nublava o Sol, turbava os Orizontes.

25.

Chegado á Praça o Exercito potente,
 Nos começa a bater com furia irada;
 Mas acodindo logo a nossa gente,
 A força lhe rebate denodada:
 Não perdoa o Inimigo diligente
 A industria algũa na milicia usada,
 Que não tente, profiga, e emprenda, & faça,
 Circunvalando em gyro a grande Praça.

Para

26.

Para atalhar a furia Castellhana
 Em tanto à Praça d'Elvas sem detença
 Varia gente de toda a parte mana
 Em vasta multidão, em copia extensa:
 Já congregada a turba Lusitana,
 Ao foccorro attendendo de Olivença,
 Da forte Praça sahe a gente fera,
 A quem de S. Lourenço o Conde impera.

27.

Jà o frondoso Abril se despedia,
 Quando o guerreyro Exercito marchava,
 Que de dez mil Infantes consistia,
 E de dous mil Cavallos se formava:
 Chega a avistar a Praça, & de alegria
 O duro bronze em salvas retumbava,
 Tè que bayxando a noyte, a Luza gente
 Vigiaua a manhaã no claro Oriente.

28.

Inda apenas rayava a luz primeyra,
 Quando jogando de hũa, & d'outra parte
 A brava artelharia com guerreyra
 Furia golpes produz, mortes reparte:
 Ouvio o estrondo a esfera derradeyra,
 Estremeceo do mundo a extrema parte,
 E assustado ficou, temendo o dano,
 No Atlante o Mouro, em Lybia o Africano.

Tè

29.

Tè que o confuso horror da noyte escura
 As tenebrosas sombras despregando
 Se entrepoz ao furor da gente dura,
 D'aquelle dia os rayos apagando:
 Quando do Sol terceyro a luz futura
 Seus primeyros fulgores defatando,
 Em fórma militar se vio cuberto
 D'armas, plumas, Campiões o campo aberto.

30.

Eis de hũa , & d'outra parte os Contendorés
 Em gyro alterno o campo fatigavão,
 Dando ao ar vaga selva de esplendorés
 Nas espadas, que Soes reverberavão:
 Ao tropel dos Cavallos corredores
 Gemia a terra , os montes abalavão,
 E pelos ares, onde os ecos são,
 Astitilhas, ferros, & faiscas voão.

31.

Mas vendo o mal, que a Hispana artelharia
 Nos faz, cedendo á rapida violencia
 Marchamos ao nascer do quinto dia,
 Da Praça confiando a resistencia:
 E para Badajóz tomando a via,
 Do risco desprezando a contingencia
 Resolvemos tomalla por assalto,
 Que logo se lhe deu com valor alto.

Depois

32.

Depois de dous assaltos vigorosos,
 Em que igualmente fomos rechaçados,
 Retrocedendo a marcha valerosos
 Voltamos a acudir aos Sitiados:
 Mas quando á grande Praça fervorosos
 Com generoso ardor fomos chegados,
 A achamos já tomada do Inimigo
 Resistindo até o ultimo perigo.

33.

D'alli a Mourão marchando a turba immensa,
 Bateria lhe deu tão repentina,
 Qual chuveyro, que solta nuvem densa
 Contra a pompa de Flora, que arruina:
 Mas vendo incontrastavel a defenſa,
 Hũa mina atacando, & outra mina,
 A' que hia contra o Forte dando fogo,
 Rapida pelos ares voou logo.

34.

Ao violento furor, & impulso ardente
 Do Castello as junturas se apartarão,
 E do muro cahindo hum lanço ingente,
 Tremeo a terra, os montes retumbarão:
 E ficando a muralha no ar pendente
 As ameaças à terra se encurvãrão,
 Qual sobre o rio o cavernoso monte
 Promette estragos, inclinãdo a fronte.

Onde

35.

Onde o muro se vê mais arruinado
 Afestando o Inimigo a artelharia,
 Lhe abre porta, por onde denodado
 Todo o poder das hostes o envestia:
 Porém de dentro a Turba no escalado
 Muro de forte a brécha defendia
 Que, opposta aos que o furor entrar provoca,
 Lhes dá jazigo na arruinada roca.

36.

Os Meninos, & Velhos defarmados
 Entre o femineo séxo temerosos,
 Do guerreyro clamor amedrontados,
 Os Ceos ferem com gritos lastimosos:
 Com isto os Defensores perturbados
 Rendem a Praça aos golpes vigorosos,
 Vendo que o muro em precipicio vago
 Reduzia a soberba a cinza, & estrago.

37.

Era a fresca estação, em que florida
 Nos campos reverdece a Primavera,
 Quando hũa, & outra empresa concluida
 Se vio pelo valor da gente féra:
 Mas quando o Sol na méta mais subida
 Dourava o summo grao da quarta esfera,
 As armas se recolhem Castelhanas,
 Blasonando vencer as Lusitanas.

Mas

38.

Mas pouco lhe durou esta vangloria,
 Que da nossa Nação o alento activo
 Por dar estranho assumpto a eterna historia
 Se aprestou para o Outono successivo:
 Porém de que trofeo, triumpho, ou gloria
 Não te viste Credor? ò Luzo altivo,
 Dize-o tu, brava Hespanha esclarecida,
 Mais por nós que por ti no mundo ouvida.

39.

Mas quando já Pomona caducava,
 Bayxando sempre o Sol à Zona fria,
 E o lento Outubro vinte & dous contava,
 Fazendo cadavez mais breve o dia;
 Vasconcellos regendo a gente brava
 Para Mourão a marcha dirigia,
 Onde apenas chegando, em continente
 A Praça recupera facilmente.

*Joanne
 Mendes
 de Vasconcellos.*

40.

E como ainda ao generoso peyto
 A Praça lhe faltava de Olivença,
 Com restaurar Mourão não satisfeyto,
 Emprende a Badajoz em recompensa:
 Já para conseguir tão alto effeyto
 Na seguinte estação sem mais detença
 Marchavão pelas terras Castelhanas
 Em vasta copia as armas Lusitanas.

S

Qual

41.

Qual o rio , que em ondas fugitivas
 Tributa ao mar o feudo transparente,
 Que sendo hũas às outras successivas,
 Forma vagante exercito apparente:
 Tal pelo campo as hostes sempre altivas
 Marchar se vem em bellica torrente,
 Sendo o tropel dos férvidos Ethontes
 Dos orbes confusaõ , terror dos montes.

42.

Contarte aqui dos nossos a excellencia,
 O generoso brio , o timbre ufano,
 A braveza , o valor , a persistencia,
 O raro alento , o esforço soberano;
 Referirte a lealdade , a resistencia,
 Os feytos , as acçoens , o estrago , & o dano,
 Que obráram no discurso desta empreza,
 Mais que elegancia fora singeleza.

43.

Não deixarey com tudo , alta Rainha,
 Em silencio as acçoens de mayor gloria;
 Posto que em meu louvor não me convinha
 Por suspeyto narrar taõ alta historia:
 Mas por preceyto teu , & gloria minha
 Contarey as mais dignas ; que a memoria
 A relatar as mais , que a Fama escreve,
 He limitada alingoa , o tempo he breve.

44.

Era o dia , em que a Igreja soberana
 Celebrava de Antonio a sublimada
 Memoria , quando a gente Lusitana
 Lá junto a Badajóz era chegada :
 Nas ribeyras , que rega o Guadiana,
 Se via a Marcia turba dilatada,
 Entrada franca dandolhe o terreno
 No verde gremio de seu campo ameno.

45.

Soberba a grande Praça alli se exalta
 (Objecto , em que primeyro raya o dia)
 A' qual hũa muralha antiga, & alta
 Cinge de inexpugnavel pedraria;
 Da parte esquerda o Guadiana a esmalta
 Com a prata, que envolve clara, & fria,
 Da dextra o Calamon , & o Rio Caya
 Com o Xévora o vè da Luza raya.

46.

Defronte hum Forte existe , que o apelido
 D'aquelle Santo tem, mais raro Atlante,
 Que nos hombros tomando o Deos nascido,
 Vadeou o Jordão d'agoa abundante:
 O qual se eleva aos ares tão subido
 Que sobre os altos montes dominante,
 Eminente colosso, descortina
 De seu largo paiz toda a Campina.

47.

Não tão sublime o Libano apparece
 Entre os mais obeliscos levantado,
 Como as esferas dominar parece
 O Forte, á grande empresa affinalado:
 De finco baluartes se guarnece,
 A toda a expugnação fortificado,
 De hũa encuberta estrada soccorrido,
 E de hum profundo foffo defendido.

48.

Aqui chegada a Lusitana gente;
 Da Praça Equestre turba numerosa
 Formada vem fazendo á nossa frente
 Soberba, ousada, horrenda, & temerosa:
 Em tanto morde o bruto de impaciente
 De seu furor a remora lustrosa,
 Parecendo na colera violenta
 Que do ardor, que respira, se alimenta.

49.

Qual ao rouco metal, que lhe inspirava
 Novo furor no estrepito incitante,
 Sem se poder abster na furia brava,
 Ao ar as ferreas mãos alça arrogante:
 Qual dos olhos faiscas scintillava,
 Qual de escuma enche o peyto palpitante,
 Qual dobra o collo, qual batendo a planta
 Fere a terra, que em pò ao ar levanta.

Eis

50.

Eis fae a campo ouzado Aventureiro,
 Que altivo em presunções nos desafia,
 A quem dos nossos hum Campiaõ ligeiro
 Fez voltar pela já pizada via:
 Turba carrega o forte Cavalleiro,
 E travados os mais com furia impia,
 Os Espanhoes fugiraõ pela Ponte,
 Bem como o Rio, a que despenha o monte.

51.

Ao clamor do metal, que o ar rompia,
 Retirado ao quartelo Luzo forte,
 Começou a jogar a artilharia
 De S. Christovaõ contra o excelso Forte:
 Quando trazendo o Solo quinto dia,
 Em que o fomos batendo desta sorte,
 De Badajóz o Duque sae de Osuna
 A atalhar o furor, que o Forte expuna.

52.

Com impulso feroz, ardor vehemente
 Investimos o Hispano altivo, & ouzado,
 Qual o Nilo voraz, quando rompente
 Avança as povoaçoens, que traga irado:
 Afuria da quadrupede torrente
 Sustenta o Espanhol; mas apertado
 Da turba, que sobre elle carregava,
 Costas lhe dà, fugindo à gente brava.

S 3

Cada

53.

Cada qual do tropel fugindo impio
 D'armas vay a Campanha semeando,
 Qual ao Touro o Pastor no ardente Estio
 Lhe deyxá tudo a vida libertando:
 Com os Seus pelo vão do ondofo rio
 O Duque a nado as ondas vay cortando,
 Animado Bayxel, que em taes extremos
 Do peyto quilha faz, dos braços remos.

54.

Qual a Corça dos cães affugentada
 A praya busca, frexa em ligeyreza,
 Onde dos galgos vendo-se apertada
 Vadea as ondas com veloz presteza:
 Ou qual Lobo voráz, que dá mañada
 Foge acoçado, & atraz deyxando a preza
 Por a vida salvar da morte urgente
 Lhe esquece a bruta gula, ou fede ardente.

55.

Tal o Duque na fuga intempestiva
 O vão sulcando o Rio penetrava,
 Onde esquecido da arrogancia altiva,
 Sò fugir ao perigo procurava:
 Seguindo-o na corrente successiva
 Este surgia, aquelle mergulháva,
 Como entre as ondas, que cos ventos crecem,
 Os nadantes Golfinhos apparecem.

Qual

56.

Qual cruza o Rio, & vay buscando a terra;
 Qual ao profundo vao se precipita,
 Qual se submerge, qual nos mais se afferra;
 Qual bebe o Rio, que outra vez vomita;
 Qual blasfemando vay da dura guerra,
 Qual chama a hora, em que nasceo, maldita,
 Hum culpa a forte, o outro accusa o Fado,
 Este maldiz o Rey, aquelle o Estado.

57.

Voltamos ao quartel, deyxando o Hispano
 Cheyo o campo de horror, & de ruina,
 Quando por derradeyro defengano
 Tomar o Forte em fim se determina:
 Ah como por hum timbre o fer humano
 A propria morte contra si machina!
 E na que Deos lhe ordena (como vemos)
 Obra por lhe escapar tantos extremos!

58.

Trazia o Sol do dia celebrado
 A memoravel vespora festiva,
 Em que foy o Mayor ao mundo dado,
 Que no ventre adorou a Effencia altiva:
 Quando em nocturnas sombras rebuçado
 Pelo callado horror da noyte estiva
 O nosso Campo em rapida cohorte
 Rompe a linha, entra a ponte, assalta o Forte.

59.

Dos feros brutos o tropel furioso,
 Das roucas Tubas o clangor terrível,
 Do duro bronze o estrepito estrondoso,
 Da irada gente o impeto infornível,
 Atroa a terra com clamor pasmoso,
 Os orbes fere com espanto horrível,
 Atemoriza o mar com furia estranha,
 Enfurdece com gritos a Campanha.

60.

Porém como a Fortuna contrapeza
 Na variavel roda os beneficios,
 Pois só em ser mudavel tem firmeza,
 Não nos forão seus dõs então propicios:
 Pois de hũa, & d'outra parte (a noyte acefa
 Com bombas, & sulfureos artificios)
 Em nõs se vio, causando ao Ceo desmayos,
 Dos Gigantes a acção, de Jove os rayos.

61.

Não tanto ao duro estrondõ fulminante
 Se alterão de Neptuno os fundos mares,
 Quando o potente braço de Tonante
 Converte os Ceos em fogo, em chuva os ares:
 Quanto os nossos com animo constante,
 Mais se enfurecem, vendo que a milhares
 Sobre os escudos seus, seus elmos fortes,
 Chovião rayos, & cahião mortes.

62.

Já nos braços da Aurora o novo dia
 Do primeyro candor o Ceo rayava,
 E o ar subtil, que as folhas revolvía,
 Os nocturnos luzeyros apagava;
 O Sol, que os Ceos de rocicler tingia,
 Da pyra de Cristal refuscitava,
 Phenix, que renascendo dos desmayos
 Azas faz do esplendor, pennas dos rayos.

63.

Quando cedendo à furia Castelhana
 Retiramos o Exercito guerreyro,
 E passando os cristaes do Guadiana
 De S. Gabriel ganhamos o Mosteyro.
 Agora attende, ò Nynfa soberana,
 Ao que o meu Campo obrou aventureyro,
 Que fô de recordar tão alta historia
 Se inflamma o peito em fogo, a alma em gloria.

64.

Era a adusta estação do Estio ardente,
 Em que o brilhante Principe dô dia,
 Dominando o Leão no globo ingente,
 Circulos vinte & dous já feyto havia;
 Quando o nosso Arrayal soberbamente
 Em batalhões formado se estendia,
 Com intento buscando sublimado
 De S. Miguel o Forte assinalado.

Em

65.

Em tres brávas Decurias dividida,
 A multidão quadrupede marchava,
 Entre a qual a pedestre repartida,
 Em soberbas esquadras se formava:
 Assim a Marçia Pompa destemida
 Talando o Campo, ao Forte caminhava,
 Onde chegando, espera em continente
 Para o assalto final do bronze ardente.

66.

Quando ao duro clamor d'artelharia
 De improvizo os foldados avançãõ,
 Perdeo o Sol a cor, turbou-se o dia,
 Tremeo a terra, os montes abalãõ,
 Gelou o Guadiana a enchente fria,
 Varias feras as grutas abortãõ,
 E as tristes mãys, que o som tremendo ouvirãõ,
 Nos peitos os filhinhos imprimirão.

67.

Apto sitio à defenza accommodado
 Ligeyra occupa a Lusitana gente,
 Qual dece à terra o etherio fogo irado,
 Ou se despenha ao mar brava a torrente:
 O Inimigo, que estava descuydado,
 Percebe dos metaes o estrondo ardente,
 Com subito clamor toca arma o Forte,
 Da Praça sahe a bellica cohorte.

O guer:

68.

O guerreiro tumulto a nós opposto
 Precipitado vem, furioso parte;
 E em vão ganhar nos determina o posto
 Sem força lhe valer, industria; ou arte:
 Pois fazendo-lhe nós à furia rosto,
 Cada qual parecendo hum novo Marte,
 Quaes penhascos, o sitio sustentamos,
 Em quanto os outros batalhões formamos.

69.

Em tanto a hũ terço, que veloz marchava
 A soccorrer o Forte, ousado, & ardente,
 Hum nosso batalhão com furia brava
 Avança, & desbarata juntamente:
 D'oytocentos soldados, que contava,
 Hum só lhe não ficou, que a Luza gente
 Não rendesse, ferisse, & aprisionasse,
 E por terra em pedaços não postrasse.

70.

Já de hũa, & d'outra parte os Contendores
 Com cega confusão se atropellavão,
 Onde aos golpes dos ferros cortadores
 Em faiscas os ares se ateavão:
 Nos tiros, no tropel, & nos clamores
 Toava o centro, os orbes retumbavão,
 Entre nuvês de fumo erguendo a terra
 Vagos montes de pó, que a turba encerra.

O con

71.

O concavo metal com furia eſtranha
 Globos aborta em bronze concebidos,
 Cujos ardente furor cobre a Campanha,
 Quaes pa veas, de mortos, & feridos:
 Conta o conflito em ecos a montanha,
 Nas cavas grutas dobrão-fe os gemidos,
 O fumo turba o ar, & a ſombra impura
 Converte o claro dia em noyte eſcura.

72.

Acende-fe a batalha ſanguinoſa
 Diſcorrendo o furor por toda a parte,
 Tendo ainda neutral, & duvidosa
 No equilibrio a vitoria o fero Marte:
 Mas por chegar à meta mais glorioſa
 Quem braços tronca, quem cabeças parte,
 Eſtas pela Campanha vão ſaltando,
 Aquelles pelos arés vão voando.

73.

As ballas, que corrião ſibilantes,
 Eſtrago fazem tal nos que encontravão,
 Que tirandolhe a vida fulminantes
 Ainda a humana fórma lhes tiravão:
 Onde a cortados troncos ſemelhantes,
 Com laſtimoso horror ſe diviſavão
 Entre humanas reliquias miſturados
 Broncos pedaços de animaes troncados.

74.

Os brutos cos cadáveres pendentés,
 Huns a larga Campanha discorrião,
 Outros commil corcovos de impacientes
 Da sella os meyoſ corpos despedião:
 Nestes, & noutros lances differentes
 Todos varia fortuna alli corriaõ
 Aos furores da Praça, que jogava
 Cincoenta peças com violencia brava.

75.

Quando à excelsa muralha a turba immensa
 Escadas arrimando, a darlhe affalto
 Tão veloz acomete a altura extensa
 Que a sobe, ao parecer, quasi d'hum salto;
 Porém os Defensores nuvem densa
 De pedras arrojando do mais alto,
 A' terra fazem vir em continente
 Escadas, & soldados juntamente.

76.

O affalto se renova, & os Escolhidos,
 Que a succeder aos taes se destinárão,
 Nos concavos reparos escondidos
 De improvifo as escadas occupârão:
 Quando da mesma sorte rebatidos
 Hũs traz d'outros ao chão se despenhárão,
 Quaes pomos, que da planta o vento vago
 Sacode à terra com diffuso estrago.

Do

77.

Do excelso muro em rapida torrente)
 Traves, & pedras sobre nós chovião,
 Fervida cal, licor, betume ardente,
 Enxofres, que do Inferno pareciaõ:
 Mas suportando impulso tão vehemente,
 Os guerreyros foldados pertendiaõ,
 Pegados nas ameas do alto muro,
 Despedaçallo ás mãos com vigor duro.

78.

Mas vendo da muralha a resistencia
 Ser ao combate igual, se determina
 Que do fogo voraz a atroz vehemencia
 A loverta no abyfmo da ruina:
 E dando à execução a diligencia
 (Dura ley da moderna disciplina)
 Lhe abrimos larga mina finalmente,
 Que atacamos de pò sulphureo ardente.

79.

O Forte se rendeo attento ao dano,
 Que infallivel temeo no pò violento,
 Entregando-se ao braço Lusitano,
 Costumado a vencer o Hispano alento:
 Era já quando o Sol lá no Oceáno
 Buscava o cristalino monumento,
 Ficando só por gloria aos Defensores
 Tres horas resistir aos Vencedores.

Assim

80.

Affim se pelejou, tẽ que bayxando
 A noyte, affugentou a luz do dia,
 De negra sombra os ares enlutando,
 Com que o estrago do Campo se encobria:
 Em tanto hum fom confuso, & miserando
 De dolorosos ays se percebia,
 Taõ sentido, que quando se escutava
 Os coraçõs mais duros lastimava.

81.

Tẽ que da Aurora a dubia claridade
 Da escura noyte as sombras extinguindo,
 Do Campo a lastimosa mortandade
 Foy pouco a pouco aos olhos descobrindo:
 Extincta já de todo a obscuridade,
 Quando a vista os objectos distinguindo,
 De mortos admirou funestamente
 Cuberto o campo, & destruida a gente.

82.

Soltas cabeças, pallidos semblantes,
 Troncadas pernas, braços divididos,
 Tremulas mãos, entranhas palpitantes,
 Olhos avulsos, rostros denegridos;
 No mar do proprio sangue fluctuantes
 Nadavão pelo campo confundidos,
 Sem no horror se lhe ver desta mudança
 Do que forão final, nem semelhança.

Pois

83.

Pois o põ com o fangue, que afeava
 Dos Mancebos gentis os rostros bellos,
 De horror tanto os cobrio que lhe mostrava
 Negras as faces, hirtos os cabellos:
 Mostra o que para o Céu voltando estava
 A bocca immunda, os dentes amarellos,
 E o que jaz para o chão, como rayvando,
 Mordia a terra as ervas arrancando.

84.

A quem, senão a ti, se deve o lustre,
 O' valeroso Herôe, desta vitoria,
 Raro Andre de Albuquerque, sempre illustre,
 De Castella terror, de Lycia gloria?
 Por mais claras acções, que o Lethes frustre,
 As tuas lâ no Templo da memoria
 Farão a tua gloria sempiterna
 Em quanto arder do Sol a chama eterna.

85.

*Antonio
 da Frãca
 Capitão
 de Infan-
 zaria.
 Francisco
 Sodré
 Pereyra
 Capitão
 de Caval-
 los.
 Alvaro
 de Miran-
 da Henri-
 ques Ca-
 pitão de
 Cavallos.*

Tu Franca, tu Sodré, que o heroico alento
 Déstes à morte, à Fama dando a vida,
 Esta com vozes mil com lingoas cento
 A gloria vos decante merecida:
 E tu grande Miranda, alto Portento
 Da patria por ti mais esclarecida,
 Vive immortal por essa invicta espada,
 Mais que a do mesmo Alcides affamada.

Tu

86.

Tu Sol de Cadaval, que rubricaste
 A terra de teu sangue illustre, & altivo,
 Colhe a triunfante rama, que ganhaste
 Nessa, que foy de Phebo emprego esquivo:
 Cinge-a, ò Mello tambem, pois que esmaltaſte
 O peyto manancial de nacar vivo,
 O peyto, em que inundante se repete
 Hum Nilo de robins com bocças sete.

O Duqua
 de Cada-
 val.

Dinis do
 Mello.

87.

Tu Correa, tu Moura, Payva, & Mello,
 Tu Soufa, cujo sangue valeroſo
 Inundou, do valor ſendo modello,
 Os cercos do teatro bellicoſo:
 Nas ſempiternas rúbricas do prello
 Se lerá voſſo nome generoſo,
 E a vòs ſe vòs reserva Muſa eſtranha,
 O' Conde, ò Soufa, ò Coſta, ò tu Saldanha.

Franciſcò
 Correa
 da Sylva.
 Franciſcò
 Correa de
 Moura.

Manoel
 de Payva
 Soares.

Jorge de
 MelloCa-
 pitães de
 Cavaillo.

Jorge de
 SouſaCa-
 pitão de
 Infanta-
 ria.

O Conde
 Camarei-
 ro Mir
 Ayres de
 Soufa.

Roque da
 Coſta
 Barreto.

Luis de
 Saldanha
 de Albu-
 querque.

88.

Quando do alado Monſtro a voz corria,
 Que eleyto General D. Luis d'Aro
 Exercito potente conduzia
 A dar a Badajoz foccorro, & amparo:
 Em tanto o Luſitano, que previa
 Correr perigo o Exercito preclaro,
 Pois entre enfermos, mortos, & feridòs,
 Se achavão doze mil diminuidos.

T

O ſi-

89.

O sitio levantou, que persistente
 Esteve em quanto cento & vinte gyros
 O grande Luminar resplandecente
 Deu pelos vastos orbes de zafiros;
 Quatro vezes havendo do Occidente
 Feyto a casta Diana os seus retiros,
 E outras tantas no ethereo globo armado
 O arco erante de cristal formado.

90.

A Elyas recolhida a turba extensa,
 Na Praça cada vez mais se ateava
 O fero mal, a pallida doença,
 Que nas vidas humanas se cevava:
 Qual por arido campo, ou selva densa
 Excitada do vento a chama brava
 Vay com gula voraz, com sede ardente,
 Bebendo o ar, tragando a mata ingente.

91.

Tanto que no limite de hum só dia
 A's vigorosas mãos do mal violento
 Com aspecto cruel a Parca impia
 Alentos devorou tres vezes cento:
 Tè que por não haver na terra fria
 Já para tantos corpos monumento,
 As feras dão (que horror!) com fome dura
 No ventre aos Mortos viva sepultura.

Em

92.

Em tanto o Aro os campos inundava,
 Quatorze mil Infantes conduzindo,
 E cinco mil Equestres, gente brava,
 A Badajóz a marcha dirigindo:
 Passando o Caya, o Campo aquartelava
 Sobre Elvas, conquistala presumindo,
 Por ver a confusão, que a Praça enlea,
 De tudo falta, só de Enfermos chea.

93.

Neste tão grande aperto a campo armado
 Sae de Estremoz o Inclito Menezes,
 Conde de Cantanhede sublimado,
 Pela Fama acclamado tantas vezes:
 D'aquelles Scipiões acompanhado,
 Luzos Aquilles, Martes Portuguezes,
 Cujo estranho valor, & invicta espada
 Sempre ha de ser no mundo venerada.

94.

Memoria, que es dos tempos inimiga
 Tanto a pezar do infame esquecimento,
 Lembrame as causas tu, para que diga
 A fórma do Mavorcio ajuntamento:
 Porque á vindoura idade a idade antiga
 Conte, lembrando ao seculo avarento,
 Quaes forão os Bastões da gente brava,
 Em que o Marcio governo se librava.

95.

Com grato ardor, com férvido semblante
 O famoso Albuquerque se ostentava
 General do tropel quadrupedante,
 Dos brutos governando a copia brava:
 Mestre de Campo General constante
 D. Rodrigo de Castro as ordões dava,
 Conde de Melquitella esclarecido,
 Dos bravos Hespanhoes sempre temido.

96.

Dando plumas ao ar, rayos ao dia,
 Os bronzes de Vulcano senhorea:
 Affonso, General da artelharía,
 Que Furtado, & Mendoça se nomea:
 Diniz de Mello a gente conduzia,
 Que a Translagana Ceres lifongea,
 Cujo tropel turbando os horizontes
 Fez os rios parar, tremer os montes.

97.

Achim Tamaricurt, Cabo Estrangeiro,
 De destreza, valor, & esforço armado
 Rege igualmente o férvido, & ligeyro
 Povo a continuas guerras costumado:
 Manoel Freyre & Andrada, alto guerreiro,
 Com Gil-Vas Lobo, Alcides affamado,
 Os incultos Equestres conduzia,
 Que entre serras alverga a Beyra fria.

Do

98.

Do maritimo Algarve a gente adusta
 De Pedro de Lalanda as leys guardava,
 Gente, a que o mesmo clima faz robusta
 Lá nas áridas costas, que o mar lava:
 João da Sylva, Herôe, que á Marte affusta,
 A quem Vanicheli acompanhava,
 Commissarios os Dous, altos guerreyros,
 Tres mil região bravos Cavalleyros.

João da
 Sylva de
 Sousa.
 João de
 Vanicheli
 &c.

99.

Em terços dezaseis se dividia
 O pedestre tumulto militante,
 Que de oytto mil o numero fazia,
 Gente docil, leal, da patria amante:
 Pedro de Mello hum destes conduzia,
 Homês todos de espirito arrogante;
 D. Manoel Henriques outro impera
 De valentes Varões, de gente fera.

100.

O famoso Galvão com modo altivo
 Do terceyro regia a turba ingente,
 A quem Fernando segue successivo,
 Dominando a mais forte, & destra gente:
 Guia o quinto Azevedo, rayo activo,
 Do peyto respirando fogo ardente,
 O Castro a marcha atraz continuando,
 D'altos Scipiões conduz espesso bando.

Antonio
 Galvão.
 Fernando
 de Mes-
 quita Pi-
 mentel.
 Berthola-
 me de A-
 zevedo
 Continha
 Gaspar
 de Castro
 Barbosa

T 3

Varia

Luis de Sousa de Menezes.
Luis de Mesquita Pimentel.
Alvaro de Azavedo Barreto.
Antonio de Sá Pereyra.
Gregorio de Castro de Moraes.
Afonso de Barros Troupã Tenente do Campo General que governava o terço q' era de Manoel Velho que havia falecido em Estremoz.

Varia plumajem tremolando ao vento,
 Reverberando Soes do peyto de asfo,
 Seguido de bizarro ajuntamento,
 Cobre o Soufa do campo largo e passo:
 Inspirando nos Seus o proprio alento
 Com elles Pimentel lhe segue o passo,
 A quem Barreto logo succedia
 Com hum terço, que a todos excedia.

Afonso de Barros Troupã Tenente do Campo General que governava o terço q' era de Manoel Velho que havia falecido em Estremoz.

Em continente o inclito Pereyra
 D'armas outro tumulto ministrava,
 A quem Moraes com pompa lisongeyra
 Seguia o gyro, os passos repizava;
 O Barros d'alta condição guerreyra
 O duodecimo terço governava,
 Ao qual Sembrano, & o Sá, Herôes famosos,
 Atraz os Seus uniaõ valerosos.

Luis Barroso Sembrano Capitão Mór, que governava o terço de Merzola.
Balthazar de Sá Sousa Mayor Sai gento

O famoso Leytão com brio ardente
 O penultimo bando conduzia,
 A quem o Dorta segue em continente,
 Que o bellico apparatus concluhia:
 Dos Mestres Generaes era Tenente
 Figueyredo, portento em valentia,
 A quem no mesmo posto, esforço, & affeto,
 Compete o graõ Lobato, & o graõ Barreto.

104.

Mas sobre a multidão mais resplandece
 O valeroso Conde esclarecido,
 Cujo collo entre a turba lhe apparece,
 De longe facilmente conhecido:
 O peyto de aslo fino fortalece,
 D'alvas plumas o elmo guarnecido,
 Doma hum bruto, que em brancos accidentes,
 Qual Ethna, occulta espiritos ardentes.

105.

Alli de bronzes sete a artelharia
 Com toda a prevençãõ, todo o instrumento,
 Entrea guerreyra multidão se via,
 Pondo imagens de horror ao pensamento:
 Na retaguarda em fim se descobria
 De vultos hum confuso ajuntamento,
 Bagagês, munições, & gado immenso,
 Cobrindo toda a pompa o campo extenso!



Môr que
 governa-
 va o de
 Moura.
 Manoel
 Nunes
 Leytaõ
 Sargento
 Môr que
 governa-
 va o terço
 do Conde
 da Torre.
 Manoel
 da Sylva
 Dorta
 Sargento
 Môr que
 governa-
 va o terço
 de Fran-
 cisco Pa-
 checo
 Mascare-
 nbas.
 Diogo
 Gomes da
 Figuey-
 redo.
 Manoel
 Lobato
 Pinto.
 Accenso
 Alvares
 Barreto



CANTO X.

ARGUMENTO,

DA-SE batalha, & Elvas se soccorre,
 Ficando o Castelhana derrotado,
 Onde o Albuquerque illustremente morre,
 Sendo de todo o Exercito chorado:
 Da turba, que à funerea acção concorre,
 A sepultura foy acompanhado,
 E dà fim, relatando esta vitoria,
 O Embayxador facundo à alta historia.

Dourava infante o Sol o claro Oriente,
 Quando marchando o Campo se estendia,
 Dando na Marcia pompa refulgente
 Resplendores ao Sol, rayos ao dia:
 D'armas, brutos, metaes, & varia gente,
 O monte, o valle, & o campo se cobria,
 Nuvés de pò aos ares levantando
 Dos brutos o tropel, da gente o bando.

2.

Ao grande ardor, à marcha accelerada
 Serra aspera não ha, corrente grossa,
 Opposto muro, ou brenha emmaranhada,
 Que serlhe ao passo impedimento possa:
 Mais facil sendo abster do Tejo a irada
 Furia, quando soberbo o fluxo engrossa,
 Ou do Nilo o furor, quando inundante
 Engole o mar, que se lhe oppoem diante.

3.

Affim marchava a Turba, & no Occidente
 Já agonizando o Rayo luminoso,
 Chegava o grande Exercito potente
 De Alcaravisa aos campos fervoroso:
 Alli se foy juntando à forte gente
 De Equestres, & de Infantes numerofo
 Concurso, que aquartela, & que resenha
 Villa-Viçosa, Borba, & Jurumenha.

4.

Manda na luz seguinte a gente dura
 Campo-Mayor, Arronches, & Monforte,
 De grande corpo, brava catadura,
 Para engrossar a bellica cohorte:
 Tè que no Sol terceyro á grande altura,
 Que eminente descobre a Praça forte,
 Chegamos, onde o Exercito contrario
 Vimos de espessa turba, & vulgo vario.

Delles

5.

Delles o nosso Exercito avistado,
 Foy com bellico applauso recebido;
 Atroando hum, & outro Campo armado
 Os altos Ceos com aspero alarido:
 Vagão pelo contorno dilatado
 Os roucos ecos do tambor ferido,
 Fórma a tuba cadencias militares,
 Não cabe o estrondo nas regiões dos ares.

6.

Qual a esquadra de Lenhos navegantes,
 Contrastando o furor do vento irado,
 Por dubio mar, & ignoto clima errantes
 Longe apparece o porto desejado;
 Que em altas vozes, salvas retumbantes
 Delles alegremente he festejado,
 Tal de hũa, & de outra parte recebido
 O Campo foy com bellico ruido.

7.

Formidavel a Praça dominava
 Do largo Campo o fausto bellicoso,
 Que formado no plaino se esprayava,
 Qual no Inverno o Danubio caudaloso:
 No baixo, & alto a vista divisava
 Armas, cavallos, povo numerofo,
 Viaõ-se os Esquadrões nos horizontes
 Cobrindo serras, occupando montes.

Apenas,

8.

Apenas, pois, aqui sendo chegados,
 Por bocas de metal, lingoas de fogo
 Demos sulphureo aviso aos Sitiados,
 Ao qual nos respondeo a Praça logo:
 Neste alvorço os míseros soldados,
 De improvizo tomando defafogo,
 No agradavel clamor d'artelharia
 Alento cobrão, saltão de alegria.

9.

Não tão grato se faz no seco Estio
 Fero trovão, que chuva pronostica,
 Quando ao duro calor de Julho impio
 Boccas abrindo a terra a sede explica:
 Nem tão sonoro às Adês sobre o rio
 Soa o brando rumor da copia rica,
 Como agradavel foy á afflicta gente
 O festivo clamor do bronze ardente.

10.

Nem tanto o já mortal Febricitante
 No licor, que os incendios lhe modera,
 Recebendo vigor, no mesmo instante
 Os perdidos alentos recupera;
 Quanto a cercada gente ao militante
 Auxilio, em que o remedio considera,
 Das passadas molestias já esquecida
 Novos alentos cobra, & nova vida.

Já

II.

Já a noyte as lentas sombras defatava,
 D'estranhas confusões cobrindo o mundo;
 E o Pastor do trabalho descansaava,
 Jazendo no silencio mais profundo:
 Muda no ninho a ave repousava,
 Dormia o peyxe là no pego fundo,
 Emmudecia o Ceo, calava o vento,
 Tudo estava em profundo esquecimento.

12.

Sò de hũa , & d'outra parte a Marcia gente
 Do sono o natural socego ignora,
 Desejando já ver no claro Oriente
 A matutina luz da nova Aurora:
 Nunca a dia festivo o Astro ardente
 Parece tão remisso na demora,
 Como o seguinte Sol no longo espasso
 Da noyte, ao parecer, deteve o passo.

13.

Mas em quanto da noyte o escuro alento
 Estorvo foy ao dia desejado,
 Alternô o som do bellico instrumento
 Sobornava a esperança ao Campo armado:
 Tudo era estrondo, tudo movimento,
 Ruido, confusão, clamor, cuydado,
 Que o socego da noyte perturbava
 Na gente , que à batalha se aprestava.

14.

Em quebradas cadencias repetia
 Guerra, guerra a trombera Lusitana,
 Soa o tambor, que os ares confundia,
 Responde al arma, al arma a tuba Hispana:
 Em toda a noyte a bellica armonia
 D'ecos encheo a terra Translagana,
 Celebrando-se de hũa, & d'outra parte
 A Belona festins, cultos a Marte.

15.

Em tanto á vista exposto o pão Divino,
 Entre obsequios Christãos, ritos devotos
 Hũs obrigão cõm dõs a Deos benino,
 Outros à Mãe protestão puros votos:
 Qual visitar promete peregrino
 As Imagẽs, & os Templos mais remotos,
 Qual conpicto, lavando em pranto o vicio,
 A emenda a Deos promete em sacrificio.

16.

Entre o femineo sexo a froxa a idade
 Dos velhos, & meninos temerosos,
 Invocando a suprema Potestade,
 Pedem benigno amparo aos Ceos piedosos:
 Assim da noyte a densa obscuridade
 Se passou, tẽ que já nos luminosos
 Campos a Estrella d'alva apparecia,
 Precursora gentil do melhor dia.

Já

17.

Já entre as dubias sombras resolvendo
 Em aljofar celeste a nevoa escura
 Rayava o Sol, de perolas enchendo
 Do alegre campo a flórida cultura:
 Quando por entre o Ceo resplandecendo
 Se via a bella Aurora branca, & pura,
 De carmezins toldando o claro Oriente
 Ao Sol, que vinha ver a Marcia gente.

18.

Quando o grande aparato bellicoso
 Se via na palestra affinalada,
 Cobrindo o campo com horror vistoso
 A vasta multidão de gente armada:
 D'armas hum bosque denso, & luminoso
 Subia ao ár da turba debellada,
 Onde os metaes, que rayos scintillavão,
 Mais por Soes que por armas se julgavão.

19.

Soltando o alento em numeros canoros,
 Por labios de metal com rithmo vario
 Respira a tuba canticos sonoros,
 A que responde o Exercito contrario:
 A idade juvenil formada em còros
 Muda de cor ao canto temerario
 Dos guerreyros clarins, cuja harmonia,
 Se a cor lhe turba, os peytos lhe acendia,

De

20.

De impacientes nas bellicas fileyras
 Os ferozes cavallos se alteravão
 Aos repetidos ecos das guerreiras
 Tubas, que n'alma a furia lhe incitavão:
 Quaes scintillando rayos das testeyras,
 Dobrando o collo os freyos mastigavaõ,
 Quaes mostravão, raspando a terra dura,
 Irada a vista, horrenda a catadura.

21.

Quando apenas o Astro luminoso
 Vio do teatro os bellicos enfayos,
 Frio, aborço, affustado, & temeroso
 Turbou as luzes, suspendeo os rayos:
 E erguendo-se hum vapor caliginoso,
 Que deu luto ao Ceo, ao Sol desmayos,
 Na densa cerração da nevoa fria
 Do ar fogia no mesmo instante o dia.

22.

Logo a explorar o Luzo ajuntamento
 D. João Pacheco para nòs caminha
 Com quatro batalhões, aonde attento
 Julga que a nevoa a marcha nos fostinha:
 Fiado neste incauto pensamento
 Foy cada qual desemparrando a linha,
 A seus quartéis os Terços recolhidos,
 Os fortins só ficando guarnecidos.

D. João
 Pacheco
 Tenente
 General
 da Caval-
 laria Ca-
 stelhana.

Quan-

23.

Quando o Sol com esplendido semblante
 Mais bello despertando do desmayo
 A madeyxa desata rutilante,
 Hum dia produzindo em cada rayo:
 Extincta a neyoeyra ao mesmo instante,
 Os Luzos se dispoem ao fero ensayo,
 Pelo vento as bandeyras se derramão,
 Soaõ tambores, & trombetas bramão.

24.

Já nove horas o Sol contava ao dia,
 Ao dia na memoria eternizado,
 Quando pela campanha se estendia
 Debayxo dos pendões o Campo armado:
 O General, que à parte attento via
 Em esquadrões o exercito formado,
 Ligeiramente o Campo rodeando,
 As Militares ordês lhe foy dando,

25.

Affim marchando o Exercito Potente,
 Os brutos dando à terra as plantas duras,
 Das testeyras soltando hum golfo ardente,
 Vibravão Soes das lizas ferraduras:
 Das cayxas, & clarins o som vehemente
 Penetrando cavernas, & espeffuras
 Leva ao Campo contrario escaffo aviso,
 Que ao succinto rumor fica indeciso.

Mas

26.

Mas dos brutos o estrepito, & nitridos
 Com as vozes dos Marcios instrumentos
 Pouco a pouco no affedio percebidos
 Soaõ pelas regiões dos vagos ventos:
 Os quaes distinctamente sendo ouvidos
 Dentro dos Hespanhoes alojamentos,
 As Sentinellas, que os quarteis habitaõ,
 Com fero alento a rouca tuba incitaõ.

27.

Neste subito aperto inopinado
 A guarnecer as linhas o Inimigo
 Corre confusamente arrebatado,
 Pendente sobre si vendo o perigo:
 Qual ás armas se lança, qual no alado
 Bruto ou resiste, ou busca á morte abrigo,
 Ouvindo-se entre estrepitos ferozes
 Medonha confusaõ de varias vozes.

28.

Correndo os Cabos vem mais importantes
 Seguidos de tumulto numerozo,
 A despenhados rios semelhantes
 Buscando o mar, que se lhe oppoem furioso:
 Juntos os Cavalleyros, & os Infantes,
 Nos faz rostro o Inimigo bellicoso,
 Formando-se sem fundo em huma frente
 O Exercito Hespanhol contra o rompente.

V

Nas

29.

Nas espaldas, porèm, se encorporava
 Multidão de oytocentos, que regia
 De Osuna o Duque, & em frente ao muro estava
 Outro, que o mesmo numero fazia;
 Aquelle a rebater a furia brava,
 Que envestir as trincheyras poderia;
 Este por segurar áquelle os lados,
 A's fortidas se oppoem dos Sitiados.

30.

Em tanto o nosso General Prudente
 De fileyra em fileyra discorrendo
 Andava perfilando a Marcia gente,
 Examinando tudo, & tudo vendo;
 E parando onde a turba diligente
 Melhor podia ouvillo, (a insignia erguendo)
 Defata em alta voz (grato o semblante)
 Do sabio peito a pratica elegante.

31.

Bravos Scipiões, Mavortes Lusitanos,
 Que em defenſa da patria generosos
 Tendes com raros feytos mais que humanos
 Os Martes excedido fabulosos;
 Tanto que ſometido em poucos annos
 Os Lugares haveis mais populosos,
 E nas Praças vencidas, & domadas
 Do voffo Rey as Quinas levantadas.

Ne-

32.

Nenhum de nós expoz à guerra impia
 Por vaõ rumor da Fama a dextra armada,
 Nem por querer a alhea Monarchia,
 Que isso erá gloria indigna á nossa espada:
 O virtuoso fim, que aqui nos guia,
 Sò foy o defender a Patria amada;
 Vede, pois, se em tão justo fundamento
 Devemos ter por certo o vencimento.

33.

Como espero de vòs, meus Companheyròs,
 Creyo que o dia o Ceo vos tem presente,
 Em que de vossas obras pregoeyros
 Seraõ as queyxas da Inimiga gente:
 Mas se de vossos Pays, & Avòs primeyros
 Vos lembraõ as acções, & esforço ardente,
 Que seguro mayor que esta memoria
 Para julgarmos já nossa a victoria?

34.

Os vossos recorday Progenitores,
 E vede que estes são os Inimigos,
 De quem por tantas vezes vencedores
 Foraõ nossos Avòs, nossos antigos:
 Consideray que as palmas, & os louvores
 Se medem pela altura dos perigos;
 Pois quanto os fins são mais difficultosos,
 Tanto mais os triunfos são gloriosos.

35.

Se bem que aqui perigo temerario
 Não se descobre à humana intelligencia,
 Que o tumulto, que olhais, de vulgo vario
 Foy conduzido às armas com violencia:
 E se foy constrangido, ou voluntario,
 O podeis inferir pela experiencia
 Não menos de tres mil, que a nòs fugidos
 Foraõ, final de serem constrangidos.

36.

Affim que o numeroso ajuntamento,
 Que este campo circunda dilatado,
 Faz temor na apparencia ao pensamento,
 Mas tudo he sombra bem considerado:
 Que importa a multidaõ? se o movimento
 He sem fórma, confuso, & perturbado,
 Causa, porque essa turba mal regida
 Da propria confusaõ será vencida.

37.

De mais que a mayor parte he costumada
 A delicias, & empregos deleytosos,
 Que vem mais da vaidade provocada,
 Que do valor aos actos bellicosos;
 A outra ao exercicio agreste dada,
 Nunca empunhou os ferros generosos;
 Em fim gente de accões de Marte indina
 Sem arte, sem vigor, nem disciplina.

A elles,

38.

A elles, pois, ò Filhos, que em perigos
 Vos visteis tantas vezes já maiores,
 A elles, que estes são os Inimigos,
 De quem fois por costume vencedores:
 A's armas Luzos, á batalha Amigos,
 Rayos os taes vos julguem nos furores,
 Os quaes já deffe voffo braço irado
 Tantas vezes os golpes tem provado.

39.

Ea, pois, arma, arma, ò Luzo alento,
 Que de voffas mãos pende esta vitoria.
 Assim disse, inflammando o pensamento
 De todos, a quem foy a voz notoria:
 Já sente cada qual novo ardimento
 Pelas veas ferver, que interna gloria
 No peito lhe introduz, n'alma lhe excita,
 A cuja voz a gente arma arma grita.

40.

Qual a voz no alto monte levantada,
 Que na mudez da soledade ouvida,
 Nas cavernas das penhas duplicada,
 Sahe em dobrados ecos repetida:
 Tal de Hum sómente a voz articulada,
 De todos elles foy correspondida;
 Pois apenas dizendo arma arma o Conde,
 Arma arma logo a Turba lhe responde.

41.

Absterse o Arrayal já não podendo,
 No furor, que nos olhos lhe arde, & abunda,
 E moderallo o General querendo,
 Mais lhe excitava a chama furibunda:
 Qual fervente licor, que escuma erguendo
 Sobre as orlas do vaso, altivo inunda;
 Tal o Conde assim já notando a gente,
 Arma manda tocar em continente.

42.

Deu final o clarim quebrando o alento
 No sonoro metal, que rompe os ares,
 Cujos ecos fizeraõ sobre o vento
 Estremecer os Ceos, erguer os mares;
 O monte respondeo por boccas cento,
 Alteraõ-se as Decurias Militares,
 Mudaõ todos de cor, & o Sol turbado
 De novo a luz perdeo como enfiado.

43.

Quando as hostes o impulso desatando,
 O vallo avanção, que o Inimigo encerra,
 Quaes com faxina o fosso vaõ cegando,
 Quaes com petrechos vaõ abrindo a terra,
 Quaes dentro das trincheyras vaõ saltando,
 Quaes, como rios, baxaõ d'alta serra;
 Acodem logo os terços da vanguarda
 Carregando o Espanhol, que o encontro aguarda.
 Qual

44.

Qual o terreo vapor, quando violento
 Do centro fae com furia repentina,
 Que do mundo abalando o fundamento,
 Cidades, & inda Imperios arruina:
 Ou do Nilo o furor, cujo incremento
 (Bravo terror da esfera Neptunina)
 Cubrindo os campos, que inundante alaga,
 Lugares, Villas, & Cidades traga.

45.

Tres vezes resistindo à Infantariã
 Por entre fumos, ballas, & clamores,
 Chegando fomos, qual em montaria
 Formaõ cordaõ no campo os Caçadores:
 Quando montando o vallo com porfia,
 Passando á espada os bravos Defensores,
 O rompemos, & entramos com tal furia
 Que dalla à voz da empreza fora injuria.

46.

Dinis de Mello entrou, qual rayo adusto
 Lá da gravida nuvem despedido,
 Que fulminando o alamo robusto,
 De clamor deixa o campo ensurdecido;
 Achim Tamaricurt dos montes susto,
 Manoel Freyre, rayo enfurecido,
 Gil-Vas Lobo a campanha atropellando
 Braços, pernas, cabeças vaõ troncando.

47.

Assim o vallo os nossos cometendo

*D. João
Quintana
l Com-
missario
Geral da
Cavalla-
ria Caste-
lhana.*

Como Leões entrãõ na trincheira;

D. João Quintanal a furia vendo

Da ferra bayxa com veloz carreira:

Mas D. João da Sylva, enveja sendo

De Marte, avança a multidaõ guerreira,

Qual torrente dos montes desatado,

Que com rapido estrondo investe o prado.

48.

Começa-se a travar com furia immensa,

Brotando fogo, o horrifico combate;

De fumo se levanta nuvem densa;

Treme a terra ao tropel; que o campo bate:

A Campanha de espadas se condensa,

Repete o monte em ecos o rebate,

De clara a esfera se tornou lombria,

Escureceo-se o Sol, turbou-se o dia.

49.

Despedação-se as armas, & as espadas

Abortando faiscas das entranhas

As esferas povoão dilatadas

De ardentès serpes, viboras estranhas:

Abrem rios de sangue as cutiladas,

Dentes de Cadmo brotão as montanhas,

Horrifona à trombeta intima guerra,

Exhala ao Ceo relampagos a terra.

50.

Bertolo de Azevedo parecia
 Qual Tigre comettendo a copia brava,
 Quando Antonio Galvão por outra via,
 Qual segador, ao chão tudo arrazava:
 Galvão, que em roxas rúbricas tingia
 O peyto, que de sangue se banhava,
 Correndo sorte igual bravo o Azevedo,
 Que inda ferido mete á morte medo.

51.

Por outra parte corre sem tardança,
 Exemplo de si dando furibundo,
 D. João da Sylva, cuja atroz pujança
 Fez o Tejo parar, tremer o mundo:
 Pois o braço, onde tem toda a esperança,
 O braço em valentia sem segundo,
 Pareceo desta vez no esforço irado
 Nas fragoas de Vulcano fabricado.

52.

Da Torre o excelso Conde esclarecido,
 Cuja espada nos elmos fogo escreve,
 Do esmalte de seu sangue guarnecido,
 Do bruto cae, que alli a morte teve:
 Mas com furia mayor da terra erguido
 Noutro ginete monta prompto, & leve;
 Investindo os Campiões, que vê defronte,
 Qual onda a rocha, qual corisco ao monte.

Em

53.

Em contraria fortuna Aventureyro
 Fernando da Sylveyra a espada esgrime,
 Parecendo no Hypogripho ligeyro
 Hum rayo, que outro rayo doma, & opprime:
 Mas, ò famoso Herôe, alto guerreyro,
 Dos Anibaes exemplo mais sublime,
 Se a vida te roubou a morte avara,
 Hoje a da fama logras mais preclara.

54.

Fogem os Hespanhos, & o Luzo experto
 Seguindo vencedor aos fugitivos,
 Hús saltão da trincheyra ao campo aberto,
 Outros a ferra medem successivos:
 Mas perseguindo-os nòs em tanto aperto,
 Homês não sendo, não, mas rayos vivos,
 Acclamando a vitoria em gyro vago,
 Tudo enchemos de horror, affombro, & estrago.

55.

Acodelhe hum tropel de turba extensa,
 Que outra vez a formar os força, & obriga,
 Onde segunda vez com furia immensa
 Se renovou a bellica fadiga:
 Mas cahindo de golpes copia densa
 Sobre a timida já turba inimiga,
 Dos nossos o furor não sustentando,
 Por toda a parte o campo vão deyxando.

56.

Bravo Dinis de Mello, a quem seguia
 De ferozes Campiões torrente brava,
 Investe com intrepida ouzadia
 Com a gente, que o Ofuna governava:
 Por toda a parte em tanto a Infantaria
 Com hum, & outro Forte pelejava;
 Os quaes com tanto ardor se defendiaõ
 Que muralhas de Jove parecião.

57.

A hum, que guarnecia brava gente,
 Manoel Freyre, & Gil-Vas a hũ tempo avança,
 Hum qual Lobo ao redil com sedê ardente,
 Outro qual Touro, quando o fere a lança:
 Onde o de S. João Conde excellente
 Vay com Simão Correa sem tardança;
 Simão Correa, cujo invicto braço
 A tantos desatou da vida o laço.

58.

Alvaro de Azevedo hum Forte ataca,
 Ao qual com tal valor o terço arrima
 Que arrancando aqui hũa, alli outra estaca
 Vay com as duras mãos, que Marte anima:
 Tè que cegando o fosso ao Forte aplaca
 A violencia, em que já se desanima,
 E com bravo furor tudo estragando
 O campo vay de mortos semeando,

Pedro

59.

Pedro Cesar, por Cesar Lusitano
 A Andre Gatino se une, & em fogo ardendo
 Vay onde com esforço mais que humano
 Hum Forte estava o Mello combatendo:
 E alli investindo os Dous a hum troço Hispano,
 Cahio morto Gatino; & o Cesar tendo
 Do morto Herôe por proprias as feridas,
 Logo o vingou truncando oytenta vidas.

60.

Arde o Campo, encruece-se a batalha,
 Ferve a gente, & o tropel, que alli se ondea,
 Hûas vezes se ajunta, outras se espalha,
 Qual revolver costuma o vento a area:
 Lamina, peyto, arnez, escudo, ou malha
 Não ha, que seja estorvo à morte fea;
 Que tudo quanto a vista determina
 Saõ mortos, sangue, horror, armas, ruina?

61.

Vendo Andre de Albuquerque haver perdido
 Terra Luis de Sousa, oufado parte,
 E no centro do terço introduzido
 O faz cobrar a já perdida parte:
 Mas ay que mortalmente aqui ferido
 Se acha aquelle da guerra novo Marte
 Sobre o bruto, que já com dubio enleyo
 Estranhava liberto as leys ao freyo.

Mas

62.

Mas extatico, qual caduca Torre,
 No bruto como vivo o corpo exalta,
 Que em seu illustre peyto inda não morre
 A virtude, que aos Fortes nunca fáltã :
 Tè que do sangue, que furioso corre,
 O corpo já mortal sentindo a falta,
 De todo (ah dor cruel!) se defalenta
 No vigor, que o cadáver lhe sustenta.

63.

Do bruto á terra vem, & em pè ficando
 Inda a hũa parte, & outra perpendicular,
 Está, qual debil cana, tremolando,
 Atè que os pès lhe faltão finalmente:
 Cahio o Herôe por terra affemelhando
 Planta, que postra no Apenino Ingente
 Do bravo Eolo o fero sopro irado,
 Ou freyxo ás mãos do rustico troncado:

64.

Cahio em fim por terra o corpo altivo
 Merecedor do folio mais superno,
 Onde com termo foy alternativo
 Pouco a pouco bebendo o sono eterno:
 Qual a funesta luz, que o fugitivo
 Alento aviva, & turba em viso alternô,
 Que hora animada, que hora agonizante
 Entre extremos palpita vacillante:

Como

65.

Como quem mostra ao Ceo pios ensayos
 A dextra applica ao peyto, a outra estende,
 E abrindo os olhos os fermosos rayos
 Quiz ver do Sol, que n'alma luz lhe acende:
 Porèm logo os fechou, & em mil desmayos
 Num braço alçar o corpo em vão pertende,
 E numa, & noutra queda repetida
 Lhe geme o golpe abrindo-se a ferida:

66.

Tè que do invicto Herôe triunfando a sorte
 Em vomito alternado, que o suffoca,
 Por symptoma cruel da dura morte
 Corre o sangue hora á chaga, & hora á boca:
 Onde tremulo o corpo, a ancia forte
 A alma a duros arrancos lhe provoca,
 E entre hum frio suor em turvo gyro
 Olhando, deu o ultimo suspiro.

67.

Chorarão-te, alto Herôe, com peyto brande
 Os peytos a durezas costumados;
 Porèm tu là no Ceo rindo, & triunfando
 Estarás ao clamor dos nossos brados:
 Vive, pois, onde estão todos gozando
 Socego nessa gloria arrebatados,
 Que neste mundo, d'alma cego encanto,
 Tudo he pena, clamor, miseria, & pranto.

Descan-

68.

Descança, pois, no Ceo, que a nossa forte,
 E não a tua, a lagrimas convida;
 Que esta, que o vulgo errado tem por morte,
 He nesse sacro Imperio a melhor vida:
 Mas em quanto do mundo errando o norte
 Nesta andamos miseria aborrecida,
 Porque inda deffes Ceos nos favoreças
 Pedimos-te que a Deos por todos peças.

69.

O Illustre Corpo foy a hum Templo antigo,
 Que na Praça existia sublimada,
 Nos pios braços de hum, & d'outro Amigo,
 Qual Presa ás mãos do Lobo ensangoentada:
 Leva-lhe a espada Hum, que do Inimigo
 Tantas vezes no sangue foy banhada,
 Outro as armas, que a puro sentimento
 Perdèraõ algum tanto o luzimento.

70.

Ao Templo se conduz, em que sepulto
 Fosse com todo o fausto merecido,
 Aonde o Herôe do bellico tumulto
 Com doloroso pranto foy seguido:
 Depositado alli no sacro Culto
 O Cadaver ficou esclarecido,
 Tè que, expulso o Inimigo das trincheirãs,
 As honras se lhe deffem derradeyras.

Já

71.

Já pouco a pouco a furia declinava,
 Por nós se hia a victoria declarando;
 Fugindo o Aro já se retirava
 Ligeyro a nova a Badajóz levando:
 Já aqui a Infantaria se amparava
 Dos Fortins, que inda estavaõ, pelejando,
 Que posto que rendido algũs se haviaõ,
 Outros inda rebeldes resistiaõ.

72.

Já finalmente por diversas partes
 Delles se hia o poder diminuindo,
 Os Nossos já acclamados novos Martes
 Hiaõ de medo os Hespanhoes vestindo:
 Já prostrados se vem seus estandartes,
 Já a nossa tuba vivas repetindo,
 Vagar se ouvia em clausulas velozes
 Hum festivo clamor de varias vozes.

73.

Quando por entre ballas, & pelouros,
 Cujos espessos chuveiros o ar cruzava,
 Qual de Ceres se vè contra os thesouros
 Granizar pedra o Ceo em copia brava,
 Cingindo o General de Marte os louros
 Com o soccorro á Praça caminhava,
 Onde entrando triunfante; geralmente
 Solemnizado foy de toda a gente.

74.

No Templo principal o Conde altivo
 Entra da Marcia turba acompanhado,
 A quem segue com jubilo festivo
 Da invicta Praça o povo libertado:
 Alli cantando em coro alternativo
 O Hymno a acções de graças dedicado,
 Em reverente acção gratulatoria
 A Deos louvor se dá pela vitoria.

75.

Dom Sancho Manoel deyxando a Praça
 A Pedro Jaques, rayo de Mavorte,
 Com D. Luis d'Almeyda ao Campo passa,
 Onde Pedro de Mello expugna hum Forte:
 Inda n'algũs Fortins, qual no da Graça,
 Durava a resistencia acefã, & forte;
 Mas partindo a contenda a noyte escura,
 O fim se aguarda para a luz futura.

76.

Quando da noyte os lutos tenebrosos,
 Pondo imagẽs de horror ao pensamento,
 Os objectos faziaõ duvidosos,
 Ao funesto brilhar do Firmamento:
 Sentidos ays, gemidos dolorosos,
 Troncados ecos, tragico lamento,
 Enfermas vozes, lastimoso pranto,
 Enchiaõ o arrayal de fero espanto.

77.

Os gritos duplicados nas cavernas,
 Os ecos repetidos nas montanhas,
 D'hũs se atendem quebrar as vozes ternas,
 De outros se ouvem gemer queyxas estranhas:
 Onde entre estas da dor ancias internas
 Iracundo clamor pelas campanhas
 Mixto se ouvia em horrído alarido,
 Affombro d'alma, confusã do ouvido!

78.

Mas quando jã da Aurora a claridade
 Pelos cumes dos montes se estendia,
 Quanto encobrio da noyte a obscuridade
 Foy revelando á vista a luz do dia:
 Que fero horror! que estranha mortandade!
 Que funesto theatro alli se via!
 Que vista infaulta! estrago deshumano!
 Que lastimoso mar de sangue humano!

79.

Alli se vem cabeças denegridas
 De seus humanos troncos separadas,
 Disformes golpes, horridas feridas,
 Braços, pernas, & mãos despedaçadas:
 Onde d'algũs agonizando as vidas,
 Entre sentidas queyxas mal formadas
 Seus ays se ouviaõ taõ funestamente,
 Qual sae de infaulta tumba voz doente.

Fazen-

80.

Fazendo a morte o que não póde a vida,
 Ve-se o Inimigo do Inimigo ao lado,
 O homicida está junto do homicida,
 Ve-se o vencido ao vencedor chegado:
 Mas ay Flebia que a idade mais florida
 Murcha tambem se vê! qual flor no prado,
 Ay que morto aqui jaz teu bello Enfrido!
 Como o tenro jasmim do Sol ferido!

81.

Sendo apenas os montes revestidos
 Do primeyro candor d'Aurora pura,
 Do General os terços conduzidos
 Marchavaõ a dar fim á Empresa dura:
 Porém de medo os Espanhoes vestidos,
 Valendo-se dos vãos da noyte escura,
 Profugos os quarteis delemparáraõ,
 Onde o apparato bellico deyxáraõ.

82.

Da guerra váy o Ibero blasfemando,
 Em clamores ferindo os Ceos potentes,
 Ao Aro, & Rey de impios accusando,
 De crueis, de tyrannos, de inclementes:
 Em cujo Reyno a infaulta nova entrando,
 Clamaõ os pays, conspiraõ os parentes,
 Tudo em fim são correntes caudalofas
 De pranto em filhas, mãys, irmãs, & esposas.

X 2

De

João Ferreyra da
Cunha,
& André
Gatino
Capitães
de Ca-
vallos.

De vòs, que o heroico fangue derramastes,
Bravo João Ferreyra peregrino,
E forte André Gatino, que chegastes
A extremo igual por força do destino,
Que heyde dizer? senão que remontastes
A Fama sobre effe orbé diamantino?
Lá, pois, vivey dos mais em companhia,
Onde he mais bello o Sol, mais claro o dia.

Luis de
Souza de
Menezes
Mestre de
Campo.

E tu Souza immortal, rayo animado,
Em quem se vio a morte irrefoluta,
Se na vida te foy adverso o Fado,
Na morte a Fama os premios te tributa:
O globo, que te abriu no esquerdo lado
Fonte de illustre fangue nunca enxuta,
Se te pode levar a clara vida,
Te deyxou a da Fama esclarecida.

Ambos os
Condes
Mestres
de Campo.
João Cor-
reia da Sil-
va, Barto-
lomeu de
Azevedo,
Antonio
Galvaõ
Mestres
de Campo.
Luis Frã-
cisco Bar-
raes
Alves
Barreto
Tenente
do Mestre
de Campo
General.

E vòs, que a terra de robins cobristes,
O' Torre excelso, o S. João Preclaro,
Altos egregios Condes, que então vistes
Vosso fangue na terra ser mais claro;
Vòs Correia, Azevedo, que tingistes
De graã o peyto, á patria sendo amparo,
Galvaõ, Barem, Barreto, em cujo alento
Não tem poder as leys do esquecimento.

Com

86.

Com todos os que a terra rubricãraõ,
 Dando fontes de nacar à Campanha,
 Onde os Persas, & Gregos não chegãraõ,
 Vivey affombros das Nações estranhas:
 Calem-se as altas Musas, que cantãraõ
 Verdadeyras acções, ou vãs façanhas,
 Que meu humilde plectro, tofco, & rudo,
 Sò por vos nomear excede a tudo.

87.

Depois do vencimento concluido,
 No Sol seguinte o General piedoso
 Trata de dar á terra o esclarecido
 Corpo do Herôe com fausto decoroso:
 A'quelle Templo foy, onde affistido
 Era o esquife do vulgo doloroso,
 Onde o illustre Cadáver collocado
 Da multidaõ em roda era chorado.

88.

Enfermas vozes, misero lamento,
 Roucos soluços, funebres gemidos,
 Em sumissõ clamor, funesto accento,
 Os peytos allidaõ enternecidos:
 Qual na espessura se ouve o brando vento
 Em murmureos saudosos aos sentidos,
 Ou qual o rio, que ao morrer do dia
 Terno lamenta em lugubre harmonia.

A lastimosa turba, que reprime
 Neste quasi silencio a magoa interna,
 A voz mais dolorosa, que a alma exprime,
 Entrando o General, levanta, & alterna:
 A machina, onde o Corpo jaz sublime,
 Adornada da rama sempiterna,
 Se cinge toda de sutis poemas,
 De fabias inscripções, varios emblemas.

As armas, que se vem enfangoentadas,
 Que a historia em frescas rúbricas publicaõ,
 No tronco de hum cipreste penduradas
 Alli ao tempo, & à Fama se dedicaõ:
 Seguido o Corpo em fim de hostes armadas
 Ao som das cayxas, que o pezar duplicaõ,
 Foy conduzido com devoto Canto
 Do Serafico affombro ao Templo Santo.

Quando hum Velho já curvo, a quem servia
 Hum baculo de arrimo, o esquite olhando,
 E contemplando absorto a Imagem fria,
 Tres vezes move o aspecto venerando;
 Por entre as cãs hum mixto lhe sahia
 De lagrimas, & vozes, que avivando
 A reprimida dor dos Circunstantes,
 Foy incentivo a lagrimas errantes.

92.

Ditoso, diz, ò tu, que nesse encanto
 De luzes vives já, deyxando o mundo,
 Theatro de afflições, valle de pranto,
 De incessavel tormenta mar profundo:
 Nesse orbe, em que te ves, sereno, & santo,
 Logra a vista de Deos ledo, & jucundo,
 Que nesta, em que vivemos, treva escura
 De tanto bem nos priva a carne impura.

93.

Por nós, & não por ti, seja o lamento,
 Por nós, que inda habitamos cá na terra,
 Não por ti, que lá nesse etherio assento
 Possues todo o bem, que o Empyreo encerra:
 Lá tudo he gloria, paz, contentamento,
 Cá inda a mayor paz he mayor guerra,
 A nós se deve a dor, o pranto, a pena,
 Não a ti, que a paz logras mais serena.

94.

Descança, pois, em paz, Alma ditosa,
 Nessa uniaõ, que eternamente dura;
 Do teu merecimento o premio goza,
 Vendo de Deos a immensa fermosura:
 Nessa de luz esfera a mais gloriosa
 Vive, bella, gentil, candida, & pura,
 Logra em fim a ventura, que alcançaste,
 Como temeste a Deos, & a patria amaste.

X 4

Mas

95.

Mas já do dia os rayos apagados,
 Da pacífica, noyte o escuro alento
 Deu termo aos olhos de chorar cançados,
 Tregoas á dor, alivio ao sentimento:
 Em tanto os outros corpos sepultados
 Foraõ em hum, & outro monumento,
 Cujos piedoso acto concluido,
 Caminha á Corte o Conde esclarecido.

96.

Chega a Lisboa, aondê com vulgares,
 E altos obsequios foy da Corte accéyto,
 Honras do Rey logrando singulares;
 Mas tudo te he, ò Conde, applauso estreyto;
 Quem para taes alentos militares
 Tivera igual clarim, taõ alto peyto!
 Quem para tal valor, taõ altos brios
 Formar podera iguaes os elogios!

97.

Estas são as proezas mais gloriosas,
 Que nesta guerra obrou a Luza gente;
 Dando ao silencio as que por numerosas
 Não caberão na voz mais eloquente:
 Mas tornando, ò Deidades generosas,
 Ao progresso do thalámo presente,
 Passando de hũa gloria a outra gloria,
 Resta agora dar fim a esta historia.

98.

Já te contey , Princesa soberana,
 Quando ao Monarcha Inglez propuz o intento,
 O subito alvoroço , a gloria ufana,
 Que indice foy do seu contentamento:
 E como á patria minha Lusitana
 Passsey logó a tratar o ajustamento,
 Como voltey com elle , & recebido
 Fuy do Anglicano Rey esclarecido.

99.

Tambem te relatey a resistencia,
 Com que delle a magnanima constancia
 Combatida se vió , & com vehemencia
 De firmeza se armou a toda a instancia:
 Como com singular magnificencia,
 De que sem vicio possa ter jactancia,
 As Scenas excedendo , & as mais grandezas,
 Foraõ na Corte as festas Portuguezas.

100.

Como chegando ao Tejo a illustre Armada
 Foy da Corte altamente recebida,
 Como foy o aparato da Embayxada,
 Ed'augusta Rainha a despedida;
 Como todos com ella já embarcada
 Tres Soes nos detivemos na sahida,
 Como no quarto as velas dando ao vento
 Sahimos , dividindo o falso argento.

Com

101.

Com vento favoravel, mar bonança
 As inquietas ondas navegando
 Viemos algũs Soes, mas sem tardança
 Sua inconstancia o mar nos foy mostrando:
 Os pòlos sentem subita mudança,
 Torna-se em brava furia o vento brando,
 O dia se escurece, o mar se altera,
 O Ceo se enluta, & se condensa a esfera.

102.

Tè que do vento os Lenhos impelidos,
 Rotos do mar, das ondas destroçados,
 Fomos pelo infortunio conduzidos
 A' dita de nos ver aqui hospedados:
 Agora que em teu porto recebidos,
 Nas tuas prayas fomos amparados,
 Erro fora envolver de qualquer sorte
 Com os logros do bem queyxas da Sorte.

103.

Mas antes ser, gentil Princefa, digo,
 Vendome a tuas plantas generosas,
 O naufragio feliz, doce o perigo,
 Por sortirem desgraças taõ ditosas:
 Tanto que os infortunios neste abrigo,
 Deyxando as mesmas ditas envejosas,
 Fazem ser por lisonja da vangloria
 Vaidade os danos, & as molestias gloria.

Aqui

104.

Aqui, pois, onde amparo á tempestade
 Achamos no teu porto peregrino,
 Promptos nos tês, ò inclyta Deidade,
 Como agrado merece taõ benino:
 Por sacrificio acceyta da vontade
 O que só foy violencia do Destino,
 Que bem se mostra nesta conjectura
 Que os acaos saõ lances da ventura.

Aqui por mais, ò Nynfa, naõ cansarte
 A teu favor nos tens agradecidos,
 Onde protesto ao Ceo que em qualquer parte
 Seraõ de nõs teus dõs nunca esquecidos:
 Obedecido tenho em relatarte
 Os progressos da guerra succedidos,
 E os molestos trabalhos da viagem,
 Já doces por taõ prospera hospedagem.





CANTO XI.

A R G U M E N T O.

D' *Altos Herões ao Mello a Hierarchia*
Mostra a Nynfa num Templo soberano,
E lhe descobre em clara profecia
Os progressos do Reyno Lusitano;
De Pedro a successão, que a Monarchia
Ha de estender por terras do Otomano:
E fazendo-se ao mar a Ingleza Armada
Chega do porto à praya desejada.

O *Uvindo a Nynfa ao Hospede preclaro*
Em alto estylo a gloriosa historia,
Por mostrarlhe o que occulta o tempo avaro
Dalli o conduz ao Templo da memoria:
Dandolhe a mão, lhe diz, ò Herôe charo,
Vem comigo, ouviràs a mayor gloria,
Que a Portugal promete a nossa idade,
Thesouro da immortal posteridade.

2.

Naõ em muytã distancia se advertia
 Hum monte, que era da aspereza enfayo,
 Cuja fronte primeyro illustra o dia,
 Primeyro fere o matutino rayo:
 Este só palmas, só loureyros cria,
 Plantas izentas do mortal desmayo,
 Das quaes a quem taõ alto dom merece
 A Fama insignias faz, diademas tece.

3.

Era taõ alto, taõ soberbo o monte,
 Que Atlante sustentando o Firmamento,
 Se elevava coluna do Horizonte,
 Estreytando as regiões, que occupa o vento;
 Onde de luz ornando a excelsa fronte,
 Se ostentava com tanto luzimento.
 Que à Sydereã regiaõ chegando oytava
 Cingia nuvês, de astros se emplumava.

4.

De Babel o edificio portentoso,
 O immenso Calpe, de Hercules coluna,
 O alto Apenino, o Olympto prodigioso
 Não tanto o cume ao claro tecto aduna:
 Como elevado o monte ao luminoso
 Globo, qual Briareo, que o Empyreo expuna,
 No vulto parecia sem segundo
 Fundamento do Ceo, padraõ do mundo.

A so-

5.

A soberana Nynfa ao Héroe altivo
 Para este monte os passos conduzia,
 Aonde hum Templo de alabastro vivo
 Em Corinthios primores se attendia:
 Que em deposito aos seculos votivo
 Sò Varões excellentes contentia;
 Intitulado pela antiguidade
 Templo da Fama, Annal da eternidade.

6.

Ao pé chegão do monte, & a vista erguendo
 O illustre Herôe subillo duvidava,
 Impossivel a empresa parecendo
 Pela aspereza, & altura, que mostrava:
 Ao reparo do Herôe Ella attendendo,
 Com activas palavras o animava;
 Dizendo, Não te affombre esta eminencia
 Que tudo vencer pòde a diligencia.

7.

Replicalhe Elle então: Quem a espessura
 Poderá contrastar desta aspereza,
 Que intratavel parece a planta dura
 De féra, a quem fez dura a natureza?
 Sorrio-se a Nynfa, & diz: Toda esta altura
 Quanto mayor, mais alta faz a empresa,
 Que a mais preclara acção, mais rara idea
 He a que de impossiveis se laurea.

8.

O excelso monte os Dous investigando
 Vaõ com trabalho, & passo vagaroso,
 Pisando abrolhos, matos penetrando;
 Fazendose-lhe o fim difficultoso:
 Ella no Herôe os olhos empregando
 Quanto o subir, lhe diz, he trabalhoso!
 Mas depois de vencida a empresa grave,
 Quanto he mais ardua, tanto he mais suave.

9.

Tanto mais he suave, & mais gloriosa,
 Quanto saõ os obstaculos mayores;
 Pois conseguida a empresa generosa
 Dos Suores fabrica os resplendores:
 Qual o ouro na fragoa luminosa,
 Que os quilates requinta nos ardores,
 Que por isso se vê que a natureza
 O mais precioso armou de mais dureza.

10.

Lavra o finzel a pedra tosca, & escura,
 E quanto he mais do Artifice cortada,
 Se vê que tanto mais na força dura
 Dos golpes resplendece illuminada:
 Consegue no rigor da fragoa pura
 O ferro vil a fórma mais limada,
 A virtude se apura na abstinencia,
 E disto tudo he meyo a diligencia.

Subi-

11.

Subido em tanto o grande Herôe se achava
 Ao mais alto do monte, em cuja estancia
 Já por suave a empresa avaliava,
 Sendo a altura tropheo, gloria a distancia:
 Em quanto allí do excessô descansava,
 Em rithmô acorde, em doce consonancia
 Canções lhe entoaõ as canoras aves.
 Ao brando som dos zephyros suaves.

12.

Depois que hum pouco ao peyto fatigado
 Soffego deo, sentado no alto cume,
 Levando-o a egregia Nynfa ao dextro lado
 Como pede a policia, & he costume;
 Dirige o passo ao Templo consagrado
 A'quella, que o immortal compoem volume,
 Ao Templo, cuja antiga immuniidade
 Aposta durações co a eternidade.

13.

Entrão no Templo, aonde estranhos Vultos
 Em altos folios virão collocados,
 Dandolhe a Fama por honrosos cultos
 Os pregões do clarim, da tuba os brados:
 D'hús inda vivos, d'outros já sepultos
 Os transfuntos se ostentão sublimados,
 Onde o sinzel com primoroso estudo
 Sò faltava dar voz ao jaspe mudo.

Tal

14.

Tal que do Herôe, de quem fingia o alento,
 A fôrma reproduz tão parecida
 Que a enganos induzindo o pensamento,
 Representava ter a pedra vida:
 Onde a pesar do infame esquecimento
 De cada qual a estatua esclarecida
 Mostra, triunfando do poder da morte,
 Eterna vida no alabastro forte.

15.

Com temerosa acção levando o braço,
 Hũs a espada empunhavaõ cortadora,
 Outros tinhão na mão sobre o regaço
 A douta penna da Aguia voadora:
 Outros dos Ceos medindo o longo espaço,
 Dão o compasso aos graos, que a vista ignora,
 Outros tem as insignias do Astrolabio,
 Outros o buril dextro, o pincel sabio.

16.

Affim pois com insignias diferentes
 Os Illustres Varões se divisavão
 Nas famosas estatuas excellentes,
 Que immortaes as acções lhe eternizavão:
 Aquelles, que por feytos preeminentes,
 Não por morte, por tranfito passavão
 Da vida temporal à eterna vida,
 Que he da Fama a virtude esclarecida.

Y

Cada

17.

Cadaqual pelo Templo caminhando,
 Olhava o Herôe para hũa, & outra parte,
 Absorto vendo, atonito julgando
 Milagre a obra, providencia a arte:
 Depois de largo espaço estar notando
 A hum, que ostentâ espiritos de Marte,
 Pergunta à Conductora, quem he Este,
 Que o espaldar sobre o tolco çurrão veste?

18.

Este, responde a Nynfa, he Viriato,
 Animado de sangue Lusitano,
 Que foy, depois de ter rustico trato,
 Gloria do Luzo, ultraje do Romano:
 O que o prefere envolto em ferreo ornato
 He Anibal, que posto que o Africano
 Lhe chame seu, de rama Lusitana
 Como Estes, que aqui ves, procede, & mana.

19.

O Terceyro, que a barbã prateada
 Tão venerando pelo peyto estende,
 Luzo se diz, de quem a sublimada
 Lusitana Nação brava descende;
 De Baccho filho foy, cuja affamada
 Estirpe ao Mourô doma, ao Turco rende,
 Pezando-lhe para hum, para outro feyto
 De lhe ser todo o mundo campo estreyto.

Clau-

20.

Claudio Suevo o quarto se appellida,
 De Francezes mortifero flagello,
 Que tantas vezes foy a tantos vida,
 Quantas tambem a outros foy cutello:
 O que adiante a malha tem vestida,
 Honra da Fama, do valor modello.
 Lederico se diz, que por guerreyro
 De Flandes veyo a ser Conde primeyro.

21.

Esse, que opprime o férvido Inimigo,
 Se diz Forjã Vermuis de esforço, & arte,
 Effoutro, que se segue, he D. Rodrigo,
 Que foyeytou hum Rey na morte a Marte:
 O que nas cãs se inculca Augusto, & antigo,
 Cujoo nome se admira em toda a parte,
 Se appellida Moniz, Egas se chama,
 Honra da patria, credito da Fama.

22.

Esse, que de hera cinge a fronte clara,
 He Mem Moniz do mesmo tronco fruto,
 Que de tal pay tal filho se esperára
 No valor, na lealdade, & no attributo:
 O que hũa, & outra cicatriz preclara
 Tem no peyto de sangue nunca enxuto
 He D. Fuas Roupinho, em que as feridas
 Rubricas são do peyto esclarecidas.

Y 2

O que

23.

O que em provectos annos fresca idade
 Ostenta juvenil, guerreyro enfaya,
 Desmentindo a senil debilidade,
 Gonçalo Mendes se chamou da Maya:
 O que na Monachal authoridade
 Mostra o valor, brandindo a leve faya,
 He Theotonio, que a lança invicta, & forte,
 Na viva fragoa temperou da morte.

*D. Tb eo-
 sonio
 Prior de
 S. Cruz
 de Coim-
 bra.*

24.

Giraldo tem por nome o Herôe, que junto
 Mais adiante está sem intervalo,
 Da Fama occupação, da enveja affunto,
 Que o Sem pavor he justo nomeallo:
 Olha dos Soufas o melhor transunto,
 D. Mendo, D. Garcia, & D. Gonçalo,
 O outro he Martim Lopes, cujo peyto
 O mar, & o mundo tem por folio estreyto.

25.

O que adiante ves guerreyro, & santo
 Na dextra a espada, na sinistra o bago,
 O Bispo he D. Sueyro, que alto espanto
 Foy desses, de quem foy acerbo estrago:
 Esse, em cujo fervor reparas tanto,
 Payo Correa he, que em giro vago
 Fez, de infieis matando copia rara,
 O Planeta parar, que nunca para.

Aquel-

26.

Aquelles dous Herôes, que laureados
 Se estão vendo de círculos frondosos,
 Exemplos são da patria venerados
 Por firmes, por leaes, por valerosos:
 Hum he Martim de Freytas, cujos brados
 Retumbão pelos cercos luminosos,
 Outro Pacheco, a quem por timbre a Fama
 Capitão mais sagaz no mundo acclama.

27.

Os que viste atè aqui, Conquistadores
 Forão do Luzo Imperio tão preclaro;
 Vamos agora aos bravos Defensores,
 Cujos peytos lhe forão muro, & amparo:
 Esse, que de morrer entre os furores
 De Marte alegre ostenta o vulto claro,
 Nuno Gonçalves he, a quem o forte
 Braço izentou das duras leys da morte.

28.

Suspenso o Mello os olhos apascenta
 Em Hum, que em trono mais excelso admira,
 Que nas vivas acções, que representa,
 Parece que alma tem, valor respira:
 E depois que com vista absorta, & attenta,
 Por elle largo espaço os olhos gira,
 Quem he este, rompeo, que aqui se alista,
 Que em vello pulsa o peyto, treme a vista?

Y 3

Esse

29.

Esse, em quem todo estás arrebatado,
 Diz ella, o mayor he de Fama affunto,
 Flagello do Hespanhol, terror do Fado,
 De cuja dextra treme o Orbe junto;
 Neste marmore vive eternizado,
 Neste, que por eterno he seu transfunto,
 Perdoa nomearte em voz grossieyra,
 O' grande D. Nuno Alveres Pereyra.

30.

Olha quanto a respeytos persuade
 Aquelle grave, & venerando Vulto,
 Claro em virtude, envolto em Magestade,
 Ah quanto ardor em ti se encerra occulto!
 Mas se inda he curta a larga eternidade
 A tão grande louvor, tão alto culto,
 Esse, que gozas lâ no Empyreo Templo,
 Seja o premio de teu merecimento.

31.

Mas ay, que a dor ao Ceo em vão respira
 Por ti, do mundo maravilha estranha;
 Ah quanto Portugal inda suspira
 Por ti, que morto foste vida a Hespanha:
 Em quanto a luz brilhar, que os Orbes gira,
 A patria não terá perda tamanha,
 Merecias tu só por melhor Marte
 Que a Fama te erigisse hum Templo á parte.

O da

32.

O da purpurea insignia, que parece
 Cid nas acções, Aquilles no respèyto,
 D. Lopo Dias he, que à Patria ofrece,
 Por mais constante muro o firme peyto:
 Este, que em ferro envolto resplandece,
 A cujo braço o mundo he campo estreyto,
 Rayo de muros, torres, & castellos,
 Mem Rodrigues se diz de Vasconcellos.

33.

Esse, que armado, & intrepido se ostenta,
 Antão Vaz he de Almada, & o que se segue
 He Rui Pereyra, que o clarim alenta
 Da Fama, a cujos ecos vive entregue:
 O que segundo Heitor ser representa,
 Por mais applausos, que lhe a inveja negue,
 He quem já mais ha visto a cara ao medo,
 Marte, ou Martim Gonçalves de Macedo.

34.

Essoutro, em quem de illustre se exagera
 A rama, que o laurea, he o affamado
 João Rodrigues de Sà, a quem venera
 A Patria, o tempo, o mundo, a Fama, & o Fado!
 Esse, que o louro enlaça, cinge a hera,
 He por melhor Alcides nomeado
 Vasqueanes da Costa, cujo alento
 Da Fama he voz, do mundo foy portento.

35.

Olha adiante os Dous como arrogantes
 A espada empunhaõ com acção temida,
 Pedro Rodrigues he o que ves antes,
 E effoutro Gil Fernandes se appellida.

*Pedro Rodrigues do
 Alãdroal
 Gil Fernandes
 d'Elvas.*

Tês visto os que leaes da Patria amantes
 A defenderaõ, dando a Marte a vida,
 Nota os que com esforço mais que humano
 O Imperio dilataraõ Lusitano.

36.

Olha o Conde D. Pedro, a cujo alento
 Honroso fogo d'alta gloria inflama,
 Junto à aquelle, que está severo, & attento,

*Dous for-
 raõ Côdes
 hũ de Bor-
 ba, outro
 de Mari-
 alva, o
 outro Go-
 vernador
 da Villa
 de Arzil-
 la.*

Que he D. Duarte, Delle excelsa rama:
 Aos tres Coutinhos ergue o pensamento,
 Em cujo applauso falta alento á Fama;
 Vê D. Joaõ, que he gloria dos Menezes,
 Por invicto aclamado tantas vezes.

37.

Lopo Barriga he esse, a quem divide
 Aurea cadea o peyto sublimado;
 Este Nuno Fernandes de Ataide,
 O outro Sousa, alto Herôe, Conde do Prado:
 He Luis de Loureiro, o que reside
 Na rama, de que o nome he derivado;
 Carvalhos saõ os mais, que lhe succedem,
 Mas Carvalhos, que a palma, & o louro excedem.

Estes

38.

Estes Varões, que estão a estoutro lado,
 São Aquelles, que abrindo novos mares,
 Rumo seguindo nunca navegado,
 Cultos lhe deo a Fama, o mundo altares:
 Que errantes ao destino, & ás leys do Fado,
 Vendo varias regiões, & estranhos ares,
 Levãrão cá do Occaso atè o Oriente,
 Do seu Monarcha o Escudo preemiñente.

39.

Quem, pois, direy que es tu, se mesmo o indica
 O altar primeyro, que te erige a Fama?
 Essa mesma o teu nome te publica,
 O' sem segundo Herôe Vasco da Gama:
 Mas oh que tudo inferior te fica,
 Como em teus feytos teu valor proclama,
 Grande Pacheco, de tropheos coluna,
 Alvo infeliz dos golpes da Fortuna!

40.

Almeydas são os Douz, hum que o governo
 Da India dilatou co a espada nua,
 Estoutro o filho he, que ao tempo eterno
 A fama de seu pay estende, & a sua:
 Os outros Cunhas são, cujo superno
 Ardor credito foy da patria tua,
 Vê o Albuquerque, vê Lopo Soares,
 Da terra confusão, terror dos mares.

*D. Francisco de
 Abneyda
 primeyro
 Vice-Rey
 da India,
 & D. Luis
 mengo de
 Almeida
 seu filho.
 Tristaõ,
 & Nuno
 da Cunha.
 Afonso de
 Albuquerque
 que que
 succedeo a
 D. Francisco de
 Almeida no
 governo
 da India.
 Lopo Soares
 de Albuquerque
 Governador da
 India.*

Este

41.

Este he Diogo Lopes de Siqueyra,
 Celebrado da Fama tantas vezes,
 E o que se segue occulto na vizeyra
 O grande D. Duarte he de Menezes:
 O que adiante ostenta acção guerreyra
 He Henrique, exemplar dos Portuguezes,
 Os Mascarenhas vè, Nota os dous Pedros,
 A Francisco, a João, honra dos Cedros.

*D. Henri-
que de
Menezes.
Pedro, &
D Pedro,
D. João,
& D. Prã-
cisco todos
quatro
Mascare-
nhas.
Lopo Vas
de Sam-
payo.*

42.

Vè como Lopo Vaz se attende altivo,
 Que he aquelle, que tem na dextra a espada,
 Olha Heytor da Silveyra, rayo vivo,
 Que de Heytor tem a fama aniquilada:
 Effoutro, que se adverte successivo,
 Que a cotta d'armas tem rota, & gastada,
 O Capitão Antonio he da Silveyra,
 Bravo terror da barbara bandeyra.

43.

Effoutro, que ao mais alto se sublima,
 He Antonio Galvão, que o mundo acclama,
 Nota adiante os Dous, nos quaes se anima
 A gloria de seu pay Vasco da Gama:
 O que alli respeytofo medo intima,
 Martim Afonso he, Marte na fama;
 Nota o famoso D. João de Castro,
 Vivo no jaspe, eterno no alabastro.

*D. Cbris-
tovaõ, &
D. Este-
vaõ da
Gama.
Martim
Afonso de
Souza.*

44.

Os que se seguem, todos a regencia
 Tiverão da Oriental gentildade,
 Os quaes conhecereis pela apparencia,
 Que não dá mais do tempo a brevidade:
 Porém injusto he pela excellencia
 Deste o nome callar, que he palmo à idade,
 Deste alto Herôe, que emfim por varios modos
 Sò defendeo o que adquirirão todos.

45.

Contigo fallò, attende ò valeroso
 D. Luis de Ataide, que no Oriente
 Sò por te eternizares mais famolo,
 O jugo seguraste á India gente:
 Luis Freyre he de Andrade esse, que ayroso
 Reveste o peyto invicto em ferro ardente,
 Porém deyxando os mais, que o dia passa,
 Sò direy aos que foy a sorte escaffa.

46.

Olha a D. Paulo, que he brazão illustre
 De Soufas, & Coutinhos sublimado,
 Que deu ao Minho nome, ao Lima lustre,
 Vida á morte, honra á patria, á Fama brado:
 Por mais acções, que o infame Lethes frustre,
 As sem par gravará de Andre Furtado,
 Que he esse, a quem provou da espada o fio
 O Mouro, o Turco, o Idolatra, o Gentio.

Essou-

47.

Effoutro he D. Hieronymo, que excéde
 Na firmeza a constancia de hum rochedo,
 Mas se a forte seus dōs te não concede,
 Não foras tu, não foras Azevedo;
 Azevedo es emfim, mas não te impede
 A falta destes dōs para obrar ledo,
 Que mais val merecellos sem os ter,
 Que possuillos sem os merecer.

48.

O que adiante logo a Fama exalta
 Nuno Alveres Botelho se appellida;
 E aquelle, que de sangue o peyto esmalta,
 He Rui Freyre, que foy da patria vida:
 Effoutro he Constantino, a quem não falta
 Constancia na lealdade esclarecida,
 Dos Sás illustre ramo florecente,
 De quem urna he do Sol o claro Oriente.

49.

Esse, que a palma empunha por divisa,
 E a fronte cinge de triunfante louro,
 He Rodrigo da Costa, que eterniza
 As que lhe tece o Sol diademas de ouro:
 Olha como de sangue fertiliza
 O forte peyto de robins thesouro,
 E porque a Fama o nome mais lhe exalte,
 Inda em si fresco ostenta o roxo esmalte.

Esse,

50.

Esse, que em rayos de aço resplendece,
 O impenetravel abraçando escudo,
 D. Francisco Coutinho se conhece,
 Cujo estranho valor excede a tudo:
 Mostrando entã que a voz lhe desfalece
 A Nynfa se ata a hum suspenso estudo,
 Onde girando hum pouco o pensamento,
 Em voz mais alta solta novo alento.

51.

Estes Varões, que ves agora juntos,
 Chamados são os Doze de Inglaterra;
 Collige dos magnanimos transfuntos
 Que valor cada qual no peyto encerra:
 Quem voz de bronze para taes assuntos
 Tivera, ò Numes immortaes da guerra,
 Mas se os pontos vos são da lyra estreytos,
 Clarins vos sejaõ vossos proprios feytos.

52.

Dos Dous, que iguaes na effigie sublimada
 Mostraõ serem no vulto Herões preclaros,
 Aquelle Alvaro Vás se diz de Almada,
 Conde de Abranches por seus feytos raros:
 Effoutro que soberbo empunha a espada,
 A quem são os annaes do tempo avaros,
 He Duarte Brandaõ, cujas proezas
 Credito são das Armas Portuguezas.

Os

53.

Os que em mais alto folio resplendemem
 Com modo altivo, aspecto soberano,
 Pelo escudo, & coroas se conhecem
 Serem os Reys do mundo Lusitano:
 Eis-aqui visto tens os que merecem
 Viver izentos do poder tyrano
 Do tempo esquivo, não os que encoftados
 No tronco estaõ de seus Antepassados.

54.

E porque vaõ correndo as lentas horas
 Em nomear os mais não me detenho,
 Porque o tempo não sofre mais demoras
 Que as que por te servir tomado tenho:
 Que inda que na detença, que me imploras,
 Obedecerte fora o meu empenho,
 Neste Templo á Memoria consagrado
 Deternos muyto não consente o Fado.

55.

Dalli para hum altar o vay guiando,
 Que ser o principal se conhecia,
 Em que os olhos o Mello apascentando,
 Corinthia fórma de alabastros via:
 Seis soberbas columnas sustentando
 Estaõ tres arcos, onde sempre o dia
 A materia ferindo, que cegava,
 Soes produzia, Auroras scintillava.

Neste

56.

Neste altar com magnifica estrutura
 Hum trono se elevava fabricado
 De materia brilhante, rica, & pura,
 De cujos rayos era alumado:
 Onde occupando a excelsa architectura
 Hum Oraculo estava, a Fama, & o Fado,
 No Oraculo se via hum livro em metro,
 E na Fama hum clarim, no Fado hum cetro.

57.

Alli postrada a Nynfa, reverente
 Tres vezes ao altar a fronte inclina,
 E em grave estylo, methodo eloquente
 Assim orou foltando a voz divina;
 O' Tu, alto Motor omnipotente,
 Cujos bastaõ os astros predomina,
 Inviolaveis fazendo os teus decretos,
 Ao mundo taõ fataes, como secretos;

58.

E Tu, ò simulacro soberano,
 Dos futuros Interprete sagrado,
 Que escreves nesse annal o bem, & o dano,
 Que aos Imperios destina o summo Fado:
 Ambos me concedey que possa o arcano
 Desse volume ler não revelado
 Inda a nenhuma humana creatura
 Por successos da idade ter futura.

Permiti

59.

Permitti que os progressos contingentes,
 Destinados á Luza Monarchia,
 Me sejaõ nesse occulto annal patentes,
 Que contem do Universo a profecia:
 Aos Numes estes rogos eloquentes
 Formando a Nynfa, ao trono se subia,
 Aonde aos pès do Oraculo postrada,
 Lhe toma o annal com venia anticipada.

60.

O Catalogo abrindo, por mysterio
 No Capitulo dà, que ver procura,
 Em que as acções do Lusitano Imperio
 Estampadas á idade estaõ futura:
 Nelle com modo grave, & estylo serio
 Pondo os olhos, & a voz dando á escriptura,
 A' dextra alli o Herõe preclaro tendo,
 Desta sorte o Capitulo foy ledo.

61.

Morto Joaõ, ao Reyno Lusitano

*El Rey D.
 Joaõ o IV.
 A Serenissima
 Senhora
 D. Luiza
 Francisca
 de Gusmão sua
 molher.*

As redeas tomará Luiza invita,
 Que admiração será do Imperio Hispano,
 Do illustre Portugal gloria inaudita:
 Por cuja morte o Cetro Castelhana
 Contra ella mandará gente infinita,
 De que o Luzo triunfando em viva guerra,
 Seus soberbos pendões porá por terra.

Atè

62.

Atè que do governo fatigada,
 A Affonso o largára, que em governando,
 Resistindo ao valor da Luza espada
 Virá pelo Alentejo a turba entrando:
 Onde a Cidade de Evora cercada,
 Cuja excelsa muralha ao ar voando,
 As portas lhe abrirá no mesmo instante,
 Pelas quaes entrará o Ibero ovante.

63.

A Alcacere do Sal o bravo Hispano
 Virá vagando em bellica torrente,
 Onde sem resistencia entrando ufano,
 Fará por seu paiz estrago ardente:
 Porèm exprimentando mayor dano,
 Verà trocada a sorte em continente,
 Que ao passar do Degebe o Luzo altivo
 Estrago lhe fará mais excessivo.

64.

Daqui os dous Exercitos levando
 Sempre à vista hum do outro o passo incerto,
 Lá no destriçto do Canal parando,
 Batalha se darão em campo aberto:
 A qual gloriosamente em fim ganhando
 Com estranho valor o Luzo experto,
 Dará seu forte braço sem segundo
 De fenganos a Hespanha, annaes ao mundo.

Z

Desta

Desta campinao cerco cavernoso
 Repetirá por toda a eternidade
 Do bravo Sancho o nome vitorioso,
 Maravilha mayor de toda a idade:
 Onde aquelle lugar por espantoso,
 Theatro atroz de estranha mortandade,
 Por terror do Hespanhol, affombro, & medo,
 Aos vindouros ferá mostrado ao dedo.

66.

Daqui se seguirá que em continente
 Evora, que estará no jugo oppressa,
 Restaurada ha de ser gloriosamente,
 Acção digna de andar na fama impressa:
 Neste tempo a Rainha preeminente,
 Do Lusitano Imperio alta cabeça,
 Por lhe o Filho fazer guerra mais dura,
 A' paz se acolherá de hũa claufura.

67.

Em tanto contra o Luzo o Hispano armado
 Na Provincia da Beyra bellicosa
 Castel-Rodrigo demandando ouzado,
 A baterá com furia sanguinosa:
 Mas, qual penhasco ás ondas costumado,
 Defendendo-se a Praça valerosa,
 Resistirá com força esclarecida,
 Tè que será do Luzo soccorrida.

Oppon-

68.

Oppondo-se ao soccorro o Castelhana,
 Batalha se darà taõ estupenda
 Que por ella ao famoso Lusitano
 Lhe prometto que mais seu nome estenda:
 Onde por derradeyro desengano,
 Vendo dos seus o Ibero a perda horrenda,
 Que o campo deyxarà lhe certifico
 Cheyo de mortos, de despojos rico.

69.

Pedro Jaques Author serà da empresa,
 Aquelle Herôe de esforço esclarecido,
 Por cujo ardor, estranha fortaleza,
 Sempre ha de ser da Fama engrandecido;
 Aquelle, que da guerra na aspereza
 Nunca affustar o fez Marcio alarido.
 Nem suar elmo, molestar vizeyra,
 Nem da tuba enfiar a voz guerreyra.

Pedro Jaques de Magalhães.

70.

No largo campo, emfim, de Montes-Claros
 Sexta batalha dando o Lusitano,
 Serà nos feytos, que ha de obrar preclaros,
 Repetido terror do povo Hispano:
 Sendo affombro por seus triunfos raros
 Do Assyrio, Persa, Grego, & do Romano;
 Cujo nome, por elle, sem segundo
 Esquecido ha de vir a ser no mundo.

Z 2

Marial.

71.

Marialva hade ser alta cabeça,
 Como da de Elvas foy , desta vitoria;
 Porque arvorando dous tropheos mereça
 Ser eterno mil vezes na memoria :
 O nome de Annibal no mundo esqueça,
 De Scipião se calle a excella gloria,
 Cessem de Orlando as inclitas façanhas,
 Que inda as deste alto Herôe laõ mais estranhas.

72.

Seguirseha que ao Rey do Imperio Hispano,
 Philippe o Quarto, Sol mais sublimado,
 Se quebrarãõ os nõs do laço humano,
 Da vida ao fim chegando affinalado:
 Em tenra idade Carlos Soberano
 Ficará successor do regio Estado,
 Que em tanto regerà com zelo , & fama,
 A Mãy , do tronco de Austria augusta Rama.

73.

*A Senbo-
 ra Dona
 Marian-
 na de Au-
 stria Rai-
 nba de
 Castella.
 A Seve-
 nissima
 Princefa
 Maria
 Francis-
 ca Isabel
 de Sabo-
 ya, Du-
 queza de
 Nemours
 & de Au-
 malle Rai-
 nba de
 Portugal.*

Em tanto là virá desse emispherio
 Gallicano a de Aumalle alta Duqueza,
 A lograr com Affonso o alto Imperio
 Da illustre Monarchia Portugueza:
 Porêm já não verá quem por mysterio
 Passou em tudo as rayas da grandeza,
 Luiza, aquella em fim Matrona forte,
 Por haver já pagado o feudo á morte.

Mas

74.

Mas ay que deste Reyno a policia,
 Bem como Nao sem leme çoçobrada,
 Por causa de hũa infana fantasia
 Confusa se ha de ver, & perturbada:
 Onde deposto o Rey da Monarchia,
 E delle a intacta Esposa separada,
 Por força se verà deste embaraço
 Entre Pedro, & Maria atarse o laço.

75.

Deste Hyminêo por fruto soberano
 A unica sem par bella Ifabella
 A luz virá naquelle dia ufano,
 Em que a melhor nos Reys domina estrella:
 Esta será do Imperio Lusitano,
 Se o Ceo lho não tirar, Rainha bella,
 Mas fim lho tirará, que destinado
 Lhe tem mais alto grao, mais digno estado.

*A Senbo-
 ra D. Iſa-
 bel Inſan-
 te de Por-
 tugal.*

76.

Depois de choques mil, varias fortidas,
 Abertos muros, torres expugnadas,
 Rotos Castelllos, terras destruidas,
 Ganhadas Praças, Villas saqueadas,
 De Cidades a estragos reduzidas,
 De povoações em cinzas sepultadas,
 De rendidos quarteis, de entrados Fortes,
 De ruinas, estragos, danos, mortes.

Z 3

Então

77.

Então se tratará da guerra ardente
 A paz dos Hespanhoes tão desejada,
 Que em annos vinte & sete duramente
 Os fios provarão da Luza espada:
 Onde ganhando a Lusitana gente
 Seis batalhas, será sempre acclamada,
 A' patria sendo, a Fama, ao tempo, ao mundo,
 Gloria sem par, exemplo sem segundo.

78.

Depois de tão confusa tempestade,
 Em que ha de fluctuar o Luzo Imperio,
 Conseguirá feliz tranquillidade
 Pedro o cetro empunhando (alto mysterio!)
 Qual depois de nocturna escuridade,
 De ventos, & trovões neste emisferio
 Novos alentos cobra a bella Flora
 Ao festivo nascer da alegre Aurora.

79.

Annos passando algũs, Afonso á morte
 Dará da vida, o solito tributo;
 Sentindo brevemente da Conforte
 O Augusto Pedro o doloroso luto:
 Mas por consolação de dor tão forte
 Lhe ficará da Esposa o doce Fruto,
 A portentosa Prenda, a rara Filha,
 Rayo do Sol, do mundo maravilha,

80.

A occuparlhe do leyro a parte vaga
 A Flor melhor virá lá de Alemanha,
 Por quem se abraza Amor, o Sol se apaga,
 Em prendas rara, em fermosura estranha:
 Maria aqui te auspica voz presaga
 Que has de ter teu zenith na antiga Hespanha,
 Mas oh tão certo, como estranho caso!
 Que zenith não foy queda para o Occaso?

*A Sere-
nissima
Sennora
D. Maria
Sofia Iſa-
bel de Neo-
burg Rai-
nha de
Portugal.*

81.

Esta produzirá sete Luzeyros,
 Que hão de predominar sete Hemispherios,
 Quatro partindo bravos, & guerreyros,
 Do Mundo as partes quatro em quatro Imperios:
 Os quaes là pelos povos derradeyros
 De hūs sendo affombros, d'outros vituperios,
 Faraõ soar seus feytos peregrinos,
 De annaes capazes, de poemas dinos.

82.

Sò Tu, de illustre Cedro Augusta rama,
 Da Palatina Flor Tronco fecundo,
 Podias, sendo enveja ao mundo, & á Fama,
 Dar Reys à Europa, a quem se humilhe o mundo:
 Neste auspicio feliz já Lycia clama,
 D'altos vivas enchendo o Ceo rotundo,
 Que ha de pòr leys, & feudos singulares,
 Ao mundo Portugal, o Tejo aos mares.

Z 4

O que

O que tiver primeyro o nascimento
 Na matutina luz da tenra idade
 Encontrando no berço o monumento
 Ephymera será na brevidade:
 Porém subindo ao sacro Firmamento
 O cetro logrará da eternidade,
 Achando-se na luz do melhor dia
 Successor da mais alta Monarchia.

Porém como, ò Planeta soberano,
 Sendo tu do Hyminéo primeyro fruto,
 Por primicia do Imperio Lusitano
 Não havias de ser do Ceo tributo?
 Nesse, pois, em que habitas ledó, & ufano,
 De eternos rayos circulo incorruto,
 Do Reyno, que deyxaste, não te elqueças,
 Que he justo que por teu o favoreças.

O segundo será tão sitibundo
 De estender seu Imperio preeminente,
 Que ha de ser breve o mar, estreito o mundo,
 A seu braço fatal, seu peyto ardente:
 Quinto João será, mas sem segundo
 No valor se ha de ver assombro á gente,
 Sogeytando a seus pés com vivas guerras
 Incognitas Nações, estranhas terras.

86.

Quem se não Tu, Joaõ, que em tenra idade
 Doteu ardor já mostras claro indicio,
 Podia assumpto ser da eternidade
 Nesses, que occupas, vigilante officio?
 Por hum pouco inclinando a Magestade
 Ouve de humilde voz sublime auspicio,
 Em que teu alto Imperio sem segundo
 Porá jugos ao mar, freyos ao mundo.

87.

Vive, pois, alto Rey, sempre triunfante,
 Guardado ao Mouro atroz, ao Turco iroso,
 Para lhe ser teu braço militante
 Da indomavel cerviz jugo afrontoso:
 Olha que o povo vaõ, que habita o Atlante,
 Temendo o teu Imperio poderoso,
 Sómente aos visos dessa espada fina
 Já arrogancia sogeyta, o collo inclina.

88.

Atè aqui por primor da Monarchia
 Se ha de ver na florida idade Aquella,
 Que será luz do Sol, Alva do dia,
 Aquella taõ gentil bella Isabella:
 Mas ay que a fouce audaz da Parca impia
 Hade cortar em flor esta Flor bella,
 Postrando de hum só golpe á força dura
 Mundos de amor, & Ceos de fermosura.

Se

Se por alto esplendor do teu Oriente,
 O' ditosa Princeza é esclarecida,
 Te has de ver com estrella providente
 Procedida de Reys, com Reys nascida;
 Outra estrella has de ter mais preeminente,
 Pois vindo de Coroas tres seguida,
 Te has de partir com gloria sublimada
 De palmas onze mil acompanhada.

O que a Joã seguir no nascimento
 Hum Francisco ha de ser, que em tenros annos
 Mostrará no valor o raro alento
 De seus Progenitores soberanos:
 No Mouro atroz, no Povo truculento,
 Fazendo estragos, repetindo danos,
 Será, atroando os ambitos supernos,
 Raro prodigio aos tempos sempiternos.

Virá depois a inclita Theresa,
 Ferosissima Luz, Flor peregrina,
 No esplendor ostentando da belleza
 Lustres de Sol, agrados de bonina:
 Mas ay que Sol, & Flor, bella Princeza,
 Em flor te ha de cortar a Parca indina;
 Mas que flor, ou que Sol em breve alarde
 Não murcha na manhã, morre na tarde?

92.

Se, pois, no abril da idade, ò bella Infante,
 Se no esplendor da vida a morte impia
 Ha de ficar dos annos teus triunfante,
 Na manhã eclipsando o tenro dia:
 Se has de nascer á Aurora semelhante,
 Se has de gozar de Flor a primazia,
 Que flor passa da idade de huma Aurora?
 Que Aurora excede as clausulas de hũa hora?

93.

Hum Antonio ha de ser o quinto Rayo,
 Que a redea aos Infieis terá segura;
 Pois de o nome lhe ouvir mortal desmayo
 Terá da Lybia ardente a plebe dura:
 Tal que izento o fará no Marcio ensayo
 Das leys caducas da alagoa escura
 Seu alto esforço, seu valor profundo,
 De assombro enchendo o mar, de enveja o mundo?

94.

Francisca, qual estrella matutina,
 A sexta Luz será, que na belleza
 Ostentando accidentes de Divina,
 Ha de exceder os dõs da natureza:
 O Ceo, pois, que te fez tão peregrina,
 O' bella Infante, ò inclita Princeza,
 Te aúspica que do occaso derradeyro
 De Reys has de illustrar o mundo inteyro.

O septi-

95.

O septimo esplendor da Luza esfera
 Ha de ser Manoel, que em tenros annos
 Fará mudar de cor a gente fera,
 Que os campos fertiliza Mauritanos:
 Tal que o barbaro Rey, que a Lybia impera,
 Receando os seus feytos soberanos,
 Ainda estando em paz tranquillo, & quedo,
 Lhe ha de o cetro da mão cahir de medo.

96.

Estas Estrellas, pois, do Luzo Imperio,
 Dos soberanos Reys preclaras Filhas,
 Seraõ nos Orbes de hum, d'outro emispherio
 Sete Planetas, sete Maravilhas:
 Dos quaes cinco vivendo por mysterio,
 Dous verão em mortalhas as mantilhas,
 A quem cabendo o que este globo encerra,
 Dous reynaráõ no Ceo, cinco na terra.

97.

*Manoel
 Telles da
 Sylva
 primeyro
 Marquez
 de Ale-
 grete Em-
 baixador
 & Condu-
 tor desta
 Senhora.*

A ti se deve, ò inclito Alegrete,
 O verso Portugal com gloria tanta,
 Em conduzir a Flor, que em Frutos sete
 Fecundou de Bragança a Regia Planta:
 O Tejo, que inda os vivos te repete,
 Te postra aos pés a tumida garganta,
 Porque desse Alegrete as superiores
 Plantas beijandolhe eternize as flores.

Virá

98.

Virá bulcar em tanto a patria amada
 O resplendor da augusta Catherina,
 Viuva, mas com gloria sublimada
 De reduzir o Esposo á Fé Divina:
 Será no Regio alcaçar hospedada
 Pela preclara Aurora Palatina,
 Aquella estranha Pheniz, digo aquella
 Aguia em tudo Imperial, Maria bella.

99.

Mas ah como a seus olhos brevemente
 Lha ha de usurpar a morte impia, & fera,
 Deyxando nesta ausencia amargamente
 Em triste noyte a Lusitana esfera:
 Quem a dor, que inda hoje Lycia sente,
 Bella Rainha repetir podera,
 Mas a dor, que a silencio nos condena,
 Nem este alivio admitte a tanta pena.

100.

Aqui com letras d'ouro vendo escrito
 O papel o alto Herôe, no livro attento
 A mayores acções eleva o espirito,
 Em quanto a Nynfa embarga o grave alento:
 A qual depois de hum pouco haver restrito
 A mudo affombro o vago pensamento,
 O silencio rompendo, á lauda entregue,
 Mais a voz levantando assim prosegue.

Mas

101.

Mas para a acção do Luzo a mais gloriosa

Carlos II. A Carlos, alto Rey do Imperio Hispano,
Hade cortar a Parca rigorosa

Da transitoria vida o laço humano:

Donde posto na sede magestosa

Philippe V. O de Anjũ se ha de ver com falso engano,

Carlos III. A quem o de Austria a guerra desafia,

Por ver que lhe pertence a Monarchia.

102.

Ah quanto Portugal serás buscado

Para o fim glorioso desta empresa,

Que tal he, alto Rey, teu Regio Estado

No poder, no valor, & na grandeza!

De Anglia, França, Alemanha procurado

Serás, porèm, ò gente Portugueza,

Como te haõ de deyxar, se em toda a parte

Por inviçta te acclama o fero Marte?

103.

Todos confessem, pois, tua excellencia,

Teu excelso poder publicquem todos,

Que hoje claro se vê na dependencia,

Que todos tem de ti por varios modos:

Dos Romanos se esqueça a preeminencia,

Calle-se o nome dos famosos Godos,

Cesse tudo o que a Fama canta, & preza,

A' vista da alta gente Portugueza.

Final-

104.

Finalmente os tres Reynos aliados,
 Portugal, Inglaterra, & o largo Imperio,
 A restaurar iraõ determinados,
 D'Austria ao Luzeiro o Hispanico Emispherio:
 O qual de errantes lenhos encurvados,
 Cobrindo o falso campo, o golfo etherio,
 Pelo Tejo entrará de glorias cheyo,
 Pondo jugos ao mar, as ondas freyo.

105.

Mas já não ha de ver a fermosura
 D'aquella estranha Luz, gentil Theresa,
 Que lhe ha de ter de pouco a Parca dura
 Tornado em sombra os rayos da belleza:
 Passados alguns Soes, na luz futura
 Partirão os dous Reys á grande empreza,
 Cujos fins por então não conseguidos,
 Ambos serão à Corte recolhidos.

106.

D'aqui se seguirá que nas fronteyras
 Em guerra viva de hũa, & d'outra parte,
 Arvorando-se as bellicas bandeyras,
 Se ha de ver sanguinoso o fero Marte:
 Mas, ò ditosa tu, que nas primeyras
 Da guerra acções seguindo outro estandarte,
 Ao Ceo voando, Augusta Catherina,
 Irás lograr as pazes, de que es dina.

Mas

107.

Mas ay que hum luçto a outro successivo,
 Outro se seguirá tão doloroso
 No lamentavel golpe intempestivo
 Do mais benigno Pay, Rey mais piedoso:
 O' Pedro, ou Pedra, donde o pranto vivo
 Nos nace cada vez mais caudaloso,
 Eu não sey qual em ti mais nos persuade,
 Se a dor, se o defengano, se a laudade!

108.

Por successor da Luza Monarchia
 Ha de ficar Joaõ, Rey preeminente,
 Fruto gentil da augusta Hierarchia
 Do Palatino Ramo Florecente;
 O qual enchendo o Reyno de alegria,
 Co a Flor da Planta d'Austria descendente,
 Illustre Prima sua em grao direyto,
 Atarà do Hymineo o laço estreyto.

109.

Entrando pelo Tejo a Regia Armada,
 A excelsa Marianna peregrina
 Será da Lycia Corte festejada
 Com aquella grandeza, de que he dina:
 Qual vide ao Real tronco vinculada
 Vive annos mil, ò Planta Palatina,
 Porque produzaõ sempre singulares
 Os dous Ramos sem par frutos a pares.

A Sere-
 nissima
 Senhora
 D. Mari-
 anna de
 Austria
 hoje Rai-
 nha de
 Portugal.

Vive

110.

Vive Aguia Imperial ao escudo unida,
 Que Christo assinalou ao Luso Imperio,
 Taõ respeytada, como obedecida
 Pelos confins de todo este Emispherio:
 Aguia melhor em Pheniz convertida,
 Te trouxe o Ceo por provido mysterio;
 Porque dès desse thalamo fecundo
 Rainhas às Naçoens, & Reys ao mundo.

111.

Tu do Alegrete Planta produzida,
 Alegrete tambem, cuja alta Rama
 Pelos troncos mais Regios estendida,
 Em peregrinas Flores se derrama:
 Tu, que aqui transplantaste a esclarecida
 Flor, que pela melhor o mundo acclama,
 Logra o mesmo brazaõ, que te compete,
 Pois de tão bella Flor es o Alegrete.

*Fernã
 Telles da
 Sylva
 segundo
 Marquez
 de Ale-
 grete Em-
 baixador
 & Condu-
 tor desta
 Senhora.*

112.

Maria, immenso mar da fermosura,
 Manará desta fonte soberana,
 Que em altos preamares de ventura
 Hade inundar a terra Lusitana:
 Maria, se outro mar em ti se apura
 Tão bello, qual a bella Marianna,
 Em dous mares de prendas tão profundos
 Mapas só te podiaõ ser dous mundos.

AaPor

113.

Por successor do Imperio preeminente,
 Augustissimo Rey, alto Monarcha,
 Pedro se ha de seguir em continente,
 Pedro, que ha de tomar o leme à barca:
 Mas ay que, qual Jasmim ao Sol nascente,
 Por dura ley da inexoravel Parca
 O cetro perderá, mas nesse dia
 Irá lograr mais alta Monarchia

114.

Succederá Joseph no claro Imperio,
 Que lhe está pela sorte destinado,
 Sendo supremo Sol desse Emisferio,
 Que Christo tem por seu assinalado:
 Cresce, pois, do Infiel por vituperio,
 De Lethes excepção, terror do Fado,
 Para que lá na mais perfeyta idade
 Exaltes no valor a Magestade.

115.

Carlos a Luz ferá, que a Natureza
 Por Planeta ha de pôr na quarta esfera,
 Quarto parto, portento da grandeza,
 Aquem por seu Cultor a Igreja espera:
 Vive pois, que do mundo a redondeza
 Já por summo Pastor te considera,
 Sendo na Ley Christãa (como contemplo)
 Moyfes segundo do Romano Templo.

Porém

116.

Porèm hum pouco atráz retrocendo,
 Tornando à , que toquei, mais rara empreza,
 A Nympha ao Mello diz , que promettendo
 Está alta gloria á gente Portugueza:
 Atende, ò grande Heroê , que eu te irey lendo
 A que o mundo ha de ver mayor proeza
 No da guerra estranhissimo progresso,
 Que terá fim com prospero successo.

117.

Indo aqui onde o Mello mais attento
 Applicava suspenso o prompto ouvido,
 Quando com repentino movimento
 O livro se fechou por si impellido:
 Dizlhe a Nympha , notando o tal portento,
 Atè aqui , ò Varão , te he concedido
 Os futuros saber , que tem o Fado
 Ao Reyno Lusitano destinado.

118.

Pois que o mais aqui já te fiz patente,
 E o Sol seu resplendor nos vay negando,
 Podes-te ir embarcar, & a tua gente,
 Antes que a noyte venha ao mar bayxando:
 Que eu te prometo , ò Héroe preeminente,
 Que tenhas mar tranquillo , & vento brando,
 Pelos quaes a Prosmouth portado sejas
 A salvamento , & paz como desejas.

119.

Forão dalli para onde os companheyros
 Andavaõ co as mais Nymphas divertidos
 Em festejos, & bailes lifongeyros,
 E de amor em mil jogos entretidos:
 Atè que finalmente os Forasteyros
 Das soberanas Nymphas despedidos
 Com faudades mil, com mil abraços,
 Se apartaram, votando eternos laços.

120.

Metidos nos bateis vão para a Armada,
 Da Ilha nunca os olhos apartando,
 Tè que a noyte, de sombras enlutada,
 Escurecendo o ar, lha foy negando:
 A maritima gente ás Naos chegada,
 Pelas cubertas huns se vão deytando,
 A mudez buscão outros do aposento,
 A seus Empregos dando o pensamento.

121.

Em quanto os scintillantes Luminares
 Nas exequias arderaõ do alto Apolo,
 E da funesta noyte os negros ares
 Lhe cobriraõ de luto o mauseolo;
 Cadaqual ao rumor dos brandos mares,
 E ao som das auras do sereno polo,
 No passado estiveram praticando,
 Pelos novos fulgores esperando.

Quando

122.

Quando tóucada de ouro a bella Aurora
 Pudibunda no Oriente apparecia,
 E mal os montes, em que impera Flora,
 De escaffo resplendor rayava o dia:
 Elles olhando a parte donde fora
 Deyxada a Ilha, quando em nevoa fria
 A viraõ pouco a pouco ir desfazendo,
 Ao Ceo subindo, o ar escurecendo.

123.

Atè que ás frechas da aura luminosa
 Sobre as ondas no ar desvanecida
 A nuvem de vapor caliginosa
 Cahio em tenro aljofar resolvida:
 Vestido o ar ficou de neve, & rosa,
 Mais claro o Sol, a esfera mais luzida,
 Da vista a Ilha em fim desaparece,
 Tal que nem onde estava se conhece.

124.

Na Costa, que alli existe, alegre a gente
 Em ligeyros bateis desembarcava,
 Recebe-a mais alegre, & mais contente
 A multidão de Inglezes, que a habitava:
 De povo se enche a praya de repente,
 Vivas a vaga esfera retumbava,
 Entre doces clarins soando logo
 Em salvas as regiões, a terra em fogo.

125.

Trajado o vulgo com Real grandeza
 Concorre a ver a Inclyta Rainha;
 Chega a beijar lhe a mão toda a nobreza,
 Mostrandolhe o prazer, que n'alma tinha:
 Ella a todos recebe, estima, & preza,
 Tratando a cada qual como convinha,
 Com tal agrado, tal benevolencia,
 Que era cada palavra hũa influencia.

126.

Algumas, pois, alli passando Auroras
 A preclara Rainha se deteve,
 Onde as festas do gosto adadoras
 Fazião curta a noyte, o dia breve:
 Atè que hum dia nas primeyras horas
 A Armada refrescando hũa aura leve,
 Favoravel o mar, propicio o vento,
 A convida a entregar-se ao falso argento.

127.

Do Piloto o clamor, do Mestre o grito
 'Acorda de improviso os Marinheyros,
 Que promptos, como em bellico conflito,
 A seus postos correndo vaõ ligeyros:
 Hũs tirão pela amarra ao som do apito,
 Outros pendem de altissimos madeyros,
 Soltando velas, ancoras levando,
 Nautico estrondo aos ares levantando.

D'aquel-

128.

D'aquella Costa as quilhas apartadas,
 Tão gentilmente os mares vão rompendo
 Que o vento brando, as ondas soffegadas,
 Parece que lhe vão obedecendo:
 Húas de finos toldos emplumadas,
 Outras largas bandeyras estendendo,
 Parecião nos varios galhardetes.
 Vagos Abris, nadantes ramalhetes.

129.

Já da viagem quasi as derradeyras
 Ondas os lenhos hiaõ navegando,
 Para as ledas, & frigidias ribeyras
 De Prosmouth as proas inclinando:
 Quando ao longe se avistão vir ligeyras
 Cinco Naos, que as da Armada vem buscando,
 Mal se conhecem, quando de alegria
 D'ambas as partes foa a artelharia.

130.

Depois de ser tres vezes festejado
 Este encontro com salvas retumbantes,
 O grão Duque de Yorth, Jacob chamado,
 Seu Secretario envia ás Naos possantes:
 O qual a breve lenho trasladado,
 Rompendo vay as ondas fluctuantes,
 Tè que chegando á Nao busca a Rainha,
 Entrando aonde o Regio hospicio tinha.

131.

Inclinado ante a Fronte soberana,
 Lhe confagra profunda reverencia,
 E com grata altivez , modestia urbana,
 Orna a voz de grandiloqua eloquencia:
 Dizendo , ò bella Aurora Lusitana,
 Que conduzida aqui da sacra Effencia
 Vês a aplacar com provido mysterio
 As varias confusões do nosso Imperio;

132.

O Grão Duque de verte desejo
 Para beijarte a mão vènia te pede,
 Onde te renda em culto affectuoso
 A vontade por dom , que a tudo excede:
 E tu por teu vassallo venturoso,
 Alta Rainha , o mesmo me concede,
 Que em mais que Rey do mundo a sorte minha
 Julga vassallo fer de tal Rainha.

133.

A preclara Senhora ouvindo attento
 Do eloquente Varaõ o exordio grave,
 Em conceyτος soltando o doce alento,
 Applica á sabia voz facunda chave:
 E depois que em benigno tratamento
 Lhe deu repõsta em methodo suave,
 Outorgandolhe a venia, que lhe pede,
 Com ella ao Duque o Embayxador despede.

Elle

134.

Elle dando a reposta ao Duque altivo,
Jacob a breve lenho a vida entrega,
E entre doces clarins, clamor festivo,
Com Regio fausto para a Nao navega:
Ferindo remos doze o golfo estivo,
O Real Bargantim ao bordo chega,
Onde humilhado o Duque se apresenta
A' Aquella, que a Real grandeza ostenta.

135.

Alli depois que á singular Rainha
As graças deu o Duque sublimado,
Da Nao alegre a seu bayxel caminha
De illustre fidalguia acompanhado:
As Naos do rumbo profeguindo a linha,
Sulcáraõ algũs Soes o mar falgado,
Atè que as altas torres avistando
Alegres foraõ pelo porto entrando.





CANTO XII.

ARGUMENTO.

EM *Anglia se celebra o casamento,*
 Onde firme na empresa Catherina,
 Favor pedindo ao sacro Firmamento
 Hũa *Visaõ lhe falla peregrina:*
A qual de seu constante pensamento
O desejado fim lhe vaticina,
Carlos em fim com gloria soberana
Espirando, protesta a Fe Romana.

I.

Circulos vinte & quatro o Joven Louro,
 Que por campos de luz Ethontes guia,
 Tinha feyto, rodando o carro de ouro
 Pelo signo, em que o Ceo os Gemios cria:
 Quando cortando o liquido thesouro,
 Que Prosmouth dispende em prata fria,
 A Regia Armada em fim chegava ufana
 Ao portõ Inglez da praya Lusitana.

Solta

2.

Solta ao vento a bandeyra se encrespava,
 No ar o galhardete se estendia,
 Volante o toldo os Astros emplumava,
 Vaga a flamula as nuvens revestia,
 De varia cor o ar se matizava,
 O mar de inchadas velas se cobria,
 Onde as proas as ondas levantando,
 Cada qual rompe o mar, que bebe arfando.

3.

O sulphureo clamor do fero Marte
 Por boccas de metal os orbes gyra,
 A cujo som, que se ouve em toda a parte,
 Treme o Ceo, geme a terra, o mar suspira:
 O sonoro clarim nos pontos d'arte
 Em clausulas armonicas respira,
 Dando em cadencias do quebrado alento
 Aos orbes suspensaõ, a flombro ao vento.

4.

Das torres, & das naos a artelharia
 Festiva brama, bellica contendê,
 Escurece-se o Sol, turba-se o dia,
 O mar em mil relampagos se acende,
 Rude celeuma, nautica armonia,
 Se levanta das naos, que mal se entende,
 O Nauta colhe a vela, que se ondea,
 Surge a Armada, o bidente morde a area.

As

5.

As grutas, onde as tubas retumbavão,
 Ao mar tornando as clausulas canoras,
 Pelos ares clarins multiplicavão,
 Fazendo as altas regiões sonoras:
 De varia gente as prayas se inundavão,
 O mar se enchia de Aguias nadadoras,
 Causando a gala, a pompa, a bizarria,
 Gloria ao mar; lustre ao Sol, realce ao dia.

6.

Quando hũ breve Bayxel, que as ondas fende,
 De flammulas futas ornando os ares,
 Ave nadante á terra o voo estende,
 Sendo lisonja ao vento, adorno aos mares:
 Do qual o Regio Sol, que em luz se acende,
 Os rayos trasladando singulares
 Passa a hũa carroça, em que guiada
 Ao Paço foy com pompa sublimada.

7.

Apenas esse Pheniz luminoso
 Havendo já seis vidas numerado,
 O Rey áquelle fitio venturoso
 Chegou de toda a Corte acompanhado:
 Onde depois que em culto affectuoso
 Fez o obsequio devido ao Emprego amado,
 Na tarde subsequente em solio Regio
 Solemniza o Hyminêo com fausto egregio.

Dalli

8.

Dalli caminha a pompa magestosa
 A hum retiro, em que aplacida corrente
 Do celebrado Tamafis, lustrosa,
 Formava a Flora espelho transparente:
 Onde assistio em quanto a luminosa
 Cinthia tres vezes se mostrou patente,
 Tè que na Corte os Reys esclarecidos
 Foraõ com graves festas recebidos.

9.

Lento voava hum anno, & outro anno
 Nas leves azas da ligeyra idade,
 Em que veloz correndo o tempo ufano,
 Paga o tributo à immensa eternidade:
 Naquelle, em tanto, d'alma doce engano,
 Laço de amor a Luza Magestade
 Gozava do Hyminêo entre as delicias
 As lifonjas do amor, d'alma as caricias.

10.

Mas na piedosa empresa, a que anhelava,
 Em que taõ fervorosa persistia,
 Subito eclipse o gosto lhe nublava,
 Vendo que o Esposo o rito vão seguia:
 Costante no remedio machinava,
 Sem descansar no meyo discorria,
 De foyeytar-lhe o arbitrio da vontade
 Ao soberano Imperio da verdade.

Unindo

II.

Unindo a mayor pena à mayor gloria
 Hia do Amor gozando o doce laço,
 A origem conservando na memoria,
 Que lhe servia ao gosto de embaraço:
 Mas como dependia esta victoria
 Só do favor do Omnipotente braço,
 No auxilio, em que incessavel persevera,
 Constante fia, fervorosa espera.

12.

Nesta larga esperança as breves horas
 Lhe pareciaõ mil eternidades,
 Que na pena os instantes das Auroras
 Os Seculos excedem das idades:
 Porque as rodas do tempo voadoras
 Contradiçoens unindo, & variedades,
 Giraõ com differente movimento
 Ageis no gosto, tardas no tormento.

13.

Oh natureza humana, que em teu dano
 Parece que inda o tempo o giro alterna;
 Pois no mal, & no bem com vario engano
 O curso de seu circulo governa:
 Voa no bem hum anno, & outro anno,
 No mal hũa só hora dura eterna,
 Que sempre a vida humana em tudo amarga
 No gosto breve foy, na pena larga.

Assim

14.

Affim a soberana Catherina,
 Toda entregue a taõ alto pensamento,
 No coração sentia a dor mais fina,
 Sem defafogo achar no seu tormento:
 Quando hum dia suspensa, & peregrina
 A' soledade dando o sentimento,
 Parou onde hũa penha na dureza
 Serve de Idolo à dor, de ara à tristeza.

15.

Aqui, pois, onde as plantas sentinellas
 Se faziaõ da bronca penha viva,
 Formando do verdor das folhas bellas
 Docel frondoso á prata fugitiva;
 Movendo Ceos, compadecendo estrellas,
 Na intensa dor, na fragoa sensitiva,
 Ao saudoso rumor das doces agoas
 Catherina chorava as suas magoas.

16.

Sobre a maõ branca a face florecente
 Chorosa, & pensativa tendo em tanto,
 Por corrente melhor dava à corrente
 A fermosa corrente de seu pranto:
 Onde naquella acção indifferente,
 Naquelle da mudez absorto encanto,
 Parecia na dor, que a magoa exhorta,
 No pranto viva, no silencio morta.

Orva-

17.

Orvalhando-lhe o aljofar peregrino
 Das brancas faces as purpúreas flores,
 O peyto lhe sulcava cristalino,
 Sendo hum candor Iman d'outros candores:
 Nunca o Sol padeceo no matutino
 Alento eclipse tal em seus fulgores,
 Como no Sol se viraõ da belleza
 Nuvens de pranto, sombras de tristeza.

18.

Triste sim, porèm tal que bem podera
 Do triste fazer gala a fermosura,
 Pois dandolhe outra graça a pena fera,
 As sombras foraõ alma da pintura:
 Tal que nesta do Amor nublada esfera
 As trevas excedendo a luz mais pura,
 Quiz por melhor Artifice a tristeza
 Apurar os pinceis da natureza.

19.

Depois de hum pouco dar ao pensamento
 Do seu cuydado o affecto emmudecido,
 Da pia voz soltando o brando alento
 Assim rompeo, na dor dando hum gemido;
 O' clara fonte, se esse ondoso argento
 He a meu pranto objecto parecido,
 Quero nestas correntes, que defato,
 Ver se acho alivio algum no meu retrato.

Mas

20.

Mas para que a meu pranto alivio espero?
 Se a toda a dor a causa me condena,
 Consolação á magoa já não quero,
 Que he o alivio descredito da pena:
 Mas, ò Ceos, se no meu martyrio fero
 Padecer sem remedio a forte ordena,
 Remedio seja o mar, que estou chorando,
 Mas ay que he forte a dor, o alivio brando.

21.

Ao continuo correr deste meu choro
 A minha dor murmure esta corrente,
 No ramo cante o passaro sonoro
 Ao ponto, em que suspiro tristemente:
 O dia alegre dure em quanto eu choro,
 Em quanto eu peno a Aurora o riso ostente,
 Viva contente, & eu triste em dor taõ grave
 A Aurora, o dia, o Sol, o rio, a ave.

22.

Logrando a tenra idade das Auroras
 Passa alegre a florida primavera,
 De seu amor gozando adula as horas
 A planta, o tronco, o peyxe, a ave, a fera:
 Não foras tu assim? que assim não foras,
 Ohtriste Catherina, ay quem me dera!
 Mas ay que sendo eu mais por natureza
 Vi vo-com menos gosto, & mais tristeza!

Bb

Mas

23.

Mas como cà na terra achar procuro
 Refrigerio efficaz a meus pesares?
 Seinda là compayxaõ meu pranto puro
 Não acha em vòs, ò puros Luminares;
 Parou , & aqui para o Celeste muro
 As mãos levanta, & os olhos, que dous mares
 Vertiaõ, com que a terra prateava,
 E as perolas á fonte accrescentava.

24.

Quando alli por hũ pouco contemplando
 Na belleza dos astros luminosos,
 D'alma novas razões desentranhando,
 De insensiveis os quer fazer piedosos:
 Onde ao supremo Interprete invocando,
 Que attento lhe ouve os ecos lastimosos,
 As muralhas penetra de Zafiros,
 Proseguinto o clamor destes suspiros;

25.

O' Tu, sagrado Sol, mais que o Sol puro,
 Da terra, mar, & Ceo Senhor superno,
 Gloria infinita do Celeste muro,
 Alto Motor do globo sempiterno,
 De cuja dextra treme o reyno escuro,
 A cujos pès se postra todo o Inferno;
 Mas suspenda-se a voz, porque o Infinito
 Não se reduz a numero prescrito!

Atè

26.

Atè quando a meu rogo endurecidos
 Os Astros heyde ver do Firmamento?
 Tè quando teraõ termo os meus gemidos,
 A magoa, a pena, a dor, o sentimento?
 Oh penetrem meus ays taõ repetidos
 Os sacros muros desse Empyreo assento,
 Para que nesta dor, nesta ancia possa
 Chegar a pena minha à gloria vossa.

27.

Oh quem fora; mas logo interrompida
 De hum soluço a rethorica eloquente,
 Pallida a cor, a voz emmudecida,
 Parou, dando ao silencio o rogo ardente:
 Ficando aqui de todo amortecida,
 O coração lhe opprime a dor vehemente,
 O coração; que em lagrimas desfeyto
 Se ouvia suspirar dentro no peyto.

28.

Gratamente a belleza çoçobrada
 Nas tormentas da dor, no mar da pena,
 Naufragáraõ na face desmayada
 Ondas de rosa em mares de açucena:
 Ficando no candor taõ sublimada
 Do bello rostro a lamina serena
 Que no roubo gentil da face pura
 Vida o desmayo foy da fermolura.

Bb 2

Assim

29.

Assimos resplendores sepultados
 Nas tenebrosas sombras da tristeza,
 Une as pestanas, & os dous Soes nublados,
 Tregoas deu às payxões da natureza:
 Porém na suspenção dos seus cuydados
 Inda o sentido dava á sua empresa;
 Pois por final de que inda a tanto aspira,
 De quando em quando o peyto lhe suspira.

30.

Quando nesta da dor mortal violencia
 Por virtude da vaga fantasia
 Em fórma humana, folida apparencia,
 Hum Cortesaõ do Ceo lhe apparecia:
 Que exhalando de si rara influencia,
 Prestava luz ao Sol, candor ao dia;
 Pois de estranho esplendor, & neve pura
 Cobria o peyto, ornava a fermosura.

31.

O Sacro Paranimpho se librava
 Nas transparentes azas, que batendo
 As ethereas regiões illuminava,
 Dous relampagos bellos parecendo:
 Quando da voz, que aromas respirava,
 O espirito sonoro resolvendo,
 Assim lhe embarga a dor, dandolhe ao rogo
 Por linguas de esplendor razões de fogo;

Piedo,

32.

Piedosa Catherina, abate a pena,
 Que remontas ao Ceo em varios giros,
 Pois rompendo essa machina serena,
 Tens penetrado o Alcazar de Zafiros:
 Chegado o tempo he já que Deos ordena,
 Benignamente atento a teus suspiros,
 Que, arvorando o tropheo, ganhada vejas
 A gloriosa conquista, que desejas.

33.

Diffe, & aqui clausulando o doce alento,
 Rompe com movimento acelerado
 As fluidas regioens, que occupa o vento,
 Explendor dando ao dia duplicado:
 Nunca ostentou taõ grande luzimento
 Relampago do Polo desatado,
 Quando reverberando no Orizante
 Cõra o ar, doura o Ceo, illustra o monte.

34.

Quando soltando a bella Catherina
 Do profundo letargo o laço urgente,
 Vendo ainda ir voando a Luz divina
 Pelos confins da esfera refulgente,
 Assim rompeo, dizendo: O peregrina
 Consolação de meu martyrio ardente,
 (Aqui elevando o corpo, abrindo os braços)
 Oh quem teu voo atãra nestes laços!

35.

Mas as azas brandindo a Luz fagrada
 Sulcando vay a successiva esfera,
 Soltando ao vento a tunica banhada
 No celeste esplendor, que ao dia impera:
 Até que lá na machina estrellada
 Engolfa a luz, que em rayos reverbera,
 Qual fulgor, que nos ares apparece,
 Que ao ponto, em que se vê, se desvanece.

36.

Ella em tanto os affectos, & cuydados
 Suspenfa dava à esfera refulgente,
 Tendo os olhos no Ceo arrebatados,
 Muda a voz, presa a vista, errante a mente:
 Assim como os Apostolos sagrados,
 Vendo lingoas chover de fogo ardente,
 Tinhaõ na maravilha nunca vista
 Atadas as acçoens, suspenfa a vista.

37.

Quando o ditoso Rey, que acafo andava
 Da bella Flora alli vendo os primores,
 A melhor Flora vio, que absorta estava,
 Dando os olhos ao Ceo, o pranto às flores:
 Ella no Rey, que estranho a contemplava,
 Não adverte, que atenta aos resplendores,
 D'alma gozando aquelle doce enleyo,
 De seu sentido tinha o corpo alheyo.

Elle

38.

Elle admirando alli o Emprego amado
 Nos extasis do absorto pensamento
 Muda no ermo estar do seu cuydado,
 Solitaria no mar de seu tormento;
 Della ficou transsumpto assemelhado
 No silencio, na dor, no sentimento,
 Te que do mudo affombro o laço forte
 Lhe desatou o affecto desta forte;

39.

Como te vejo nesta soledade
 Solitaria, chorosa, & pensativa?
 Cauzando magoa à terra, ao Ceo piedade,
 Vivo retrato desta penha viva?
 Quem tal tristeza, tal penalidade,
 Quem pranto tão estranho te motiva?
 A causa sayba, pois, que tanto ignora
 Quem com fé tanta, tanto amor te adora?

40.

He muy justa, responde Catherina,
 A causa desta dor (deste tormento
 Melhor fora dizer, que dor tão fina
 Inda excede ao martirio mais violento)
 Deyxame, pois, chorar causa tão dina
 De toda a pena, todo o sentimento,
 Oh deyxame chorar, que he pouco o pranto,
 Bem que o que admiras te pareça tanto.

Bb 4

Mas,

41.

Mas , pois , queres saber donde nascidas
 Estas reliquias são , que verte a magoa,
 Sendo de hum só principio procedidas,
 De fogo a causa tem , o effeyto d'agoa:
 Mas ay que as verto em vaõ , ay que perdidas
 As vejo em teu regalo , & minha fragoa:
 Oh sejaõ estas , que hoje a dor despenha,
 Fuzis , que fogo tirem dessa penha.

42.

Em tudo iguaes sejamos, charo Esposo,
 Que nas almas , que Amor identifica,
 Com laço estreyto, vinculo amoroso,
 Conformes os affectos communica:
 Se a Fé do amor he dom mais extremofo,
 Amor sem fé, qual fé sem fogo, implica,
 Que estes dons mais que tudo inextimaveis
 Affectos d'alma são inseparaveis.

43.

Que importa, Esposo meu , que em hũa unidas
 Sacro Hymineo ligasse as nossas palmas,
 Se vinculando o amor as nossas vidas,
 A Fé divide o nõ das nossas almas?
 Oh nunca estas se vejaõ desunidas,
 Logrem juntas na Fé gloriosas palmas,
 Desta supplicao logro me concede,
 Não me negues hum bem , que a tudo excede:

Disse,

44.

Disse, & suspenso o Rey atando o alento
 Da proposta os artigos examina,
 E confuso girando o pensamento
 O que ha de responder não determina:
 Porém banhando em luz o entendimento
 Rompe, dizendo, os fins, que o Ceo destina,
 Como effeytos de Cauza soberana
 Tem mayor força do que a força humana.

45.

Dizendo, a voz suspende, & n'alta idea
 Da peregrina Esposa envolve o rogo,
 Sentindo que outro affecto o senhorea,
 Que n'alma lhe introduz divino fogo:
 Em mil contradiçoens o affecto enlea,
 Na confusão não acha desafogo,
 Ouve o discurso, que a razão lhe dita,
 Ao trono atende, o mal, & o bem medita.

46.

Qual a amorosa pomba, que alinhando
 O grato peyto aos aureos resplendores,
 Na scintillante pluma está mostrando
 Hum confuso matiz de varias flores:
 Donde esmeraldas, & robins vibrando,
 Ao collo hum mixto dá de dubias cores,
 Que apparentes à vista, & successivas
 Em duvidas se alternaõ fugitivas.

Neste

47.

Neste confuso chaos, nesta contenda,
 Em que absorto vacilla a idea vaga,
 O melhor norte segue, mas a venda,
 Que o vaõ temor lhe poëm, a luz lhe apaga:
 Entre hum bello esplendor, & sombra horrenda,
 Quanto a razão fomenta o medo estraga,
 Ficando em fim nublada em tanto enleyo
 A luz da Fé das nevoas do receyo.

48.

Affim dá vida o curso proseguindo
 Neste ou frio temor, ou cego engano,
 A's instancias da Esposa resistindo
 Se foy passando hum anno, & outro anno:
 Mas Ella sempre auxilio aos Ceos pedindo
 Lhe insinuava o rito soberano,
 Convencendo-lhe o heretico aforismo
 D'aquellè, em que vivia, cego abismo.

49.

Eis que a hora feliz já le chegava,
 Em que o Ceo fim ditoso lhe destina,
 Quando hum ardor, que o peyto lhe inflammava,
 Lhe banha a mente de alta luz divina:
 A'luz, que hum novo influxo lhe inspirava,
 Mudança n'alma sente repentina,
 Mudança, com que o Ceo lhe deu por sorte
 Rebelde a vida, & obediente a morte.

Por

50.

Por Elle a pia Esposa a Deos rogando,
 N'alma, que se lhe acende, a voz lhe imprime,
 A qual em doces clausulas foando
 Actos de Fé reconditos lhe exprime:
 Elle os olhos aos Ceos alevantando,
 Na afflicção, que os affectos lhe reprime,
 Os muros penetrando sempiternos,
 Estes d'alma exhalou suspiros ternos;

51.

O' Tu Padre, ò Tu Filho, ò Tu, que unido
 Ao Pay, & a o Filho, hum sois só Lume ardente,
 Hum só Lume, & tres Rayos definido,
 Tres Rayos, & hum só Lume independente:
 E Tu, ò Virgem Mãy, de quem nascido
 O Verbo foy por obra omnipotente,
 Teu puro ventre dandonos fecundo
 Hum Homem Deos, hum Redemptor do mundo;

52.

Tu, que Aurora es do Sol mais sublimado,
 Aquem do mundo he curta a redondeza,
 Que em teu claustro purissimo encerrado
 Trouxeste o mesmo Author da natureza:
 Tu, que entre as negras sombras do peccado
 Os Rayos revestiste da pureza,
 Sendo (oh prodigio!) quando concebida
 Na graça à natureza preferida.

A vós

53.

A vòs clamo , a ti invoco , ò Virgem pura,
 Dos Homens Protectora soberana,
 Que nos rogos , no amparo , & na ternura
 Es fonte de piedade à gente humana:
 Peço-te pela dor , pela amargura,
 Que ao pé da Cruz passaste mais tyrana,
 Que a Deos rogues por mim ; pois se affiança
 O' Virgem bella , em ti nossa esperança.

54.

E a ti , Espirito Angelico prestante,
 Fortaleza do braço Omnipotente,
 De Lucifer terror sempre triunfante,
 Supremo Archanjo em tudo preeminente:
 E a ti , que entre os mais Santos , sacro Athlante,
 Te acclamaõ por Mayor, voz sendo à gente;
 E a ti, humana Pedra peregrina,
 Pedra , em que a Igreja se fundou divina.

55.

E a vòs , ò Almas bemaventuradas,
 Estrellas immortaes da Emypyrea Corte,
 Que fostes pela Fé martirizadas,
 Victimas sendo ao Ceo com peyto forte:
 E a vòs , ò Santas Virgens , que enclaustradas
 Elegestes da vida a melhor sorte;
 E a vòs, que a ley divina ministrastes,
 E a mais triunfante morte divulgastes.

E a ti

56.

E a ti, ò Santa Mãy, de que apartado
 Vivi, passando o gyro dos meus annos,
 Profanando o teu culto sublimado
 Com os absurdos vãos dos meus enganos;
 Como Filho obediente aqui postrado
 Já teus ritos venero soberanos,
 Já me fogeyto em fim com todo o extremo
 As altas leys do teu poder supremo,

57.

Se lá aquelle Pastor o pezo grave
 Da ovelha, que do aprisco achou perdida,
 Tomou aos hombros, sendo-lhe suave,
 Pola ver ao rebanho reduzida;
 O gram Pastor, que tem da Igreja a chave,
 Nella recolha a hũa alma arrependida,
 A Ovelha a feu rebanho restaurada,
 Que a mais perdida foy, mais desgarrada.

58.

E se o Prodigio já de tudo exhausto
 Achou no amor do Pay piedoso abrigo,
 Depois que foy do Amor cego holocausto,
 Contriçto abominando o erro antigo;
 Se lhe segui da vida o curso infauſto,
 No recurſo tambem agora o ſigo,
 Teu gremio busco, ampara, ò Mãy clemente,
 Se a hum Filho já rebelde, hoje obediente.

Este

59.

E se tibio atè aqui covarde o alento
 Observou o silencio desta offerta,
 Passe-me por castigo o sentimento
 De ter n'alma esta divida encuberta:
 Oh venturosa morte, que instrumento
 Foste da melhor vida, alerta alerta,
 Que hontem defunta, & hoje renascida,
 Se á vida morte foste, á morte es vida!

60.

E tu, ò Paõ celeste, destinado
 Ao Homem vil de tanta gloria indigno,
 Disse (ao ver que lhe expunhão consagrado
 Esse rico do Ceo manjar Divino)
 O' sacro Sol, que em Lua disfarçado
 Teu resplendor occultas peregrino
 Entre puros eclipses de candores,
 Nuvens, que mais affinão teus ardores;

61.

Do melhor Ethna effigie es portentosa,
 Que entre incendios de amor sem defafogo
 Sò por fineza mais maravilhosa
 Por fóra a neve tens, por dentro o fogo;
 Entra em minha alma já, Prenda amorosa,
 Entra, amada Reliquia, & verás logo
 Neste aposento teu, que o ser te deve,
 Incendios produzir a mesma neve.

Entra

62.

Entra em minha alma impura, & maculada
 Pela terrena sombra, que a profana,
 Que sendo nessa luz purificada,
 Das fezes triunfará da liga humana:
 (Tomando aqui a Particula Sagrada)
 Ah como sinto, diz, Luz soberana,
 Que nos ardores de huma doce calma
 Em suave esplendor se banha esta alma!

63.

Pois tua Divindade Magestosa
 O aposento occupou deste edificio,
 Não permittas que em chama rigorosa
 Este se abraze, em que habitaste, hospicio:
 Queinda que esta morada escandalosa
 Fosse centro do mal, fonte do vicio,
 A casa, em que se hospeda a Magestade,
 Izenta logra as leys da immunidad.

64.

E tu, que nessa Cruz por meus peccados
 A peso de robins me redemiste,
 Onde a teus Inimigos obstinados
 Pleno perdão ao eterno Pay pediste;
 Teus auxilios me inspira sublimados
 Neste ponto, em que o mal, & o bem consiste,
 Se hum soldado salvaste endurecido
 Eu sou quem esse lado te ha ferido.

Se

65.

Se a hum facinoroso Delinquente
 Na Cruz lhe prometeste o Paraíso,
 Nella inda estás, ò Victima innocente,
 E eu neste extremo de morrer preciso:
 Se na Cruz pelos mãos estás pendente,
 Mais mereço o perdaõ, que em ti diviso,
 Eu sou o malfeytor, sou o culpado
 Mayor do que esse, que tiveste ao lado.

66.

A este, pois, applico a bocca anciosa,
 (E aqui lhe chega ao lado o frio alento)
 Para que a sede apague a alma sequiosa
 Na fonte do amoroso Sacramento:
 No lenho dessa Cruz, Nao milagrosa,
 Nesse mar de robins a salvamento
 Espero pela tua alta piedade
 Vencer dos erros meus a tempestade.

67.

Recebe, pois, Senhor, em laço estreyto
 Do meu amor os ultimos abraços;
 Mas ay que por te haver aberto o peyto
 Vejo que já me estás abrindo os braços!
 Estes meus, que a teus pés lanço fogeito,
 Sejaõ do nosso amor eternos laços,
 Nelles heyde espirar, & aqui rendido
 Hey de exhalar o ultimo gemido.

Hoje

68.

Hoje em ti se ha de ver nessa piedade
 O mais alto brazaõ d'hũ peyto altivo,
 Pois no perdaõ realça a Divindade,
 E o Divino repugna o vingativo:
 Senaõ fora, Senhor, minha maldade,
 Como havias mostrar o compassivo?
 Vè que a dever me vês nesta indulgencia
 O mayor auge da mayor clemencia.

69.

E Tu, ò Catherina amada Esposa,
 Que a conhecer me déste o culto santo,
 De Deos espera o premio venturosa
 De obra taõ alta, beneficio tanto:
 Nesta voz, que profere dolorosa,
 A todos obrigava a novo pranto,
 E a vista perturbando em vago gyro
 Deu sobre a Imagem o ultimo suspiro.

70.

Sentidas vozes, ecos lastimosos
 Pelos Regios portaes aqui se ouviraõ,
 Mas aos astros voando luminosos
 A Alma venturosa, os Ceos se abriraõ:
 Sonoras festas, canticos gloriosos
 Pelas vagas regiões se repetiraõ,
 O Ceo reverberou nova alegria,
 Brilhou mais bello o Sol, mais claro o dia.

Cc

Oh

71.

Oh dia, que quizeste na memoria
 Eternizarte por mayor portento!
 Sendo lá nesse Ceo toda vitoria,
 Se cá na terra todo lentimento:
 E tu, ditoso Rey, que nessa gloria
 Possues o mayor contentamento,
 Triunfante logra em ditas successivas
 Quantas cá foraõ magoas excessivas;

72.

Bayxava a noyte, & as sombras tenebrosas
 Dos homẽs os cuydados atalhando
 Davaõ fofsego ás aves amorosas
 No conforcio feliz do ninho brando:
 Sò Catherina em ancias faudosas,
 N'alma mais viva a dor exprimentando,
 Entre continuos sonhos vacillante,
 Dar tregoaõ não podia ao peyto amante.

73.

Quando do novo alvor na matutina
 Luz inda escassa em sonhos lhe apparece
 Toda brilhante a Alma peregrina,
 Taõ bella como o Sol quando amanhece:
 Cingida de hũa veste cristalina,
 Cuja indistincta cor mal se conhece,
 Pois na grata, que alterna, variedade
 De todas scintillava a qualidade.

Nin-

74.

Ninguem vio apparencia tão fermosa
 De variedades tantas matizada,
 Nem a idea a imagina mais vistosa
 Em agoa pura, ou no cristal formada;
 Como a celeste Imagem luminosa,
 Soltando ao vento a tunica estrellada,
 Vinha o globo estilifero rompendo,
 Ao ar candidas roupas estendendo.

75.

Iris Celeste nunca à clara esfera
 Mais bello cinto deu de varias cores,
 Quando brilhante o Sol lhe reverbera
 Na curva fórma a luz dos resplendores:
 Nem tão vistosa a Aurora apparecêra
 Entre Jacintos, rosas, & candores,
 Como ostentava a tunica indistinta
 Hum confuso matiz de varia tinta.

76.

Nesta visaõ tão bella, & transparente
 Se lhe afigura a Alma soberana;
 Mas tal que bem mostrava claramente
 A forma antiga da apparencia humana:
 Em tanto a amante Esposa dando amente
 A' sonhada illusão, que a vista engana,
 Falava hora com figo, hora co afria
 Sombra, cuja Alma a voz talvez lhe ouvia.

77.

Quando da voz soltando o doce alento
 Aquella taõ gentil Vifaõ gloriosa,
 A cuja vista he aspero, & violento
 O som da humana voz mais sonora;
 Nella com hum olhar benigno, & atento
 Naõ me conheces, diz, ò chara Esposa?
 He possivel que já me desconheças?
 Pois vendome a abraçarme naõ te apressas!

78.

Ella em sonhos lhe torna: Esse luzido
 Fulgor, que como Sol te afermosea,
 Tanto a humana apparencia te ha excedido
 Que apenas a recorda tarda a idea.
 Disse; & os braços com modo enternecido
 Estende à Luz, que a mente lhe recrea,
 E tres vezes, que a Fórma em vaõ cingia,
 Das mãos, como se ar fora, lhe fugia.

79.

Elle lhe diz: Naõ como te parece
 De materia terrena estou composto,
 Que o que ves, que corporeo te apparece,
 He só vulto apparente á idea exposto:
 Que este objecto, que á mente se te offrece,
 He simplez, de materia naõ desposto,
 Sou Espirito nù, Fórma invisivel,
 Que ver olhos mortaes naõ he possivel.

E por-

80.

E porque deste mundo inda es vivente,
 Maculada do horror da impura terra,
 Ver só por este meyo te he decente
 As Almas immortaes, que o Empyreo encerra:
 Agora que esta luz resplandecente
 Da vista a nevoa humana te desterra,
 Por mim, ò chara Esposa, os olhos gyra,
 Olha quanta belleza em mim le admira.

81.

Tal sou por obra tua, Tu do encanto
 Do rito, que seguia, me tiraste,
 Tu da vista de Deos, & de seu fanto
 Reyno, em que alegre habito, me dignaste;
 Amando logro lá jubilo tanto,
 Quanto tu lograrás, pois mo causaste,
 Entrando nessa esfera diamantina,
 Onde mais alto grao se te destina.

82.

A Deos, até que nessa gloria ornada
 Te admire de outra tanta fermosura,
 Onde vejas amando, & sendo amada,
 O pouco, que amar sabe a vaã Criatura.
 Disse; & Ella acordando alvoroçada
 A fugitiva Imagem ver procura,
 Que no intento dos rayos incluída
 Desapparece em nada resolvida.

83.

Não de outra sorte o leve fumo ao vento,
 Ou aos rayos do Sol a nevoa rara,
 Aquelle desvanece o tenue alento,
 Esta desfaz a raridade clara:
 Como a Luz no feu proprio luzimento
 Inclusa, em si desfeyta se tornàra,
 Deyxandolhe no ardor do amante peyto
 De alivio, & de saudade hum mixto effeyto.

84.

Goza, pois, nesse Reyno de esplendores,
 Alma ditosa, o bem, que lá se encerra,
 Dando deffas esferas superiores
 Glorias ao Ceo, & jubilos à terra:
 Vive nestes abismos de fulgores,
 Centro de todo o bem, que o mal desterra,
 Renascendo immortal no Empyreo Templo
 Maravilha do Ceo, do mundo exemplo.

85.

E Tu, ò Catherina, que a harmonia
 Ouvir desse alto Coro mereceste,
 Logra de teu Esposo a companhia
 Nesse globo de luz, onde o meteste:
 Se nas confusas lombra da heresia
 Os mais rebeldes animos venceste,
 Quantas guiaste ao Ceo ditosas Almas,
 Tantas te sejaõ lá triunfantes palmas.

Vive

86.

Vive gozando em fim a gloria immensa,
 Que ver não pôde a humana vista immunda,
 Qual Aguiaregistrando a chama intensa
 Deste Sol, que de luz o Empyreo inunda;
 Em quanto desta cá distancia extensa
 Nessa esfera, em que habitas tão jucunda,
 Te não vamos a ver radiante, & clara,
 Mostrando outra belleza inda mais rara.

87.

Não mais, Musa, não mais, que sinto o alento
 Aqui faltarme já desfalecido,
 Desafinado o metrico instrumento,
 E o peyto de cantar enrouquecido.
 E Vòs, que posto lá no Regio affento,
 Tendes de humilde voz a historia ouvido,
 Vede a vossa Profápia, & vede a gloria,
 Que tanto vos resulta desta historia.

88.

Sede de exemplos taes hum novo exemplo
 A vossos Successores soberanos,
 Escudo sendo do Romano Templo
 Contra o furor dos bravos Otomanos:
 Pois nessa tenra idade vos contemplo
 Taõ generoso ardor, em poucos annos
 Sereis no verde Abril assumpto eterno
 A' patria, ao mundo, ao tempo sempiterno.

89.

Empunhay essa espada cortadora,
 Onde temos certissima esperança,
 Vereis de cà atè aonde nasce a Aurora
 Todos rendendo o collo à vossa lança:
 A qual por todo o mundo vencedora
 Dilatará dos annos na mudança
 As soberanas leys do vosso Imperio
 Por climas desse Antartico Emispherio.

90.

Hum repetindo, & outro heroico feyto,
 Fazey que vossos Pays de vòs se dinem,
 Fazendo arder as ondas lá do Estreyto
 Com os metaes, que os Barbaros fulminem;
 Que eu fico que as facçoens do vosso peyto
 Os Imperios do mundo predominem,
 Domando a gente de hum, & d'outro pollo,
 Pondolhe à boca o freyo, o jugo ao collo.

91.

De Infiéis sendo a çoute, & vituperio,
 O vosso invicto braço sem segundo,
 Inda mayor fareis vosso Emispherio
 De Martes mil, de Engenhos mil fecundo:
 Olhay quem sois, qual he o vosso Imperio,
 Que neste exemplo, sendo assombro ao mundo,
 Dareis, vencendo os seculos da idade,
 Templos à Fama, annaes à eternidade.

Laus Deo, Virginique Matri sub titulo Conceptionis.

SERIE DA HISTORIA PRINCIPAL deste Poema.

- P** Rincipio do casamento, pag. 15.
Commissão delle ao nosso Embayxador, que residia em Inglaterra, pag. 16.
Proposta do Embayxador a ElRey de Inglaterra, ibid.
Diversão d'ElRey de Castella, pag. 64.
Constancia d'ElRey de Inglaterra, ibid.
Conclusão do ajutte, pag. 65.
Festas de fogo, luminarias, & touros, com que se celebrou na Corte de Lisboa esta noticia, pag. 66.
A chegada da Armada Ingleza ao porto de Lisboa, pag. 72.
Desembarque do Embayxador de Inglaterra, pag. 75.
Embayxada, pag. 76.
Dia do embarque da Serenissima Rainha da Gram-Bretanha, p. 78.
Apparato das ruas, & arcos triunfaes, que se levantáraõ, pag. 79.
Sahida da Rainha do Paço para a Sè, pag. 85.
Fausto, com que se armou o Paço, pag. 86.
Despedida da Rainha, & da Rainha Mãy, pag. 87.
Estado da Rainha de Inglaterra, pag. 89.
Entrada na Sè, & apparato da Igreja, pag. 92.
Sahida da Sè para a Ponte, onde embarcou, pag. 105.
Fachada da Ponte, pag. 106.
Embarque da Rainha, pag. 107.
Despedida das Pessoas Reaes, pag. 108.
Detença, que teve a Armada no porto, pag. 124.
Sahida da Armada, pag. 132.
Tormenta, que lhe sobreveyo, pag. 176.
Digressão, que por causa della fez a hũa costa chamada a Bahia dos Montes, pag. 190.
Festejo, com que os habitadores daquella costa recebèraõ a Rainha, pag. 373.
Progresso da Armada, pag. 374.
Encontro da Armada com o Graõ Duque de Yorth Irmão d'ElRey de Inglaterra, pag. 375.
Visita do Duque à Rainha, pag. 377.
Entrada da Armada no porto de Prolmouth, pag. 378.
Desembarque da Rainha, pag. 380.

Chegada de ElRey de Inglaterra a aquelle sitio, *ibid.*
 Celebridade do casamento, *ibid.*
 Passagem, que fez ElRey, & a Rainha a hum retiro, pag. 381.
 Entrada na Corte de Inglaterra, *ibid.*
 Instancias, que a Rainha fez a ElRey a fim de o reduzir à Fé Catho-
 lica, pag. 391.
 Razaõ da sua contumacia, pag. 393.
 Morte de ElRey, pag. 394.
 Protestaçãõ, que fez da Fé com todas as demonstraçoẽs, & actos de
 Catholico Romano, pag. 395.
 Regresso da Rainha a esta Corte, pag. 365.
 Morte desta Senhora, pag. 367.

INDEX DOS EPISODIOS DAS HISTO- rias verdadeiras, & das cousas mais notaveis que se introduzem na historia principal deste Poema.

A Sestatuas de todos os Reys de Portugal ideadas por stemmas
 dos arcos triunfaes, que se levantáraõ na ida da Serenissima
 Rainha da Gran-Bretanha, pag. 79.
 Historia da aclamaçaõ d'ElRey o Senhor D. Joaõ o IV. pag. 96.
 Historia da perversaõ de Inglaterra, pag. 160.
 As guerras procedidas da aclamaçaõ, pag. 225.
 Preparaçãõ para a guerra, pag. 227.
 Concurso militar de todas as Provincias para as rayas, pag. 246.
 Marcha do Inimigo de Badajoz para Olivêça, & fórma della, p. 248.
 Assalto, que deu à Praça, pag. 253.
 Derrota do Inimigo, pag. 255.
 Retiro do seu Exercito, pag. 256.
 Marcha do nosso Exercito para Montijo, & fórma d'elle, pag. 260.
 Os Cabos, que o governavaõ, pag. 257.
 Noticia da marcha de Exercito Inimigo, pag. 262.
 Encontro dos dous Exercitos, pag. 263.
 Numero da gente Inimiga, & fórma d'ambos os Exercitos, *ibid.*
 Batalha de Montijo, pag. 264.
 Marcha do Inimigo de Badajoz para Olivença, & assalto, que lhe
 deu, pag. 268.

Sahida

Saída d'Elvas do nosso Exercito para soccorrer Olivença, o numero da gente, & o combate da Praça, pag. 269.
 Choque entrea nossa, & a inimiga gente, pag. 270.
 Retirada, que fez o nosso Exercito de Olivença para Badajoz, & assaltos, que lhe deu, ibid.
 Regresso do nosso Exercito para Olivença, que achou tomada já do Inimigo, pag. 271.
 Marcha do Inimigo de Olivença para Mourão, & bateria, que lhe deu, ibid.
 Rendimento da Praça, pag. 272.
 Restauração da Praça, pag. 273.
 Marcha do nosso Exercito sobre Badajoz, ibid.
 Descrição da Praça, pag. 275.
 Descrição do Forte de S. Christovão, pag. 276.
 Bateria, que demos ao Forte, pag. 277.
 Soccorro da Praça, máo successo do Inimigo, & fugida do Duque de Ossuna, pag. 277.
 Assalto, que demos ao Forte, pag. 279.
 Máo successo no assalto, pag. 280.
 Retirada do nosso Exercito, pag. 281.
 Marcha sobre o Forte de S. Miguel, & a forma della, ibid.
 Assalto, que lhe demos, pag. 282.
 Opposição, q̄ nos fez o Inimigo sobre o sitio, q̄ occupamos, p. 283.
 Estrago, que se fez a hum troço do Inimigo, que vinha a soccorrer o Forte, ibid.
 Batalha, que se travou, ibid.
 Assalto, que demos ao Forte, pag. 285.
 Rendimento do Forte, pag. 286.
 Soccorro do Inimigo a Badajós, pag. 289.
 Levantamento do sitio, & retirada do nosso exercito para Elvas, pag. 290.
 Marcha, & sitio do exercito Inimigo sobre a Praça d'Elvas, & o numero da gente, pag. 291.
 Saída do nosso Exercito de Estremos para a soccorrer, ibid.
 Os Cabos, que governavão o exercito, pag. 292.
 Numero dos de Cavallo, & dos Infantes, pag. 293.
 O trem do Exercito, pag. 295.
 Marcha, que fez, pag. 296.
 Alto do nosso Exercito à vista do Exercito Inimigo, pag. 297.

- Preparação para a batalha, pag. 300.
 Marcha do nosso Exercito para dar batalha, pag. 304.
 A forma do Exercito Inimigo, pag. 305.
 Pratica, que fez o nosso General aos soldados, pag. 306.
 Batalha, pag. 310.
 Primeyra acclamação da vitoria, pag. 314.
 Morte do famoso Andre de Albuquerque, pag. 316.
 Deposito do corpo, pag. 319.
 Fugida de D. Luis de Aro General do Exercito Inimigo o.p. 320.
 Segunda acclamação da vitoria, ibid.
 Introducção do soccorro na Praça, ibid.
 Mortandade, pag. 322.
 Funeral de Andre de Albuquerque, pag. 325.
 Serie dos Heroes Portuguezes mais illustres por armas conquista-
 dores deste Reyno, pag. 338.
 Os Defensores delle, pag. 341.
 Os que mais o dilatárao, pag. 344.
 Os Governadores, & Vice-Reys da India, & seus Defensores, p. 345.
 Progresso das guerras, pag. 352.
 Tomada d'Evora, pag. 353.
 Batalha do Canal, ibid.
 Restauração de Evora, pag. 354.
 Batalha de Castel-Rodrigo, pag. 355.
 Batalha de Montes Claros, ibid.
 Vinda da Serenissima Senhora Maria Francisca Isabel de Saboya
 para Portugal, pag. 356.
 Nascimento da Senhora Infante D. Isabel, pag. 357.
 Conclusão das pazes, pag. 358.
 Morte d'ElRey o Senhor Dom Affonso, ibid.
 Morte da Serenissima Senhora Maria Francisca Isabel de Saboya
 Rainha de Portugal, ibid.
 Vinda da Serenissima Senhora Dona Maria Sofia Isabel de Neo-
 burg para Portugal, pag. 359.
 Nascimentos de todos os Senhores Infantes filhos desta Senhora, &
 d'ElRey o Senhor D. Pedro, pag. 360.
 Morte da Senhora Infante D. Isabel, pag. 361.
 Morte da Serenissima Senhora D. Maria Sofia Isabel, Rainha de
 Portugal, pag. 365.
 Morte de Carlos II. Rey de Castella, pag. 366.

Introducção no Reyno do Duque de Anjù, hoje Philippe V. *ibid.*
 Opposição do Sereníssimo Duque de Austria, hoje Carlos III. *ibid.*
 A morte da Senhora Infante D. Theresa, pag. 367.
 Chegada de Carlos III. a esta Corte, *ibid.*
 Principio das guerras procedidas da sua opposição, *ibid.*
 Morte d'ElRey o Senhor D. Pedro, pag. 368.
 Successão d'ElRey o Senhor D. João N. Senhor, *ibid.*
 Vinda da Sereníssima Senhora D. Mariana de Austria N. Senhora
 para Portugal, *ibid.*
 Nascimentos de suas Altezas filhos d'ElRey, & desta S. pag. 369.

INDICE DAS IDEAS, IMAGENS, FIC- ções, & Episodios fabulosos, que entretecem a principal, & as mais Historias verdadey- ras do Poema.

Supplica, que Santa Ursula fez a Deos sobre a reversão de In-
 gllaterra, pag. 8.
 Concessão da supplica, pag. 10.
 Bayxa o Archanjo S. Miguel à terra por mandado de Deos, *ibid.*
 Inspira por sonhos em ElRey o Senhor D. João o casamento da In-
 fante sua filha com ElRey de Inglaterra, pag. 12.
 Communica ElRey D. João. o sonho à Rainha, pag. 15.
 Vê por sonhos o Rey de Inglaterra a Infante orando a Deos, p. 17.
 Admira hũ resplendor sobre a cabeça da Infante, pag. 19.
 Relata o Rey o sonho a seu Irmão Jacob, pag. 22.
 Retratalhe a belleza, com que a vio, *ibid.*
 Encarecelhe o amor, com que lhe ficou, pag. 29.
 Approvalhe Jacob o acerto, pag. 31.
 Faz concelho Plutaõ com os mais demonios sobre o casamêto, p. 33.
 Temem a redução de Inglaterra, pag. 44.
 Trataõ de o divertir, pag. 49.
 Toma hum delles a si a diligencia, *ibid.*
 Forma-se em hum Dragaõ, pag. 50.
 Aparece a hũm Mago, pag. 52.
 Persuadelhe o dano, que todos elles temiaõ do casamento, pag. 54.
Empenha-se o Mago em o divertir, pag. 57.

Caminha a Castella, & intima ao Rey o prejuizo, que se lhe podia
 seguir da liga do casamento entre Portugal, & Inglat. p. 58.
 Mallograda a diligencia do Mago, embarcada já a Rainha, & dan-
 do á vella a Armada, faz Plutaõ segundo concelho, pag. 109.
 Levantão os demonios hũa tempestade fóra da barra ao sahir da Ar-
 mada, pag. 123.
 Ora Santa Uirgula a Deos pela Rainha, pag. 124.
 Promettelhe Deos o soccorro, pag. 125.
 Revelalhe o bom successo da sua chegada a Inglaterra, a reduçãõ
 do Rey, & a seu exemplo a de outros muytos, & por tempos a
 de todo o Reyno de Inglaterra, pag. 126.
 Manda Deos cinco Anjos a affugentar os ventos diabolicos para sa-
 hira Armada, pag. 127.
 Sahe a Rainha, pag. 132.
 Lamenta Lisboa a sua laudade, pag. 133.
 Infiste Plutaõ no seu intento, induza Protheo á destruiçãõ da Ar-
 mada, pag. 143.
 Busca Protheo a Neptuno, pedelhe altere os mares, apontalhe as
 causas, incita-o com razões, vaticinalhe outras mais, pag. 144.
 Despacha Neptuno a Tritaõ por mensageiro a Eolo Rey dos ven-
 tos, para que com elle concorresse a submergir a Armada, p. 150.
 Parte Tritaõ, & vay buscar a Eolo, ibid.
 Propoem-lhe a petiçãõ de Neptuno, pag. 151.
 Convem Eolo na supplica, pag. 152.
 Aparece hum Dragaõ à Armada, ibid.
 Falla o Dragaõ aos Navegantes, pag. 153.
 Desapparece, & começa-se a revolver o tempo, pag. 154.
 Arma-se hũa terrivel tempestade, pag. 176.
 Sahem as Tagides do seu Tejo a pedir a Neptuno, & aos mais Deos
 fes do mar aplaquem a tormenta a favor da Armada, pag. 182.
 Promettelhe Neptuno bonança, & hospicio, pag. 189.
 Recolhem-se as Ninfas ao Tejo, pag. 190.
 Manda Neptuno as Ninfas do mar a conduzir a Armada para hũa
 Ilha, que Tethis sua mulher tinha preparado aos navegãtes, ibid.
 Descreve-se a Ilha com todas as suas delicias, pag. 193.
 Hospedagem, que fizeraõ as Ninfas aos Navegantes, pag. 220.
 Relata o Embaixador Portuguez as guerras presétes a Tethis, p. 225.
 Sentimentos de Flebia na ausencia de Enfrido, pag. 233.
 Leva Tethis ao General ao Templo da Fama, pag. 332.

Entra no Templo, vê as estatuas dos Heroes Portuguezes, p. 336.
Chegão ambos ao Altar principal, & tira a Ninfa das mãos de hum
Oraculo, que nelle se collocava, hum livro, que continha os pro-
gressos de todos os Reynos, pag. 350.

Lê nelle a Ninfa os successos futuros de Portugal, progresso das
guerras, vindas das Rainhas a esta Corte, nascimentos, & mortes
das Pessoas Reaes, pag. 352.

Despedem-se das Ninfas os Navegantes, pag. 372.

Desapparece a Ilha, pag. 373.

Já em Inglaterra a Rainha, sahe a passear a hũa soledade, pag. 383.

Nella lamenta a sua magoa na contumacia do Rey, ibid.

Representa ao Ceo o seu sentimento, pag. 386.

Padece hum deliquio, & nelle a consola hum Anjo, pag. 387.

Seguralhe o fim do seu desejo, pag. 389.

Apparecelhe o Rey naquelle retiro, pag. 390.

Perguntalhe a causa da sua tristeza, pag. 391.

Propoem-lhe a Rainha a causa, ibid.

Desfere-lhe indifferente, pag. 393.

Fallecido o Rey apparece em sonhos à Rainha, pag. 402.

Falla à Rainha, pag. 404.

Desapparece, pag. 405.

F. I. M.

Erratas.

Canto I. Oitava 72. verso 4. de Amor, lea-se

Canto II. Oitava 23. verso 3. de feroz

Canto III. Oitava 69. verso 7. irrevente

Canto III. Oitava 82. verso 6. Pyroens

Canto IV. Oitava 102. verso 1. com duro

Canto V. Oitava 3. verso 5. quando

Canto V. Oitava 74. verso 6. de escura

Canto VII. Oitava 91. verso 5. da ira

Canto VIII. Oitava 22. verso 7. ennobrece

Canto VIII. Oitava 44. verso 1. prenda

Canto VIII. Oitava 71. verso 8. inudando

Canto VIII. Oitava 73. verso 6. intricados

Canto VIII. Oitava 97. verso 5. E Ayres

Canto IX. Oitava 83. verso 5. voltando

Canto X. Oitava 14. verso 2. a trombera

Canto X. Oitava 16. verso 1. a froxa a idade

Canto X. Oitava 21. verso 8. fugia

Canto XI. Oitava 60. verso 8. ledo

Emendas.

do Amor.

da feroz

irreverente.

Pyrois.

com dura.

quanto.

da escura.

de ira.

ennobrecem.

preza.

inundando.

intricados.

He Ayres.

voltado.

a trombeta

a froxa idade.

fugio.

ledo.



L I C E N Ç A S .

Vistas as informações pode-se imprimir o Poema intitulado Carlos Reduzido, de que faz menção esta petição, & impresso tornará para se conferir, & dar licença que corra, & sem ella não correrá. Lisboa 6. de Outubro de 1713.

Hasse. Ribeyro. Rocha. Barreto.

Damos licença que se possa imprimir o Poema de que esta petição trata, & impresso torne para se conferir, & darmos licença que corra, & sem ella não correrá. Lisboa 19. de Mayo de 1714.

M. Bispo de Tagaste.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois tornará à Mesa para se conferir, & taxar, & sem isso não correrá. Lisboa 21. de Janeiro de 1716.

Andrade. Botelho. Noronha. D. Guedes.

Visto estar conforme com o original pôde correr. Lisboa 3. de Julho de 1716.

*Hasse. Menteyro. Ribeyro. Fr. Rodrigo de Lencastra.
Guerreyro. Sousa.*

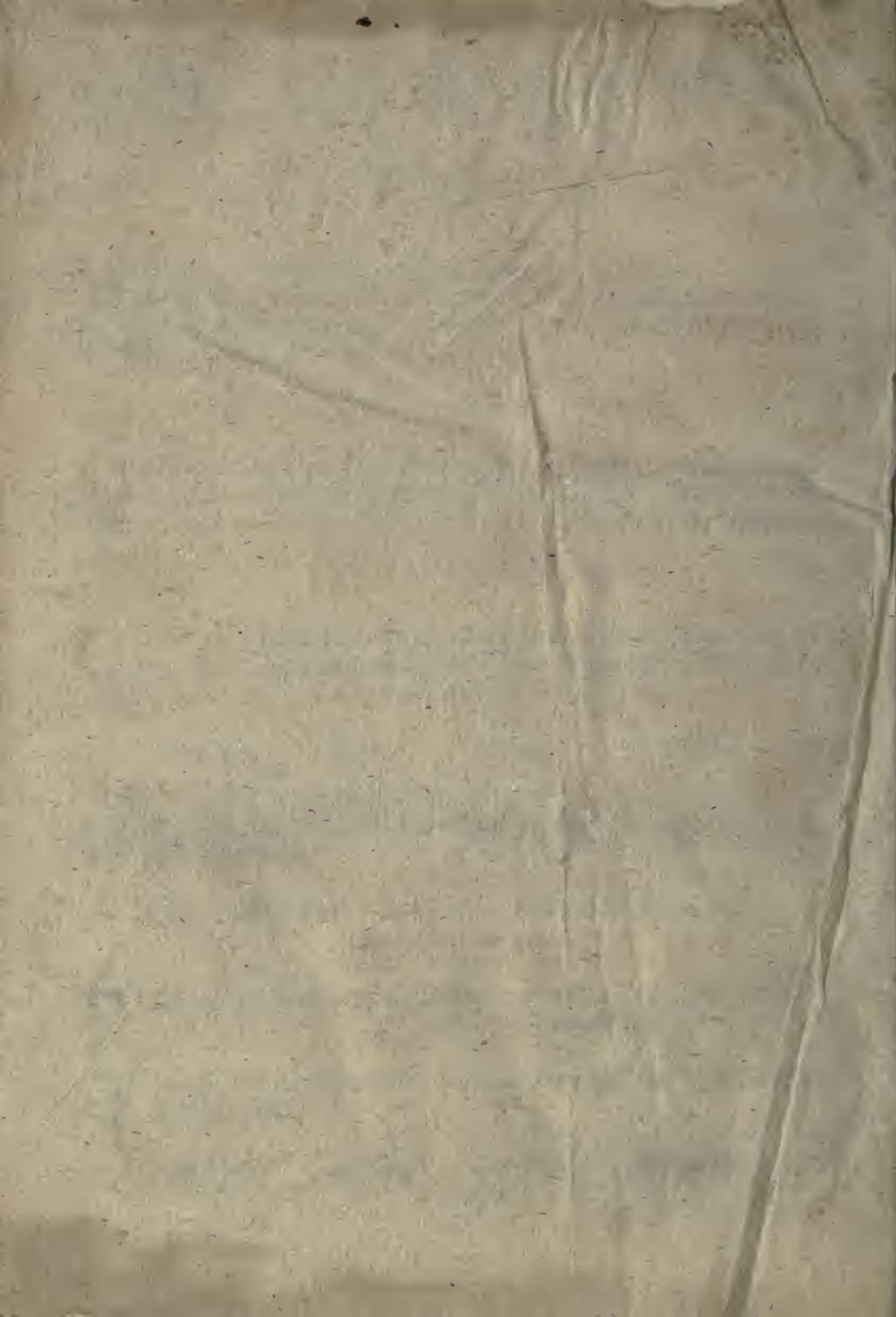
Pode correr. Lisboa 6. de Julho de 1716.

M. Bispo de Tagaste.

Taxaõ este livro em hum cruzado em papel. Lisboa 8. de Julho de 1716.

Andrade. Botelho. Noronha. D. Guedes.





Handwritten text at the top of the page, possibly a signature or header, including the word "yo" and other illegible characters.

